

# CARA HUNTER



# Perto de Casa

Alguém levou Daisy.  
Alguém que todos conhecem.







Cara Hunter é uma escritora que vive em Oxford, numa rua não muito diferente das que são descritas nos seus *thrillers*. *Perto de Casa* é a estreia de uma série protagonizada pelo detetive Adam Fawley.

## **Perto de Casa**

Cara Hunter

Publicado em Portugal por:

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Porto

Email: [delporto@portoeditora.pt](mailto:delporto@portoeditora.pt)

Título original:

*Close to Home*

Copyright © Cara Hunter, 2018

Tradução: Cláudia Ramos

Imagem da frente da capa: © Tim Robinson/Arcangel Images

Adaptação da capa para a versão portuguesa: NOR267

Foto da autora: © Justine Stoddart

1.<sup>a</sup> edição em papel: outubro de 2018



Rua da Restauração, 365  
4099-023 Porto  
Portugal

[www.portoeditora.pt](http://www.portoeditora.pt)

ISBN 978-972-0-67718-1

Para o Simon



# Prólogo

Está a escurecer e a menina começa a ficar com frio. Foi um dia tão bonito – as luzes e as máscaras e o fogo de artifício, como uma chuva de estrelas incandescentes. Foi mágico, semelhante a um conto de fadas, mas agora ficou estragado, tudo correu mal. Olha para cima, através das árvores, e os ramos parecem fechar-se cada vez mais sobre a sua cabeça. Mas não como em *A Branca de Neve* ou *A Bela Adormecida*. Aqui não há um príncipe montado num lindo cavalo branco que a venha salvar. Apenas um céu escuro e monstros escondidos nas sombras. Consegue ouvir ruídos na vegetação rasteira, o murmurejar de pequenos animais, e um movimento mais forte, mais pesado, que se aproxima cada vez mais, passo a passo. Limpa o rosto molhado pelas lágrimas que não cessam e deseja com toda a sua força ser a princesa de *Brave – Indomável*. Ela não ficaria assustada por ser ver sozinha numa floresta. Mas a Daisy está.

A Daisy, na verdade, está muito assustada.

– Daisy? – diz uma voz. – Onde estás?

Mais passos, agora mais perto, e a voz soa zangada:

– Não te consegues esconder de mim. Vou encontrar-te. Sabes isso, não sabes, Daisy? *Vou encontrar-te!*

Vou já dizer isto, antes de começarmos. Não vão gostar, mas acreditem, já presenciei isto mais vezes do que as que gosto de me lembrar. Num caso como este – que envolve uma criança –, nove em cada dez vezes trata-se de alguém próximo de casa. Um familiar, um amigo, um vizinho, alguém da comunidade. Não se esqueçam disto. Por mais perturbada que se mostre e por mais improvável que pareça, a pessoa sabe o que fez. Talvez não conscientemente e talvez não imediatamente. Mas sabe.

*Ela sabe.*

\* \* \*

*20 de julho de 2016, 2h05*

*Empreendimento de Canal Manor, Oxford*

Dizem que quem compra uma casa decide 30 segundos depois de lá entrar. Bom, confiem em mim, um agente de investigação leva, em média, menos de dez. Aliás, a maioria de nós já decidiu muito antes de lá entrar. Só que nós julgamos as pessoas, não as casas. Por isso, assim que estacionamos em frente ao n.º 5 de Barge Close, já tenho uma ideia bem definida do que vou encontrar. É aquilo a que habitualmente se chamava uma «vivenda de novo-rico». Talvez ainda lhe chamem, tanto quanto sei. Esta gente tem dinheiro, mas não tanto quanto gostaria, ou teria comprado uma casa vitoriana genuína, e não esta imitação num empreendimento moderno no lado errado do canal. Tem a mesma fachada de tijolo vermelho, as mesmas janelas de sacada, mas os jardins são pequenos e a garagem enorme – não é bem uma falsificação, mas uma imitação descarada.

O agente fardado plantado à porta principal diz-me que a família já procedeu à busca exaustiva obrigatória na casa e no jardim. Ficariam espantados com a quantidade de vezes que encontramos miúdos debaixo de camas ou no interior de roupeiros. Não estão perdidos, apenas escondidos. E muitas dessas histórias também não têm finais felizes. Mas este não parece ser o caso. Tal como o Comissário da Polícia me disse há cerca de uma hora, quando me acordou: «Eu sei que, normalmente, não lhe ligaríamos a meio da noite, mas uma criança tão nova desaparecer àquela hora... parece-me grave. E a família estava a dar uma festa, por isso as pessoas começaram imediatamente à procura dela muito antes de nos ligarem. Decidi que incomodá-lo seria a menor das nossas preocupações.»

Na verdade, não estou. Incomodado, quero dizer. E, para ser franco, também já fiz o mesmo.

– Receio que as traseiras pareçam um cenário de guerra, senhor Inspetor – diz-me o agente da polícia assim que nos vê chegar. – As pessoas devem ter andado toda a noite a vasculhar o terreno. Há canas de foguetes espalhadas por todo o lado. Não estou a ver a polícia científica a conseguir alguma coisa dali, senhor Inspetor.

Bestial, penso. Está tudo lixado.



O Gislingham toca à porta e ficamos à espera que abram. Está visivelmente nervoso, passando o peso do corpo de uma perna para a outra. Por mais vezes que passemos por isto, nunca nos habituamos. E quando isso finalmente acontece, está na hora da reforma. Dou as últimas passas no cigarro e olho em redor. Apesar de serem 2h00, praticamente todas as casas da vizinhança têm as luzes acesas e veem-se várias pessoas às janelas. Atrás de nós, dois carros-patrolha com as luzes ligadas estão estacionados do outro lado da rua, sobre a relva rala e com marcas de pneus de bicicleta. Dois agentes com ar cansado tentam manter os curiosos que passam de carro a uma distância decente. Meia dúzia de outros agentes estão espalhados por ali, a falar com os vizinhos. A porta finalmente abre-se e eu volto-me.

– Sra. Mason?

É mais pesada do que eu esperava. Já tem papadas a formarem-se e não terá mais de, sei lá, 35? Veste um casaco de malha por cima de um vestido de festa com padrão de leopardo, num tom alaranjado que não combina nada com a cor do cabelo. Olha para o fundo da rua e aconchega o casaco à volta do corpo. Mas não está frio. Hoje estiveram 32°.

– Inspetor-Chefe Adam Fawley. Podemos entrar?

– Importam-se de tirar os sapatos? A alcatifa foi limpa há muito pouco tempo.

Nunca percebi porque é que as pessoas compram alcatifas claras, sobretudo quando têm crianças, mas não me parece o momento certo para discutir essa questão. Por isso, o Gislingham e eu baixamo-nos, tal qual dois miúdos de escola, e desatamos os atacadores. Ele lança-me um olhar cúmplice: à entrada veem-se ganchos na parede com os nomes dos membros da família, e os respetivos sapatos estão cuidadosamente alinhados no chão. Por tamanho. E cor. Deus do Céu...

É curioso o que o ato de descalçar faz ao nosso cérebro. Andar pela casa de meias faz-me sentir um amador. Não é um bom começo.

A sala de estar tem um arco de acesso a uma cozinha com bancada para o pequeno-almoço. Estão lá algumas mulheres, a sussurrar, a pôr a chaleira ao lume e a tirar chávenas e pires do louceiro – com a maquilhagem da noite de festa já meio esbatida sob a luz de néon da cozinha. A família está sentada na ponta de um sofá demasiado grande para aquele espaço. O Barry Mason, a Sharon e o filho, o Leo. O miúdo está de olhos colados no chão, a Sharon olha-me fixamente e o Barry parece extremamente nervoso e desorientado. É o protótipo do pai alternativo: calças *cargo*, cabelo demasiado espetado, camisa de flores exageradamente garrida e por fora das calças – mas por mais que o visual aparente 35, o cabelo pintado não engana e desconfio que terá, certamente, mais dez anos do que a mulher. Que, de resto, é claramente quem veste as calças nesta casa.

Quando uma criança desaparece, somos confrontados com todo o tipo de emoções. Raiva, pânico, negação, culpa. Já as senti todas, isoladas ou em conjunto. Mas há uma expressão no rosto do Barry Mason que nunca vi antes. Algo que não sei definir. Quanto à Sharon, tem os punhos tão fortemente cerrados que os nós dos dedos estão brancos do esforço.

Sento-me. O Gislingham não. Creio que está preocupado com a possibilidade de a cadeira não aguentar com o peso dele. Alarga o colarinho da camisa, demasiado apertado, na esperança de que ninguém repare.

– Sra. Mason, Sr. Mason – começo –, sei que este é um momento muito difícil, mas é fundamental reunirmos o máximo de informação possível. Tenho a certeza de que já sabem isto, mas as primeiras horas são realmente cruciais. Quanto mais soubermos, mais hipóteses teremos de trazer a Daisy de volta sã e salva.

A Sharon Mason puxa um fio solto do casaco de malha, antes de responder:

– Não sei o que mais lhe podemos dizer. Já falámos com o outro agente.

– Eu sei, mas talvez possa reviver comigo o dia de hoje, uma vez mais. Disse que a Daisy foi para a escola, como habitualmente, e que depois esteve em casa até a festa começar. Não foi brincar lá para fora?

– Não. Esteve sempre lá em cima, no quarto dela.

– E quanto à festa, pode dizer-me quem esteve presente?

A Sharon olha de relance para o marido, depois para mim.

– Pessoas da vizinhança. Os colegas da escola dos miúdos, os pais...

Amigos dos filhos, portanto. Não dela. Ou deles.

– Então, seriam talvez umas 40 pessoas?

Ela franze a testa.

– Não, não tantas. Tenho uma lista.

– Isso seria muito útil. Pode entregá-la ao Inspetor Gislingham?

O meu colega ergue por instantes os olhos do bloco de notas.

– E quando foi exatamente a última vez que viu a Daisy?

O Barry Mason ainda não abriu a boca. Nem sequer tenho a certeza de que me está a ouvir. Volto-me para ele. Tem um cãozinho de plástico nas mãos e torce-o nervosamente. Sei que está inquieto, mas é irritante a forma como lhe aperta o pescoço.

– Sr. Mason?

Ele pestaneja.

– Não sei – murmura. – Por volta das 23h00, talvez? As coisas estavam um bocadinho confusas. Muita gente, percebe?

– Mas era meia-noite quando se aperceberam que a menina tinha desaparecido, certo?

– Sim. Decidimos que estava na hora de as crianças irem para a cama. Alguns dos convidados começavam a ir embora. Mas não a conseguíamos encontrar. Procurámos em todo o lado. Ligámos para toda a gente de que nos lembrámos... A minha menina... A minha linda menina...

Começa a chorar. Ainda hoje tenho dificuldade em lidar com isso. Homens a chorar.

Volto-me para a mulher.

– E a senhora? Quando foi a última vez que viu a sua filha? Antes ou depois do fogo de artifício?  
A Sharon estremece subitamente.

– Antes, creio.

– E a que horas começou o espetáculo?

– Às 22h00. Foi assim que escureceu. Não queríamos que a festa se prolongasse até muito tarde, pois podíamos meter-nos em sarilhos. Os vizinhos podiam fazer queixa ao município.

– Muito bem, então viu a Daisy pela última vez antes do fogo de artifício. E foi em casa ou no jardim?

Ela hesita, franzindo a testa.

– No jardim. Ela passou a noite toda a correr de um lado para o outro. Era a beldade da festa.

Dou por mim a pensar que há muito tempo que não ouvia alguém usar esta expressão.

– Então, a Daisy estava alegre e bem-disposta, sem nada que a preocupasse, pelo menos que a senhora soubesse?

– Não, nada. Parecia estar a divertir-se imenso. A rir, a dançar, enfim, o que as meninas da idade dela fazem.

Olho de relance para o irmão, interessado na reação dele. Mas não há qualquer movimento. Está sentado e extraordinariamente quieto. Dadas as circunstâncias.

– Quando foi a última vez que viste a Daisy, Leo?

Ele encolhe os ombros. Não sabe.

– Estava a ver o fogo de artifício.

Dirijo-lhe um sorriso simpático.

– Gostas de fogo de artifício?

Ele acena com a cabeça, mas sem olhar para mim.

– Sabes que mais? Eu também.

Olha-me de relance e noto-lhe uma ligeira vibração de cumplicidade, mas logo de seguida volta a cravar os olhos no chão e começa a empurrar o tapete com a ponta do sapato. A Sharon estende o braço e bate-lhe levemente na perna, fazendo-o parar.

Volto-me novamente para o Barry:

– E creio que o portão lateral de acesso ao jardim estava aberto.

O Barry Mason endireita-se, subitamente defensivo. Funga de forma sonora e limpa o nariz às costas da mão.

– Bom, não podíamos andar a descer e a subir de cinco em cinco minutos para ir abrir o portão, não é? Era mais fácil mantê-lo aberto para as pessoas entrarem. E criava menos confusão dentro de casa, também. – Troca um olhar breve com a mulher.

– Claro – assinto. – Reparei que o jardim das traseiras dá para o canal. Há algum portão de acesso ao caminho que ladeia o canal?

Ele abana a cabeça.

– Nem pensar! A câmara não autoriza. É impossível ele ter ido por aí.

– *Ele?*

O Barry afasta novamente o olhar.

– Quem quer que seja. O bandalho que a levou. O sacana que levou a minha Daisy.

Escrevo «minha» no meu bloco de notas, com um ponto de interrogação.

– Mas não *viu* nenhum homem, pois não?

Ele suspira longamente, rompe num soluço e afasta o olhar, com as lágrimas a regressarem ao seu rosto.

– Não... não vi ninguém.

Folheio os meus papéis.

– Tenho a fotografia da Daisy que disponibilizaram ao Inspetor-Coordenador Davis. Podem dizer-me o que ela vestia na altura?

Faz-se uma pausa.

– Estavam fantasiadas – acaba por dizer a Sharon. – Refiro-me às crianças. Achámos que seria bonito. E a Daisy estava vestida dela própria<sup>1</sup>.

– Desculpe, não percebi...

– Margarida. Estava vestida de margarida.

Sinto a reação do Gislingham, mas não me permito olhar para ele.

– Estou a ver. E isso significa...

– Saia verde, colãs e sapatos verdes. E um enfeite de cabeça, uma espécie de capuz com pétalas brancas e um centro amarelo. Descobrimos a fantasia naquela loja na Fontover Street. Foi alugada, mas ainda assim custou uma fortuna... E tivemos de deixar um depósito.

Falha-lhe a voz. Soluça e cerra firmemente a mão, levando-a de seguida à boca, com os ombros a estremecer. O Barry aproxima-se dela e põe-lhe um braço à volta do corpo. Ela chora baixinho, balançando-se para a frente e para trás, dizendo-lhe que não teve culpa, que não sabia, e ele acaricia-lhe o cabelo.

Novo silêncio, até que, subitamente, o Leo levanta-se do sofá. As roupas parecem demasiado grandes para ele; mal se conseguem ver as mãos, enfiadas nas mangas. Dirige-se a mim e estende-me o telemóvel. É um vídeo em pausa, com um grande plano da Daisy, com a tal saia verde. É uma criança lindíssima, não há qualquer dúvida. Toco no *play* e vejo-a a dançar para a câmara durante cerca de 15 segundos. Transborda confiança e entusiasmo – irradiam dela mesmo num ecrã de duas polegadas. Quando o vídeo termina, verifico a data – foi gravado há apenas três dias. O nosso primeiro golpe de sorte. Nem sempre conseguimos imagens tão recentes.

– Obrigado, Leo. – Desvio o olhar para a Sharon Mason, que neste momento está a assoar o nariz.

– Sra. Mason, posso pedir-lhe que envie esta foto para o meu telemóvel? Dou-lhe o meu número.

Ela abana as mãos, claramente inábil.

– Oh, não sei fazer isso, não percebo nada dessas coisas. Mas o Leo envia.

Olho para o rapaz, que concorda, assentindo com a cabeça. Tem a franja demasiado comprida, mas isso não o parece incomodar. Tem os olhos escuros. Tal como o cabelo.

– Obrigado, Leo. Deves ser muito bom com telemóveis. Que idade tens?

Ele cora ligeiramente com o elogio.

– Dez.

Volto-me para o Barry Mason:

– A Daisy tem computador?

– Nem pensar. Hoje em dia, com aquilo que se ouve sobre as crianças e a Internet... Por vezes, deixo-a usar o meu, desde que eu esteja com ela.

– Então, ela não tem *e-mail*?

– Não.

– E telemóvel?

Desta vez, é a Sharon quem responde:

– Sempre achámos que ela é demasiado nova. Mas eu disse-lhe que lhe oferecia um no Natal.

Nessa altura, já terá nove anos.

Portanto, menos uma hipótese de lhe seguir o rastro. Mas é óbvio que não digo isto.

– Viste alguém com a Daisy, ontem à noite, Leo?

Ele esboça uma resposta, mas hesita e abana a cabeça.

– Ou antes disso, talvez? Alguém que tenha aparecido cá por casa? Ou que a tenha acompanhado à escola ou da escola até casa?

– Sou sempre eu que os vou levar e buscar de carro – diz abruptamente a Sharon. Como se isso resolvesse tudo.

E eis que tocam à porta. O Gislingham fecha o bloco de notas com um ruído seco.

– Devem ser os agentes da Perícia Criminal, ou o que quer que se chamem atualmente.

A Sharon olha para o marido com uma expressão perplexa.

– Ele refere-se à polícia científica, os especialistas forenses – esclarece o Barry.

Ela volta-se para mim.

– Mas porque vêm cá? Não fizemos nada.

– Eu sei disso, Sra. Mason. Por favor, não fique alarmada. É o procedimento normal num caso destes, quando desaparece uma criança.

O Gislingham abre a porta para os deixar entrar. Reconheço imediatamente o Alan Challow. Começou a trabalhar poucos meses depois de mim. Não envelheceu muito bem. Está careca e com peso a mais. Mas ele é bom. É muito bom.



Cumprimenta-me com um breve aceno. Dispensamos as formalidades.

– O Holroyd ficou a tirar o material do carro – diz-me ele num tom enérgico. O fato descartável range por todos os lados. Vai passar um inferno dentro daquilo, assim que o sol nascer.

– Primeiro, vamos lá acima – declara ele, calçando as luvas. – E assim que houver luz, passamos para o exterior. Pelo que vi, ainda não chegou a imprensa. Graças a Deus por isso.

A Sharon Mason levanta-se, algo trémula e instável.

– Não quero que vasculhem o quarto dela e muito menos que mexam nas coisas dela. Estão a tratar-nos como criminosos!

– Não é uma perícia forense minuciosa, Sra. Mason, não vamos mexer em nada. Nem sequer precisamos de ir ao quarto da Daisy. Precisamos apenas da escova de dentes dela.

Porque é a mais fiável fonte de ADN. Porque poderemos ter a necessidade de identificar o corpo. Mas, mais uma vez, não lhe digo isto.

– Vamos proceder a uma busca mais alargada no jardim, para o caso de o raptor ter deixado alguma prova material que nos ajude a identificá-lo. Espero ter o vosso consentimento para isso?

O Barry Mason assente com a cabeça, depois estende a mão e toca no cotovelo da mulher.

– É melhor deixá-los fazer o trabalho deles, está bem?

– E vamos requisitar um Agente de Ligação Familiar para vos assistir, o mais brevemente possível.

A Sharon volta-se para mim:

– O que significa isso, para *nos assistir*?

– Estará sempre presente para nos certificarmos de que a família se mantém informada, à medida que formos tendo notícias. E também para vos ajudar, caso necessitem de alguma coisa.

Ela franze a testa, desagradada.

– Mas vai ficar aqui? Cá em *casa*?

– Sim, se não virem problemas nisso. Trata-se de um agente especializado, com formação específica. Não têm nada com que se preocupar, não será minimamente intrusivo...

Mas ela já abana freneticamente a cabeça.

– Não, não quero ninguém aqui em casa. Não vos quero aqui enfiados para nos espiarem. Fui clara?

Olho para o Gislingham, que me responde com um breve encolher de ombros.

Respiro fundo.

– Claro, é um direito que vos assiste. Mas, ainda assim, vamos designar um elemento da nossa brigada para ser o vosso ponto de contacto e, no caso de mudarem de ideias...

– Não – interrompe ela de forma áspera. – Não vamos mudar de ideias.

**Oxford's News** @OxfordNewsOnline 2h45

ÚLTIMA HORA Há relatos de um forte contingente policial em Canal Manor – ainda não existem mais pormenores...

**Julie Hill** @JulieHillinOxford 2h49

@OxfordNewsOnline Eu vivo em Canal Manor – ontem houve uma festa e a polícia anda agora a interrogar os vizinhos

**Julie Hill** @JulieHillinOxford 2h49

@OxfordNewsOnline Ninguém parece saber o que se está a passar – estão cerca de 15 carros-patrolha

**Angela Betterton** @AngelaGBetterton 2h52

@JulieHillinOxford @OxfordNewsOnline Eu estive nessa festa – trata-se da filha deles – aparentemente, terá desaparecido – é colega de sala do meu filho

**Julie Hill** @JulieHillinOxford 2h53

@AngelaGBetterton Oh, que horror, ainda pensei que fosse algum caso de drogas, ou algo do género  
@OxfordNewsOnline

**Oxford's News** @OxfordNewsOnline 2h54

@AngelaGBetterton Como se chama a menina e que idade tem?

**Angela Betterton** @AngelaGBetterton 2h55

@OxfordNewsOnline Daisy Mason.

Deve ter 8 ou 9?

**Oxford's News** @OxfordNewsOnline 2h58

ÚLTIMA HORA Há notícias de um possível #rapto de criança no empreendimento de Canal Manor. Fontes garantem que uma menina de oito anos desapareceu de casa

**Oxford's News** @OxfordNewsOnline 3h01

Se tiverem mais informações sobre o #rapto de Oxford enviem-nos *tweets* para aqui – levamos até si todas as notícias locais ao longo da noite

Pouco depois das 3h00, a equipa de media informa-me que a notícia já saiu e que teremos de lidar com isso o melhor possível. Cerca de 20 minutos depois, surge o primeiro carro de exteriores. Estou na cozinha, a família continua na sala. O Barry Mason está recostado numa poltrona, de olhos fechados, apesar de não estar a dormir. Não reage ao som da carrinha a estacionar à porta, mas a Sharon Mason levanta-se do sofá e vai espreitar à janela. Vê o repórter sair, seguido de um homem de blusão de cabedal, com câmara e microfone. Observa a cena durante uns segundos, depois olha para o espelho na parede e compõe o cabelo.

– Inspetor Fawley?

Um dos elementos da equipa de peritos do Challow chama-me do meio das escadas. É uma mulher jovem, e creio que é nova na equipa, porque não reconheço a voz. Também não lhe vejo o rosto, por causa da máscara e do capuz do fato de proteção. Ao contrário do que nos fazem crer na televisão, a moda forense é muito menos glamorosa do que nos mostram os agentes do CSI. Esse tipo de programas põe-me doido – a última coisa que uma *verdadeira* perita forense faria era contaminar a cena do crime com o seu belo cabelo solto. A rapariga faz-me sinal e eu sigo-a até ao andar de cima. A porta à nossa frente tem uma placa que anuncia:

### \*\*\* Quarto da Daisy \*\*\*

e uma folha de papel colada por baixo, que diz:

**NÃO ENTRAR!!**

em maiúsculas grandes e desleixadas.

– Já temos o que queríamos – revela ela. – Mas achei que o Inspetor gostaria de ver o quarto dela. Mesmo que não entremos.

Quando abre a porta, percebo o que quer dizer. Nenhum quarto de criança tem este aspeto, a não ser numa série de televisão. Não há rigorosamente nada no chão, nada pousado em nenhuma das superfícies, nada enfiado debaixo da cama. O pente impecavelmente paralelo à escova. Peluches sedosos sentados em fila, fixando-nos com os seus pequenos olhos de contas. O efeito é, no mínimo, desconcertante. Sobretudo porque a menina irrequieta e fervilhante que vi no vídeo simplesmente não se enquadra num quarto tão limpo e arrumado como este. Há quartos vazios que espelham as pessoas que outrora os habitaram. Mas este representa o vazio da ausência, não da presença. O único vestígio da passagem da Daisy por este quarto é o póster da Disney na parede do fundo. A princesa de *Brave*

– *Indomável*, sozinha na floresta, com o seu desafiante cabelo ruivo, e em baixo, em letras cor de laranja enormes: *MUDA O TEU DESTINO*. O Jake também adorou esse filme – vimo-lo duas vezes no cinema. Tinha uma mensagem fantástica para as crianças: «não faz mal seres tu próprio; precisas apenas de coragem para seres quem verdadeiramente és».

– Sinistro, não é? – diz a jovem ao meu lado, interrompendo-me os pensamentos.

Pelo menos, tem o bom senso de falar baixo.

– Acha?

Ela tira a máscara e consigo ver-lhe a expressão franzida.

– Nunca vi nada tão... certinho! Quer dizer, tudo aqui condiz! E ninguém gosta *assim tanto* do seu próprio nome, vá por mim.

E agora que ela fala nisso, eu reparo. Tudo são margaridas. Todo o raio do quarto. Papel de parede, cabeceira da cama, cortinas, almofadas. Todas diferentes, mas todas margaridas. Há margaridas de plástico num vaso verde e uma bandolete com uma margarida amarelo vivo pendurada no espelho da cómoda. Ganchos brilhantes com margaridas, um candeeiro em forma de margarida e um espanta-espíritos com margaridas pendurado no teto. Isto não é um quarto, é um parque temático.

– Talvez goste do quarto assim? – Mas ainda que o diga, não acredito.

A rapariga encolhe os ombros.

– Talvez. O que é que eu sei, não tenho filhos. O Inspetor tem?

Pelos vistos, não sabe. Ninguém lhe contou.

– Não – digo.

Já não.

\* \* \*

## **BBC Midlands Today**

Quarta-feira, 20 de julho de 2016 | Última atualização às 6h41

### **Polícia apela ao auxílio na investigação do caso da menina de 8 anos, de Oxford, desaparecida ontem**

Uma menina de 8 anos desapareceu de sua casa, em Oxford. Daisy Mason foi vista pela última vez na terça-feira, no jardim da casa da família, onde os pais, Barry e Sharon Mason, estavam a dar uma festa. Daisy é loura, tem olhos verdes, vestia uma fantasia de flor e usava o cabelo apanhado em dois totós. Os vizinhos descrevem-na como extrovertida, mas sensível,

e é pouco provável que tenha acompanhado um estranho de forma voluntária. A Polícia pede a quem tenha visto a Daisy ou tenha alguma informação a seu respeito que contacte a Sala de Situação do Departamento de Investigação Criminal (DIC) de Thames Valley, através do número 01865 0966552.

\* \* \*

Por volta das 7h00, a equipa da polícia científica dá por terminado o trabalho no jardim e dá início a uma busca mais vasta pela área no interior e em redor do empreendimento, com todos os movimentos a serem vigiados de perto por um conjunto de câmaras de televisão ávidas. E ainda falta o canal, claro, mas nem sequer me atrevo a pensar nisso. Ainda não. Toda a gente deve assumir que a criança está viva. Até que eu diga o contrário.

Fico no minúsculo pátio, a olhar para o jardim das traseiras. Há pedaços de foguetes queimados espalhados pelos canteiros de flores e a relva ressequida pelo verão está completamente espezinhada. O polícia com quem me cruzei à porta tinha razão: a probabilidade de se descobrir uma pegada decente, ou algo de remotamente útil, é praticamente nula. Consigo ver o Challow, junto à vedação, curvado sobre a vegetação rasteira. Por cima da sua cabeça, está um balão preso nuns arbustos do caminho que ladeia o canal, a serpentina prateada a esvoaçar levemente sob a brisa matinal. Quanto a mim, estou doido por um cigarro.

Nesta zona, o canal curva ligeiramente, o que significa que o jardim dos Mason é ligeiramente maior do que a maior parte dos espaços exteriores das redondezas, mas, ainda assim, algo acanhado para uma família deste tamanho. E não sei se será pelo baloiço a um canto, pela relva rala e em mau estado ou apenas pela falta de descanso, mas é um jardim irritantemente parecido com aquele onde cresci. Encaixotado no meio de todas as outras casas idênticas – e igualmente sombrias – numa deprimente urbanização em faixa que devia toda a sua existência ao Metro de Londres – mais concretamente à paragem no último troço, erigida atabalhoadamente em cima do que outrora tinham sido prados, mas que já no meu tempo não passava de puro betão. Os meus pais escolheram aquele local por ser seguro e porque não tinham dinheiro para voos mais altos – e ainda hoje não consigo contestar de forma válida estes dois argumentos. Mas, ainda assim, era horrível. Não era uma casa nossa, algo de remotamente parecido a um lar, apenas «a sul» da única coisa semelhante a uma verdadeira cidade, a poucos quilómetros de distância. Uma localidade onde eu próprio ia – para a escola, às casas dos meus amigos e, mais tarde, aos bares e outros sítios nos quais me encontrava com raparigas. Nunca levei um amigo lá a casa; nunca os deixei ver onde realmente morava. Talvez não deva ser tão duro com esta gente de Canal Manor: sei bem o que é sentirmo-nos deslocados.

Ao fundo do jardim dos Mason, o churrasco ainda tem brasas fumegantes e a grelha de metal vai soltando alguns ruídos à medida que arrefece. As correntes do baloiço estão firmemente presas uma à outra, pelo que não pode ser utilizado. Há também uma pilha de cadeiras de jardim, uma tenda tipo pérgula (desarmada) e uma mesa de madeira com uma toalha de xadrez (cuidadosamente dobrada). Por baixo, caixas isotérmicas com os rótulos CERVEJA, VINHO, REFRIGERANTES. Há dois enormes contentores de lixo no pátio atrás de mim: o da reciclagem está repleto de latas e garrafas e o outro a abarrotar com sacos pretos atados. Ocorre-me que terá sido a Sharon Mason a tratar rapidamente deste assunto. Está tudo impecavelmente arrumado e bem acondicionado. Andou a percorrer o jardim para que ficasse apresentável. E fê-lo depois de saber que a filha tinha desaparecido.

O Gislingham vem ter comigo, vindo da cozinha.

– A Insetora-Coordenadora Everett diz que, até ao momento, não foi recolhido qualquer testemunho útil no porta a porta. Ninguém com quem falámos, entre os que estiveram presentes na festa, se lembra de ver algo suspeito. Mesmo assim, recolhemos as fotografias tiradas na festa. Podem vir a ser úteis para a fita do tempo. Não existem câmaras de videovigilância na propriedade, mas vou ver o que se consegue arranjar nas redondezas. E também estamos a averiguar os registos de abusadores sexuais referenciados num raio de 15 quilómetros.

Assinto com a cabeça.

– Bom trabalho.

Ao longe, o Challow endireita-se e acena na nossa direção. Atrás do baloiço, um dos painéis da vedação do jardim está solto. À distância, parece sólido, mas um puxão é suficiente para o soltar. E dá para ver que até um adulto consegue passar por ali.

O Gislingham lê-me os pensamentos.

– Mas será mesmo possível que alguém tenha entrado, agarrado na miúda e saído daqui sem que ninguém desse por nada? Num jardim com este tamanho, com tanta gente em redor? E com a menina supostamente a debater-se?

Olho em volta.

– Precisamos de saber o local exato onde a pérgula foi montada e que tamanho tem. Se a montaram no extremo do jardim, é possível que ninguém tenha visto aquele painel solto na vedação ou alguém a passar por ele. Se juntarmos a isso a barulheira do fogo de artifício...

Ele concorda:

– Com toda a gente a olhar para o outro lado, os foguetes, crianças aos gritos...

– ... e o facto de a maioria das pessoas presentes serem pais dos coleguinhos dos miúdos. Aposto que os Mason nunca tinham visto grande parte dos convidados. Sobretudo os homens. É preciso ter tomates de aço, mas é perfeitamente possível que um homem tenha entrado aqui a fingir ser pai de uma das crianças e se tenha safado. Além disso, nestas circunstâncias, seria perfeitamente *expectável*

ver um adulto a falar com as crianças.

Começamos a subir o relvado em direção à casa.

– Quanto às fotos que andaram a recolher, Chris, não servem só para determinar a fita do tempo. Tratem também de identificar as pessoas que as tiraram. Não precisamos apenas de saber onde estavam, mas também de *saber quem são*.

\* \* \*

Às 7h05, a inspetora Everett está nas redondezas, a tocar a outra porta. Espera que a abram, preparada para assumir o seu sorriso profissional e perguntar se pode entrar para uma curta conversa. É já a décima quinta vez que o faz – e está constantemente a dizer a si mesma para não se irritar por lhe ter sido atribuída a entediante tarefa do porta a porta, enquanto Gislingham pôde ficar no interior da única casa que interessa. No centro da ação. Afinal de contas, podem contar-se pelos dedos de uma mão as vezes em que o rapto de uma criança se revela «Aquilo que os Vizinhos Viram». Mas, a bem da verdade, algumas destas pessoas estiveram realmente no jardim dos Mason quando a filha deles desapareceu. Apesar de não saber ao certo quantas potenciais testemunhas passaram por aquele espaço exíguo, Everett não tinha, até agora, algo minimamente útil. «Foi uma festa bonita», «um serão muito agradável», e pouco mais. E, contudo, a determinada altura, uma menina desapareceu e ninguém sequer reparou.

Toca novamente à campainha (pela terceira vez) e dá um passo atrás para observar a casa. As cortinas estão abertas, mas não há sinais de vida. Verifica a sua lista: Kenneth e Caroline Bradshaw, um casal à volta dos 60 anos.

É muito provável que ainda estejam de férias, antes do bulício do fim do período. Escrevinha qualquer coisa ao lado dos nomes deles e desce para o passeio. Uma agente fardada vai ter com ela, ligeiramente ofegante. Everett já se cruzara com ela na esquadra, mas como era recém-chegada do treino de formação em Sullamstead, nunca tinham falado. Esforça-se por se lembrar do nome dela. Simpson? Algo do género. Não, Somer. É isso, Somer. Erica Somer. É mais velha do que a maioria dos recrutas mais recentes, por isso deve ter feito alguma coisa antes num sítio qualquer. Tal como ela própria, que tivera uma falsa partida em Enfermagem. Mas este é um facto que faz questão de esconder, pois sabe que apenas serviria para dar aos colegas um pretexto para ser sempre ela a dar as más notícias. Ou a bater à porcaria das portas.

– Apareceu qualquer coisa dentro de um contentor. Creio que é melhor ir ver – revela a agente Somer, apontando para o local de onde veio. É alguém que vai diretamente ao assunto, sem perder tempo. Everett decide que gosta dela naquele preciso momento.

O contentor em questão está num canto onde o empreendimento curva para uma pequena rua lateral. Um perito forense já se encontra no local, a tirar fotografias. Cumprimenta Everett com um



aceno, e as duas mulheres ficam a vê-lo, enquanto ele mete a mão no contentor e tira o que está por cima. Desdobra-se como a pele de uma cobra. Algo frouxo, vazio e verde. Muito verde.

É um par de colãs, rasgado num dos joelhos. E são de criança.

\* \* \*

*Entrevista com Fiona Webster, realizada em*

*Barge Close, 11, Oxford*

*20 de julho de 2016, às 7h45*

*Conduzida pela Inspectora-Coordenadora V. Everett*

VE: Pode dizer-nos como conheceu os Mason, Sra. Webster?

FW: A minha filha Megan está na sala da Daisy, na Kit's, e a Alice está no ano a seguir.

VE: Kit's?

FW: Desculpe. Na Bishop Christopher. Toda a gente de cá lhe chama Kit's. E somos vizinhos, claro. Emprestámos-lhes a tenda para a festa.

VE: Então, são amigos?

FW: Não diria propriamente «amigos». A Sharon é bastante reservada. Conversamos junto ao portão da escola e, por vezes, corremos juntas. Mas ela é bem mais disciplinada do que eu. Corre todas as manhãs, mesmo no inverno, depois de deixar os miúdos na escola. Preocupa-a ter peso a mais. Enfim, ela nunca me referiu isso, mas dá para perceber. Certa vez, almoçámos juntas na cidade. Mais por obra do acaso do que por qualquer outro motivo, já que esbarrámos uma na outra à porta daquela pizaria na High Street, e ela não teve como recusar. Mas não comeu praticamente nada – só depenicou de uma salada e...

VE: Portanto, isso significa que ela não trabalha, já que tem tempo para correr todas as manhãs?

FW: Não. Creio que já trabalhou, mas não sei onde. Eu dava em doida, estar fechada o dia todo entre quatro paredes, mas ela parece totalmente dedicada aos filhos.

VE: Então, considera-a uma boa mãe?

FW: Lembro-me de, nesse almoço, ela ter falado o tempo todo sobre

as ótimas notas da Daisy, do sonho da miúda em ser veterinária e se eu sabia qual seria a melhor universidade para isso.

VE: Uma mãe bastante exigente, diria?

FW: Só aqui entre nós, o Owen, o meu marido, não a suporta. Diz que ela não olha a meios para atingir os fins. Mas, pessoalmente, creio que não se pode condenar alguém por querer o melhor para os filhos. A Sharon é apenas mais óbvia relativamente a isso do que a maioria de nós. Na verdade, creio que os Mason se mudaram para cá sobretudo por causa das escolas. Não me parece que tenham posses para pagar um colégio privado para os filhos.

VE: Mas estas casas não são propriamente baratas...

FW: Não, mas tenho a sensação de que as coisas andam meio apertadas para o lado deles.

VE: Sabe onde viviam antes de se mudarem?

FW: Algures em South London, creio. A Sharon nunca fala no passado. Nem na família. Para ser franca, estou um pouco confusa com todas estas perguntas. Não era suposto andarem à procura da Daisy?

VE: Temos equipas de busca na zona e agentes a verificar as imagens das câmaras de videovigilância locais. Mas quanto mais informações tivermos sobre a Daisy e a família, melhor. Nunca se sabe o que pode vir a revelar-se importante. Mas falemos um pouco mais sobre a noite passada. A que horas chegaram à festa?

FW: Pouco depois das 19h00. Fomos os primeiros a chegar. O convite dizia entre as 18h00 e as 19h00, e creio que a Sharon previu que as pessoas chegassem todas às 18h30. Estava claramente nervosa quando chegámos. Deve ter pensado que ninguém ia aparecer. Teve imenso trabalho a organizar tudo aquilo. Eu até lhe disse que toda a gente levaria de bom grado qualquer coisa, mas ela fez questão de tratar de tudo sozinha. Estava tudo preparado, as travessas em cima das mesas do jardim, tudo tapado com película aderente... Acho isso horrível, não acha? Quer dizer...

VE: Disse que ela estava nervosa?

FW: Bom, sim, mas só no início da festa. Mais tarde, já estava ótima, com tudo a correr bem.

VE: E o Barry?

FW: Oh, o Baz foi a alma e o coração da festa, como habitualmente. Ele é sempre tão sociável, encontra constantemente algo simpático para dizer. Tenho a certeza de que a festa foi ideia dele.

E é louco pela Daisy. Aquela relação especial entre pai e filha. Está sempre a pegar nela ao colo e a pô-la às cavalitas. Ela estava tão querida com aquela fantasia de flor... É triste quando as crianças crescem e deixam de gostar que sejam os pais a vesti-las. Eu queria que a Alice fosse fantasiada para a festa, mas ela recusou-se terminantemente. É só um ano mais velha do que a Daisy, mas agora só usa tops justos e ténis.

VE: Calculo que conheça o Barry Mason bastante bem?

FW: Perdão?

VE: Chamou-lhe «Baz».

FW: (riso) Oh, Meu Deus, eu disse isso? Sei que é horrível, mas é assim que o tratamos, pelo menos alguns de nós. «Baz e Shaz», diminutivos de Barry e Sharon, está a ver? Mas, por amor de Deus, não diga à Sharon que os tratamos assim. Ela odeia. Certa vez, alguém se descaiu e ela ficou irritadíssima.

VE: Mas o Barry não se importa?

FW: Aparentemente, não. Mas ele tem ótimo feitio. Muito melhor do que o dela. Não que isso seja muito difícil.

VE: Muito bem. E quando foi a última vez que viu a Daisy?

FW: Tenho andado doida para me lembrar. Creio que foi imediatamente antes do fogo de artifício. Havia uma correria constante, crianças aos saltos por todo o lado. Estavam a divertir-se imenso.

VE: E não viu alguém a falar com ela, alguém que não conhecesse?

FW: Não havia muita gente que eu não conhecesse. Creio que eram só famílias do empreendimento. Pelo menos, não me lembro de ver alguém do outro lado.

VE: Do outro lado?

FW: Sim, do lado de lá do canal. A zona chique. Raramente vêm para estas bandas. Mas, seja como for, e tanto quanto me lembro, a Daisy passou o tempo todo com as amiguinhas dela. Os adultos são uma seca quando se tem a idade delas.

VE: E o seu marido, Owen, esteve na festa?

FW: Porque quer saber isso?

VE: Temos apenas de saber onde estava toda a gente.

FW: Está a sugerir que o Owen teve alguma coisa que ver com isto? Porque posso garantir-lhe desde já que...

VE: Como lhe disse, precisamos apenas de saber quem esteve presente na festa.

(pausa)

É possível que tenhamos encontrado os colãs que a Daisy usava na altura. Lembra-se se ela ainda os vestia quando a viu pela última vez?

FW: Lamento, mas não me lembro mesmo.

VE: E, tanto quanto saiba, ela não caiu nem se magoou durante a festa?

FW: Não. Tenho a certeza de que me iria lembrar. Mas porque me pergunta isso? Faz alguma diferença?

VE: Encontrámos sangue nos colãs, Sra. Webster. E estamos a tentar perceber porquê.

\* \* \*

Às 8h30, estou sentado dentro do carro, estacionado numa esquina de Waterview Crescent, uma zona claramente um nível acima na ordem hierárquica imobiliária – moradias de três andares e, até, acreditem se quiserem, uns quantos leões de pedra sentados em plintos, à entrada das casas. Estou a comer uma empada que alguém me trouxe da estação de serviço da estrada principal. Só de olhar para ela sinto as artérias a ficarem obstruídas. Mas está marcada uma conferência de imprensa para as 10h00 e, se não comer alguma coisa, ainda me dá uma tontura. Já agora, o carro é um Ford, se querem saber. E não, não faço palavras-cruzadas. Odeio.

Alguém bate na janela do meu lado e eu abro-a. É a Inspetora-Coordenadora Everett. Verity, é o seu nome próprio. Certa vez, disse-lhe que com um nome assim, estava mesmo destinada a este trabalho<sup>2</sup>. É daquelas que não desiste enquanto não desenterrar a verdade. Não se deixem enganar pelo ar tranquilo – é das agentes mais implacáveis com quem já trabalhei.

– E então? O que é que a Fiona Webster tinha para dizer? – pergunto-lhe.

– Muito, mas não vim aqui por causa disso. Aquela velhota amorosa que vive no 36 é que garante que viu qualquer coisa. Poucos minutos depois das 23h00, disse. E tem a certeza, porque estava prestes a pegar no telefone e ligar para a polícia a queixar-se do barulho.

Lembro-me do que a Sharon Mason disse sobre as queixas dos vizinhos. Talvez a tenha julgado mal – não há nada de paranoico quando temos vizinhos realmente insuportáveis.

– Ah. E o que é que essa senhora...

– Bampton.

– O que é que a Sra. Bampton disse mais?

– Que viu um homem a afastar-se da casa dos Mason com uma criança ao colo. Uma menina, e estava a chorar. Na verdade, a gritar, segundo disse a idosa. Foi por isso que espreitou pela janela.

Dou por mim a assentir com a cabeça.

– Era uma festa. Quem nos garante que não foi algo perfeitamente inocente. Que não era um dos pais a levar a filha para casa?

Digo isto não por duvidar dela, mas por não querer acreditar que seja verdade. Mas a Everett está coradíssima – sabe mais qualquer coisa importante.

– A Sra. Bampton diz que não conseguiu ver o rosto do homem àquela distância, pelo que não nos pode dar uma descrição.

– Então, como é que sabe que ele levava uma menina ao colo?

– Porque ela vestia uma *fantasia de flor*.

\* \* \*

### **Polícia de Thames Valley**

@ThamesValleyPolice 9h00

Ajude-nos a encontrar Daisy Mason, 8 anos. Vista pela última vez no empreendimento de Canal Manor #Oxford, à meia-noite de terça-feira. Reporte qualquer informação para o número 01865 0966552

RETWEETS 829

### **BBC Midlands @BBCMidlandsBreaking 9h09**

A polícia irá dar uma conferência de imprensa às 10h00 sobre o desaparecimento da menina de 8 anos, Daisy Mason

RETWEETS 1,566

### **ITV News @ITVLiveandBreaking 09h11**

ÚLTIMA HORA: Polícia de Oxford atualiza às 10h00 os últimos dados sobre investigação ao caso #DaisyMason, 8 anos. Serão revelados detalhes sobre avistamento de possível suspeito

RETWEETS 5,889

Durante os primeiros 15 minutos, a conferência de imprensa foi bastante monótona. As perguntas do costume, as não respostas habituais. «Fase inicial da investigação», «a empenhar todos os esforços», «alguém que disponha de qualquer informação». Enfim, o costume. Os jornalistas estavam tensos; sabiam que isto podia ser muito importante, mas não sabiam qual a melhor forma de pegar no assunto e sentiam-se a andar em círculos. O possível avistamento gerou um sururu momentâneo, mas sem uma fotografia ou descrição, não acrescentava muito. Uma das jornalistas, uma das habituais nestas situações, procurou acotovelar-se até à ribalta, numa tentativa grosseira de levar as coisas para o campo pessoal («Inspetor-Chefe Fawley, considera-se realmente a pessoa mais indicada para conduzir uma investigação de rapto de uma criança?»), mas os restantes não saíram do rumo. Estava a olhar para o relógio – já tinham ultrapassado o quarto de hora autorizado para perguntas – quando alguém na fila de trás se levantou. Não parecia ter mais de 17 anos. Cabelo cor de areia e uma pele pastosa que rapidamente ficou vermelha assim que toda a gente rodou para olhar para ele. Não era de nenhum jornal importante, isso eu sabia. Provavelmente, algum estagiário do diário-local-que-pouca-coisa-publica-para-além-de-anúncios. Mas a verdade é que o subestimei, e já devia ter aprendido a não o fazer.

– Inspetor-Chefe Fawley, pode confirmar que encontraram um artigo de vestuário num local próximo da zona do crime que poderá pertencer a Daisy Mason? Isto é verdade?

Foi como se o ar se tivesse eletrificado. Duas dúzias de pessoas subitamente efervescentes de atenção.

Hesitei. O que, como é óbvio, é sempre fatal.

De repente, ergueram-se várias mãos no ar e ouvia-se o som de teclares furiosos nos *tablets*. Seis ou sete pessoas tentaram intervir, mas o *Pele Pastosa* manteve-se firme.

Reparei, durante o nanossegundo que ainda levei a responder, que ele omitiu deliberadamente aquilo que encontrámos. Não por não saber do que se tratava, mas por querer manter para si esse pedacinho do furo.

Respirei fundo.

– Sim, é verdade.

– E esse... *artigo*... estava coberto de sangue?

Ainda abri a boca para responder, decidido a esclarecê-lo, mas era demasiado tarde. A sala entrou em total ebulição.

Às 10h15, o Inspetor-Coordenador Andrew Baxter instala um bloco de cavalete no salão da

igreja de Banbury Road – requisitado para reunir as equipas de busca deste caso – e prende um mapa de larga escala da zona norte de Oxford. Toda a área próxima já foi coberta e, devido ao enorme número de locais que já apareceram e telefonaram, disponibilizando-se para ajudar, a fase seguinte necessita de uma organização adequada.

– Muito bem – diz ele, elevando a voz para se fazer ouvir sobre o ruído do helicóptero da polícia que sobrevoa as suas cabeças. – Deem-me a vossa atenção, por favor. Precisamos de clarificar quem está a fazer o quê, para não acabarmos a perseguir a nossa própria cauda ou a esbarrarmos uns nos outros. Estejam à vontade para escolherem outro estereótipo do vosso agrado, se estes não servirem.

Pega num marcador vermelho e tira-lhe a tampa.

– Dividimos as próximas áreas de busca em três zonas. Cada equipa terá pelo menos 12 agentes da polícia e um Assessor de Buscas devidamente formado, cuja responsabilidade será a recolha de provas e também garantir que o povinho excessivamente entusiasmado não faz asneiras, em vez de ajudar.

Desenha um círculo numa determinada zona do mapa.

– A Equipa Um, liderada pelo Sargento Ed Meal, fica responsável pela Griffin School. Quero cada centímetro quadrado desses 40 hectares passado a pente fino. Felizmente, a maior parte do terreno é em campo aberto, mas também há muito mato e zonas florestais, bem como toda a área ao longo da margem leste do canal. A escola providenciou um grupo de alunos robustos do 12.º ano dispostos a colaborar – o responsável pela disciplina de Educação Física andou no exército, pelo que, tenho a certeza, sabe do ofício. A Equipa Dois, sob a alçada do Sargento Philip Mann, fica com o caminho ao longo do canal, junto ao empreendimento, bem como a reserva natural a oeste do canal. Os voluntários da *Wildlife Trust* local vão encontrar-se convosco na reserva – aparentemente, há ainda algumas aves a nidificar nessa zona e eles querem estar presentes para que sejam evitados danos desnecessários. Também há barcos que são casas flutuantes ao longo dessa secção do canal, e será preciso interrogar os proprietários.

Desenha mais um círculo no mapa.

– A Equipa Três, comandada pelo Sargento Ben Roberts, fica com a zona recreativa, o parque de estacionamento junto à passagem de nível e os campos desportivos da universidade, em Woodstock Road. Nessa zona, também vamos poder contar com a ajuda de muitos locais.

Põe a tampa na caneta e olha em redor.

– Dúvidas? Muito bem, mantenham-se em contacto por telemóvel e voltamos a reunir caso seja necessário alargar a zona de buscas ou se o helicóptero descobrir alguma coisa. Mas esperemos que tal não seja necessário.

Estou a sair da conferência de imprensa quando o meu telemóvel toca. É a Alex. Fico a olhar para o nome dela, a pensar se será boa ideia atender. Tenho uma daquelas imagens de fundo que já vêm por defeito, com árvores e relva e céu. Não a escolhi nem sequer quis saber, só me queria livrar da que tinha antes. Aquela fotografia do Jake às cavalitas da Alex que eu tirei no verão passado, com o sol a refletir no cabelo dele e a torná-lo ainda mais ruivo. Disse-lhe que já estava demasiado crescido para andar às cavalitas, mas ele riu-se e não quis saber. A fotografia sempre me recordou um poema que li nos meus tempos de escola, *Surprised by Joy*<sup>3</sup>. Era assim que o Jake surgia nessa foto: surpreendido pela alegria. Como se a sua própria felicidade o tivesse apanhado desprevenido.

Decido atender.

– Olá, Adam, onde estás? – oiço-a do lado de lá.

– A sair de uma conferência de imprensa. Aconteceu uma coisa. Não te quis acordar...

– Eu sei, ouvi nas notícias. Disseram que uma criança está desaparecida.

Respiro fundo. Sabia que mais tarde ou mais cedo seríamos confrontados com algo do género, era apenas uma questão de tempo. Mas saber que uma coisa vai acontecer nem sempre facilita quando ela realmente acontece.

– Sim, uma menina – digo. – Chama-se Daisy.

Quase consigo ouvir-lhe as batidas do coração.

– Pobres pais... Como se estão a aguentar?

É suposto ser uma pergunta direta, mas eu não tenho uma resposta direta. E isso, mais do que tudo o resto até agora, faz-me compreender até que ponto os Mason estão desesperados.

– É difícil dizer – respondo, optando pela honestidade total. – Acho que estão mais em choque do que outra coisa. Mas ainda é muito cedo, não há quaisquer indícios. Nada que diga que não a vamos encontrar bem e em segurança.

Ela fica momentaneamente calada, até que:

– Às vezes, pergunto-me se isso não será pior.

Afasto-me e baixo ligeiramente a voz:

– Pior? O que queres dizer?

– Ter esperança. Não sei se não é pior do que... saber. Pelo menos nós...

A voz falha-lhe.

Ela nunca tinha falado desta forma. *Nós* nunca tínhamos falado desta forma. Eles queriam que o fizéssemos – disseram-nos que tínhamos de o fazer. Mas fomos sempre adiando. Adiado, adiando, adiando, até não sermos capazes de falar no assunto de todo. Até agora. Neste momento, está a chorar, ainda que baixinho, porque não quer que eu ouça. Não sei se por orgulho ou por não me querer preocupar. Ergo o olhar e vejo um dos agentes a fazer-me sinal.

– Desculpa, Alex, vou ter de desligar.



- Eu sei, desculpa.
- Não. *Eu* é que peço desculpa. Ligo-te mais tarde. Prometo.

\* \* \*

*19 de julho de 2016, 15h30*

*Dia do desaparecimento*

*Escola Primária Bishop Christopher, Oxford*

A campainha acabou de tocar para o fim das aulas e as crianças saem ruidosamente das salas – para o sol da tarde e para os carros (demasiado quentes) dos pais que as esperam junto ao portão. Umam correm, outras saltitam, algumas discutem e as mais crescidinhas juntam-se em grupos, conversando e partilhando coisas nos respetivos iPhones. Do cimo dos degraus, duas professoras assistem à debandada.

– Está quase a acabar o período, graças a Deus – diz a mais velha, apanhando uma camisola do chão e entregando-a a um rapazinho. – Mal posso esperar, este ano tem sido ainda mais extenuante do que o habitual.

A mulher ao lado dela oferece-lhe um sorriso cansado.

– A quem o dizes...

Alguns dos alunos passam por ela, descendo as escadas a correr, e uma menina detém-se para lhe dizer adeus. Está um pouco chorosa, porque a família vai de férias no dia seguinte e a professora já não regressa no próximo período. E ela gosta da professora.

– Diverte-te muito na África do Sul, Millie – diz-lhe docemente a mulher, afagando-lhe o ombro. – Espero que consigas ver os leões bebés.

Os colegas da Millie surgem logo atrás dela e arrastam-na com eles. Dois rapazes, uma menina alta, de tranças, e outra que parece chinesa. Por fim, outra menina, loura e cheia de pressa, com um casquinho de malha cor-de-rosa aos ombros e uma mochila das Princesas Disney.

– Devagar, Daisy – grita-lhe a professora, ao vê-la a precipitar-se pelos degraus abaixo. – Não queres cair e magoar-te, pois não?

– Ela hoje está muito bem-disposta – observa a professora mais velha, vendo a menina a correr para se juntar às outras.

– A família está a organizar um churrasco para logo à noite. É normal que esteja um pouco entusiasmada.

A mais velha faz uma careta.

– Quem me dera ainda ser suficientemente jovem para me entusiasmar com hambúrgueres chamuscados e alface murcha.

A colega ri-se.

– Também vai haver fogo de artifício. Nunca se é demasiado velho para gostar disso.

– OK, nisso tens razão. Adoro espetáculos pirotécnicos, mesmo com esta idade.

As duas mulheres trocam um sorriso e, de seguida, a mais nova volta a entrar na escola, enquanto a colega se deixa ficar por ali mais uns minutos, atenta ao pátio. Nas semanas que se seguiriam, este momento haveria de a assombrar; a menina loura junto ao portão da escola, banhada pela luz do sol, a tagarelar animadamente com uma das colegas.

\* \* \*

– Mas então, quem é a besta que tem andado a falar com a imprensa?

10h35. Está imenso calor na Sala de Situação. As janelas estão abertas e alguém desencantou uma ventoinha elétrica numa arrecadação qualquer. Faz um zumbido irritante, movendo-se lentamente da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Há agentes descaradamente sentados em cima das secretárias, outros apenas encostados. Observo-os lentamente, da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. A maior parte deles não tem o menor problema em manter contacto visual. Um ou outro parece envergonhado. Mas mais nada. Se alguma coisa me ensinaram em dez anos de interrogatórios, foi que não adianta marrar contra uma parede.

– Dei ordens precisas para não fazerem qualquer comentário público, quer sobre os colãs quer sobre o que encontramos neles – prossigo. – E agora a família soube através da porra dos noticiários! Como é que acham que eles se vão sentir? A informação saiu de alguém que está nesta sala, e podem apostar que vou descobrir quem foi. Mas neste momento não posso perder tempo precioso com isso. Não quando a Daisy Mason continua desaparecida.

Volto-me para o enorme quadro branco. Tem um mapa preso com pioneses coloridos e uma série de fotografias pouco focadas, claramente tiradas por telemóveis, fixadas ao longo de uma fita do tempo rudimentar. A maior parte das fotos tem nomes por baixo; uma ou outra com pontos de interrogação. E ao lado delas, a própria Daisy. Ao olhar para a foto, reparo pela primeira vez em como é parecida com a mãe. Tão parecida e, ao mesmo tempo, tão diferente. E logo depois pergunto-me porque tiro esta conclusão, uma vez que não a cheguei a conhecer.

– Esclareçam-me quanto a este suposto avistamento.

Alguém atrás de mim aclara a garganta.

– Temos as imagens de videovigilância de todas as câmaras num raio de três quilómetros.

A voz é do Garreth Quinn. Estão a ver o género. Fatinho de bom corte e cabelo aparado à navalha. Assumiu as funções de Inspetor-Coordenador interino, enquanto a Jill Murphy goza a licença de maternidade, e está determinado a não perder um segundo que seja deste poder. Pessoalmente, acho-o irritante, mas não é nada estúpido e este ar muito composto pode revelar-se

extremamente útil quando precisamos de alguém que não pareça *demasiadamente* polícia. Não ficarão surpreendidos se lhes disser que a malta da brigada o trata por *GQ*, uma alcunha que ele, de um modo demasiado teatral, finge desprezar. Ouço-o a aproximar-se nas minhas costas.

– Neste local, o canal situa-se a leste do empreendimento – diz ele, apontando para o mapa. – Por isso, é necessário atravessar uma destas duas pontes para sair de lá, e nenhuma delas tem câmaras de videovigilância. Mas *existe* uma câmara em Woodstock Road, mais a norte. – Aponta para um pionés vermelho. – E outra aqui, na rotunda do anel viário. Alguém que quisesse fugir rapidamente teria seguido por aí, em vez de atravessar a cidade para seguir para sul.

Olho para o mapa, para a expansão de terreno aberto que se estende para oeste: 121 hectares por cultivar há mais de 100 anos e, mesmo com este tempo, praticamente submersos. A zona fica a menos de cinco minutos a pé de Canal Manor, mas teria forçosamente de se atravessar a linha férrea.

– E em Port Meadow? Há alguma câmara na passagem de nível? – pergunto. – Não me recordo de ter visto alguma.

O Quinn abana a cabeça.

– Não, não há. E, em todo o caso, a passagem de nível está fechada há dois meses, devido à construção da nova ponte pedonal e a reparações em parte da linha. As obras decorrem fora de horas, e ainda ontem à noite uma equipa esteve lá a trabalhar. A antiga ponte pedonal também já estava fechada antes de ser demolida, pelo que é impossível alguém ter atravessado para Port Meadow por ali.

– Portanto, com essa hipótese excluída, quais são as outras opções?

O Quinn aponta para um pionés verde.

– Uma vez que encontrámos os colãs aqui, o percurso mais provável do suspeito seria por Birch Drive, subindo depois até ao anel viário, como já referi. O que também corresponde ao local onde a velhota diz ter visto a Daisy.

Dá um passo atrás e põe a caneta atrás da orelha. É um tique que ele tem, e reparo que dois novatos lá atrás fazem o mesmo – estão claramente a gozar com ele, mas sem malícia. O Quinn faz parte do grupo, mas neste momento também é Inspetor-Coordenador, pelo menos por enquanto, o que faz dele um superior.

– Já visionámos as imagens de todas as câmaras nesse percurso – prossegue o Quinn –, mas não encontrámos rigorosamente nada. Àquela hora da noite havia muito pouco trânsito, e os condutores com quem falámos já foram quase todos investigados. Há um ou dois que não ainda não conseguimos localizar, mas nenhum deles seguia sozinho no carro. E definitivamente não aparece nenhum homem a pé, a carregar uma criança pequena ou algo de remotamente semelhante. O que significa uma de duas coisas: ou a velhota não viu aquilo que pensa que viu...

– ... ou a Daisy *ainda* está no empreendimento de Canal Manor.

Não posso ser só eu a pensar isto, se recordarmos o caso da Shannon Matthews, escondida pela

mãe numa tentativa de angariar fundos junto dos vizinhos bem-intencionados, enquanto a polícia movia o céu e a terra para encontrar uma menina que nunca chegou a desaparecer. E não foi uma vizinha dos Mason que disse que eles estavam com problemas financeiros? Mas afasto rapidamente esse pensamento. Não só porque os Mason não são assim tão estúpidos, mas também porque, ainda que fossem, o *timing* não bate certo.

Respiro fundo antes de falar:

– OK, vamos intensificar as buscas no caminho ao longo do canal e em cada canto do empreendimento onde seja possível esconder um corpo. Mas *discretamente*, por favor. No que se refere à imprensa, isto continua a ser um caso de uma pessoa desaparecida, não de homicídio. Muito bem, é tudo por agora. Reunimo-nos novamente às 18h00, a não ser que haja novos desenvolvimentos.

\* \* \*

– Creio que já descobrimos quem foi, Inspetor.

São 15h00, e estou no meu gabinete, preparado para sair para Canal Manor e ainda fresquinho – se este é o termo correto – de uma descompostura gigante do Diretor, devido ao que se passou na conferência de imprensa. Quem está à porta é a Anne Phillips, destacada de uma empresa de serviços de informática do parque industrial e alguém que quer claramente mostrar serviço e provar que nos consegue ajudar – a nós, pobres polícias lerdos de pé-descalço – a entrar no século XXI. Ela, pelo contrário, usa saltos altíssimos. E uma saia curtíssima. Faz um sucesso estrondoso aqui na sede, o que não é de espantar. Quando nos conhecemos, a Alex também usava o cabelo assim, escortinhado curto – o que lhe dava um certo ar malicioso. Divertido. Todas as coisas que foi perdendo ao longo destes últimos meses. Tive de esfregar os olhos algumas vezes desde que a Anna se juntou à equipa, mas depois vi-lhe o sorriso e percebi que estava enganado. Não me recordo da última vez que vi a minha mulher sorrir.

– Desculpe, estou perdido. Quem foi o quê?

Se soo ligeiramente ríspido é porque ainda tenho palavras como «incompetência» e «sérias consequências» a azucrinarem os meus ouvidos. E também porque não consigo encontrar as chaves do carro. Mas ela parece imperturbável.

– O responsável pela fuga de informação. O Gareth... o Inspetor Quinn pediu-me para tentar descobrir de onde veio.

Ergo os olhos para ela. Com que então, «o Gareth»... Reparo que ela cora ligeiramente e pergunto-me se ele lhe terá dito que tem namorada. Não seria a primeira vez que sofria de um conveniente surto de amnésia.

– E?

Ela coloca-se ao meu lado na secretária e abre o motor de busca. De seguida, escreve qualquer coisa e dá um passo atrás, permitindo que eu tenha visibilidade. É uma página do Facebook. A publicação mais recente é o vídeo da Daisy que facultámos à imprensa. Isso não me incomoda – quanto mais pessoas o virem e partilharem, melhor. Mas o que me incomoda é tudo o resto. Fotos de agentes fardados à porta das casas. Vários elementos da brigada do Challow a dirigirem-se à casa dos Mason. Uma minha, a acender um cigarro – o que também não vai cair nada bem perante o Diretor. A julgar pelos ângulos, as fotografias foram todas tiradas do interior das casas vizinhas. E quando Anna faz um *scroll* descendente, deparo-me com uma publicação de há sete horas, na qual se escreve que a polícia encontrou uns colãs verdes ensanguentados que se acredita serem os que a Daisy usava quando desapareceu.

– É a página do Toby Webster – diz ela, dando-me a resposta mesmo antes de eu sequer perguntar.

– Quem?

– O filho da Fiona Webster, a vizinha que a Inspetora Everett interrogou esta manhã. Acho que ela lhe perguntou sobre os colãs e o filho deve ter ouvido. Tem 15 anos.

Como se isso servisse de desculpa. Mas suponho que, até certo ponto, serve mesmo.

– Não foi preciso muito para que aquele jornalista descobrisse isto – prossegue ela. – Aliás, até é surpreendente que tenha sido só ele.

Uma frase que serve de código para «Acho que deves um pedido de desculpas à tua brigada». O que é rigorosamente verdade.

– E há outra coisa...

O telefone volta a tocar e eu atendo. É o Challow.

– Pediste urgência na análise aos colãs?

– E?

– O sangue não é dela. Não há correspondência com o ADN da escova de dentes.

– Tens a certeza? Não pode mesmo ser da Daisy Mason?

– O ADN não mente. Mas isso já tu sabes.

– Porra.

Mas ele já desligou. A Anna olha-me fixamente, mostrando uma expressão estranha no rosto. Se fica assim tão ofendida com palavrões, não vai ficar muito tempo por estes lados.

– Estive a analisar novamente as fotografias – recomeça ela. – As da festa.

– Desculpe, tenho mesmo de sair. Estou atrasado.

– Não, espere, isto leva apenas um minuto.

Inclina-se novamente sobre o computador e abre o ficheiro das fotografias do servidor comum. Seleciona três, depois abre um plano da Daisy, tirado do vídeo, e alinha-o cuidadosamente ao lado das restantes.

– Levei algum tempo a descobrir, mas assim que percebemos, torna-se óbvio.

Óbvio para ela, certamente, mas não para mim. Olha-me com expressão expectante, mas limito-me a encolher os ombros.

A Anna pega numa caneta e aponta:

– Estas três fotos da direita são as únicas da festa em que a Daisy aparece. Pelo menos, entre aquelas de que dispomos até ao momento. Em nenhuma delas está muito nítida. Ou está de costas, ou parcialmente tapada por outra pessoa. Mas há algo que se consegue ver perfeitamente.

– Que é...

Ela aponta para o fotograma do vídeo, feito três dias antes.

– Repare no comprimento da saia dela aqui... Bem abaixo do joelho. E agora veja nas outras fotografias.

E agora vejo. E vejo perfeitamente. Na festa, a rapariga que está a usar a saia é uns bons sete centímetros mais baixa do que a Daisy. Não é a Daisy de maneira alguma.

É *outra criança*.

\* \* \*

**Oxford's News** @OxfordNewsOnline 15h18

Atualização #rpto Canal Manor – fontes confirmam que a Polícia encontrou roupa com vestígios de sangue. Alguém que disponha de mais informações deve contactar @ThamesValleyPolice #EncontremADaisy

**Elsbeth Morgan** @ElsbethMorgan959 15h22

Pobre família. Não consigo imaginar o que estão a passar #EncontremADaisy

**BBC Midlands** @BBCMidlandsBreaking 15h45

#MidlandsToday atualiza às 18h00 as mais recentes notícias sobre o desaparecimento de #DaisyMason. @ThamesValleyPolice já publicou uma fotografia da menina

**William Kidd** @ThatBillytheKidd 15h46

Se souber onde está a Daisy Mason, por favor, contacte a polícia #EncontremADaisy #DaisyMason

**Anne Merrivale** @Annie\_Merrivale\_ 15h56

Sou só eu a achar que há algo de estranho neste caso #DaisyMason? Como pode uma criança desaparecer do seu próprio jardim sem que ninguém dê por isso?

**Caroline Tollis** @ForWhomtheTollis 16h05

@Annie\_Merrivale Concorde. Pensei logo isso no momento em que soubemos. Há mais qualquer coisa por detrás disto #DaisyMason

**Danny Chadwick** @ChadwickDanielPJ 16h07

Que tipo de pais deixam a filha ficar acordada até à meia-noite? É óbvio que não a vigiaram como deviam – só se podem culpar a eles próprios #DaisyMason

**Angus Cordery** @AngusNCorderyEsq 16h09

@Annie\_Merrivale\_ @ForWhomtheTollis

@ChadwickDanielPJ Atentem ao que vos digo – terá sido um dos pais. É sempre assim #DaisyMason

**Anne Merrivale** @Annie\_Merrivale\_ 16h10

@AngusNCorderyEsq é estranho nenhum deles ter ainda aparecido em público

@ForWhomtheTollis@ChadwickDanielPJ

#DaisyMason

**Elsie Barton** @ElsieBarton\_1933 16h13

@AngusNCorderyEsq @Annie\_Merrivale\_

@ForWhomtheTollis @ChadwickDanielPJ

Meu Deus, como é possível terem umas mentes tão desconfiadas? #EncontremADaisy

**Anne Merrivale** @Annie\_Merrivale\_ 16h26

@ElsieBarton\_1933 Tem de admitir que tudo

isto parece muito estranho #DaisyMason

**Elsie Barton** @ElsieBarton\_1933 16h29

@Annie\_Merrivale\_ Tudo o que sei é que desapareceu uma menina e que devemos concentrar os nossos esforços para a encontrar e não fazer juízos de valor sobre os pais #EncontremADaisy

**Angela Betterton** @AngelaGBetterton 16h31

@AngusNCorderyEsq @ChadwickDanielPJ

@Annie\_Merrivale\_ @ForWhomtheTollis

Vocês não sabem do que estão a falar – nem sequer conhecem a família #EncontremADaisy

**Danny Chadwick** @ChadwickDanielPJ 16h33

@AngelaGBetterton O que eu sei é que ficaria bem mais atento à minha filha. Além disso, o que faz de si uma especialista no assunto? #DaisyMason

**Angela Betterton** @AngelaGBetterton 16h35

@AngusNCorderyEsq Estive na festa – ambos os pais estiveram presentes o tempo todo – é impossível que algum deles esteja envolvido #EncontremADaisy

**Caroline Tollis** @ForWhomtheTollis 16h36

@AngelaGBetterton Há mais alguma notícia sobre os colãs ensanguentados? A Polícia já confirmou esse facto? #DaisyMason

**Anne Merrivale** @Annie\_Merrivale\_ 16h37

@ForWhomtheTollis Não deu nada nos noticiários. Mas isso só prova que alguém lhe fez mal nessa noite, certo? #DaisyMason

**Caroline Tollis** @ForWhomtheTollis 16h39

@Annie\_Merrivale\_ Coitadinha da miúda, acho que ela já deve estar morta #DaisyMason

**Anne Merrivale** @Annie\_Merrivale\_ 16h42

@ForWhomtheTollis Sim. Penso que agora o único mistério é quem a matou #DaisyMason

\* \* \*

Quando empurro a porta da Sala de Situação, o ar está com uma energia pesada. Todos se voltam para mim, enquanto me dirijo ao quadro branco e aponto com o dedo para uma das fotografias da festa.

– Como provavelmente já terão ouvido, é cada vez menos provável que a rapariga desta fotografia seja a Daisy Mason. – O som do sururu aumenta, o que me força a levantar a voz. – O que ainda não sabem é que acabei de receber a confirmação do Laboratório de que o sangue nos colãs não é, repito, *não é*, da Daisy Mason. O que significa que, presumivelmente, será desta rapariga na foto. E se a velhota, a Sra. Bampton, viu realmente um homem com uma criança ao colo, será certamente esta outra menina, e *não* a Daisy Mason.

Foi aí que me bateu, como por vezes acontece. Não estamos preparados para isto, não o podemos



evitar – nunca sabemos que associação aleatória de palavras ou ideias pode levar a isto –, mas subitamente o nosso cérebro enclausurado é invadido por uma memória indesejada. Eu com o Jake ao colo, a cabeça dele adormecida aninhada no meu peito, o cheiro do champô dele nas minhas narinas – o odor da pele, o calor, o peso...

Apercebo-me repentinamente do silêncio pesado da sala. Olham-me fixamente. Pelo menos, alguns deles. Aqueles que conheço há mais tempo estão a olhar para tudo, menos para mim.

– Desculpem. Como estava a dizer, creio que não estamos perante duas crianças desaparecidas. Suspeito que se trata apenas de um caso de identidade equivocada. Ao observar os rasgões nos colãs, o sangue não representa nada de mais sinistro do que um simples esfolar de joelho. *Mas* ainda precisamos de encontrar essa outra menina e certificarmo-nos de que está bem. E também de perceber como arranjou a fantasia de flor – é possível que as duas miúdas tenham trocado de roupa, por isso só ela nos poderá dizer o que é que a Daisy *realmente* vestia na noite em que desapareceu. Entretanto, Everett, peço-te que revejas novamente todas as fotografias da festa com a Anna Philips, para ver se conseguem descobrir outras meninas louras que possam ser a Daisy.

O Gareth Quinn levanta-se da cadeira. Tem o *tablet* nas mãos e faz um *scroll* frenético, enquanto diz:

– Creio que sei quem é a outra rapariga, chefe. Tenho a certeza de que um dos carros que vimos nas imagens de videovigilância era um todo-o-terreno que pertence a uma família do empreendimento. Sim... Cá está. David e Julia Connor. Têm uma filha chamada Millie, colega de sala da Daisy, e fazem parte da lista de convidados. Aparentemente, saíram mais cedo, porque ainda tinham de apanhar um avião em Gatwick nessa mesma madrugada – conseguimos ver a família nas imagens de videovigilância a entrar no anel viário às 23h39. É por isso que ainda não conseguimos falar com eles e, para ser franco, nem sequer era uma prioridade, até agora. Mas já deixei uma mensagem no telemóvel do David Connor, pedindo-lhe que me contacte.

Dirige-se ao mapa e aponta, voltado para mim, com os olhos plenos de vivacidade.

– A casa dos Connor fica aqui, no número 54. Tiveram de passar mesmo em frente à casa da Sra. Bampton quando saíram da festa. Creio que a velhota terá visto o *David Connor* a levar a filha ao colo até casa.

Há uma sensação estranha na sala – já vi isto antes. A reviravolta que não é realmente uma reviravolta, porque tudo o que faz é eliminar uma possibilidade, não nos deixando mais próximos da verdade. A sensação de que as peças se estão a encaixar, mas ainda continuamos longe de perceber que imagem irão formar. E eis que surge uma peça que, subitamente, se apresenta muito obscura.

É o Gislingham quem a lança para a sala, ele que é conhecido por Constatar o Óbvio. Mas eu defendo que todas as equipas devem ter alguém assim. Especialmente nesta profissão.

– Então – começa ele –, o que estamos a dizer é que os Mason viram essa outra menina a correr pelo jardim com a fantasia de margarida vestida e nem sequer se aperceberam de que não era a

própria filha?

– Aquela coisa que ela tem na cabeça tapa-lhe grande parte do rosto – observa a Everett. – Quer dizer, também não percebemos que não era ela, e já estamos todos fartos de olhar para as fotografias.

– Mas não somos os pais dela – intervenho calmamente. – Acreditem, eu reconheceria o meu próprio filho mesmo que ele estivesse com uma máscara de esqui numa corrida de sacos. Nós sabemos. Sabemos como se movem, como andam...

Como o Jack se movia, como o Jack andava. O tempo parece gaguejar. Apenas por uma fração de segundo, evita o abismo e, de seguida, continua.

– Mas também como *falam*, seguramente – diz o Gislingham. – Se os Mason tivessem realmente falado com essa menina, saberiam imediatamente que...

– O que significa uma de duas coisas – interrompe o Quinn. – Ou não falaram com a própria filha durante toda a noite, o que é muito pouco credível, ou passa-se aqui algo muito mais preocupante.

– Não são só eles – digo. – É também o Leo. Ele devia saber que não era a Daisy quem estava na festa. E os pais até podem alegar que estavam demasiado ocupados, mas o miúdo é extremamente atento e observador. *Ele sabia*. Então, porque não lhes disse, porque não *nos* contou? Ou esconde alguma coisa, ou está com medo de algo. E, neste momento, não tenho a certeza do que será pior.

– Então, o que fazemos agora, chefe? Falar com os Mason sobre a Millie Connor? Trazê-los para interrogatório?

– Não – respondo lentamente. – Vamos deixá-los fazer um apelo na televisão. Quero ver como é que lidam com a situação. Quero-os lá aos três, assegurem-se de que o rapaz também vai. Não se perde nada em fazer um apelo mediático. A verdade é que ela ainda pode estar algures por aí, e nada disto estar relacionado com a família.

As pessoas começam a levantar-se, a pegar nas suas coisas e a ligar os telemóveis. Mas eu ainda não terminei.

– Sei que nem sequer tenho de dizer isto, mas não quero que *ninguém* fora desta sala tenha a menor suspeita de que a menina da festa não era a Daisy. E certifiquem-se de que os Connor também metem isto na cabeça. Porque é possível que estejamos a lidar com uma fita do tempo completamente diferente da que assumimos até agora. É possível que a Daisy Mason nunca tenha estado naquela festa.

\* \* \*

*Entrevista telefónica com David Connor*

*20 de julho de 2016, às 18h45*

*Ao telefone, o Inspetor-Coordenador interino G. Quinn e (a ouvir) o Inspetor Gislingham*

GQ: Agradeço por me ter ligado, Sr. Connor, e as nossas desculpas por incomodá-lo nas suas férias.

DC: Sem problemas. Lamento não ter podido ligar-lhe antes. Foi um choque enorme saber o que aconteceu. A minha mulher viu a notícia na BBC World News, no quarto do hotel.

GQ: O senhor sabia que a fantasia de flor que a sua filha usou na festa era a que a Daisy deveria ter vestido?

DC: Eu não, mas, aparentemente, a minha mulher, sim. Na tarde anterior, depois da escola, a Millie teve lá em casa umas amiguinhas.

GQ: Ou seja, na tarde de segunda-feira?

DC: Humm, foi na segunda-feira? Desculpe, mas ainda estou sob o efeito do *jet lag*. Sim, tem razão, foi na segunda-feira. Seja como for, a Julia disse que elas levaram as respetivas fantasias lá para casa para experimentarem. E, como é óbvio, vestiram a roupa umas das outras. Sabe como são as miúdas desta idade. Pelo que percebi, parece que no meio do caos, a Daisy decidiu que preferia a fantasia da Millie e a Millie aceitou trocar.

GQ: Sabe se a mãe da Daisy teve conhecimento de que elas trocaram de roupa?

DC: Não faço ideia. Deixe-me perguntar à Julia...

*(ruídos abafados)*

A Julia diz que a Daisy lhe garantiu que a mãe dela não se importava. Mas, claro, não sabe se a Daisy chegou mesmo a falar com a mãe sobre isso.

GQ: Encontrámos os colãs num contentor de lixo de Canal Manor, mas o sangue detetado não é da Daisy.

DC: Ah, sim, peço desculpa por isso. A Millie caiu e já se estava a fazer tarde. Ela estava um pouco rabugenta e decidimos ir para casa. Os colãs foram baratos, por isso deitámo-los no lixo. Lamento se isso vos causou algum problema.

GQ: Que fantasia é que a sua filha tencionava vestir originalmente, Sr. Connor?

DC: De sereia, disse-me a minha mulher. Não cheguei a vê-la, mas sei que tinha uma parte de cima da cor de pele e uma cauda com

escamas brilhantes azuis e verdes.

GQ: E tinha alguma máscara ou enfeite de cabeça?

DC: Dê-me um momento.

*(mais ruído abafados)*

Não, nada na cabeça.

GQ: Então, se a Daisy estivesse a usar essa fantasia na festa percebia-se imediatamente que era ela?

DC: Creio que sim. Está a sugerir que...

GQ: Estou apenas a verificar os factos, Sr. Mason. O senhor viu a Daisy, ontem à noite?

DC: Agora que fala nisso, acho que não. Quer dizer, no noticiário disseram que ela estava lá - que só desapareceu depois da festa, por isso assumi que... Meu Deus, isto muda as coisas de forma significativa, não é?

GQ: E há alguma coisa que a Millie nos possa contar, algo que ela tenha ouvido ou visto na festa?

DC: Para ser franco, neste momento não estamos a conseguir arrancar-lhe nada. Ela passa o tempo a chorar e recusa-se a falar no assunto. Não a quero mesmo forçar. Mas assim que ela se acalmar, peço à Julia que lhe faça essa pergunta e ligo-lhe de volta, se ficarmos a saber de alguma coisa que possa vir a ser útil.

GQ: Obrigado, Sr. Connor. E relembro-o de que não deve discutir este assunto seja com quem for. É muito importante. Sobretudo com a imprensa.

DC: Com certeza. E, por favor, não hesitem em contactar-me se houver mais alguma coisa que possamos fazer. Temos todos de nos unir para descobrir quem foi o canalha que fez isto, não é verdade?

\*\*\*

*18 de julho de 2016, 16h29*

*Véspera do desaparecimento*

*Casa dos Connor, Barge Close, 54*

Julia Connor enche meia dúzia de copos de sumo e leva o tabuleiro para o quarto da filha. Ainda vai a meio da escada, mas já se ouve a barulheira das crianças; os vizinhos devem ouvi-las da rua, pensa ela com um suspiro. No interior do quarto, a alcatifa está coberta de roupas e fantasias.

– Espero que saibam qual é a roupa de cada uma – diz Julia, pousando o tabuleiro. – Não quero ter problemas com as vossas mães.

Três das meninas estão em frente a um longo espelho, não escondendo a vaidade enquanto se admiram a si próprias. Uma princesa cor-de-rosa, uma flor, uma borboleta.

– Qual é a mais bela de todas? – pergunta a princesa ao seu reflexo, enquanto a coroa dourada lhe cai sobre um olho. – Não acham que estou *lindíssima*?

Julia sorri para si própria, desejando ter metade da autoconfiança desta miúda quando tinha a idade dela. De seguida, sai do quarto, fecha a porta e regressa à cozinha. Liga o rádio e começa a cortar legumes para o jantar. Está a tocar uma velha música da Annie Lennox, e ela aumenta o volume e começa a cantarolar. *Sisters are doing it for themselves...* Tem a música tão alta que não ouve um súbito alvoroço no andar de cima. Por isso, não escuta os gritos lancinantes de «*Odeio-te! Quem me dera que morresses!*»; nem vê a menina com a fantasia de flor a ser atirada contra a parede, enquanto a outra criança a ataca furiosamente, esbofeteando-lhe o pequeno rosto pálido emoldurado num enfeite de pétalas brancas.

\* \* \*

Às 18h00, a equipa de buscas continua a dar tudo por tudo, mas está completamente esgotada. O caminho que ladeia o canal foi vedado ao público numa extensão de quilómetro e meio a norte do empreendimento, e eles têm andado a percorrê-la centímetro a centímetro, afastando a vegetação baixa com varas e bastões e recolhendo para sacos de prova tudo o que possa, ainda que apenas de forma presumível, ser considerado indício. Papéis de rebuçado, latas de cerveja, um sapato de criança. Por que razão, pergunta-se Erica Somer, soerguendo as costas doridas e consultando o relógio, aparece sempre só *um* sapato? Será que quem o perde volta ao pé-coxinho para casa? E como é que alguém consegue perder um sapato? É difícil não se dar pela falta dele, não é? Por fim, abana a cabeça perante a inutilidade de pensar no assunto, atribuindo a culpa aos níveis baixos de glicémia.

Uns metros mais à frente, seis ou sete ambientalistas voluntários abrem caminho com as galochas por entre valas repletas de folhas secas e lixo deixado por quem utiliza as embarcações de recreio. Depois de tantos dias de muito calor, os níveis da água estão baixos e o cheiro é intenso. A equipa já passara a pente fino a reserva natural, a 100 metros dali. Erica desconhecia totalmente a sua existência, apesar de ter crescido a menos de oito quilómetros desta zona. Mas a escola que frequentou não era daquelas que organizava visitas de estudo ou passeios pela natureza; os

professores já tinham coisas suficientes com que lidar, esforçando-se por manter alguma ordem naquele caos. Ela não fazia ideia de que existia um local tão selvagem e tão perto do centro da cidade. Tão inóspito e bravio, tão denso de vegetação, semialagado e sem trilhos pedestres. Ao longo do percurso deparou-se com três ratos-de-água, uma família de galinhas-d'água e, subitamente – vindo do nada –, um enorme cisne branco, a sibilar e a bater as asas na tentativa de defender a cria que estava meio escondida entre as suas patas.

Mas, depois de todas estas horas, o que tinham para apresentar? Para além de dores nas costas e uma louvável recolha de lixo, nada. Ninguém viu rigorosamente nada – nem os que viviam no canal, nem os que estavam de costas, muitos deles entretidos com churrascos nos próprios jardins na altura em que os Mason davam a sua festa. Dois ou três até se lembravam do fogo de artifício, mas ninguém tinha visto uma menina. Era como se ela se tivesse evaporado.

Às 19h25, Erica recebe uma chamada de Baxter.

– Podem dar o dia por terminado. Amanhã de manhã, vamos enviar uma equipa de homens-rãs.

Erica franze as sobancelhas.

– A sério? Se fosse eu a gerir o orçamento, não me dava a esse trabalho. As águas do canal não são assim tão profundas. Isto não é como um rio. Além disso, com todo o tráfego de barcos estão constantemente a ser revolvidas. Se ela estivesse aqui, já a teríamos encontrado.

– Ouve, não é que eu não concorde. Aqui entre nós, desconfio que é apenas uma manobra de relações públicas. O Comissário da Polícia quer provar ao mundo que não deixamos pedra sobre pedra. Daí o raio do helicóptero.

– A imprensa deve estar a adorar.

– Se está... – diz Baxter. – E prefiro pensar que a ideia é mesmo essa.

\* \* \*

Ocupo o meu lugar na segunda conferência de imprensa – exatamente 24 horas depois da primeira. Num dia, muita coisa pode mudar. O rosto da Daisy tornou-se viral na Internet e disseram-me que a *hashtag* #EncontremADaisy está a deixar o Twitter em alvoroço. Este já é, oficialmente, um Grande Caso, o que significa que o Diretor preside à sessão. Encontramo-nos reunidos numa sala multimédia de Kidlington, ainda que aos jornalistas seja apenas autorizada a permanência em pé. A Sky News faz uma transmissão em direto e há pelo menos mais 12 câmaras presentes, pelo meio das quais surgem discretamente o Gareth Quinn e a Anna Philips, também eles com uma pequena câmara digital. Quero ter a certeza de que captamos cada fotograma disto.

Precisamente às 10h01, fazemos a família Mason sentar-se no estrado, diretamente sob o clarão dos fotógrafos. O Leo Mason surge com uma tez esverdeada sob os holofotes – por um terrível momento acho que ele vai vomitar ali mesmo, em frente às câmaras. Quanto ao pai, afasta

imediatamente a cadeira o mais possível para trás, numa clara tentativa de disfarçar o nervosismo. Espero, para o bem dele, que nunca decida meter-se no póquer. Ontem à noite, quando fui a casa deles para lhes sugerir que fizessem um apelo em frente às câmaras, perguntou-me várias vezes se era mesmo necessário, o que é que isso adiantava e se esse tipo de coisas ajudava realmente a trazer alguém de volta. Creio que é seguro afirmar que em toda a minha carreira nunca me deparei com um pai a tentar convencer-me a *não fazer* publicidade sobre uma criança desaparecida. E estamos a falar da sua princesinha, a sua filha adorada. E não acredito que ele esteja a fingir. Pelo menos, nesta parte. O que torna a coisa ainda mais desconcertante. Quanto à Sharon, praticamente não abriu a boca durante todo o tempo em que estive lá. Limitei-me a continuar a falar, mas sei que ela não me estava a ouvir. E neste momento, olhando para ela, consigo perceber o que *realmente* a preocupava – perguntava-se *o que devia levar vestido*. A roupa, a maquilhagem, as joias, tudo nela é irrepreensível e condiz de forma impecável. Parece que está aqui para uma entrevista de emprego, não para implorar que lhe tragam a filha de volta.

Às 10h02, o Diretor aclara a voz e começa a ler a folha que tem à frente. Tivemos de ser bem mais cuidadosos do que o habitual, tendo em conta os factos de que agora dispomos. Não podemos arriscar e mentir descaradamente, mas também não podemos dizer a verdade toda.

– Senhoras e senhores, obrigado por terem vindo. O Sr. e a Sra. Mason vão fazer uma curta declaração acerca do desaparecimento da sua filha Daisy. E nada mais será acrescentado na conferência de imprensa de hoje. A nossa prioridade é encontrar a Daisy bem e em segurança, de forma a devolvê-la à família. Neste momento, não dispomos de qualquer informação adicional que possamos partilhar convosco, pelo que a família e o Inspetor-Chefe Adam Fawley não irão responder a quaisquer perguntas. Agradeço desde já a vossa compreensão, pedindo-vos que respeitem a privacidade da família, algo absolutamente crucial neste momento difícil.

*Flashes*, pessoas a mexerem-se nas cadeiras. Não estão interessadas no que a família tem a dizer – toda a gente diz a mesma coisa quando uma criança está desaparecida. O que querem, e muito, é ver e ouvir *como* o dizem. Querem tentar avaliar que tipo de pessoas são os Mason. Irão expor-se ao escrutínio da opinião pública? Soarão convincentes? Vamos gostar deles? Está tudo relacionado com personalidade e credibilidade. E, escusado será dizer, com essa grande obsessão britânica que é a classe.

O Diretor volta-se para o Barry Mason, sentado do seu lado esquerdo. O homem abre a boca para dizer alguma coisa, mas depois enterra a cabeça nas mãos e começa a soluçar. Mal o ouvimos a balbuciar algo sobre a «sua princesinha». Um termo que, confesso, já me começa a mexer com os nervos. Faço um esforço considerável para manter uma expressão impassível, mas não tenho a certeza de que estou a conseguir. Quanto ao Leo, abre muito os olhos e lança um olhar angustiado à mãe, mas ela olha para as câmaras, não para ele. Debaixo da mesa, fora da visão de toda a gente, à exceção de mim, o rapaz crava-lhe a mão na perna, mas ela não se mexe, nem sequer reage.

O Diretor clareia a voz.

– Talvez... queira ler a declaração, Sra. Mason?

A Sharon assente levemente e, de seguida, leva a mão ao cabelo. Tal como fez quando viu a equipa de televisão chegar à porta de casa. Por fim, olha diretamente para a câmara da BBC News:

– Se alguém souber seja o que for sobre o paradeiro da nossa menina – começa ela –, por favor, *por favor*, entrem em contacto connosco. E, Daisy, se estiveres a ver isto, não estamos zangados contigo, querida, não tenhas medo. Só queremos que voltes para casa. Temos muitas saudades tuas, eu e o teu pai. E o Leo, claro.

Depois, volta-se para colocar um braço à volta dos ombros do filho, puxando-o para si. Para dentro do círculo.

\* \* \*

Assisto à gravação da conferência de imprensa ao lado do Bryan Gow, o consultor que costumamos requisitar em casos como estes. É provável que lhe chamassem *profiler*, mas, hoje em dia, há uma extrema cautela com tudo o que possa parecer efabulado para horário nobre. Ironicamente, o próprio Bryan parece diretamente saído de uma audição para protagonista: aficionado por comboios, é um elemento crucial da equipa de *quiz* do bar lá do bairro e um matemático amador (não me perguntem como é que tudo isto resulta – a mim, sempre me pareceu um gigantesco contrassenso).

Vemos a gravação até ao fim e, depois, ele pede-me para a ver novamente.

– E então, o que achas? – pergunto-lhe, quando acabamos.

Ele tira os óculos e esfrega-os nas calças.

– Para ser franco, a questão é por onde começar? O pai está nitidamente deslocado, não quer estar ali, e aqueles soluços teatrais não me convencem de todo.

– A mim também não. Na verdade, creio que não passou de um pretexto para esconder a cara.

– Concordo. Está a esconder alguma coisa. Mas não tem necessariamente que ver com a criança. Acho que devemos investigar o passado dele. É possível que tenha um caso extraconjugal ou que esteja envolvido em qualquer coisa que o impeça de mostrar a cara na televisão.

– Ele tem uma empresa de construção – digo secamente. – Calculo que haja imensa gente que ele deseja evitar. E o rapaz?

– Mais difícil de interpretar. Percebe-se que está perturbado com alguma coisa, mas pode ser simplesmente o trauma por a irmã estar desaparecida. Mais uma vez, creio que devemos investigar os seus comportamentos mais recentes. Verificar se aconteceu algo com ele nos dias que antecederam o desaparecimento. Como é que tem andado na escola.

– E a Sharon?



O Gow faz uma careta.

– «*Estranho, estranhosíssimo, disse Alice.*»<sup>4</sup> Terá chegado diretamente do cabeleireiro ou anda assim todos os dias?

– Pedi à Everett que lhe fizesse essa pergunta. Assim como quem não quer a coisa, para não a inquietar. Aparentemente, respondeu: «Não vamos querer que eles fiquem com a impressão errada».

– *Eles?*

– Pois, também pensei nisso. Parece-me claramente paranoica com o que as outras pessoas pensam, mas nunca chega a definir quem são *eles*.

O Gow franze o sobrolho durante um breve segundo.

– Estou a ver. Rebobina até à parte em que ela fala na filha.

O rosto da Sharon Mason surge no ecrã, num grande plano que coloco em pausa, com os lábios ligeiramente abertos.

– Já ouviste falar num psicólogo muito famoso chamado Paul Ekman?

Abano a cabeça.

– Mas conheces a série *Lie To Me – O rosto da mentira?*

– Sim, nunca vi, mas já ouvi falar. Um tipo que sabe quem mente ou diz a verdade, baseado apenas na linguagem corporal?

– Isso mesmo. A personagem principal é baseada no próprio Ekman, que defende a teoria de que há determinadas emoções que são impossíveis de fingir, porque não conseguimos controlar de forma consciente os músculos faciais que as expressam. Por exemplo, o sofrimento exprime-se na zona entre as sobrancelhas. Se estiveres mesmo triste, e não apenas a fingir, as tuas sobrancelhas unem-se. É extremamente difícil fingir esse sentimento de forma convincente por mais de um ou dois minutos. Acredita, já experimentei. Se reparares nas pessoas que fizeram apelos em frente às câmaras, e que mais tarde se provou terem sido elas a cometer os crimes, vais perceber exatamente o que te estou a dizer. São as sobrancelhas que as denunciam. Assim que puderes, pesquisa no Google uma assassina famosa chamada Tracie Andrews. É um exemplo clássico. E agora, olha bem para a Sharon Mason.

E lá está. Pode haver lágrimas nos olhos, ter os lábios a tremer, mas a linha das sobrancelhas mantém-se suave. Imperturbável.

Levanto-me para me ir embora, mas o Gow chama-me.

– Ouve... Creio que as coisas se vão tornar muito desagradáveis nas redes sociais – avisa, voltando a pôr os óculos. – Em casos como estes, as pessoas têm tendência para fazer juízos de valor baseados neste tipo de pistas visuais de que falámos, mesmo que a maioria nem sequer saiba o que está a fazer. Receio que os Mason venham a ser rapidamente julgados e condenados no Twitter. Quer mereçam ou não.

Antes de sair, ainda ligo para a Sala de Situação de St. Aldate. A Everett informa-me de que não há qualquer criança vestida de sereia nas fotos tiradas na festa – o que significa que vamos ter de reavaliar toda a investigação. Precisamos de determinar exatamente quando é que a Daisy foi vista pela última vez, onde e por quem. E de confirmar com precisão o que é que ela vestia. Vamos ter de interrogar os Mason novamente. E assim que a porcaria sair, vai efetivamente atingir a ventoinha.

\* \* \*

**ITV News** @ITVLiveandBreaking 10h02

Assista em direto: Desaparecimento de Daisy Mason – família faz apelo #EncontremADaisy  
RETWEETS 6,935

**Scott Sullivan** @SnapHappyWarrior 10h09

#DaisyMason A assistir ao apelo na televisão – o pai parece completamente culpado – e que raio se passa com a mãe? – fria como gelo

**Indajit Singh** @Mrs.ingh700700700 10h10

Não acho os pais da daisy mason nada convincentes & porque é que a polícia não deixa a imprensa fazer perguntas? Suspeito

**Scott Sullivan** @SnapHappyWarrior 10h11

#DaisyMason Os pais vão ser presos ainda hoje – esperem para ver. Já vi isto antes

**Lisa Jenks** @WorldsBiggestManUFan 10h12

@SnapHappyWarrior Não acredito que estejam a ser jurados e juízes quando ainda nem sequer a encontraram – estão a gozar? #EncontremADaisy

**Scott Sullivan** @SnapHappyWarrior 10h12

@WorldsBiggestManUFan Isso pergunto eu.

Toda a gente percebe que se passa algo de errado. Repare no outro filho – tolhido de medo

**Danny Chadwick** @ChadwickDanielPJ 10h14

Nunca vi um pai chorar mais do que uma mãe num caso destes. Eu sabia que havia aqui algo de muito estranho #DaisyMason

**Rob Chiltern** @RockingRobin1975 10h15

#DaisyMason Espero que a polícia tenha revistado a casa toda – cheira-me que fizeram asneiras. Não seria a primeira vez

**Lilian Chamberlain** @LilianChamberlain 10h16

@RockingRobin1975 Os pais não sabem onde ela está, pelo que não é de estranhar que pareçam traumatizados.

As pessoas reagem ao *stress* de maneiras diferentes...

**Lilian Chamberlain** @LilianChamberlain 10h16

@RockingRobin1975... Eles não são suspeitos, apenas pais. O meu coração está com eles  
#EncontremADaisy

**Caroline Tollis** @ForWhomtheTollis 10h17

A polícia já considerou interrogar o irmão?

#soumasugestão #DaisyMason

**Garry G** @SwordsandSandals 10h19

Sabem o que eu acho? – foi o pai que a matou.

Colado a #DaisyMason

\* \* \*

Pedimos aos Mason que ficassem em Kidlington depois do apelo. Demos a desculpa dos trâmites legais e da papelada necessária, despachando-os para a Maureen Jones, a quem calhou a sorte de fazer de Agente de Ligação Familiar. Mas a verdadeira razão deveu-se ao facto de não os querermos arrastar para um interrogatório à frente de toda a gente. Sobretudo daquele fedelho metediço com a sua página do Facebook efervescente.

Levo o Quinn comigo e, de caminho, faço uma visita rápida ao Diretor – a seu pedido. Apesar de fazer uma grande cena para lhe dizer que estou sem tempo para nada, ele pede-me uma palavrinha em particular e manda-me fechar a porta, pelo que percebo imediatamente o que aí vem. Mas primeiro, as más notícias.

– Não vou pedir um mandado de busca forense à casa dos Mason. Pelo menos, para já. O Ministério Público vai querer mais do que provas circunstanciais e perguntas não respondidas antes de ir chatear um magistrado.

– Oh, por amor de Deus!

– Eu percebo as suas reservas, mas este caso está a tornar-se num enorme circo mediático e eu não quero lançar mais achas para a fogueira com fotos de tipos vestidos com macacões brancos a saírem daquela casa com ursinhos de peluche debaixo do braço. Tanto quanto fui informado, nem sequer temos a certeza do local onde a menina foi vista pela última vez. É muito possível que tenha sido levada no caminho da escola para casa.

– Mas a Sharon Mason garantiu que é sempre ela quem vai levar e buscar os filhos de carro. O que reduz as hipóteses de alguém ter levado a Daisy ao colo, tropeçando por campos enlameados.

– Compreendo, mas até que isso seja determinado como facto consumado, vou recusar o pedido de mandado. Quem sabe, talvez nem sequer seja necessário? Já se lembraram, por acaso, de simplesmente pedir a autorização dos pais?

– Não os vejo a concordar, senhor Diretor. Nem sequer nos deixaram manter um agente de ligação familiar em casa deles, o que já de si...

– ... não sustenta fundamentos minimamente razoáveis para os considerarmos suspeitos. Peça-lhes, de forma educada, se podemos fazer uma busca. E depois falamos. Certo?

– Certo – respondo, com um suspiro resignado.

Rodo para sair, mas ele gesticula para que me sente na cadeira em frente à dele. De seguida, recosta-se e entrelaça os dedos, compondo o rosto numa expressão à qual eu chamaria «Empatia Adequada».

– Tem a certeza de que está em condições de liderar este caso, Adam? Quer dizer, eu sei que é mais proativo e decidido do que a maioria dos seus colegas, mas isto não vai ser fácil, sobretudo tendo em conta o seu...

– Estou ótimo, senhor Diretor. A sério.

– Mas perder o seu filho daquela maneira... Enfim, naquelas circunstâncias. Isso afeta qualquer um. E é impossível que isto não o perturbe.

Abro a boca, mas volto a fechá-la. De repente, dou por mim profunda e violentamente zangado. Baixo o olhar para as minhas mãos e abstenho-me de dizer algo de que me possa vir a arrepender. Por exemplo, como raio é que ele se atreve a estar ali calmamente sentado a meter o dedo numa ferida que passei os últimos meses a tentar apaziguar? Fico com marcas nas palmas das mãos, tal a força com que lhes cravo as unhas. Marcas profundas e vermelhas. Fico com náuseas só de olhar para elas.

Quando ergo o rosto, reparo que ele continua a olhar para mim.

– E a Alex? – pergunta, ainda a sondar-me. – Como é que se tem aguentado?

– Bem. A Alex está bem. Por favor, tudo o que quero neste momento é seguir com este caso para a frente.

Ele franze a testa. Um movimento que acompanha uma expressão de «Genuína Preocupação».

Começo a perguntar-me se terá frequentado recentemente algum programa de formação.

– Eu sei isso – diz-me ele –, e ninguém está a sugerir por um segundo que seja que o seu trabalho não tem sido excepcional. Só que ainda só passaram, quê, seis meses? É muito pouco tempo depois do que aconteceu. E esta é a primeira vez que está a lidar com uma criança...

Levanto-me sem mais demoras.

– Agradeço a preocupação, mas não é necessária. Prefiro concentrar-me exclusivamente em encontrar a Daisy Mason. O tempo não está do nosso lado, com certeza saberá isto melhor do que ninguém, e já passaram quase 36 horas.

Ele hesita, mas assente:

– Bom, se tem a certeza... Mas é muito provável que surjam alguns abusos por parte da imprensa. Eles vão querer desenterrar o seu caso. Está preparado para isso?

Faço uma expressão que espero que ele interprete como «Desprezo Profundo».

– Em breve, vão descobrir algo mais interessante para fazer. E, seja como for, não há nada para saber.

– Não – reage ele rapidamente. – Claro que não.

O Quinn lança-me um olhar interrogativo assim que me vê.

– Cenas administrativas – digo, e ele é demasiado esperto para insistir. Prossigo através do corredor. – Como é que estamos relativamente à escola?

– A Everett e o Gislingham estão neste momento lá. Achei que o Chris iria agradecer algum apoio feminino nesse campo.

– E não há novidades das equipas de busca?

– Nada. Já ampliámos o perímetro, mas sem nenhuma info credível, é como procurar uma agulha num palheiro.

«Info», já agora, é outra expressão que mexe com os meus nervos.

Quando chegamos à Sala da Família, ficamos momentaneamente parados à porta.

– Separados ou juntos? – pergunta o Quinn.

– Separados. Mas quero assistir a ambos.

– Certo. Primeiro ele?

– Sim, ele primeiro – respondo, dando um toque na porta.

É a Maureen Jones quem a abre, dando um passo atrás para nos deixar entrar.

Tenho noção de que a polícia, nos dias que correm, se esforça cada vez mais, mas isto está longe da ideia que tenho de um ambiente reconfortante. Admito que é um passo em frente, relativamente à Sala de Entrevista Um de St. Aldate, mas com esta mobília barata encostada às paredes descoloradas, o cenário transmite a ideia deprimente de uma sala de espera de um consultório – o que apenas reforça a terrível sensação de que alguém só vem aqui para receber más notícias. O Barry

Mason está recostado no sofá, de olhos fechados e pernas afastadas. Está a transpirar. Tem a pele luzidia, como que coberta por uma fina camada de gordura. Mas hoje até está frio, para julho. A Sharon está sentada numa cadeira de costas direitas, com os pés juntos e completamente paralelos e a carteira no colo. É uma réplica de uma marca conhecida. Aquela castanha com o logotipo em creme. A cadeira é tão incómoda que seria expectável que ela se mostrasse desconfortável, mas está muito quieta e direita, imperturbável. Nem sequer ergue o olhar quando entramos. Já o Leo, sim. Um breve momento depois, levanta-se do chão onde estava sentado a brincar com um comboio e dirige-se lentamente para junto da mãe, com os olhos sempre fixos em mim.

Clareio a garganta antes de falar.

– Sra. Mason, Sr. Mason, obrigado pelo tempo que aguardaram. Dispomos de uma nova informação que agora posso partilhar convosco. Queríamos ter a certeza absoluta, antes de vos dizer fosse o que fosse.

Uma pausa. Uma pausa cruel e deliberada. Sei o que eles devem estar a pensar, mas preciso de ver como reagem.

A Sharon leva lentamente uma mão ao rosto e o Barry solta um arquejo, já com lágrimas a correrem pelo rosto.

– Não... A minha princesa não – chora. – A minha Daisy não...

O Leo crava os dedos na manga da mãe, os olhos muito abertos espelham puro terror.

– De que é que estão a falar, mãe? É sobre a Daisy?

– Agora não, Leo – reage ela, sem sequer olhar para o filho.

Não posso manter esta pausa por mais tempo. Isto, se tiver um pinga de decência. Eles esperam que eu me sente, mas não o faço.

– O que conseguimos apurar – começo lentamente – é que a Daisy não esteve presente na festa de terça-feira.

Reparo que o Barry engole em seco.

– Como assim, *não esteve presente*? Eu *vi-a*. Todos a vimos!

A Sharon volta-se para o marido e aperta-lhe o braço.

– Que é que ele está a dizer? O que quer dizer com ela *não esteve presente*?

Olho de relance para o Leo, que já baixou o olhar para os sapatos desgastados. Tem as faces coradas. Eu tinha razão – ele sempre soube.

– Falámos com os pais da Millie Connor e eles confirmaram que era *ela* quem vestia a fantasia de flor no dia da festa. Não a Daisy. Tanto quanto sabemos, a vossa filha nunca esteve presente.

– Claro que esteve! – grita a Sharon. – Já lhes disse que *a vi*! E não me venham dizer que não reconheço a minha própria filha. Nunca ouvi semelhante... semelhante *disparate*!

– Receio que não haja margem para dúvidas, Sra. Mason. E como decerto entenderão, isto altera completamente o rumo da investigação. Temos de regressar aos acontecimentos daquele dia e

determinar um último e definitivo avistamento da vossa filha: quando é que a Daisy foi vista pela última vez, onde e por quem. Teremos também de alargar o âmbito das entrevistas aos colegas de escola, aos professores e a qualquer outra pessoa com quem ela possa ter tido contacto nos dias imediatamente anteriores ao desaparecimento. E como parte integrante deste processo, também teremos de vos inquirir novamente, para apurar exatamente onde estiveram ao longo de todo o dia de terça-feira. Compreendem?

O Barry semicerra os olhos. É como se lhe tivessem acendido um interruptor. Ou talvez cair a ficha seja uma analogia melhor. Porque agora já não há lágrimas.

– Estamos detidos?

Olho-o com firmeza.

– Não, Sr. Mason, não estão detidos. Pretendemos apenas inquiri-los na qualidade do que vulgarmente chamamos de «testemunhas significativas». Temos nestas instalações uma sala especial para inquirições deste género, e devo informá-los de que as conversas serão gravadas em vídeo. É importante captar tudo o que nos possam dizer. Por isso, se não se importar de me acompanhar agora, Sr. Mason... Mais tarde falaremos com a Sra. Mason.

A Sharon recusa a olhar para mim. Muda de posição na cadeira e o queixo ergue-se numa expressão penetrante e desafiadora.

– Também gostaríamos de ter autorização para realizar uma busca forense à vossa casa.

O Barry Mason olha para mim, mostrando-se claramente hostil.

– Eu vejo televisão. Sei o que isso significa. Vocês pensam que fomos nós, mas não têm provas suficientes para conseguirem um mandado. *Não é verdade?*

Recuso-me a morder o isco.

– Uma busca deste tipo pode fornecer dados cruciais para...

Mas ele interrompe-me com um veemente abanar de cabeça.

– Nem pensar! Não vou deixar que vocês me lixem por algo que não fiz.

– Nós não *lixamos* ninguém, Sr. Mason.

Ele solta um risinho sarcástico.

– Pois, claro que não...

Ficamos a olhar um para o outro, num impasse.

– Também solicitei o apoio de um adulto responsável para acompanhar os procedimentos – acabo por dizer. – Deve chegar dentro dos próximos dez minutos.

– Ora, vá-se lixar! – lança-me o Barry. – Se precisar de alguém para me segurar na mão, chamo o raio da minha advogada.

– Não é para si – digo. – É para o seu filho. Também teremos de inquirir o Leo, e ele vai precisar de alguém que proteja os seus interesses. E receio que não possa ser nenhum dos dois.

Enquanto acompanho o Barry até ao exterior da sala e me preparo para fechar a porta, ouço um

gorgolejar. Quando rodo, deparo-me com o Leo a vomitar violentamente contra a parede. A Maureen pega numa caixa de lenços de papel, precipita-se para o rapaz e passa-lhe um braço pelos ombros, dizendo-lhe que está tudo bem. A última coisa que vejo antes de fechar a porta é a Sharon Mason a tirar uma toalhinha húmida da carteira e limpar uma mancha praticamente invisível do sapato.

\* \* \*

## **BBC Midlands Today**

Quinta-feira, 21 de julho de 2016 | Última atualização às 10h09

### **Daisy Mason: Polícia estende área de buscas até Port Meadow**

A Polícia de Oxford recorreu a um helicóptero para reforçar as buscas para encontrar a criança de oito anos, Daisy Mason, vista pela última vez na noite de terça-feira. A antiga área de Port Meadow estende-se por mais de 120 hectares e nunca foi cultivada. Tal como o Inspetor-Chefe Adam Fawley referiu à BBC: «É um gigantesco espaço aberto, com áreas densamente arborizadas a toda a volta.

O recurso a um helicóptero para auxiliar as nossas brigadas no terreno vai permitir-nos prosseguir com a investigação de modo mais célere e eficaz.» Fawley recusou-se a confirmar se o helicóptero está equipado com câmaras de infravermelhos, mas deixou bem claro que a polícia mantém esta investigação como um caso de pessoa desaparecida.

Aos proprietários dos terrenos de cultura hortícola contíguos a Port Meadow foi pedido que verifiquem todos os anexos, estábulos e barracões.

Se tiver alguma informação relacionada com a Daisy, por favor, contacte a Sala de Situação do DIC de Thames Valley, através do número 01865 0966552.

**Amy Carey** @JustAGirlWhoCant 10h41

Vivo a norte de Port Meadow – consigo ver o helicóptero à procura da Daisy Mason. Faço figas para que a encontrem rapidamente #EncontremADaisy

**Danny Chadwick** @ChadwickDanielPJ 10h43

Isto está cada vez mais estranho – estará a polícia a sugerir que uma miúda de oito anos atravessou a linha férrea em plena escuridão? #DaisyMason



**Amy Carey** @JustAGirlWhoCant 10h44

@ChadwickDanielPJ Também achei estranho – já nem se consegue chegar a Port Meadow daqui. Temos de dar a volta por Walton Well

**Samantha Weston** @MissusScatterbox 10h46

Não estou a ver um final feliz para isto D.E.P., meu anjo #DaisyMason

**Amy Carey** @JustAGirlWhoCant 10h47

Há literalmente centenas de pessoas lá fora a ajudar nas buscas #EncontremADaisy

**Scott Sullivan** @SnapHappyWarrior 10h52

#DaisyMason Tal como já disse – foram os pais. Aposto que o pai abusava dela – tem todo o ar disso

**Jenny T** @56565656Jennifer 10h53

@SnapHappyWarrior Que coisa horrível de se dizer. *Trolls* como tu metem-me nojo #EncontremADaisy

**Scott Sullivan** @SnapHappyWarrior 10h54

@56565656Jennifer Quantas vezes terá isto de acontecer até que idiotas como tu abram os olhos? #DaisyMason

**Jenny T** @56565656Jennifer 10h54

@SnapHappyWarrior Olha para a foto da Daisy tirada três dias antes de desaparecer. Não é a fotografia de uma criança abusada #Feliz

**Kathy Baines** @FulloftheWarmSouth 10h55

#DaisyMason Não percebo nada disto. Tudo o que sei é que é muito triste. Tão tão triste

**Jimmie Chews** @RedsUnderTheShed 10h56

Ouvi dizer que há 80% de hipóteses de encontrarem a criança morta se passarem mais de 24 horas. Esta cena #DaisyMason iria sempre acabar em Tragédia

**J the Kid** @Johnnycomelately 10h56

É um triste reflexo do nosso atual mundo mediatizado em que de toda a gente suspeita sempre dos

pais. Como se já não fosse suficientemente mau termos um filho desaparecido

**Kathy Baines** @FulloftheWarmSouth 10h59

@Johnnycomelately Concorde – gostava que as pessoas não fossem tão sensacionalistas em relação a tudo. Já é demasiado horrível #DaisyMason

**JJ** @JampotJamboree88 10h59

Não acredito em nada disto. Nada bate certo.

Suspeito #DaisyMason

**Kevin Brown** @OxfordBornandBred 11h00

#EncontremADaisy #DaisyMason #Oxford

#DaisyOndeEstás #Desaparecida

**Eddie Thorncliffe** @EagleflyoverDover 11h01

Acabei de ver o apelo na televisão #DaisyMason – NÃO É POSSÍVEL aqueles pais serem inocentes.

Linguagem corporal sinistra

**Lilian Chamberlain** @LilianChamberlain 11h02

O Twitter por vezes pode ser muito cruel.

Deixem os pobres pais em paz. Já passaram por muito. Calem-se e deixem a polícia fazer o seu trabalho #EncontremADaisy

**Scott Sullivan** @SnapHappyWarrior 11h03

@LilianChamberlain Não acredito que alguém possa ser tão ingénuo. Espera, vais ver que tenho razão #DaisyMason

\* \* \*

A Sala de Entrevista é um pouco mais confortável do que a Sala da Família, mas só ligeiramente. A principal diferença reside num par de fotografias emolduradas de *golden retrievers*. Pergunto-me – não pela primeira vez – se não será algum tipo de mensagem subliminar. O Barry Mason entra com a sua passada típica de macho alfa – ombros para trás, ancas afastadas. A Alex chama a este tipo de homens *gabarolas*. Ergue o olhar para a câmara de vídeo na parede, certificando-se de que o vejo fazer isso, de seguida puxa uma das cadeiras de braços de imitação de pele, afastando-a o mais

possível da mesa, e senta-se, cruzando as pernas.

– O que quero saber – diz ele, sem esperar que eu e o Quinn nos sentemos –, é por que raio estão a perder tempo comigo quando deviam estar lá fora à procura da minha filha.

Decido sentar-me e o Quinn faz o mesmo.

– Nós andamos «lá fora», Sr. Mason, como o senhor disse. Temos cerca de 100 operacionais à procura da Daisy. Não poupamos esforços para...

– Se assim é, porque é que ainda não a encontraram? – interrompe-me ele. – Não é possível que ninguém tenha visto *nada*, muito menos num empreendimento tão pequeno e onde todos gostam de meter o nariz na vida dos outros. De certeza que não interrogaram as pessoas certas. Nem andam à procura nos sítios certos!

Por mais que deteste o homem, parte de mim tende a concordar com ele. Nunca estive perante um caso de sequestro como este. Nenhum avistamento, nenhuma pista, nada. É como se alguém tivesse agitado uma varinha mágica e a Daisy tivesse subitamente desaparecido. O que, como é óbvio, é um perfeito disparate. Mas num caso como este, os disparates e os rumores dilatam-se para preencher qualquer vazio e, neste momento, não dispomos de um único facto concreto para os substituir.

– Tal como lhe disse, Sr. Mason, temos uma vasta equipa envolvida neste caso. Maior do que em qualquer outro caso de que me consigo recordar nos dez anos em que trabalho aqui. Mas enquanto não soubermos precisamente *quando* é que a Daisy desapareceu, arriscamo-nos a procurar, tal como o senhor referiu, nos sítios errados. E só vocês nos podem ajudar nisso. O senhor e a sua mulher.

Toquei num ponto sensível e ele sabe. Olha-me por um momento, mas depois encolhe os ombros e desvia o olhar.

Pego no meu bloco de notas.

– Muito bem, há pouco disse que não fazia ideia de que a menina na festa não era a sua filha. Devo dizer-lhe que acho isso muito difícil de acreditar.

– Acredite na porcaria que quiser. É verdade.

– Não falou com ela nessa noite? Não pegou nela ao colo? Uma das vizinhas disse que o senhor costumava andar com ela às cavalitas.

Ele olha-me como se eu fosse estúpido.

– Há meses que não faço isso. Ela diz que a faz parecer um bebé em frente às amigas. Além disso, já está demasiado pesada para eu andar com ela aos ombros, sobretudo depois de ter dado cabo das costas, em fevereiro. Nunca fiquei bom desde então.

O que transforma três respostas complexas numa simples questão. Os mentirosos são sempre exagerados, pelo menos da experiência que tenho.

– E não falou com ela durante a festa? Nunca a chamou? Ao longo de toda a noite?

– Eu estava encarregado do churrasco. Já alguma vez experimentou? Basta tirarmos os olhos por um minuto que, ou apaga, ou queima tudo. Lembro-me de a ver correr por ali, mas agora que penso

nisso, acho que nunca falei com ela. Pelo menos, de perto. Chamei-a para lhe perguntar se queria salsichas, mas ela limitou-se a rir e correu para longe.

E mesmo assim não percebeste que não era o riso da tua filha. Ainda hoje consigo ouvi-lo, e só o ouvi uma vez, num telemóvel barato.

– O que é que bebeu nessa noite?

Ele reage. Sabe que esta questão não surgiu de uma sequência lógica.

– Bebi uns copos. Mas, por amor de Deus, estava responsável pelo churrasco, não ia conduzir.

Rabisco umas notas. Apenas para fazer uma pausa.

– Muito bem. Então, quando é que se lembra de ter visto a Daisy antes disso?

– Deviam ser umas 17h30. Foi quando cheguei a casa. Era suposto tirar a tarde de folga, mas tive de ir acudir a uma urgência numa das obras, a de Watlington. Uma rutura nos tubos. Meia tonelada de azulejos inundada. E no regresso a casa apanhei um trânsito infernal.

Três respostas. Outra vez.

– Mas a Daisy estava em casa quando chegou, não tem dúvidas?

– Sim. Tinha a música ligada lá em cima. Aquela cena da Taylor Swift que ela passa a vida a ouvir.

Isto, pelo menos, é verdade. Era a música que tocava no vídeo da Daisy a dançar. Olho de relance para o Quinn, que se chega ligeiramente à frente na cadeira.

– O senhor subiu? – pergunta-lhe.

– Ao quarto dela? Não, a Sharon estava constantemente a chatear-me para ir preparar o churrasco. Deu-me uma bronca por ter chegado tarde. Gritei um olá à Daisy e fui para o jardim. Nem sequer tive tempo para trocar de roupa.

Parece que não faz a menor ideia das implicações que esta resposta pode ter.

– Então – intervenho –, não chegou mesmo a ver a sua filha ou a ouvir a voz dela?

Ele cora.

– Bom, não... Creio que não. Acho que ela me respondeu, mas não tenho a certeza.

– O que significa que a última vez que efetivamente a viu terá sido nessa manhã, ao pequeno-almoço? Nenhum contacto depois disso?

É óbvio que não. Agora, finalmente, parece perturbado.

– Nada disto faz sentido – diz, por fim. – Onde é que ela está?

– Isso, Sr. Mason, é precisamente o que estamos a tentar descobrir.

Novamente no corredor, peço ao Quinn que confirme a história de Watlington.

– Não deve ser difícil verificar se ele esteve mesmo onde disse que esteve. Sei que sou preconceituoso relativamente à lábia dos patos-bravos, mas não acredito numa palavra do que este tipo diz.

O Quinn esboça uma careta, e não o censuro por isso; provavelmente, já se fartou das minhas histórias sobre empreiteiros. E a torneira na porra daquele anexo continua a pingar.

– Certo, chefe. Trago a Sra. Mason?

– Ela pode esperar mais uns minutinhos. Vou fumar um cigarro.

\* \* \*

*5 de julho de 2016, 16h36*

*Duas semanas antes do desaparecimento*

*Casa dos Connor, Barge Close, 54, patamar do primeiro andar*

Millie Connor e Daisy Mason brincam com os peluches de Millie. Daisy tem o ar de quem já sabe a verdade sobre o Pai Natal, mas não conta nada para não estragar a magia aos mais pequenos. Millie, pelo contrário, está profundamente embrenhada numa história inventada que envolve a Angelina Bailerina, a Porquinha Pepa e um ursinho zarolho. De vez em quando, Daisy faz uma sugestão e, de seguida, recosta-se para trás, ficando a ver o que Millie faz. Sorri para si mesma sempre que isto acontece, quer as ideias sejam ou não incorporadas na história. Como se isso não tivesse a menor importância. Um momento depois, ouve-se o som de uma chave na porta e, após duas tentativas, Julia Connor empurra a porta de casa e larga três enormes sacos de supermercado no chão. Tem o rosto vermelho e o cabelo húmido. Está vestida com roupa de ginásio.

– Millie! – chama. – Estás em casa? Queres um sumo?

Millie põe a cabeça entre as traves do corrimão.

– Não, obrigada. Estou cá em cima a brincar sozinha.

– O teu irmão ainda não chegou?

Millie encolhe os ombros.

– Ele disse que ia jogar futebol depois da escola.

Julia Connor sorri.

– Ah, sim, já me lembro. Naquela equipa de High Wycombe, não é? Esperemos que ganhe, caso contrário, fica com pior feitio do que o habitual. Ainda por cima a ter de jogar à chuva...

Volta a pegar nos sacos e leva-os para a cozinha, onde liga o rádio e começa a arrumar as compras.

Cerca de meia hora mais tarde, tocam à campainha. As duas meninas reagem e trocam um olhar. Daisy chega-se para trás, para não ser vista, e Millie chega-se à frente, acorrendo-se para conseguir ver o fundo das escadas. Vê uma silhueta do lado exterior do vidro fosco da porta. Julia Connor sai da cozinha, limpando as mãos a um pano.

– Olha quem ela é – diz, ao abrir a porta. – Há anos que não nos...

– Peço imensa desculpa por estar a incomodar, Sra. Connor...

– Oh, *Julia*, por favor. Faz-me parecer a minha sogra.

– Isto é tão embaraçoso, mas... por acaso sabe da Daisy? Era suposto chegar a casa às 16h00 em ponto, mas ainda não voltou. Não tarda, está escuro e o pai vai ficar tão preocupado...

Julia é a imagem viva da preocupação.

– Oh, que horror, minha querida. Mas de certeza que está tudo bem. Provavelmente passou por casa de alguma colega e perdeu a noção do tempo. Já tentou ligar às amigas?

Sharon Mason agita as mãos, parecendo desesperada.

– Hoje em dia, já nem sequer sei quem são as amigas dela, quanto mais ter os números de telefone. Nem me lembro da última vez que ela levou alguém lá a casa. Só me lembrei de si.

Julia estende o braço e toca-lhe na mão.

– Deixe-me perguntar à Millie. Talvez ela saiba.

A menina reage ao ouvir o seu nome, mas Daisy agarra-a imediatamente pelo braço e leva um dedo aos lábios. Depois, abana lentamente a cabeça, sem nunca deixar de a olhar de forma intensa.

– Ainda estás aí em cima, Millie? – chama a mãe. – Viste a Daisy hoje, depois da escola?

Millie levanta-se e dirige-se ao cimo das escadas, onde as duas mulheres conseguem vê-la.

– Não, Mamã, não sei onde ela está.

Julia volta-se para Sharon, mostrando uma expressão pesarosa.

– Lamento, nem sei muito bem o que sugerir. Porque não me dá o seu número e eu ligo-lhe, se souber de alguma coisa? E que pena isto ter-lhe estragado os planos para esta noite...

Sharon franze o sobrolho.

– Que planos?

Julia cora.

– Bom, essa carteira, os sapatos... Pensei que ia sair esta noite. Desculpe, nem sei porque disse isto.

– É óbvio que não vou sair. A minha filha *desapareceu*.

Julia abre a boca para responder, mas fica sem saber o que dizer. Assenta prontamente o número de Sharon, antes de ficar a vê-la percorrer cuidadosamente o caminho instável de gravilha e começar a descer a rua. Depois, fecha a porta e volta para a cozinha. Lá em cima, no patamar, Millie volta-se para Daisy:

– Estás metida num grande sarilho.

– Não, está tudo bem. Eu desço já, quando a tua mãe não estiver a ver, e vou para casa. – Dirige-lhe um sorriso aberto. – Não te preocupes, ela nem sequer vai reparar.

Amy Cathcart está sentada ao balcão da *Hill of Beans*, uma cafetaria no centro de Newbury, a olhar para a televisão na parede, à espera que a amiga chegue. Tem 27 anos, loura, baixa e magra, ótimo sentido de humor, adora crianças e animais e gosta de fazer longas caminhadas pelo campo. Pelo menos, é o que diz o seu perfil. Na realidade, é de estatura média, acha que caminhar é uma seca e o seu sentido de humor está claramente a esgotar-se. Neste preciso minuto, a culpada é Marcia, que está um quarto de hora atrasada – mas o seu emprego, o mundo e ela própria são igualmente desgastantes. Igualmente decepcionantes. Ainda esta manhã foi convidada para mais um casamento, noutro hotel chique. Tem o armário a abarrotar de vestidos que não pode usar uma segunda vez com as mesmas pessoas e já está a ficar saturada de ser sempre aquela que fica na fila de trás na foto de grupo, cujo nome ninguém se consegue lembrar no ano seguinte.

Marcia empurra a porta sem tirar os olhos do telemóvel. Mete uma madeixa do cabelo ruivo alourado perfeito para trás da orelha, enquanto olha fixamente para o ecrã. De seguida, toca-lhe duas ou três vezes, até que finalmente olha para cima.

– Amy! Desculpa o atraso. Passei a manhã inteira ao telemóvel. Malditos *copywriters*, nunca fazem aquilo que lhes pedimos. Andam demasiado ocupados a achar que vão ser o próximo Dan Brown para se focarem na porcaria dos *briefings*!

Cumprimentam-se com um beijo, e Marcia sobe para o banco alto do balcão.

– O que bebes?

– Um *Americano*. Mas hoje sou eu que ofereço.

Marcia enxota-a com um gesto de mão.

– É o mínimo que posso fazer. Então, conta lá, como estão a correr coisas? Conheceste alguém interessante?

Já lá vão seis meses desde que Amy se inscreveu num *site* de encontros e tem sido – para utilizar um termo caridoso – um misto de emoções. Já deu por ela a pensar que chegou a uma idade difícil – parece haver uma linha ténue entre as divorciadas-demasiado-desesperadas e as que nunca-foram-casadas-e-percebe-se-porquê. No último Natal, a mãe ofereceu-lhe um imã de frigorífico no qual se lia: «Os homens são como uma caixa de bombons – ao fim de muito tempo, só ficam aqueles de que não gostamos.» O que é exatamente o tipo de coisa insultuosa e irritantemente precisa que ela já esperava que a mãe inventasse. Mas, desta vez, as coisas poderiam ser diferentes.

– Bom – começa ela –, há um tipo com quem tenho trocado *e-mails*. Ainda não nos conhecemos, mas parece-me mais promissor do que a maioria. Não que isto seja muito significativo, mas...

– Nome, idade, rendimentos, bagagem? – É esta a cartilha padrão da Marcia.

– Chama-se Aidan. Tem 39 anos e trabalha na City. Divorciado, mas sem filhos, graças a Deus.

Os cafés chegam, e Marcia mexe o fundo do seu *cappuccino* e lambe a colher.

– E então, quando é que te encontras com ele?

– Talvez no próximo fim de semana. Ele está a trabalhar numa aquisição importante, por isso não

tem muito tempo. Mas envia-me milhões de mensagens. Muitas vezes, quanto está a meio de reuniões. A dizer que está a levar uma seca e a contar como os colegas banqueiros gostam jogar ao «o meu pai é mais importante do que o teu». Mesmo assim, não tenho grandes esperanças. Pelo menos, até o conhecer. Tu lembras-te do *Sr. Licky*?

Marcia arregala os olhos.

– Oh, meu Deus! Antes a morte que tal sorte. Mas vá, mostra-me lá essas mensagens.

Amy começa por dizer que não, que ainda é demasiado cedo, que são mensagens privadas, mas Marcia não quer saber.

– Vá lá, não me vais dizer que fizeram *sexting*, pois não?

– Não, claro que não!

– Então? Qual é o mal? Dá-me... Vá lá, dá cá isso.

Amy estende-lhe o telemóvel e recosta-se no banco, enquanto observa a amiga a procurar as mensagens. Fingiu que se importava, mas a verdade é que lhe agrada bastante ter alguma vantagem sobre Marcia, para variar. A amiga nunca teve problemas em arranjar namorados, e tem um invejável recorde de casos em que é ela que os deixa. Algum dia havia de ser a vez da Amy. Mesmo sendo o Sr. Certo uma expectativa demasiado alta, pelo menos gostaria de um relacionamento que não acabasse antes sequer de começar.

Mas é exatamente isso que acontece. Aqui mesmo, precisamente às 10h26, quando ela leva o copo aos lábios e os olhos ao ecrã de televisão.

\* \* \*

*Entrevista com Sharon Mason*

*21 de julho de 2016, às 11h49*

*Conduzida pelo Inspetor-Chefe A. Fawley, Inspetor-Coordenador interino G. Quinn*

AF: As nossas desculpas por tê-la feito esperar, Sra. Mason. Deseja um chá?

SM: Não, obrigada. Tomei um há pouco. Estava horrível. Juntaram-lhe leite evaporado.

AF: Bom, tal como lhe explicámos, estamos a tentar determinar exatamente quando é que a Daisy foi vista pela última vez e onde. A senhora disse-nos não se apercebeu de que a fantasia de margarida tinha sido usada pela Millie Connor nessa noite.

SM: Sim, estive sempre muito ocupada. A tratar da comida, das



bebidas. As pessoas pedem sempre coisas que não temos. E estava escuro - havia muitas crianças a correr pelo jardim e pela casa. Presumi que era ela. O senhor teria pensado o mesmo.

AF: Por acaso, Sra. Mason, não estou certo disso. Mas não estamos aqui para falar de mim. Sabe o que poderá ter acontecido à fantasia de sereia que a Daisy trocou com a Millie? Viu-a lá em casa?

SM: Não, nunca vi esse fato. No quarto dela não está, de certeza.

AF: E a Daisy vestiu a farda da escola nesse dia? Já verificou se essa está lá em casa?

(pausa)

SM: Não. Ainda não fui ver.

AF: Era bom que o fizesse, Sra. Mason. Já que não autorizou a realização de uma busca apropriada a sua casa.

(pausa)

GQ: A que horas foi buscar as crianças à escola nessa tarde, Sra. Mason?

(pausa)

SM: Na verdade... não fui.

AF: Perdão? Está a dizer que, afinal, não chegou a ir buscá-las? Mas a senhora afirmou especificamente que as tinha ido buscar e...

SM: Não, não afirmei. O que eu disse foi que geralmente os levava para a escola de carro. E da escola para casa. Nunca disse que o tinha feito na terça-feira.

AF: Tem noção da gravidade disto, do tempo que já perdemos? Se nos tivesse dito que a Daisy foi sozinha para casa...

SM: Ela não foi sozinha. O Leo estava com ela. Nessa manhã, disse aos dois que teriam de ir a pé para casa, por uma vez.

AF: E porque não nos contou isto antes?

(pausa)

SM: Porque sabia que iam ficar com a ideia errada. Que me iam culpar. E a culpa não é minha. Não consigo estar em dois sítios ao mesmo tempo, pois não? Fazem ideia do trabalho que dá organizar uma festa deste tipo? E o Barry devia ajudar-me. Ele disse que ia tirar a tarde de folga, mas depois ligou a dizer que estava atrasado. Como habitualmente.

GQ: A que horas foi isso? A chamada dele?

*(pausa)*

SM: Não tenho a certeza, talvez por volta das 16h00.

GQ: Podemos confirmar facilmente através dos registos da operadora.

AF: E nessa manhã disse ao Leo que ele tinha de acompanhar a irmã no caminho da escola para casa?

SM: Sim, disse aos dois, ao pequeno-almoço. E disse à Daisy para ir procurar o irmão, e não vir logo a correr para casa sozinha.

GQ: Ela tinha por hábito fazer isso?

SM: Não da maneira que está a insinuar. Ela sempre foi muito sensível. Muito interessada, muito atenta às coisas. A animais e isso... Insetos. Por vezes, distrai-se, é só isso.

AF: Soube que ela quer ser veterinária quando crescer. São muitos anos de estudo árduo...

SM: A Daisy sabe como é importante trabalhar muito na escola e conseguir um bom emprego. É extremamente inteligente. Teve 97% no teste de Matemática, no período passado. A melhor nota a seguir à dela foi de apenas 72%.

AF: Sim, mas voltemos à tarde da última terça-feira. A que horas é que as crianças chegaram a casa, depois da escola?

SM: A Daisy chegou por volta das 16h15. Ouvi a porta da rua a bater e ela subiu para o quarto.

AF: Viu-a?

SM: Não. Como disse, estava ocupada. Mas ouvi a música extremamente alta, por isso calculei que tivesse havido discussão no caminho para casa.

AF: Os miúdos discutem muito?

SM: Por vezes. Não mais do que os filhos dos outros, atrevo-me a dizer.

*(pausa)*

Talvez um pouco mais, ultimamente.

AF: E porquê?

SM: Com os miúdos, nunca se sabe. Damos em doidos a tentar perceber porque fazem isto ou aquilo.

AF: E algum deles tem andado mais nervoso do que o outro?

SM: Sim, o Leo. Decididamente, o Leo. Os rapazes adolescentes são muito temperamentais.

GQ: Ele tem dez anos.

*(pausa)*

AF: O Barry acha que ele pode estar preocupado com os testes de aptidão escolar.

AF: Mas esses testes só acontecem daqui a um ano. Ele ainda está no 5.º ano, certo?

SM: Ele não é tão inteligente quanto a Daisy.

*(pausa)*

AF: Compreendo. Voltemos então a terça-feira à tarde. A Daisy chegou às 16h15. E quando é que a viu depois disso?

SM: Chamei-a para lhe perguntar se queria alguma coisa, mas ela não respondeu. Presumi que estava amuada.

AF: Isso significa que não chegou realmente a vê-la. Nem no momento em que a chamou nem antes, quando ela chegou a casa?

*(pausa)*

SM: Não.

GQ: Que horas eram quando chamou por ela?

SM: Não me recordo.

AF: E quando é que ela desceu para a festa?

SM: As pessoas já tinham começado a chegar, nessa altura. Estava tudo um pouco caótico. Lembro-me de a ver a correr com as amigas. Tal como já vos disse.

*(pausa)*

AF: Muito bem. E quanto ao Leo? Estava com a Daisy quando ela chegou da escola?

SM: Não. Só o vi depois.

AF: Quanto tempo depois?

SM: Não sei. Um quarto de hora, talvez.

AF: Então, por volta das 16h30. E o que é que aconteceu, Sra. Mason? Porque não foram juntos para casa?

*(pausa)*

Sra. Mason?

SM: Ele disse que tiveram uma discussão e que a Daisy desapareceu a correr.

GQ: E essa discussão foi sobre o quê, sabe?

SM: Como já disse, nada de importante ou algo de muito importante. Não consegui arrancar-lhe uma palavra.

AF: Então, a senhora não subiu ao quarto da Daisy para conversarem sobre o assunto?

SM: Não, claro que não. Já lhes disse, ela estava bem, não precisava que eu lá fosse meter o nariz. Estava sempre a dizer que odiava que eu fizesse isso. Seja como for, não vejo que diferença é que isso faz.

(pausa)

O que foi? Porque é que estão a olhar para mim com essa cara? A culpa não é minha. O que quer que... *tenha acontecido*, terá sido depois disso, não é? Alguém a deve ter levado da festa.

AF: Já concluímos que a Daisy *nunca* esteve na festa, Sra. Mason.

(pausa)

Os primeiros convidados chegaram por volta das 19h00, certo?

SM: Sim, por volta dessa hora. Se bem que o convite fosse para mais cedo. As pessoas podem ser tão desagradáveis...

AF: Assim sendo, a sua teoria é de que algures entre as 16h15, quando a Daisy chegou a casa, e as 19h00, quando chegaram os primeiros convidados, a sua filha desapareceu de debaixo do seu nariz e do seu próprio quarto?

SM: Não se atreva a falar comigo nesse tom! O que quer dizer com «a minha teoria»? Não é a *minha teoria*, é *aquilo que aconteceu*. A Daisy estava no quarto dela. A música estava ligada, e continuava ligada quando voltei. Pergunte ao Barry, ele também ouviu, quando finalmente se dignou a aparecer e...

AF: Desculpe, o que quer dizer com «quando eu voltei»?

(pausa)

SM: Bom, se tem mesmo de saber, ausentei-me por 20 minutos. Tive de ir comprar maionese. Tinha comprado um frasco na véspera, mas quando me preparava para fazer as sanduíches apercebi-me de que alguém o tinha partido. E como ninguém se dignou a informar-me, tive de voltar a sair.

AF: Mas... por que diabo não nos contou isso antes, Sra. Mason?

SM: O Barry não gosta que os filhos fiquem sozinhos em casa.

AF: Então, a senhora não quis que ele soubesse que foi precisamente isso que fez.

(*silêncio*)

Há mais alguma coisa que não nos tenha contado, Sra. Mason?

(*silêncio*)

Bom, e a que horas é que a senhora saiu para fazer essa compra?

SM: Não reparei nas horas.

AF: Mas foi antes de o seu marido chegar a casa.

SM: Ele chegou cerca de 15 minutos depois de eu sair.

AF: E a porta de casa ficou trancada?

SM: Claro que *a porta ficou trancada*.

AF: E o portão lateral?

(*pausa*)

SM: Não tenho a certeza.

GQ: Disse-nos que esteve aberto durante a festa. E, presumivelmente, também terá estado aberto na noite anterior, quando o Sr. Webster foi lá deixar a tenda. Fechou-o quando ele saiu, na segunda-feira?

SM: Não me recordo.

AF: E quanto ao seu marido? Ele ajudou o Sr. Webster a montar a tenda?

SM: Não, ele não estava. Chegou tarde a casa. Mais uma vez.

GQ: E a porta do pátio? Estava aberta quando a senhora saiu para ir comprar a maionese?

(*pausa*)

SM: Creio que sim. Saí por pouco tempo.

AF: Então, deixou o pátio aberto e o portão lateral possivelmente destrancado. Com duas crianças sozinhas em casa.

SM: Não me podem responsabilizar. A culpa não é minha.

AF: Então, é de quem, Sra. Mason?

(*pausa*)

Essa maionese. Onde a comprou?

SM: Não consegui encontrar. Tentei naquela mercearia na Glasshouse Street, mas não havia, depois fui ao Marks, na rotunda, mas também não tinham.

GQ: Deve ter levado mais de 20 minutos nessas voltas. Estacionar,

entrar, conduzir, estacionar novamente. Eu diria que uma meia hora, no mínimo, talvez mesmo 40 minutos, especialmente a essa hora.

AF: Tempo mais do que suficiente para alguém entrar lá em casa e levar a sua filha.

SM: Já lhes disse que a música continuava ligada no quarto dela quando regressei.

AF: Mas não faz a menor ideia se ela lá estava a ouvir. Pois não, Sra. Mason?

\* \* \*

Quando Everett e Gislingham chegam à Bishop Christopher, a campainha tinha acabado de soar para o intervalo do almoço, e deparam-se com cerca de 200 crianças a sair pelas portas.

– Onde é que eles arranjam o raio desta energia toda? – grita Gislingham, pelo meio da confusão.

– Carboidratos – ri-se Everett. – Sabes, aquelas coisas que a Janet já não te deixa comer?

– Nem me lembres! – reage ele, revirando os olhos. – Um homem não consegue viver apenas de queijo magro, Ev. Pelo menos, não este homem.

Para um momento e fica a olhar em redor, para o corupio de crianças barulhentas.

– Não parecem nada transtornados por causa do que aconteceu à colega, pois não? Se ela fosse da Secundária, talvez reagissem de forma diferente. Esses têm orientadores, psicólogos educacionais, isso tudo. Mas suponho que estes miúdos são demasiado novos para entenderem.

Everett segue-lhe o olhar.

– A maioria, sim. Mas aquelas miúdas ali... Elas sabem que se passa algo. Aposto que são da sala dela.

Estão três meninas sentadas no mesmo banco, com as cabeças juntas. Duas têm tranças compridas e a outra parece chinesa. Enquanto os agentes as observam, uma das meninas começa a chorar, e Everett vê a professora dirigir-se a elas e sentar-se ao lado da menina em lágrimas.

No interior da escola reina o silêncio. Gislingham detém-se por alguns segundos e respira fundo.

– Como é que todas as escolas têm o mesmo cheiro?

– Um cheirinho a meias suadas, traques e batatas fritas de pacote, disfarçado com detergente para o chão e lixívia. Oh, sim, é inconfundível.

Everett olha em volta e vê um mapa da escola na parede oposta.

– Ora bem, para que lado fica o gabinete da diretora?

Gislingham faz uma careta.

– Eh, pá, disso lembro-me eu. Passei lá mais tempo do que nas aulas ... Conheço o caminho de

olhos fechados.

– Não cesso de me espantar como é que acabaste na polícia, Gislingham – diz-lhe Everett, seguindo-o pelo corredor.

Ele encolhe os ombros.

– Acho que decidiram que a solução era manterem-me junto às grades, mas do lado de fora.

O gabinete da diretora fica nas traseiras do edifício, com vista para um pequeno quadrado de relva ressequida, uma vedação de rede de galinheiro coberta de madressilva e uma fila de choupos altos e esguios.

Alison Stevens levanta-se para os receber. É uma mulher negra elegante, habilmente vestida num conjunto pensado para transmitir um misto de autoridade e acessibilidade: saia azul-marinho logo abaixo do joelho, um cardigã suave azul-bebé e brincos redondos, pequenos e discretos.

– Inspetora Everett, Inspetor Gislingham, por favor, sentem-se. Esta é a professora da Daisy.

A jovem estende-lhes a mão para os cumprimentar. Não terá mais de 25 anos, cabelo ruivo a cair-lhe sobre os ombros em cachos apertados, um vestido de verão de padrão floral a cobrir umas pernas sem meias. Everett repara que o colega endireita ligeiramente os ombros. Homens, pensa ela, são mesmo todos iguais.

– Kate Madigan – apresenta-se a bonita professora, num suave sotaque irlandês, mostrando uma expressão preocupada. – Nem sequer consigo imaginar aquilo por que os Mason estão a passar. Deve ser o pior pesadelo de qualquer pai ou mãe.

Alison Stevens aclara a garganta.

– Pedi ao zelador para fazer o *download* das imagens de videovigilância do portão. Tenho-as aqui.

Tecla qualquer coisa e de seguida vira o portátil na direção dos inspetores. O ecrã exhibe a hora: 15h38. Daisy está junto ao portão, a falar com a menina chinesa que há pouco estava no pátio, e há outra rapariga de pé, a poucos metros das duas. Daisy tem a mochila da escola na mão.

Gislingham olha de relance para Everett.

– Raios... Alguém se lembrou de verificar se a mochila está lá em casa? – sussurra-lhe.

– Não me parece. E, pelo que soube, os Mason não nos vão deixar ir lá procurá-la.

– Quem são as outras meninas? – pergunta Everett, olhando para Kate Madigan.

– A loura é a Portia Dawson. Os pais são consultores no hospital universitário. A outra chama-se Nanxi Chen. É americana. O pai é professor. De Política, creio. Mudaram-se para cá no Natal passado.

– A Daisy só tem amigas de elevado estatuto social – comenta Gislingham.

Alison Stevens olha para ele com expressão cautelosa, não percebendo se aquele comentário foi uma crítica ou uma mera conclusão.

– É perfeitamente normal, Inspetor. Muitas das nossas crianças têm pais com graus académicos.

Um deles até ganhou um Prémio Nobel.

– Penso que acabámos de ver a Nanxi lá fora – diz Everett. – Seria possível falarmos com ela, antes de irmos embora?

– Vou ter de ligar à mãe a pedir autorização.

– E a Portia Dawson?

– Não vem à escola desde quarta-feira, por decisão dos pais. Aparentemente, está bastante transtornada. Como já estamos no fim do período, não vai perder grande coisa, por isso não me opus. Vou ligar-lhes e peço que vos recebam.

No ecrã, vê-se Daisy a conversar com Nanxi – até a mãe da amiga chegar para a levar para casa, precisamente às 15h49. Às 15h52, aparece Leo. Vem de cabeça baixa e mãos nos bolsos. Não fala com Daisy, pelo menos que se veja. Ela fica a vê-lo a ir-se embora, espera até ele já ir a meio da rua e só nesse momento põe a mochila ao ombro e segue-o, saindo do campo de visão. É a última vez que é vista. E esta é a única câmara que existe entre a escola e o empreendimento de Canal Manor.

– Sra. Stevens – diz a Inspectora Everett –, há mais alguma coisa que nos possa contar acerca da Daisy? Como é que tem andado recentemente, se houve algo que a possa ter perturbado, pelo menos, que tenham conhecimento?

– Creio que a Kate é a pessoa mais indicada para responder a essas perguntas.

Gislingham volta-se para a professora.

– Qualquer coisa que nos possa dizer, seja o que for, seria extremamente útil, professora Madigan.

Everett rosna para dentro. Meu Deus, o tipo até reparou que ela não usa aliança.

Kate parece perturbada.

– Não imaginam como todos nós estamos devastados. Tive crianças em prantos durante toda a manhã. A Daisy é tão boa menina. Inteligente, bem-comportada. Muito popular. É uma alegria tê-la como aluna.

– Mas?

– Como assim, *mas*?

– Desculpe, pensei que ia ouvir um «mas», só isso.

Kate Madigan olha para a diretora, que reage com um aceno de cabeça.

– Bom – continua a professora –, tenho reparado que as notas dela baixaram ligeiramente nos tempos mais recentes. Nada de dramático, continua entre as três primeiras da sala. Mas tem andado mais calada do que o habitual. Um tanto preocupada, diria.

– Falou com ela acerca disso?

– Tentei, sim. De passagem, para não a enervar. Mas ela disse que estava tudo bem.

– E convenceu-a?

Kate parece nervosa.



– Bom, a verdade é que fiquei a pensar nisso. Por uma ou duas coisas que ela me disse, suspeito que não andava muito feliz em casa. Nada de grave – acrescenta rapidamente. – Nada que me tenha sugerido que ela pudesse estar em risco, obviamente. – Fica corada. – Sempre falei muito com ela sobre livros, por exemplo. Não me parece que os Mason se interessem muito por esse tipo de coisas. Mas sei que ela estava ansiosa pela festa.

– Da última vez que eu falei com ela pareceu-me muito bem-disposta – intervém a diretora. – Disse-me que estava muito entusiasmada com tudo o que ia fazer nas férias.

– Quem me dera poder ajudá-los mais – diz Kate –, mas, para ser franca, só tenho esta sala há poucos meses. Não conheço as crianças assim tão bem.

– A Kate veio substituir o professor Kieran Jennings, que na Páscoa partiu uma perna a fazer esqui – informa a diretora. – Adorámos tê-la cá e temos muita pena que se vá embora.

– Vai-se embora? – quer saber Gislingham.

Kate Madigan sorri.

– Estou de regresso à Irlanda. Arranjei um emprego em Galway. Mais próximo da minha família.

– Mas então – diz Everett, de forma algo abrupta –, ficou preocupada com a Daisy?

A jovem professora olha novamente para a diretora.

– Não, não usaria uma palavra tão forte. Reparei numa leve mudança, nada mais. Uma mudança *muito ligeira*. Falei à Alison sobre isso, que me disse que ia informar o professor Kieran quando ele voltasse, para que ficasse atento. Não aconteceu nada de especial. Se tivesse acontecido, claro que teríamos dado outra importância ao assunto.

Pela terceira vez em poucos minutos, as duas mulheres trocam olhares.

Everett decide naquele momento que não vai lá com falinhas mansas.

– Há aqui mais qualquer coisa, não há? Algo que não nos querem dizer.

Alison Stevens respira fundo antes de responder:

– Para ser franca, senhores inspetores, não era com a Daisy que estávamos preocupadas.

\* \* \*

A assistência social mandou-nos um homem. Não sei por que razão isso me surpreende, mas é verdade que sim – não sei porquê, mas fico sempre à espera de uma mulher. Mas quando o vejo através do monitor a interagir com o Leo, apercebo-me de que um homem é, na verdade, o ideal para este caso. Menos de cinco minutos depois de se conhecerem, já estão a falar de futebol e dez minutos depois concordam que o Chelsea voltará a vencer o campeonato, que o Wayne Rooney é sobrevalorizado e que o Louis van Gaal tem um cabelo estranhíssimo. Quando abro a porta para me juntar a eles, o Leo parece-me finalmente um miúdo normal.

– Muito bem, Leo... Só preciso de te fazer duas ou três perguntinhas rápidas sobre terça-feira à

tarde. Pode ser?

Ele fica tenso e eu amaldiçoo-me em silêncio.

– Não é nada de mais, não te preocupes. Queres ter a tua irmã em casa e em segurança, não é verdade?

Ele hesita, acaba por assentir, mas não olha para mim. Estende a mão, pega na lata de Coca-Cola que o Gareth Quinn lhe deu e começa a brincar com ela. Não é preciso ser um pedopsiquiatra para perceber que está nervoso e desconfortável. Ou que a verdade – seja ela qual for – o está a perturbar. E, contudo, aqui estou eu, a entrar em cena com botas de aço.

– Nessa tarde, vieste a pé para casa com a Daisy, certo?

Ele assente.

– Sim, a mãe estava muito ocupada. – Continua de cabeça baixa. Mal lhe consigo ver o rosto por entre a franja pesada e escura.

– Percorreram juntos o caminho todo até casa?

Ele volta a assentir.

– Tens a certeza? Porque nós achamos que pode ter havido uma discussão.

Neste momento, ele olha para mim:

– Quem é que lhe contou isso?

– A tua mãe. Disse que tu e a Daisy chegaram a casa separados. E achou que tinham tido uma discussão.

Ele volta a pegar na lata.

– Ela... ficou a ver uma borboleta estúpida. E queria que eu tirasse uma foto, mas não tirei.

– Porque não? Não era assim tão complicado para ti. Porque ela não tem telemóvel, certo?

– A mãe não deixa.

– Então... porque não tiraste a foto?

Ele encolhe os ombros.

– Sei lá.

– E depois, o que aconteceu?

– Deixei-a lá ficar, a olhar para a borboleta. Disse-lhe que tínhamos de ir para casa, por causa da festa, e que a mãe ia ficar chateada, mas ela não vinha. Por isso, deixei-a lá.

– Estou a ver. – Faço uma pausa estratégica e prossigo: – Já percebi que apoias o Chelsea, certo?

Ele dardeja-me um olhar rápido, depois assente com a cabeça. Tem uns olhos azuis violeta muito bonitos e pestanas extremamente compridas. Há uma certa fragilidade no rosto dele que não consigo identificar.

– Um dos meus colegas é um adepto ferrenho do Chelsea. Completamente louco pelo clube. Qual é o teu jogador preferido?

– O Eden Hazard.

– O belga, não é? Em que posição joga?

– Médio.

– E tu?

– O pai diz que é melhor eu manter-me na defesa. Acha que não sou suficientemente rápido para médio.

– Ele costuma levar-te aos jogos?

– Não. Diz que é muito caro e que demoramos muito tempo a lá chegar.

– Mas Londres não é assim tão longe...

Um encolher de ombros.

– Uma vez fui com o Ben e pai dele – murmura. – Ganhámos ao Stoke por 3-0. Foi espetacular. E ele comprou-me um cachecol.

– O Ben é o teu melhor amigo?

Novo encolher de ombros.

– Era, mas mudou de casa.

– Ah... Então, e agora, quem é o teu melhor amigo?

Silêncio.

Começo a entender até que ponto este miúdo se sente sozinho. Uma parte de mim quer abraçá-lo e fazê-lo sentir-se melhor. Mas não posso. Porque a outra parte de mim está prestes a fazê-lo sentir-se pior. Há dias em que odeio a porcaria do meu trabalho.

– Leo, estou aqui com uma dúvida e esperava que me pudesses ajudar a esclarecer.

Ele olha fixamente para a lata vazia, e a perna direita não para de se mexer para cima e para baixo. Troco um olhar com o assistente social.

– Sabes, a minha dúvida é que a tua mãe garante que a Daisy chegou a casa, na terça-feira, bastante tempo antes de tu chegares. O que não faz grande sentido, se dizes que a deixaste para trás a olhar para a borboleta. Estás a ver o que quero dizer?

Uma pausa e um acenar de cabeça – quase impercetível. Neste momento, tem as faces vermelhas.

– Só precisas de me dizer o que aconteceu, mais nada. Não vais ter qualquer problema.

O assistente social inclina-se e põe a mão no braço de Leo, num gesto reconfortante.

– Está tudo bem, Leo. Podes contar ao Inspetor. É sempre melhor dizer a verdade, certo, companheiro?

E é assim que, finalmente, o rapaz se abre.

\* \* \*

Gislingham abre a porta da sala do 4.º ano. O sol vespertino insinua-se através das janelas, incidindo num póster com o alfabeto em animais e num cartaz que diz: O QUE VAMOS FAZER NAS

FÉRIAS. Por baixo, as crianças foram escrevendo coisas e juntando recortes tirados de revistas. Duas ou três vão à Disneylândia, uma delas vai de viagem para a Nova Zelândia. Daisy parece muito entusiasmada perante a perspetiva de andar pela primeira vez de barco e Nanxi Chen tenciona ir visitar os primos a Nova Iorque. Mas, neste preciso momento, a menina está sentada entre Kate Madigan e Verity Everett, num canto ao fundo da sala.

Gislingham faz sinal a Everett, que se levanta e vai ter com ele.

– Deixei uma mensagem ao chefe – revela ele, baixando o tom de voz. – Estão neste momento a entrevistar o rapaz. – Consulta o relógio. – Raios, é suposto eu ir buscar a Janet daqui a 20 minutos. Vai fazer a ecografia das 18 semanas.

Ele não o diz, mas Everett sabe que é o primeiro filho, aos 42 anos, depois de a mulher ter sofrido três abortos. É natural que ela precise da companhia dele.

– Não te preocupes – diz-lhe. – Vai, eu acabo aqui. A Alison Stevens disse que os Dawson nos podem receber às 14h00, por isso, assim que me despachar daqui, dou um salto a casa deles. Encontramo-nos depois.

– De certeza que ficas bem sozinha?

Ela sorri.

– São dez minutos a pé. Acho que consigo.

Se a Inspetora Everett pensou que ia ter problemas em conseguir que Nanxi Chen se abrisse, estava redondamente enganada. Bem pelo contrário. Nanxi tem a confiança de uma miúda com o triplo da idade dela – e a típica franqueza americana também se revela muito útil. Segundo a menina, a Daisy Mason é «superinteligente» e «muito irreverente». Entre os alunos daquela sala é quem mais põe a mão no ar (Kate Madigan dá um sorriso triste ao ouvir isto) e quem conta as histórias mais espetaculares, ainda que a Portia seja melhor a desenhar e a Daisy não tenha jeito nenhum para a dança, apesar de achar que sim. A Millie Connor dança lindamente, mas é um pouco estúpida em tudo o resto (a professora cora e repreende-a).

– E tu, Nanxi? És boa em quê? – quer saber Everett.

– Oh, a Matemática. O meu pai quer que eu vá para o MIT<sup>5</sup>, tal como ele.

Everett nem sequer sabe o que é o MIT, mas percebe a ideia.

– E como é que a Daisy tem andado ultimamente? Achas que tinha algum problema que a aborrecesse?

Nanxi considera a pergunta por um momento:

– Bom, penso que havia uma coisa... Mas é segredo. Ela só nos contou porque somos as melhores amigas.

Everett faz os possíveis por disfarçar a ansiedade.

– Que segredo, Nanxi?

A menina parece subitamente aflita, como se já tivesse falado de mais, mas Kate Madigan encoraja-a.

– Tudo bem, Nanxi, de certeza que a Inspetora Everett não conta a ninguém.

– A Daisy não me disse o que era. Um dia, disse que se ia encontrar com alguém e que era segredo. Ao princípio, parecia muito entusiasmada com a ideia, mas depois disse que não era nada e que não voltaria a ver essa pessoa.

– E não te disse quem é que conheceu? Um adulto? Uma criança?

Um vigoroso abanar de cabeça.

– E ficou triste ou nervosa depois de ter estado com essa pessoa?

Nanxi pensa.

– Não, triste não. Não chorou nem nada disso. Acho que ficou zangada, só isso.

Palavra que, na América, pode significar algo bastante diferente, pensou Everett.

– A Daisy era feliz em casa, Nanxi?

A menina faz uma careta.

– Tipo, *a sério*? Já *viu* a casa dela?

Kate apressa-se a intervir:

– Vá lá, Nanxi, não digas essas coisas. Não julgamos as pessoas pelo dinheiro que têm, não é?

Nanxi reage com uma expressão que mostra que o dinheiro é a única bitola razoável que alguém pode vir a ter, mas mantém-se em silêncio.

– O que queria perguntar é se achas que a Daisy era feliz com a família dela?

– Bom... O Leo é bué esquisito. Tipo... um miúdo fracote. E a mãe está sempre a chateá-la por causa das notas.

– E o pai? Toda a gente diz que são muito próximos.

– Pois, acho que sim. Só que...

– Só que?

– É que... ele costumava ser o herói da Daisy, tipo, o Príncipe Encantado. Mas agora, não. Já nem sequer lhe chama Papá.

– Não? Então, o que lhe chama?

A menina olha para Everett, com uma súbita perceção da realidade nos olhos.

– Chama-lhe *O Porco*.

\* \* \*

Alguns minutos mais tarde, quando Everett se levanta para ir embora, repara num quadro de cortiça repleto de desenhos com o título: OS NOSSOS CONTOS DE FADAS. Talvez seja essa a referência de Nanxi ao Príncipe Encantado, mas há algo que a faz olhar com mais atenção.

A maioria dos desenhos consistem numa previsível mistura de Era Uma Vez com Harry Potter – meninos feiticeiros e dragões verdes e princesas de longos cabelos dentro de torres pouco mais altas do que elas próprias. Everett repara que Nanxi tem razão, a Portia é claramente a artista mais talentosa da sala – mas o desenho que a perturba é precisamente o de Daisy. Faz um gesto a Kate Madigan para que se aproxime.

– Estes desenhos tinham alguma história por trás?

Kate sorri.

– Que perspicaz... Sim, primeiro escreveram as histórias, depois fizeram os desenhos consoante o que tinham escrito.

– Tem essas histórias consigo?

– Sim, penso que estão aqui... numa pasta qualquer.

Dirige-se à sua secretária. Está repleta de pequenos presentes, todos ainda por desembulhar.

– É óbvio que os miúdos a adoram – observa Everett, lendo algumas das mensagens. *Para a melhor professora do mundo. Vamos ter muitas saudades. YYY*

– Como? Ah, isso. Sim, é muito bom receber estas lembranças. Ainda nem as abri. Sabe, ainda não me pareceu a altura certa.

Encontra uma pilha de trabalhos dos alunos e começa a procurar, com uma madeixa do cabelo ruivo a cair-lhe por cima do ombro. Chega ao fim, franze o rosto e depois olha para Everett com uma expressão algo frustrada.

– É estranho, o trabalho da Daisy não parece estar aqui.

É a vez de Everett franzir a testa.

– A sério? Onde poderá estar?

Kate Madigan parece espantada.

– Suponho que pode estar em minha casa. Levei os trabalhos para os avaliar, mas... não estou a ver por que razão este terá ficado separado dos outros.

– Acha possível que alguém o tenha levado daqui? Que tenham entrado aqui na sala?

– Bom, suponho que seja possível. A sala não fica fechada à chave durante o dia. Mas por que motivo alguém o quereria? – Agora parece realmente perturbada. – Não entendo, era apenas uma simples história infantil.

Everett também não entende, ainda que faça que sim com a cabeça.

\* \* \*

## **Encontrem a Daisy Mason – Página do Facebook**

Decidimos criar esta página para podermos partilhar todas as informações sobre a Daisy e dar o nosso contributo para a encontrar. Por isso, mostre o seu apoio juntando uma margarida no seu

*avatar*, tanto aqui no FB como no Twitter. Vamos formar uma «corrente de margaridas» suficientemente forte para trazer a nossa menina para casa.

*Lorraine Nicholas, Tom Brody, Alice Shelley e 33 outros gostam disto*

## COMENTÁRIOS PRINCIPAIS

**John Stoker** Vamos lá formar esta Corrente de Margaridas.

Quem sabe se alguém a terá visto e se lembre de alguma coisa. Não seria ótimo se, por uma vez, as redes sociais marcassem a diferença pela positiva, em vez dos *trolls* que têm vindo a aparecer no Twitter? ☹

21 de julho, às 14h32

**Jan Potts** Isto é uma excelente ideia – e eu concordo, os *trolls* do Twitter metem-me nojo ☹

21 de julho, às 14h39

**Encontrem a Daisy Mason** E lembrem-se, por favor, que devem contactar o DIC de Thames Valley, se tiverem alguma informação. Mesmo algo que não pareça relevante.

Liguem 01865 0966552 ☹

21 de julho, às 14h56

\* \* \*

A família Dawson vive apenas a um quilómetro e meio de Barge Close, mas é quase como se fosse de uma cidade completamente diferente. Verity Everett para no passeio do outro lado da rua, de forma a avaliar a casa antes de bater à porta. Quatro andares, entre os quais uma cave, e mesmo do sítio onde está consegue ver que dois dos quartos de cima têm as paredes cobertas de livros. A fachada é de tijolo vermelho, recentemente renovada com outro tipo de pedra, e há uma linha de gradeamentos pretos por cima de um muro baixo e um caminho de gravilha bonito e bem cuidado. A rua tem imensas árvores, plantadas certamente aquando da construção das casas, há já mais de um século.

Quem abre a porta é uma jovem muito bonita com um avental, que informa Everett de que está ali apenas para fazer a limpeza e que a Sra. Dawson está no jardim. Everett desce um lanço de escadas que termina numa enorme cozinha, com uma porta de vidro de acesso a um jardim repleto de macieiras. A mãe de Portia vê-a chegar e dirige-se a ela, carregando um cesto de verga no braço. É

alta e magra, com cabelo castanho volumoso, num elegante corte assimétrico, e usa uma túnica creme comprida sobre calças capri beges. O tipo de mulher que, mesmo quando está a decepar gerânios, consegue fazer com que as outras mulheres se sintam feias e desleixadas. Everett não tem um único conjunto assim tão caro, nem mesmo entre as roupas de cerimónia.

– Tem aqui uma bela casa, Dra. Dawson.

– Oh, por favor, trate-me por Eleanor. Já me chega de formalidades lá no hospital.

É óbvio que já usou esta frase, mas o sorriso que a acompanha parece genuíno.

– O jardim é bonito, não é? – continua. – Mas devia tê-lo visto quando nos mudámos para cá. Era um verdadeiro estaleiro de obras. A casa foi praticamente toda feita de novo. Os vitorianos podem ter construído para perdurar, mas estas casas são autênticos frigoríficos no inverno. Por isso, tivemos de picar a fachada toda até à pedra e refazê-la com o devido isolamento térmico. Andei a tirar cal e poeira da roupa durante dois meses.

*Aposto que foi mais a tua lavandaria a ter esse trabalho*, pensa Everett, sem o verbalizar.

– Bom, agora está lindíssima.

– Que amável da sua parte. E se fôssemos até ao caramanchão? A Portia tem estado por lá a ler. Estamos todos tão preocupados com a Daisy. Uma menina tão bonita, tão inteligente... Lembro-me de, certa vez, ela me ter perguntado quem era Leonardo. E não se referia à Tartaruga Ninja, bem entendido. – Sorri: – Lá estou eu na tagarelice habitual. Já lhe devia ter oferecido um chá.

Everett está prestes a soltar a habitual recusa, mas depois pensa *que se lixe!*

– Seria ótimo, obrigada.

– Deixe-me só pedir à Amélie que ponha a chaleira ao lume. Volto já.

A pronúncia francesa é perfeita. E quando chega o chá, vem acompanhado de um prato com fatias de limão e um jarro de leite. Nada de copos de papel para os Dawson, como é óbvio.

Portia está sentada num baloiço de jardim, com o livro *Beleza Negra* pousado ao seu lado e um enorme gato cinzento malhado ao colo. Não tem ar de quem esteve embrenhada na leitura. Nas imagens de videovigilância da escola parecia robusta e saudável, mas agora está com outro aspeto. Tem olheiras profundas e Everett supõe que praticamente não tem comido.

– Esta é a Inspetora Everett, querida – diz Eleanor Dawson, pousando o tabuleiro. – Lembras-te? Quer falar contigo sobre a Daisy.

– Não te importas, pois não, Portia? Prometo que não vai demorar muito.

– Tudo bem – responde a menina, afagando o gato, que catrapisca os olhos cor de âmbar antes de se reposicionar com um suspiro preguiçoso.

– Estivemos a ver as imagens da câmara do portão da escola e elas mostram que tu e a Nanxi foram, provavelmente, as últimas pessoas a verem a Daisy naquela tarde, antes de ela ir para casa. Estou certa?

– Acho que sim.



– Estavam todas ansiosas pela festa, não era?

– Eu não podia ir.

– Não? Porquê? Pensei que ela tinha convidado todos os colegas da sala. E vocês são as melhores amigas.

Portia cora.

– A Daisy esqueceu-se de nos dizer em que dia era. E quando se lembrou, a Mamã já tinha outra coisa combinada. A Nanxi também não pôde ir.

E se as melhores amigas de Daisy estavam ausentes, pensa Everett, isso pode explicar por que razão nenhuma das crianças da festa reparou que ela não estava.

– E tu foste a casa dos Connor no dia anterior, Portia? Quando estiveram todas a experimentar as fantasias?

A menina olha de relance para a mãe.

– Sim, estive lá. Mas não fiquei muito tempo.

– E a casa da Daisy? Vais lá muitas vezes? Conheces a família dela?

Portia afasta o olhar.

– Costumávamos vir cá para casa. A Daisy dizia que era por ficar mais perto da escola, mas acho que ela preferia a minha casa à dela.

– Estou a ver. Quando falei com a Nanxi, ela disse-me que a Daisy tinha conhecido alguém recentemente, mas era suposto ser segredo. Sabes quem era essa pessoa?

Portia abana a cabeça.

– Ela falou-nos nisso. De início, estava muito contente, mas depois disse-nos que não queria falar mais no assunto. Que se fôssemos mesmo as melhores amigas dela não lhe fazíamos mais perguntas. Desculpe, mas... não sei mesmo mais nada.

A ansiedade parece começar a tomar conta da menina e Everett, ao ver a expressão preocupada da mãe, opta por mudar de tática:

– O que gostas mais na Daisy, como amiga?

Portia parece animar-se ligeiramente.

– Ela é mesmo esperta. Ajuda-me em imensas cenas da escola. E faz umas... como é que se diz quando queremos parecer outra pessoa?

– Imitações?

– Sim, ela é mesmo boa. Faz uma muito engraçada da mãe. E de muita gente famosa da *tv*isão.

– Televisão. Diz-se televisão – corrige a mãe.

Everett sorri à criança.

– Essas imitações são engraçadas, é?

Portia volta a afastar o olhar.

– Às vezes.

– E o que menos gostas na Daisy?

Portia abre a boca, mas muda de ideias. Após uma curta pausa, responde:

– Ela ouve-nos – murmura, corando novamente.

– Queres dizer que é bisbilhoteira?

– Às vezes esconde-se, e nós não sabemos que ela está ali e ouve as nossas conversas.

– Ah, estou a ver – diz Everett, ao mesmo tempo que o telemóvel começa a tocar. Pede desculpa e levanta-se, dirigindo-se para a sombra de uma macieira, provavelmente mais velha do que o seu apartamento. É Gislingham.

– O chefe quer-nos a todos na esquadra daqui a uma hora.

– OK, também já acabei por aqui. Como correu a ecografia?

Ela pressente o brilho no olhar do colega.

– Está tudo ótimo. É um rapaz.

– Fantástico, Chris. Fico muito feliz por ti.

– Nós também já estamos despachados, por isso posso ir buscar-te depois de deixar a Janet em casa.

– Dá-lhe um beijinho meu. E ela que não te deixe escolher um nome para o bebé, um daqueles que, mais tarde, será um motivo para vos odiar. Tipo Stamford Bridge.

– Isso vindo de alguém chamado Verity Mabel é muito bom.

E Everett não consegue deixar de sorrir.

\* \* \*

Às 15h30, empurro a porta da Sala de Situação de St. Aldate. A meio do corredor já conseguia ouvir a barulheira, mas assim que entro, faz-se silêncio. Silêncio com um fervilhar de expectativa. Avanço até à frente da sala para os encarar:

– Muito bem, estou certo de que a maioria dos presentes já sabe o que se passou hoje, mas precisamos de estar todos informados e coordenados, por isso conto com a vossa compreensão. Antes de mais, o apelo dos Mason. Já recebemos cerca de mil chamadas até agora, e a dose habitual de supostos avistamentos pelo país inteiro, mas nada que pareça particularmente promissor. Até ao momento. Não há, seguramente, avistamentos da Daisy depois de ela ter passado o portão da escola, às 15h52 de terça-feira. E ao contrário do que os Mason inicialmente nos fizeram crer, a Sharon Mason *não foi* buscar os filhos à escola nesse dia, por isso a Daisy e o Leo tiveram de ir a pé para casa. Além disso, a Sra. Mason acabou de me ligar a confirmar que a farda da escola da Daisy não está lá em casa. Tudo isto significa que não podemos descartar *completamente* a hipótese de a Daisy ter sido sequestrada no caminho para casa. Por outro lado, ainda não conseguimos localizar a fantasia de sereia, e uma vez que ela não podia ter vestido as duas roupas ao mesmo tempo, há algo

que nos ultrapassa. Do mesmo modo, os pais insistem que, nessa tarde, quando a Daisy chegou a casa, subiu imediatamente para o quarto e pôs música. Ambos afirmam que a ouviram, mas nenhum dos dois chegou efetivamente a *vê-la*. E isto também não nos ajuda. Por fim, receio que haja mais um fator que teremos de levar em consideração.

Respiro fundo e prossigo:

– A Sharon Mason diz agora que, nessa tarde, se ausentou de casa durante 20 minutos, deixando as crianças sozinhas e...

– Por amor de Deus, e só agora é que diz isso?! – insurge-se alguém lá atrás.

– Ouçam, eu também fiquei muito frustrado, mas as coisas são como são. Pelos vistos, não queria que o marido soubesse, por isso é que só me contou quando ficámos sozinhos. Ela acha que saiu por volta das 16h30, porque foi a essa hora que o Leo chegou a casa. Diz que primeiro foi à mercearia da Glasshouse Street e depois ao *M&S* da rotunda do anel viário, mas nos dois casos o sistema de videovigilância está avariado e ninguém se lembra dela. O que pode provar algo ou rigorosamente nada. O ponto importante que todos devem a reter é que as crianças ficaram sozinhas. E, muito provavelmente, o portão lateral e a porta do pátio ficaram abertos. Por isso, em teoria, a Daisy pode perfeitamente ter andado pelo empreendimento sozinha, ainda que, se fosse esse o caso, por esta altura já a teríamos certamente encontrado, dado o número de pessoas envolvidas nas buscas. Outra possibilidade é que alguém a tenha levado. Ou de fora de casa, ou até, ainda que apenas hipoteticamente, do interior.

– Ora... – diz outra voz lá atrás. Creio que é o Andrew Baxter. – As hipóteses de um qualquer pedófilo andar a rondar a zona durante aqueles *40 minutos exatos*...

– Eu sei, e concordo contigo. As hipóteses são muito escassas, sim. Aliás, isso só faria sentido se alguém já estivesse a vigiar a família e visse ali uma oportunidade, precisamente quando a Sharon saiu. Provavelmente, alguém que a Daisy conhecia e que tivesse deixado entrar em casa. Ora, isto pode não ser tão rebuscado quanto parece. Everett, importas-te de partilhar connosco aquilo que soubeste pelas amigas da Daisy?

A Verity Everett levanta-se.

– Acabei de vir da escola, onde falei com a Nanxi Chen e a Portia Dawson. Ambas confirmaram que a Daisy tinha conhecido alguém recentemente e que era um grande segredo. Nenhuma delas sabe dizer quem era, mas garantem que, depois desse encontro, a Daisy ficou zangada e não quis voltar a falar no assunto.

– E tens a certeza de que elas queriam mesmo dizer zangada, e não perturbada? – quer saber o Baxter.

A Everett mantém-se firme.

– Decididamente, zangada. E há mais: todas as crianças da sala da Daisy escreveram contos infantis neste período, mas o trabalho dela desapareceu. A professora disse que ainda ia procurar

melhor em casa. E sim, pode ser apenas uma mera coincidência, mas vamos ter de verificar se esteve alguém estranho naquela sala. Porque é bem possível que algo naquela história possa identificar a pessoa com quem a Daisy se encontrou. Alguma coisa que essa pessoa não quer, certamente, que alguém veja.

– Portanto – digo, olhando em redor da sala –, precisamos urgentemente de descobrir quem era essa pessoa. E uma vez que a Daisy Mason era bastante controlada pela mãe durante a maior parte do tempo, deduzo que o único sítio onde ela pode ter conhecido alguém sem que os pais soubessem é a escola. Preciso que alguém passe a pente fino as imagens de videovigilância da Bishop Christopher das últimas seis semanas. Cada intervalo, cada pausa para almoço. Pontos extra para quem se oferecer... ou terei de escolher uma vítima.

Perscruto os rostos.

– OK, se não há voluntários... Baxter, toca-te a ti.

– Ele não se importa – diz rapidamente o Gislingham. – É adepto do Aston Villa. Está habituado a ficar a olhar para um ecrã durante horas a fio sem que aconteça alguma coisa.

– E quanto ao rapaz? – pergunta alguém lá atrás, por cima das gargalhadas gerais. – O Leo. Que história conta? De certeza que terá ouvido alguma coisa, caso alguém tenha entrado lá em casa.

Aguardo que os risos e comentários esmoreçam.

– Boa pergunta. Excelente questão, mesmo. Quando interrogámos o Leo pela primeira vez, ele disse que a Daisy se distraiu com uma borboleta no caminho para casa e que tinha seguido sem ela. O que não batia certo com as declarações da Sharon, já que a mãe garantia que a Daisy tinha chegado primeiro. Então, apertámos um pouco com ele e sacámos uma versão completamente diferente. O que ele *agora* diz é que alguns dos rapazes mais velhos da escola têm andado a intimidá-lo e, na terça-feira à tarde, ele e a irmã foram apanhados por eles, no caminho para casa, e começaram a chateá-lo. Empurraram-no e gozaram com o nome dele. Parece que o tratam por *Nuka Vomita*. O Nuka é um personagem de *O Rei Leão 2*. Para quem não viu, é um leão sarnento e cobardolas.

– Meu Deus! – exclama o Baxter. – Hoje em dia, é tudo um pouco refinado de mais, não é? No meu tempo era mais *Bexigoso, Peida Gorda*...

Novas gargalhadas. O Baxter, para que conste, é bastante corpulento, mas pelo menos há muito que não tem borbulhas.

– Isso não me espanta – diz de forma seca a Everett. – São termos típicos do género de miúdos que andam naquela escola.

– A questão aqui – prossigo, levantando novamente a voz – é que o Leo afirma que a Daisy fugiu assim que viu os rapazes a aproximarem-se, e foi por isso que chegou a casa antes dele. A Sharon Mason diz que não soube de nada disto, a propósito. Segundo esta última versão, o Leo foi diretamente para o quarto dele assim que chegou, fechando a porta, por isso, *em teoria*, pode não ter ouvido o barulho de alguém a entrar em casa. Ele diz que estava chateado com a Daisy por ela ter

fugido e tê-lo deixado sozinho e que, por esse motivo, evitou a irmã durante a festa. Daí não ter percebido que a rapariga com a fantasia de margarida não era a Daisy. Não sei se esta história me convenceu, mas a verdade é que ele não saiu disto, por mais que eu tenha insistido. O que parece *mesmo* real é que a Daisy e o Leo tiveram algum tipo de discussão a caminho de casa.

– Pode ter *sido ele*? – lança o Baxter. – Se tiveram uma discussão a caminho de casa, ele pode tê-la atacado, não? Nestas idades, os miúdos são extremamente imprevisíveis. A irmã pode ter caído, batido com a cabeça...

– Teoricamente, sim, mas se foi ele, onde está o corpo? É impossível que um rapaz de dez anos consiga esconder tão bem um corpo, a ponto de não o encontrarmos. Mesmo que tivesse todo o tempo do mundo, o que não aconteceu.

– OK – concorda o Baxter, ainda que não pareça plenamente convencido. – Mas mesmo descartando-o como suspeito, que parte desta nova história será credível? Alguns miúdos desta idade nem sequer sabem a diferença entre a verdade e a mentira.

Miúdos desta idade, penso. Miúdos da idade do Jake.

– Creio que não está a mentir. – É a voz sonante do Gislingham que rompe o silêncio. – Pelo menos, relativamente ao *bullying*. A professora do Leo, a Melanie Harris, acha que isso tem vindo a acontecer há já uns meses. Apareceu algumas vezes com a roupa rasgada e com arranhões nas mãos, mas nunca conseguiram apanhar os alunos responsáveis e o Leo teimou em dizer que tinha caído. Sem uma queixa formal, não havia muito que pudessem fazer. Mas o miúdo tem andado a fingir, não há dúvidas.

O Quinn considera a questão.

– A Sharon Mason não disse que ele tem andado mal-humorado? Temperamental?

Mas o Gislingham já está a abanar a cabeça. Têm andado os dois neste tipo de picanço há semanas – desde que o Quinn assumiu o cargo de Inspetor-Coordenador interino.

– Creio que se trata de algo mais do que simples mau humor. Tem feito birras, mostra-se conflituoso nas aulas. Há coisa de duas semanas tentou espetar um lápis no olho de um colega. A diretora desconfia que era um dos rapazes que o intimidou. O Leo não chegou a feri-lo com gravidade, o que, provavelmente, explica por que razão se safou sem consequências. Chamaram a Sharon Mason à escola por causa deste incidente, mas ela recusou-se a levar aquilo a sério. Não parava de dizer «os rapazes são mesmo assim», «os miúdos hoje em dia são muito fraquinhos» e coisas do género.

Quanto mais coisas ouço sobre a Sharon Mason, menos a entendo. Para alguém tão fútil, é estranhamente opaca. Há aqui algo muito estranho, mas não sei o que é.

– Verificaste as imagens do portão da escola no período imediatamente posterior à saída da Daisy e do Leo, para ver se alguém os seguiu?

– Visionei atentamente a meia hora seguinte, mas não vi nada de estranho. Alguns rapazes saíram

logo atrás e seguiram na mesma direção, mas isso não prova nada. Os miúdos, hoje em dia, não são estúpidos. Sabem perfeitamente onde estão as câmaras. Sobretudo, se estiverem a pensar fazer alguma.

– Mesmo assim, Chris, importas-te de averiguar melhor essa história do *bullying*? Tenta sacar alguns nomes? As professoras devem ter uma ideia de quem se trata.

– Certo, chefe.

– Quem se segue? Quinn?

O Quinn avança até à frente da sala.

– O Barry Mason disse que chegou tarde a casa devido a uma urgência numa das obras, a de Watlington. Bom, fui verificar e os trabalhos estão parados há três semanas. A dona da obra diz que pagou 10 mil libras ao Mason há cerca de um mês e que deixou de o ver desde essa altura.

Ele continua a dizer que vai lá, mas nunca aparece. E ela diz que conhece pelo menos mais três pessoas a quem ele fez o mesmo. Empreiteiros, certo? Uma corja de aldrabões.

– Nem me faças falar – murmuro sombriamente. – Portanto, se o Mason não esteve em Watlington, onde era suposto ter ido, onde raio esteve? Quinn, podes tentar saber isso?

– Não vai ser fácil, sem acesso aos cartões de crédito e registo de chamadas. Mas posso ver se o sistema de reconhecimento de matrículas o apanhou algures.

– OK, malta, só mais uma coisa. Até ao momento, não temos fundamentos para deter nenhum dos Mason, por isso temos de os deixar ir para casa. Bem à vista da comunicação social, de preferência. As coisas vão ser muito duras para eles durante os próximos dois ou três dias, mas por mais que a imprensa e os sacanas do Twitter os arrasem, não podemos deixar que isso nos influencie. É possível que haja outras explicações para o desaparecimento da Daisy que não envolvam a família. Tal como, estou certo, o advogado que eles irão contratar em breve fará questão de me dizer.

O Gislingham faz uma careta.

– O que eu não dava para ser mosca em casa deles, esta noite. Ou mesmo um rato.

Vejo a Anna Philips a sorrir perante esta frase.

– Um rato animal ou informático? – brinca ela.

O Gislingham sorri-lhe de volta. Tem um belo sorriso.

– Tanto faz – responde-lhe.

– Bom – digo eu, dando por finda a reunião. – Alguém tem mais alguma coisa a acrescentar? Não? Assim sendo, reunimos novamente amanhã, logo pela manhã. Obrigado a todos.

Enquanto me dirijo para a porta, a Everett vem ter comigo. Percebo perfeitamente que tem algo para me dizer, mas é óbvio que não quis partilhar com o resto da malta. Faz isso muitas vezes. Quem me dera que ela tivesse coragem para acreditar mais nos seus instintos, porque raramente se engana. E seria divertido ver o Quinn a ser desafiado de vez em quando. Por outra pessoa que não o Gislingham.

– O que é que passa, Ev?

– A sala de aula da Daisy tinha um quadro de cortiça com os desenhos que os miúdos fizeram a partir de contos infantis que escreveram.

Detenho-me e espero. A Everett nunca me faz perder tempo. Vai chegar a algo importante.

– Antes de me aperceber de que faltava o conto da Daisy, estive a ver o desenho que ela fez. – Saca do telemóvel e abre uma fotografia. – Vê?

Não é assim tão fácil de perceber, mas creio que em baixo está uma menina com uma tiara e um tutu cor-de-rosa e, por trás dela, muito mais alta, uma figura feminina com uma vassoura e uma carteira sobredimensionada. Há também uma criatura estranhíssima com uma folhagem tipo hera em redor da cabeça, a segurar um embrulho debaixo do braço, e, à direita, uma jovem figura masculina de cabelo amarelo que luta contra um monstro de focinho achatado e cauda em saca-rolhas.

– Tu achas que...

– A rapariga é a Daisy? Definitivamente. Todas as meninas querem ser princesas. Ou bailarinas. Sorrio.

– Ou ambas, a julgar por este desenho.

– E o pai da Daisy chamava-lhe constantemente a sua princesa.

É a minha vez de fazer uma careta.

– Não me faças vomitar, Ev...

– Eu sei, chefe, mas aos oito anos...

Abano a cabeça.

– Não estou a discordar. Estou só nauseado.

Mas a Ev ainda não acabou.

– O que me chamou mais a atenção foi a mulher atrás da menina. Repare nos sapatos. Estas tiras à frente... Já para não falar nos saltos agulha.

E agora percebo onde ela quer chegar.

– São iguais aos que a Sharon Mason tinha esta manhã. Aliás, *ainda* os terá calçados, tanto quanto sei.

A Ev concorda com um aceno de cabeça e, de seguida, aponta para o monstro.

– A Nanxi Chen disse-me que a Daisy tinha uma nova alcunha para o pai. Começou a tratá-lo por *O Porco*.

Olho para ela rapidamente e vejo-a a assentir.

– Eu sei, e estou a esforçar-me ao máximo para não me precipitar para a conclusão lógica. O problema é que, atualmente, as crianças veem pedófilos em todo o lado. Pode até nem ter nada que ver com isso. Ela pode perfeitamente ter-se chateado com o pai e querer apenas ofendê-lo. Algo completamente inocente. Tipo, por ele não lhe ter comprado a última Barbie.

Sorrio novamente. Não é difícil adivinhar que a Everett não tem filhos.

– Acho que, hoje em dia, já não é isso que está na moda, inspetora Everett.

Ela ri.

– É para ver o que eu percebo do assunto. Mas entende o que quero dizer, não? Todos sabemos que os miúdos, por vezes, exageram. Tudo parece *enorme* nestas idades.

Cora ligeiramente, mas finjo que não percebo.

– Quando é que isso começou? A tal alcunha do porco?

– Não sei precisar, mas talvez há algumas semanas? Coincide com a altura em que eles escreveram estas histórias.

– Então, pensas que devemos visionar as imagens de videovigilância para verificar se o Barry esteve naquela sala durante a última semana, ou assim?

Ela assente.

– Perguntei à diretora e, pelo menos que tenha conhecimento, há meses que o pai da Daisy não aparece em qualquer dos edifícios da escola. Na semana passada, organizaram a Tarde dos Pais, mas a Sharon foi sozinha. Quando for para casa, vou fazer uma visitinha ao casal, para ver se eles sabem onde poderá estar o trabalho da Daisy. Isso pode responder igualmente à outra questão importante.

– Que é?

– Se a mochila da Daisy está lá em casa.

Olho-a fixamente. Mas como raio é que essa me escapou? E ainda acho que sou um detetive do caraças...

– Ela tinha-a quando saiu da escola. Confirmámos nas imagens – continua a Everett, aparentemente alheia ao meu súbito rasgo de insegurança. – Por isso, se a mochila estiver lá, isso significa que ela chegou mesmo a entrar em casa, tal como afirmam os pais. Mas se *não* estiver...

– Torna muito mais provável que desaparecimento tenha ocorrido algures entre a escola e o empreendimento. O que, desde logo, afasta a responsabilidade dos pais.

– O chefe viu o quarto dela, naquele dia, certo? Lembra-se de ter visto a mochila? Era uma daquelas das Princesas Disney. Cor-de-rosa.

Esforço-me por me recordar. Não diria que tenho uma memória fotográfica, mas há pouca coisa que me escapa. E a mochila haveria, certamente, de me chamar a atenção – quanto mais não fosse por ser a única coisa no meio daquela parafernália floral que não tinha margaridas.

– Não – digo, por fim. – Creio que não estava lá. Mas isso não prova nada, ela pode tê-la arrumado num sítio qualquer. Ou a mãe. Toda a casa parece diretamente saída de uma revista de decoração.

– Bom, nada me impede de lhes perguntar.

Está a preparar-se para ir embora, quando eu a retenho.

– Prepara-te, o Barry Mason não te vai facilitar a vida. Neste momento, devemos ser as pessoas que ele menos quer ver à frente.



– Eu sei, mas creio que vale a pena tentar. Se correr mal, venho-me logo embora.

E talvez não seja má ideia os vampiros com câmaras verem uma Inspetora da polícia à porta de casa dos Mason.

Respiro fundo.

– OK, trata disso. Mas vai fardada, sim? Para os media verem logo quem és.

Ela revira os olhos, mas percebe onde quero chegar.

– E já que lá vais, aproveita para teres uma conversa discreta com aquela vizinha...

A Everett franze a testa:

– A Fiona Webster?

– Essa mesmo. Tem ar de ser extremamente atenta. Nunca sabemos até onde podemos chegar se fizermos as perguntas certas. E fala também com o médico da família. Tenta perceber se há alguma suspeita de abusos.

– Ele está de férias, já verifiquei. Mas mando-lhe um *e-mail*.

– A professora disse-te como é que a Daisy tem andado nos últimos tempos?

– Mais calada do que o normal, mas nada que a preocupasse. Pode não ter qualquer significado.

Para ser franca, mostraram-se mais preocupadas com o Leo.

– Devem ser as únicas, então.

– Eu sei. Coitado do miúdo.

A Everett volta a observar a fotografia no telemóvel.

– Mesmo sem o cabelo amarelo, tenho a certeza de que o príncipe nesta imagem *não é*, decididamente, o Leo Mason. Não o estou a ver a enfrentar um ganso, quanto mais um monstro.

– Já somos dois. Mas, se não é o Leo, quem poderá ser?

\* \* \*

*22 de junho, 2016, 15h29*

*27 dias antes do desaparecimento*

*Barge Close, 5, quarto do casal, piso superior*

– Não devias estar aqui.

É Leo quem diz isto, à entrada do quarto dos pais. As portas do roupeiro estão abertas e Daisy está sentada ao toucador da mãe, aplicando rímel nas pestanas. É surpreendentemente hábil a fazê-lo. Sorri para o espelho. Tem batom cor-de-rosa nos lábios e sombra azul nas pálpebras.

– Não devias estar aqui – repete Leo, franzindo a testa. – Ela está lá em baixo. E vai perceber.

– Não, não vai – responde Daisy, num tom despreocupado e sem olhar para ele. – Ela nunca percebe.

Levanta-se do banco e dirige-se ao longo espelho de pé. Veste um biquíni azul e calçou uns sapatinhos de criança com brilhantes e saltos altos – a imitar os da mãe. Para, faz uma pose de modelo e avança para o espelho. Para novamente, dá um golpe de anca e executa um desfile de *passerelle*, afastando-se e soprando um beijo ao seu reflexo no espelho.

Leo dirige-se até a um dos roupeiros, senta-se e começa a tirar coisas ao acaso do interior, sem lhes dedicar um interesse especial. Umas calças de fato de treino, uma toalha a cheirar a mofo, uma *sweatshirt* de capuz. Há qualquer coisa sólida e retangular num dos bolsos da camisola, algo que ressoa na carpete ao cair. Daisy olha para o objeto

– Não devias saber disso.

Leo apanha o telemóvel do chão e fica a olhar para ele.

– De quem é?

– Já te disse. É segredo.

\* \* \*

A operadora telefónica regista a chamada às 17h30. É depois verificada e confirmada, com todos os detalhes registados, e essa informação acaba por me chegar às mãos por volta das 18h15. Estou no meu gabinete de St. Aldate e o Quinn diz-me que não foi possível rastrear o Barry Mason na tarde de terça-feira – nem sequer foi capaz de confirmar a hora a que ele chegou a Canal Manor.

– O problema é que ele ia a casa várias vezes durante o dia – diz-me ele. – Entre idas e vindas das obras, calculo. Por isso, as pessoas habituaram-se a ver a carrinha dele à porta de casa às horas mais estranhas, sem darem particular atenção a isso. Seja como for, na maior parte do dia era o carro da Sharon que estava à porta, não o dele.

Vou até à janela e olho para o exterior. À porta do supermercado *Tesco*, do outro lado da rua, um rapaz brinca com um cãozinho cinzento, balançando vezes sem conta uma bola de ténis presa a uma corda. Suspiro; neste momento, o cão não é o único a andar em círculos.

– Ouça – diz o Quinn, ao fim de uns segundos –, espero que não me leve a mal por dizer isto, mas acha que é possível andarmos todos enganados?

Espero. Depois:

– Como assim?

– Foi o chefe quem o disse. A Daisy pode ter saído de casa enquanto a Sharon esteve fora, sem que o Leo tenha reparado. Será possível que a miúda tenha pura e simplesmente fugido? Com aquela família, quem a poderia condenar.

Suspiro novamente.

– Também já pensei nisso, sim. Mas já lá vão dois dias. Com tanta gente à procura da menina, com a cara dela em tudo o que é comunicação social, já a teríamos encontrado. De uma maneira ou

de outra.

– Posso?

O Gislingham aparece à porta, com um punhado de papéis debaixo do braço.

– Acabámos de receber uma chamada de uma mulher que reconheceu o Barry Mason do apelo na televisão.

– Sim... e? – solta o Quinn, num tom sarcástico. – Deve haver centenas de pessoas que o reconheceram. E a maioria não pode com ele. Francamente, espanta-me que não tenha sido ele a desaparecer. Há muita gente a fantasiar com uma morte lenta e dolorosa para esse tipo.

O que é uma afirmação de gosto questionável, mas percebo o sentimento.

O Gislingham faz uma careta nas costas do colega.

– Se me deixares acabar... – Consulta o bloco de notas. – Esta mulher, Amy Cathcart, afirma que o nome dele não é Barry Mason, mas sim Aidan Miles.

Troco um olhar com o Quinn.

– E quem raio é o Aidan Miles?

O Gislingham volta a ler do bloco de notas.

– Trinta e poucos, divorciado, apartamento em Canary Wharf, trabalha num banco de investimento. Sem filhos, mas aberto a sugestões. Gosta de estar em forma, viajar, teatro, cozinha francesa e todas as coisas boas da vida.

– Mas que porra...

– É o perfil dele no FindMeAHotDate.com.

Devemos estar ambos estupefactos, porque ele ri-se.

– Não, a sério, não estou a inventar isto.

Pousa os papéis na minha secretária.

– Esta mulher, a Amy Cathcart, anda a trocar mensagens e *e-mails* com ele há semanas. Mandou-me o pacote completo, chefe. Veja.

Olha de relance para o Quinn, mostrando uma expressão vitoriosa: um para o Inspetor, zero para o Inspetor-Coordenador interino.

O Quinn, entretanto, folheia velozmente as folhas que o Gislingham imprimiu.

– Não admira que o Mason não quisesse a cara dele nos noticiários. Esta mulher chegou a conhecê-lo pessoalmente?

– Ainda não. Mas repara na foto de perfil, é mesmo ele. Se bem que, quem entrar agora no *site*, já não o encontre. Ele apagou todos os vestígios na manhã após o desaparecimento da Daisy.

Recosto-me na cadeira.

– Então, não será difícil adivinhar o que é que ele andou realmente a fazer quando disse que foi resolver uma inundação em Watlington. Sem dúvida que *meteu água*.

– Será suficiente para conseguirmos um mandado?

– Para uma busca a casa, provavelmente não. Mas creio que será suficiente para termos acesso aos registos das chamadas e dos cartões de crédito. Vou tratar disso.

\* \* \*

*Entrevista com Fiona Webster, realizada em  
Barge Close, 11, Oxford*

*21 de julho de 2016, às 17h45*

*Conduzida pela Inspetora-Coordenadora V. Everett*

VE: Obrigada por me receber de novo, Sra. Webster. Sei que deve ser uma altura muito difícil para todos.

FW: Tem ideia de quanto tempo mais é que a imprensa vai ficar por aqui? Estão a transformar o bairro numa verdadeira pocilga. É lixo por todo o lado, latas de cerveja, já para não falar no estacionamento...

VE: Penso que a ouvi dizer que a sua filha Megan é colega de sala da Daisy?

FW: Sim, é verdade. Embora ainda não tenha percebido como é que nenhum de nós reparou que não era ela na festa. Aparentemente, todas as crianças sabiam que elas tinham trocado de fantasias, mas nem se lembraram de relatar esse facto aos pais ignorantes.

VE: Soube que um dos projetos para este período era escreverem um conto infantil?

FW: Oh, sim. Divertiram-se imenso a fazer isso. Mesmo os rapazes.

VE: Como era o conto da Megan?

FW: Ora, o habitual, princesas e anões e madrastas malvadas. Um misto de *Rapunzel* com *Cinderela*, com um cheirinho a *Frozen*, tudo nas doses certas.

VE: É curioso como as madrastas são sempre malvadas, não é? Eu pensaria duas vezes antes de casar com um homem com filhos pequenos. Dá a ideia de que nunca seremos suficientemente boas, sejam quais forem as nossas ações.

FW: Oh, não se deixe influenciar por isso. A minha experiência de mãe diz-me que quando eles atingem estas idades, nunca somos suficientemente boas. Nunca fazemos nada bem. Aliás, não ficaria

nada surpreendida se a madrasta malvada da história da Megan fosse completamente inspirada em mim.

VE: É engraçado que diga isso. O desenho que a Daisy fez tem uma mulher com sapatos iguaizinhos aos da mãe.

FW: Os *stiletto*s da Shaz? A sério? Que engraçado... E também tinham as solas vermelhas? A Sharon garante que são Louboutins genuínos, mas, pessoalmente, creio que ela passou verniz vermelho nas solas. Pois, creio que passaram a ser a imagem de marca dela por estas bandas. Usa-os sempre, independentemente do tempo que faz. Ou da ocasião. Certa vez, vi-a na zona lateral do campo de futebol, em pleno jogo do Leo, meio soterrada na lama. Passou a tarde toda a lamentar-se. Acho que nunca mais voltou a assistir a um jogo.

VE: E o Barry Mason costuma ir? Aos jogos do filho, digo.

FW: Às vezes. Não muito. Ele e o Leo não são muito próximos.

VE: Mas recordo-me de me ter dito que ele era extremamente próximo da Daisy, até referiu algo do género «elos entre pais e filhas» e que ele andava sempre com ela às cavalitas?

FW: Bom, sim. Mas a verdade é que ultimamente não o via fazer esse tipo de coisas com ela.

VE: Mas eles são demasiado próximos?

(pausa)

FW: Onde quer chegar? Está a perguntar-me se o Barry abusava da própria filha?

VE: Bom, acha possível?

FW: Para ser franca, já dei por mim a fazer essa pergunta várias vezes desde que a Daisy desapareceu, mas não tenho uma resposta concreta, nem para um lado nem para o outro. Há coisa de um ano, quando se mudaram para cá, ele não a largava. Mas, nas últimas vezes que eu os vi juntos, ela parecia que o queria afastar. Mas, lá está, também se pode dizer o mesmo sobre o meu marido e a Alice.

Entre os seis e os oito anos, muita coisa muda. As raparigas ficam tímidas e envergonhadas, mesmo com os próprios pais.

VE: E passou-se mais alguma coisa, algo que possa ter passado despercebido na altura, mas que talvez agora...

(pausa)

FW: Por acaso, sim. Esqueci-me completamente, mas o Barry foi buscar a Daisy à escola há cerca de três semanas. Não é nada habitual ser ele, mas creio que o Leo teve uma consulta no médico, ou algo do género, e acabou por ser o pai a ir buscar a filha. Eu não estava suficientemente próxima para ouvir a conversa, mas sei que a Daisy começou subitamente aos gritos e a chorar. O que não é nada normal nela, já que é uma menina muito calma, muito «composta». Enfim, a reação do pai foi aquela atitude típica de o-que-é-que-eu-faço-agora, com um ar perdido, essas coisas. O que, na altura, interpretei como uma tentativa de chamar a atenção das mãezinhas boazonas que lá estavam. Mas agora que penso nisso, foi bastante estranho.

VE: E como é que ele é, normalmente? Consigo, por exemplo.

FW: Está a querer saber se ele já tentou alguma coisa comigo? Bom, sim, ele é muito «físico», se é que me entende. Sempre a tocar no braço ou nas costas. «Pouco fiável num táxi», como costumava dizer o meu antigo patrão. Claro que se esforça por se manter do lado certo da cerca, mas sei o que poderia acontecer se eu lhe desse troco. É o tipo de homem que anda sempre atento à mínima oportunidade que possa aparecer, que acha que se tentar muitas vezes, a sorte acaba por lhe bater à porta, está a ver?

VE: E o que é que a Sharon pensa disso?

FW: Oh, meu Deus, ele nem se atreve a agir assim quando ela está por perto! É muito ciumenta, um autêntico monstro de olhos verdes. Uma vez, vi-a a lançar chispas à Julia Connor só porque o Barry comentou que ela tinha emagrecido. Há sempre um tema delicado quando a Sharon está por perto.

VE: A Daisy também desenhou um monstro na história dela. Com focinho e cauda de porco.

FW: Bom, talvez fosse para variar dos dragões.

VE: Por acaso, não ouviu mais nada que envolvesse porcos?

FW: *Porcos?*

VE: Sim, o tema veio à baila quando conversei com a Nanxi Chen.

FW: Não... Lamento, mas não me diz nada.

VE: Muito bem. Obrigada. Só mais uma coisa, Sra. Webster. Relativamente às investidas do Barry, acha que a Daisy percebe?

FW: É uma pergunta interessante. Ela é muito esperta, muito observadora. Não me espantava nada que percebesse. Nada mesmo.

\* \* \*

**Enviado:** 21/07/2016, 17h58

**De:** Richard.Donnelly@poplaravenuemedicalcentre.nhs.net

**Para:** DCVerityEverett@ThamesValley.police.uk

**CC:** DIAdamFawley@ThamesValley.police.uk

**Assunto:** Daisy Mason

Obrigado pelo seu *e-mail*. Como decerto compreenderá, terei de respeitar o sigilo entre médico e paciente, mas compreendo a gravidade e urgência desta situação. A minha principal preocupação é o superior interesse da criança e, assim sendo, não vejo qualquer problema em partilhar consigo o facto de nada que eu tenha observado na Daisy Mason sugerir a existência de qualquer tipo de abuso. Eu teria, como é óbvio, agido em conformidade, caso me tivesse deparado com qualquer tipo de suspeita. Ela estava bastante agitada da última vez que a vi (há cerca de três semanas), mas nada que pudesse relacionar com suspeitas de abuso. Na altura, associei essa agitação a um simples e pontual episódio de nervosismo.

Não me questionou acerca do Leo Mason. Mas posso dizer-lhe que ele veio fazer mais um *check-up* há cerca de duas semanas, mesmo antes de eu partir para férias, e reparei que tinha ferimentos relativamente profundos, mais concretamente cortes e arranhões nos braços e mãos, os quais foram justificados pela Sra. Mason como resultado de «quedas e brincadeiras brutas no recreio». Troquei impressões sobre isto com a enfermeira da escola do Leo, e tenciono voltar a contactá-la na próxima semana para uma atualização. Sinto-me, deste modo, em condições de poder partilhar consigo esta informação.

Se considerar que posso voltar a ser útil, esteja à vontade para me contactar, mas agradeço a sua compreensão para o facto de não poder fornecer dados adicionais sobre qualquer uma das crianças em causa, nem sobre o Sr. e a Sra. Mason, sem a devida autorização prévia.

\* \* \*

Às 18h35, Verity Everett toca à porta do n.º 5 de Barge Close. Enquanto espera, alisa a farda. Tem estado guardada num dos caixotes da mudança, no quarto de arrumações, e tem um cheiro óbvio

a mofo, depois de todos estes meses. Baixa ligeiramente o cinto, de seguida sobe-o, mas o que quer que faça, nunca parece direito. Dá por si a pensar como é que a farda de Erica Somer lhe assenta tão bem. Não propriamente *sexy*, mas pelo menos não parece um saco de batatas. Consegue ouvir atrás de si todo o sururu da comunicação social, retida na barreira ao fundo da rua, e baixa ligeiramente a pala do boné sobre os olhos. Mas não tem dúvidas de que o rosto dela irá aparecer logo à noite nas notícias. Pelo menos, o pai vai gostar de a ver – não se pode esquecer de lhe ligar a avisar. Não que lhe fosse escapar; desde que a mãe morreu, a televisão está ligada de manhã à noite. *Jeremy Kyle*, *Loose Women*, tele vendas. Qualquer coisa que combata o silêncio ensurdecedor.

Finalmente, abrem a porta. É o Leo. O que a deixa momentaneamente desconcertada.

– Olá, Leo. Sou a Inspetora Everett. Verity Everett. A tua mãe está? Ou o teu pai?

Ela sabe que eles estão em casa – é evidente que estão. Estão sitiados. Mas que mais podia dizer ao miúdo?

Leo volta-se para dentro.

– Mãe, é outra vez a polícia!

E de seguida desaparece, deixando-a especada à porta, perfeitamente ciente do disparar ávido das câmaras atrás de si, os fotógrafos desesperados por uma imagem do interior da casa. O plano fatal. Em ambos os sentidos. E eis que aparece Sharon Mason, cingindo o casaco de malha ao corpo.

– O que quer? – lança-lhe de forma áspera. – Não a vou convidar a entrar.

– Isto não leva muito tempo, Sra. Mason. Soube que a Daisy escreveu recentemente um conto infantil na escola?

Sharon pestaneja, depois olha para lá de Everett, diretamente para as câmaras. Parece estar a decidir se será melhor para a sua imagem pública ser vista a falar com uma agente da polícia ou atirar-lhe com a porta na cara. Pelos vistos, opta pela primeira hipótese.

– E então?

– Gostaríamos de saber se, por acaso, tem esse trabalho consigo? A professora não o consegue encontrar.

Sharon faz uma careta. É óbvio que não morre de amores por Kate Madigan.

– Nem imagino porque é que haveriam de querer essa coisa estúpida...

– Ela fez também um desenho muito bonito que acompanha a história. Com um príncipe e uma princesa e um monstro parecido com um porco...

– Oh, por amor de Deus, não me fale em porcos! Ela tem andado a desenhá-los há semanas a fio, não desenha mais nada a não ser porcos. Porcos a ir às compras, porcos a conduzir, porcos a casar!

– Que estranho. E explicou-lhe porquê?

Sharon encolhe os ombros.

– Quem sabe? As crianças nunca fazem nada com lógica. Por exemplo, as amigas: num dia, a Millie Connor é a melhor amiga, no outro, e sem razão aparente, já é a Portia, e depois é aquela



rapariga... a Chen. Se quer saber, na maior parte das vezes, opto por ignorar.

– Pois... Mas quanto ao conto, a senhora viu-o?

– Sim, ela mostrou-me há coisa de duas semanas. Estava mesmo a acabar, e eu revi-o, para me certificar de que não tinha erros.

– E, por acaso, não se recorda do que se tratava?

– Oh, as parvoíces habituais. Uma sucessão de coisas sem sentido.

– Estou a ver. Importa-se de o ir procurar? Talvez esteja na mochila dela.

– Penso que o Barry não iria gostar que...

– Não está cá.

É a voz de Leo. Está ao fundo das escadas, empoleirado no corrimão.

– A mochila da Daisy. Não está cá em casa.

Sharon olha-o com o cenho franzido.

– Tens a certeza? Quase jurava que a tinha visto no quarto dela.

Dá meia-volta e passa pelo filho, seguindo escada acima. Leo continua a baloiçar-se no corrimão. Segundos depois, ele e Everett ouvem Sharon a remexer em coisas lá em cima.

– A Portia não era.

Verity olha-o, confusa.

– Desculpa? A Portia não era o quê?

– A melhor amiga da Daisy. A Portia não gostava dela.

Verity abre a boca para dizer alguma coisa, mas ouve-se o som de saltos a descer as escadas. Sharon está de regresso.

– Ele tem razão, para variar. A mochila não está cá, mas como é que...

E é então que, atrás de si, Everett ouve o barulho de um carro a chegar, seguido do clamor dos *flashes* das câmaras e de um chorrilho de perguntas. Volta-se e vê Adam Fawley e Gareth Quinn a dirigirem-se para a entrada de casa.

– Onde está o seu marido, Sra. Mason?

Sharon semicerra os olhos.

– Porquê? O que querem com ele?

– Podemos fazer isto aqui – diz Fawley, num tom calmo, mas assertivo –, em frente às câmaras, ou dentro de casa. A decisão é sua.

Sharon vira ligeiramente a cabeça, mas os olhos dela nunca descolam do rosto de Adam Fawley.

– Barry!

Quando ele aparece, traz uma lata de cerveja numa mão e um jornal na outra.

– Espero que tenham uma boa razão para isto, porra.

– Há pouco recebemos uma chamada na nossa Sala de Situação, Sr. Mason – revela Fawley. – Da menina Amy Cathcart. Parece que vocês se têm correspondido por *e-mail* ao longo das últimas três

semanas.

Sharon agarra o braço do marido.

– De que é que ele está a falar? Mas quem é essa *tipa*?

– Ninguém – responde Barry, abanando a cabeça. Mas está branco como a cal. – Nunca conheci ninguém com esse nome.

– Isso é verdade, Sra. Mason. Para ser rigoroso, o seu marido nunca *conheceu* a menina Cathcart. Mas planeava conhecê-la, sem dúvida. Quer dizer, que outra razão teria para se inscrever num *site* de encontros?

– Um *site de encontros*?! – Sharon está ao rubro. – Tu tens andado em *sites de encontros*?!

– Receio bem que sim, Sra. Mason. Através de um nome falso e um telemóvel pré-pago. Suspeito que a senhora não esteja a par deste facto. Estou certo?

Quinn mal consegue intervir a tempo quando Sharon se lança à cara do marido. *Meu Deus*, pensa Everett, sentindo os *flashes* na retaguarda, *a imprensa deve estar em êxtase*.

– Creio que posso afirmar, sem sombra de dúvida, Sr. Mason – prossegue Fawley, enquanto Quinn puxa a mulher para o interior da casa –, que o senhor prefere continuar esta conversa nas nossas instalações.

Barry lança um olhar de puro ódio a Fawley. Tem um arranhão feio por baixo do olho direito. De seguida, endireita os ombros e enfia a lata e o jornal nas mãos de Everett, antes de se voltar para o Inspetor:

– Vamos lá acabar com isto de uma vez por todas.

\* \* \*

7 de julho de 2016, 10h53

42 dias antes do desaparecimento

Museu Etnográfico de Pitt Rivers, Oxford

Está uma bela manhã de sol, e três professoras de Bishop Christopher esforçam-se por organizar uma horda de alunos inquietos em algo semelhante a uma fila. Uma delas é Kate Madigan, a outra é Melanie Harris e a terceira dá pelo nome de Grania Townsend, que usa um conjunto eclético de roupas que vai de umas robustas Doc Martens a um cardigã com florzinhas e gola de renda. As crianças mais velhas já estão com ar aborrecido, não fazendo ideia do significado de «etnográfico» e claramente desconfiadas relativamente a tudo a que se possa chamar de *museu*.

– Fiquem junto de mim, OK? – pede Grania. – Este museu não tem nada que ver com qualquer outro a que tenham ido, prometo. Tem um sapo cheio de verrugas, e bonecos vudu, e um totem verdadeiro. É enorme, como o que vimos naquele livro sobre os nativos americanos, lembram-se?

Isto provoca um súbito interesse. Um dos rapazes mais pequenos trepa pelos outros até ser visto.

– Há *mesmo* uma bruxa dentro de uma garrafa? Como é que a meteram lá dentro?

Grania sorri.

– Acho que ninguém sabe. A garrafa foi doada ao museu há cerca de 100 anos por uma senhora muito velhinha que avisou que se alguma vez alguém a abrisse, ficaria metido num enorme sarilho.

– E é por isso que nunca a abriram?

– Não, Jack, nunca. Mais vale jogar pelo seguro, não é?

Lá à frente, a fila começa a andar e Kate Madison trata de conduzir as crianças mais pequenas pela galeria principal, onde se juntam em grupo, olhando em redor para uma sala escura que mais parece uma caverna. Há escudos africanos e peles de esquimós penduradas no teto, e o chão diante deles é um labirinto de vitrinas repletas com todo o tipo de artefactos humanos – *Instrumentos Musicais, Máscaras, Arte Plumária e de Contas, Barcas Funerárias, Armas e Armaduras, Cerâmica, Cestaria*. Aparentemente, tudo está bem organizado, mas no interior de cada vitrina há um glorioso caos de datas e locais de origem, com Samurai misturado com Suriname e Melanésia com Mesopotâmia. Alguns dos artefactos têm ainda as inscrições originais – com as folhas de papel amarelado presas com fios, numa minúscula caligrafia vitoriana. É como se o tempo tivesse parado em 1895. E, de certa forma, parou. Pelo menos aqui.

Kate Madison aproxima-se de Grania.

– A Mel teve de levar o Jonah Ashby à casa de banho das senhoras. Está a deitar sangue pelo nariz, coitado do miúdo. Creio que esta excitação toda foi de mais para ele. E como eu o compreendo. Este sítio é fantástico.

Grania sorri. Neste momento, há crianças por tudo quanto é lado, a apontar, a exclamar e a correr de uma vitrina para outra.

– Pois é. Adoro estas visitas de estudo. Quanto mais estranho é o sítio, mais eles gostam.

– Não é uma surpresa o que se passa ali...

Grania assente, olhando para uma vitrina onde pelo menos uma dúzia de crianças se atropelam num círculo estreito.

– São as *tsantas*! São sempre um sucesso.

– *Tsantas*?

– Cabeças humanas encolhidas.

Kate faz uma careta.

– Antes tu do que eu.

A colega ri-se.

– Primeiro estranha-se, depois entranha-se. Eu que o diga.

Dirige-se à vitrina em questão, onde encontra Nanxi Chen a ler a descrição num tom entusiasmado, com um grupo de rapazes de olhos esbugalhados a rodeá-la. Há cerca de uma dúzia de

cabeças no interior, a maioria do tamanho de um punho, mas outras bem mais pequenas. Várias têm anéis nas narinas e mantêm o cabelo original, completamente desproporcional relativamente aos pequenos rostos escuros e alongados.

– *As cabeças reduzidas obtinham-se através da remoção da pele e, posteriormente, do crânio e do cérebro* – recita Nanxi. – *A boca e os olhos eram cosidos, para evitar que o espírito da morte regressasse para atormentar o assassino. De seguida, a pele era cozida em água a ferver, o que provocava o encolhimento.* Uau, isto é tão nojento!

Grania Webster sorri.

– São muito antigas e provenientes da América do Sul. Nessa época, os membros das tribos acreditavam que arrancar a cabeça aos inimigos era a forma de lhes capturar a alma e ficar com os seus poderes. Usavam as cabeças miniatura à volta do pescoço durante as cerimónias ritualísticas.

Um dos rapazes olha-a fixamente, com a boca semiaberta.

– A sério?! Uau, isso é *espetacular*!

Do lado oposto da vitrina, sob o título *Tratamento dos Inimigos*, Leo Mason observa atentamente uma coleção de crânios decorados. Alguns têm conchas cravadas, outros têm chifres de animais empalados na testa. O rapaz está especialmente impressionado com um tão pequeno que terá, sem dúvida, pertencido a uma criança. Tem espetos de metal enfiados nas órbitas e o osso do crânio está firmemente atado com tiras de cabedal. Um dos curadores do museu aproxima-se de Leo.

– É um pouco assustador, não é? – diz-lhe num tom simpático.

Leo olha fixamente para o crânio.

– Porque é que tem aquelas coisas espetadas nos olhos?

– Isso é uma ótima pergunta. Pode ter sido por vingança. Ou foi o feiticeiro da tribo a fazê-lo, para destruir algum espírito maligno.

Outro rapaz surge na retaguarda de Leo e levanta as mãos, tipo espectro.

– Uuhhhh!

Leo dá um salto atrás, agarrando-se ao casaco do curador. O homem põe-lhe uma mão tranquilizadora no ombro.

– Calma... Estás bem? Queres que vá chamar a tua professora?

Leo abana a cabeça, mas não larga o casaco.

– Que tal fazeres a Caça ao Tesouro? – sugere ele. – Há 14 ratinhos de madeira escondidos algures dentro destas vitrinas. Já há colegas teus à procura, e a vossa professora falou num prémio a atribuir a quem encontrar todos. Que me dizes?

Leo volta a abanar a cabeça.

– Eu gosto dos crânios – acaba por dizer.

Ao fundo de uma sala do piso inferior, Kate Madigan acompanha um grupo de meninas que está a

observar a área de *Amuletos, Fetiches e Pragas*. Portia Dawson copia diligentemente os nomes dos diversos tipos de talismãs para um pequeno bloco de notas, enquanto Daisy Mason se mostra encantada com uma coleção de ornamentos em filigrana de prata expostos sobre veludo preto.

– Parecem aquelas pulseiras de amuletos – diz ela, erguendo o olhar para a professora.

– Pois é – diz-lhe Kate, com um sorriso. – Já as tinha visto. Em Itália, era habitual estarem penduradas nos berços dos bebés, de forma a protegê-los do mal e afastar os espíritos malignos durante o sono.

– Como a rainha malvada de *A Bela Adormecida*?

– Sim, mais ou menos. – Kate aproxima-se mais da vitrina e aponta. – Supostamente, são parecidas com ramos pendurados ao contrário. Como o azevinho de Natal?

Portia olha para cima e espreita pelo vidro, de forma a ler inscrição. Escreve CIMARUTA em bonitas letras maiúsculas arredondadas, e começa a desenhar um dos amuletos.

– Todos eles têm símbolos diferentes de boa sorte – prossegue Kate. – Consegues ver, Daisy? Uma lua, uma chave, uma flor e um golfinho.

Daisy fica momentaneamente em silêncio. Até que indaga:

– São *mesmo* mágicos, professora Madigan? Conseguem mesmo manter afastadas as coisas más durante a noite?

Kate assume uma expressão séria.

– Há quem acredite que sim. De onde eu venho, muitas das pessoas mais idosas ainda acreditam nesse tipo de coisas.

Daisy não tira os olhos dos amuletos de prata.

– Quem me dera que fosse verdade – diz, num tom melancólico. – Gostava muito de ter um amuleto assim.

Ergue novamente o olhar para a professora, e depois na direção do irmão. Um grupo de rapazes mais velhos apontam para uma escultura muito tosca de um leão numa das vitrinas, e de seguida gesticulam para Leo, enquanto riem e enfiam os dedos na boca.

– *Nuka Vomita! Nuka Vomita!*

A voz de Daisy esvai-se num murmúrio.

– E também arranjava um para o Leo...

\* \* \*

Quando Everett foi transferida para Oxford, foi-lhe dada a opção entre uma pequena casa vitoriana de dois pisos, no final da Botley Road, que precisava de bastantes obras, e um apartamento recentemente remodelado em Summertown, por cima de uma lavandaria. Ganhou o apartamento, mas só depois de ela se certificar de que tinha uma escada de incêndio com acesso direto à rua. Não para

ela, mas para gato. Apesar de o enorme e preguiçoso felino não a usar muitas vezes.

Nessa noite, quando entra em casa, por volta das 21h15, *Hector* está refastelado no cadeirão habitual. Pisca-lhe os olhos, reagindo ao súbito surto de luz. Everett atira o boné para cima do sofá e senta-se, afagando a parte de trás das orelhas do gato com uma expressão ausente. É muito parecido com o gato da Portia Dawson. E isso, por sua vez, faz-lhe lembrar aquilo que a tem preocupado desde que saiu de casa dos Mason.

Portia.

Na escola, ela já se tinha perguntado vagamente por que razão Portia, de todas as amigas de Daisy, tinha ficado tão afetada com o desaparecimento da amiga, a ponto de os pais a deixarem ficar em casa, mas agora essa curiosidade transformou-se num alívio profundo. Toda a gente disse que elas eram as melhores amigas – as professoras, Sharon, a própria Portia. À exceção de Leo. O Leo não. E... como é que Fawley o descreveu? «Um miúdo extremamente atento e observador.» Terá ele visto alguma coisa que mais ninguém viu? Será que escapou algo de importante a todos os envolvidos na investigação? Pensa nas últimas imagens de videovigilância que viu da Daisy, revendo-as mentalmente. Daisy e Nanxi estavam a conversar, mas Portia manteve-se algo afastada. E continuou no mesmo sítio, observando atentamente quando Daisy foi atrás de Leo em direção a Canal Manor. Se eram melhores amigas, isso não seria relevante. Mas... e se não eram? E se a Portia realmente odiasse a Daisy – como é que se poderia interpretar essa cena?

Everett pega no telemóvel e liga a Gislingham.

– Desculpa por te estar a ligar tão tarde. Só quero fazer uma pergunta rápida sobre as imagens da câmara do portão da escola.

Ouve-se distintamente o som da televisão em fundo, e Janet pergunta quem é.

– Desculpa, Ev, não te consigo ouvir ... OK, já estou na cozinha. Diz lá.

– Quando visionaste as imagens da escola, para veres se algum dos rapazes seguiu o Leo, por acaso reparaste na Portia Dawson? Lembras-te do que ela fez imediatamente depois de a Daisy e o Leo se irem embora?

– Eh, pá, essa pergunta... Deixa-me pensar. Sim, tenho quase a certeza de que ela seguiu na mesma direção, alguns minutos depois, mas não posso garantir. Porquê, é importante?

Everett respira fundo.

– Creio que poderá ser, sim. Tenho de ligar ao Baxter e pedir-lhe que confirme. Porque se tiveres razão, se a Portia foi mesmo atrás da Daisy nessa tarde, é porque não ia para casa. A casa dos Dawson fica na *direção oposta*.

\* \* \*

– Bom, Sr. Mason, temos mesmo de parar de nos encontrar sob estas circunstâncias.

Foi reles, eu sei, mas não resisti.

Estamos na Sala de Entrevista Um. Aqui não há poltronas confortáveis – e, por favor, poupem-me às piadas sobre a Inquisição Espanhola, já as ouvi todas. Paredes pintadas de uma cor que nem para um urinol de rua serviria e janelas tão altas que nem se consegue ver o exterior. No meio da sala, quatro cadeiras de plástico encardido e uma daquelas mesas de madeira pretas, com o rebordo tosco e lascado – que eu podia jurar que são feitas exclusivamente para as instalações da polícia. «Arquitetura de intimidação», como a Anna Philips lhe chamou. Pessoalmente, sou cauteloso na atribuição do termo «*design* inteligente» a algo ligado ao sistema de justiça criminal, mas mesmo sendo inadvertido, a verdade é que resulta. O Barry Mason, todavia, está determinado a não se deixar intimidar pelo ambiente sombrio que o rodeia. Provavelmente por passar tanto tempo em estaleiros de obras. Quanto a mim, não tive propriamente uma boa experiência com empreiteiros – certamente já perceberam isso.

O Quinn fecha a porta atrás de si. O ar está rançoso devido ao suor das mentiras. O Barry cheira a cerveja e *aftershave* barato. Não sei qual deles o pior.

– Muito bem, Sr. Mason – começo –, agora que já todos sabemos dos factos, talvez nos queira dizer onde é que realmente esteve na terça-feira à tarde? Porque claramente não foi em Watlington, pois não?

– Está bem, não estive lá. Mas também não estive em Oxford a matar a minha filha.

Ergo as sobrelhas, tão chocado quanto divertido.

– Quem é que falou em matar a sua filha? Foi o senhor, Inspetor Quinn?

– Eu não, chefe.

– Sei perfeitamente o que está a pensar. Não sou estúpido – reage o Mason, afastando o olhar.

– Então, diga-nos onde realmente esteve. A partir das 15h30.

Ele fulmina-me com o olhar, depois começa a roer nervosamente a unha do polegar.

– Estive em Witney. Num bar. À espera de uma anormal que não apareceu.

Sorrio, de um modo que, espero, seja extremamente irritante.

– Pois, se calhar teve uma proposta melhor, hã? Se quer que lhe diga, não me surpreende. O senhor não é um grande partido. Dois filhos, uma bela hipoteca... Ah, é verdade, já me esquecia, para elas o senhor *não tem* filhos, não é?

Ele recusa reagir à provocação.

– Pagou a despesa com cartão de crédito, Sr. Mason? – pergunta-lhe o Quinn.

– Acha que sou assim tão estúpido? – lança-lhe ele. – O raio da minha mulher passa a vida a revistar-me os bolsos.

– Então, não consegue provar que esteve efetivamente lá, pois não?

– Peço imensa desculpa, não sabia que iria precisar da porra de um álibi – diz ele, num tom sarcástico.

– Então, e depois?

– Depois de quê?

– Bom, não me parece que tenha estado a tarde inteira à espera de uma donzela, como um adolescente melancólico com borbulhas. Quanto tempo depois é que desistiu?

Ele mexe-se na cadeira.

– Não sei. Meia hora, talvez.

– E depois saiu.

Ele hesita, depois assente.

– Que horas eram?

– Por volta das 16h00. Talvez 16h15.

– E porque não foi para casa, nessa altura?

Novo olhar fulminante.

– Porque já tinha ligado à Sharon a dizer que ia chegar tarde e porque não me apetecia nada envolver-me naquela trabalhadeira toda para o raio da festa. Está bem? Satisfeitos? Isso faz de mim um tipo preguiçoso, não um assassino. Que eu saiba, isso ainda não é ilegal.

Espero uns segundos.

– E então, o que é que fez? Para onde foi?

Ele encolhe os ombros.

– Andei às voltas de carro, só isso.

Nova pausa. Depois, levantamo-nos, e ele olha de um para o outro.

– Já está? Já posso ir para casa?

– Sim, pode ir para casa. Sinceramente, admira-me que queira ir, dada a receção que provavelmente o espera.

Ele faz uma careta.

– Foi uma maneira de falar. Não faltam hotéis nesta porcaria de cidade. Caso não tenham reparado.

– Seja como for, peço-lhe que não vá a lado nenhum sem nos informar antes. Ainda temos de verificar o seu paradeiro nessa tarde.

– Já vos disse, não tenho como provar.

– As imagens de videovigilância não mentem, Sr. Mason. Tal como o ADN.

Estarei a imaginar ou algo abalou a sua expressão ao ouvir isto?

– Quero um advogado – diz ele com ar taciturno. – Tenho o direito de falar com um advogado.

– Pode falar com quem quiser. Mas, já agora, diga-lhe que não foi detido.

Chego à porta, faço uma pausa e volto-me para ele.

– Como é que a Daisy o tratava?

Ele pestaneja.



– *Perdão?*

– É uma pergunta muito simples. Como é que a Daisy o tratava?

Uso o intencionalmente o passado, curioso para ver se isso o desafia. Mas ele não parece reparar.

– *Papá?* – diz, num tom sarcástico. – Talvez um estranho *Pai*, em certas ocasiões. Lamento, mas de onde eu venho não usamos o termo *Pater*. Que porra de diferença é que isso faz?

Sorrio.

– Talvez nenhuma. Estava só curioso.

\* \* \*

Na manhã seguinte, às 10h35, Everett volta a tocar à porta da casa dos Dawson. Consegue ver o gato na sala, empoleirado nas costas de um cadeirão, olhando-a com ar desconfiado através do canteiro de gerânios da janela. A porta abre-se e revela um homem de cabelo branco, de aspeto cansado, mas ar distinto.

– Sim? – diz ele, franzindo a testa. Tem um forte sotaque da Irlanda do Norte. – Não queremos comprar nada.

Everett ergue um sobrolho – e a carteira do distintivo.

– Também não tenho nada para vender. Inspetora-Coordenadora Everett, do DIC de Thames Valley. Posso entrar?

Ele tem a elegância de corar e, de seguida, afasta-se para a deixar entrar, fazendo um gesto educado. Everett avança pelo átrio até à ampla cozinha branca e antracite, onde Eleanor Dawson está a servir café.

– Oh, Inspetora Everett! – diz ela alegremente. – Não percebi que ia voltar.

– Também não o esperava, Dra. Dawson. Venho falar com a Portia. Ela está?

Patrick Dawson olha de relance para a mulher, antes de responder:

– Está lá em cima, no quarto. De que se trata? Pensei que já lhe tivesse dito tudo o que sabe.

– Tenho mais algumas perguntas. Podem chamá-la, por favor?

Cria-se um momento desconfortável, enquanto os três aguardam em silêncio que Portia apareça. O que, eventualmente, acaba por acontecer. Surge bastante receosa e desconfiada.

– O que é que ela quer, Mamã? – diz a menina, com os olhos muito abertos. Soa tão jovem. Ela é tão jovem...

Eleanor Dawson dirige-se à filha e põe-lhe um braço à volta dos ombros.

– Não te preocupes com nada, querida. Tenho a certeza de que são só mais algumas perguntas de rotina.

Everett dá um passo na direção da jovem.

– Só quero fazer outra pergunta sobre a tarde em que a Daisy desapareceu, Portia. Sabes, é que o meu colega esteve a ver as imagens da câmara do portão da escola e parece que tu foste atrás da Daisy, apesar de não ser essa a direção da tua casa. Foi isso que aconteceu?

Portia olha para a mãe.

– Não fiz nada, Mamã – diz ela, num sussurro quase inaudível.

– Eu sei que não, querida. Explica só o que aconteceu à Inspetora Everett e tudo vai ficar bem.

– Então, Portia? Seguiste a Daisy? – pergunta-lhe Everett.

Há uma pausa. Por fim, a menina assente.

– Só por um bocadinho. Depois, tive de voltar, para que a Mamã me levasse à explicação de Matemática.

Eleanor Dawson intervém.

– É absolutamente correto, Inspetora. A aula começa às 16h30, por isso a Portia terá chegado a casa às 16h15, no máximo, ou teríamos chegado atrasadas. Esteja à vontade para confirmar. É o *Kumon Study Centre*, na Banbury Road.

Everett ainda não tirou os olhos de Portia.

– Continuo curiosa sobre o motivo que te fez seguir a Daisy nesse dia.

– Só queria falar com ela.

– Porque vocês eram as melhores amigas. Foi isso que nos contaste, não foi?

Portia parece finalmente perceber onde é que isto pode chegar, já que se limita a olhá-la fixamente, com os olhos marejados de lágrimas.

– Sabes, Portia – continua Everett, caminhando lentamente para ela –, nós sabemos que te chateaste com a Daisy. E quando o Inspetor Baxter viu as imagens da semana anterior à festa, percebeu que vocês estavam a ter uma grande discussão. Tu bateste-lhe e puxaste-lhe o cabelo e gritaste com ela. Não se ouve o som, mas é fácil perceber o que lhe disseste. Disseste que a odiavas e que querias vê-la morta.

Portia baixa a cabeça e as lágrimas rolam-lhe pelo rosto.

– Ela foi má para mim. Disse que o meu pai não me achava suficientemente inteligente para ser médica como ele e que saber desenhar bem não me levaria a lado nenhum...

– Oh, *minha querida* – solta Eleanor Dawson, aproximando-se da filha e limpando-lhe as lágrimas. – Não podes acreditar em tudo o que a Daisy diz. Ela passa a vida a inventar coisas.

Portia abana a cabeça.

– Mas eu sei que isto é verdade, porque ela parecia mesmo o Papá. Imitou a voz dele e tudo...

Eleanor Dawson lança um olhar fulminante ao marido, depois baixa-se e murmura ao ouvido da filha.

– Está tudo bem, Portia. Ninguém acha que fizeste mal à Daisy.

A menina continua a abanar a cabeça.

– Mas vocês não estão a entender. Eu fiz uma daquelas bonecas de vudu que vi no museu e enfieilhe alfinetes e desejei que ela morresse! E agora ela morreu e a culpa é toda minha!

Patrick Dawson avança firmemente, colocando-se entre Everett e a sua família.

– Creio que já chega, Inspetora Everett. Como pode observar, está a perturbar a minha filha. E não me vai dizer que suspeita que a minha filha tem algo que ver com a morte dessa criança. Ela tem apenas oito anos, por amor de Deus.

Everett olha para a criança em pranto e, de seguida, para o pai.

– Ainda não sabemos se a Daisy Mason está morta. E o senhor até pode considerar tudo isto uma briga normal, mas as crianças levam muito a sério este tipo de coisas. Tal como a sua filha obviamente levou. E deixe-me que lhe diga que ficaria surpreendido com aquilo que as crianças são capazes de fazer, se levadas a um extremo. Mesmo com oito anos.

\* \* \*

De regresso à esquadra, sou obrigado a seguir caminhos alternativos devido a várias obras na estrada, e depois de tantas voltas dou por mim muito perto de Port Meadow. Não sei bem porquê, mas acabo por entrar na estrada secundária, estaciono junto à Walton Well, saio do carro e resolvo seguir a pé. Um pouco mais à frente, a velha vila de Bisney surge visível por entre as árvores; atrás de mim, as torres da cidade; a norte, bem mais distante, uma mancha castanha demarca os contornos de Wolvercote. E à minha direita, mais perto do que tudo o resto, são visíveis os telhados de Canal Manor, com uma ou duas janelas banhadas pelo sol. Nos prados, a névoa continua agarrada às cavidades na terra e o gado avança lentamente entre os tufo de erva, com as orelhas a enxotar insetos invisíveis. E por cima de tudo isto, um enorme céu pontilhado por nuvens rosadas. Em miúdo, adorava nuvens. Sabia os nomes de todas – *cirrocumulus*, *altocumulus*, *cumulonimbus*. Vivíamos num subúrbio tão insignificante que eu construía a minha paisagem a partir do que tinha sobre a minha cabeça – montanhas e castelos com muralhas e inimigos beligerantes. Creio que os miúdos já não fazem isso. Preferem a Xbox ou o *Clash of Cans*. Coisas que não exigem imaginação. Sempre sonhei partilhar as minhas nuvens com o Jake, mas ele também preferia a Xbox. Tal como os amigos. Se calhar, era apenas demasiado novo.

E mais tarde, depois de o perdermos, eu costumava vir para aqui caminhar, bater com a minha dor na terra. Uma hora para lá, outra hora para cá. A mesma passada monótona e opressiva, dia após dia, mês após mês. Chuva, neve, gelo, nevoeiro. Lembro-me subitamente de que a Sharon Mason também costumava vir para aqui correr. Talvez eu a tenha visto. Talvez até me tenha sorrido. Talvez tudo isto estivesse a ser pensado, já nessa altura.

Assim que chego à base, apercebo-me do preço a pagar pelo meu desvio. Não consegui tomar um café decente e tive de me resignar à velha máquina do corredor. Estou à frente dela, tentando decidir

qual o menor dos seus vários males, quando o Gislingham irrompe pelas portas basculantes do corredor e avança na minha direção. Percebo logo que algo aconteceu.

– É a Sharon – diz ele, a arquejar. – Quer falar consigo. Deixei-a na Sala de Entrevista Dois.

– Qual é o assunto?

Ele encolhe os ombros.

– Não faço ideia, ela diz que só fala consigo.

– E o Leo, onde está? Espero que ela não o tenha deixado sozinho em casa, com aquele bando de abutres no exterior!

– Não se preocupe, ele está na Sala da Família, com a Mo Jones.

– Ah, bom, antes assim. Seja como for, importas-te de ir até lá para ficares com ele até a mãe chegar?

– Eu? Mas não é para isso que a Mo serve?

– Confia em mim, vai ser a parte mais divertida do teu dia. Na verdade, será provavelmente a primeira vez que terás alguém que gosta realmente de ouvir os teus disparates sobre futebol. Já agora, descobre-me o Quinn, sim? E diz-lhe que venha ter comigo.

\* \* \*

## **BBC Midlands Today**

Sexta-feira, 22 de julho de 2016 | Última atualização às 11h56

### **Daisy Mason: Polícia interroga pais**

Ao que a BBC apurou, a Polícia de Thames Valley voltou a interrogar o casal Barry e Sharon Mason, depois do seu emocionado apelo público para que devolvam a filha. Alegadamente, Daisy Mason, de oito anos, foi vista pela última vez na noite da passada terça-feira, no jardim de casa da família, onde decorria uma festa.

A BBC apurou também que inspetores da polícia estiveram na Bishop Christopher, a escola primária que Daisy e o irmão frequentam, recolhendo depoimentos de colegas e professoras da menina. Requisitaram igualmente as imagens de videovigilância captadas nos portões da escola.

Quem tiver alguma informação sobre a Daisy ou se alguém a tiver visto a qualquer hora da passada terça-feira, deverá contactar imediatamente a Sala de Situação do DIC, através do número 01865 0966552.

A Sala de Entrevista Dois é, se possível, ainda mais rançosa do que a Sala de Entrevista Um. Mas ao olhar para o rosto da Sharon, rancorosa será o termo mais adequado para a descrever. Ela mal consegue conter a fúria. A expressão mulher traída não passa de um eufemismo.

Puxo uma cadeira. A Sharon olha para o Quinn e depois para mim.

– Pedi para falar consigo, não com ele.

– O Inspetor Quinn está presente apenas para cumprir os trâmites legais, Sra. Mason. É absolutamente do seu interesse, tal como do nosso.

Ela mostra-me um olhar raivoso, o que me leva a dirigir um gesto ao Quinn, indicando-lhe que aguarde junto à porta.

– Muito bem, Sra. Mason, em que posso ajudá-la?

– Disse-me que o meu marido se inscreveu num *site* de encontros. Mas que não chegou a encontrar-se com aquela mulher, como é que se chama...

– Amy Cathcart. Não, de facto, não estive com ela.

– Mas calculo que não tenha sido a única?

– Ainda estamos a aguardar pelos registos completos do FindMeAHotDate, mas... – Ela esboça um esgar de nojo, mas eu nem ligo. – ... tudo parece indicar que ele já frequenta esse *site* há alguns meses. Tentou apagar o perfil na quarta-feira de manhã, o dia seguinte ao desaparecimento da Daisy.

Queria ver como é que a Sharon reagia a esta, mas, aparentemente, ela tem outras coisas em mente.

– Então, ele tem estado com outras mulheres há imenso tempo? A vê-las e... a *dormir com elas*?

– Não dispomos de provas que apontem nesse sentido, Sra. Mason – respondo, com um encolher de ombros. – Mas creio que podemos assumir que sim. É possível que outras mulheres apareçam. Só aí saberemos.

O rosto dela está tão vermelho que quase lhe sinto o calor.

– E como é que ela é? Essa... *Amy Cathcart*?

Desta, confesso, não estava à espera. Mas rapidamente percebo a pergunta. Volto-me para o Quinn.

– Ainda não vi a fotografia dela. E o Inspetor Quinn?

Ele percebe de imediato a minha intenção.

– Só a foto de perfil, chefe. É loura, a atirar para o magro, mas com belas curvas, se é que me entende. Muito bonita, por acaso.

A Sharon esforça-se ao máximo por se controlar. Tem os ombros a tremer do esforço.

– Trouxe-lhe uma coisa – acaba por dizer. – Duas, aliás.

Pega num saco de supermercado do *Morrissons* e coloca-o em cima da mesa. Apercebo-me

vagamente do seu conteúdo, já que algo no interior brilha na fraca iluminação da sala. É azul e verde. Com camadas sobrepostas, como escamas de uma cauda de peixe...

Sinto um baque no coração.

– Onde encontrou isso, Sra. Mason?

– No roupeiro *dele*. Quando tirava as tralhas para o pôr na rua. Estava escondido por baixo daquele equipamento de ginástica nojento.

Ouçõ o Quinn a arquejar, seguido do som da porta a abrir. Segundos depois, ele regressa, já com luvas de látex calçadas. Pega no saco de plástico e coloca-o cuidadosamente no interior de um saco de prova.

– Está ciente – prossigo – de que agora somos obrigados a tirar-lhe uma amostra de ADN, Sra. Mason?

– Porquê? – guincha ela. – O que é que eu fiz? Não é a mim que devem investigar, é...

– É apenas por uma questão de eliminação, de exclusão de partes – interrompo-a, mantendo um tom conciliatório. – Calculo que não estivesse de luvas quando encontrou esta fantasia no roupeiro?

Ele hesita, depois abana a cabeça.

– Não.

– Então, o seu ADN ficou na peça, isso é inevitável. E precisamos de eliminar isso da investigação.

Não estou certo de que ela tenha pensado nisto, mas agora já é demasiado tarde.

– Falou em duas coisas?

Ela mantém-se em silêncio, e eu tento de novo.

– Sra. Mason, há pouco falou em duas coisas?

– Ah, sim. Também encontrei isto no roupeiro dele.

Abre a carteira – a tal de imitação – e tira uma folha de papel. Em formato A4, mas dobrada em dois, como um cartão de aniversário. Está engelhada, como se alguém a tivesse amarrotado e alisado logo depois. Ela estende-me a folha, e constato que se trata efetivamente de um cartão de aniversário. Feito à mão, pela Daisy, para o pai. A menina escreveu as palavras de modo a formarem os contornos de um bolo de aniversário com uma vela. Para uma criança de apenas oito anos, algo tão cuidadoso e preciso deve ter levado horas a fazer. Dou por mim a vê-la mais nitidamente do que nunca – a menina real, a menina viva e sorridente. E fico ainda mais convencido de que está morta.

**F  
eliz  
Aniver  
sário  
Pa**

***És o melhor Papá do mundo. Cuidas de mim e quando eu caio dás-me beijinhos nos dói-dóis para a dor passar. É muito giro quando me sento no teu colo a balançar e também na piscina. Quando for grande e rica vou comprar todas as tuas coisas preferidas***

Sinto-me levemente nauseado. O colo, a piscina... Pode haver uma explicação perfeitamente inocente para tudo. Mas, se houvesse, a Sharon não estaria neste momento sentada à minha frente. Ergo o olhar e encontro o dela – e não gosto do que vejo.

Foi enganada, sei disso, mas por Deus, a mulher nem sequer consegue suscitar-me compaixão.

– Veja no interior – pede.

E eu vejo.

Lá dentro, uma série de imagens cobrem praticamente toda a folha. Grande parte a cores, duas ou três recortadas de revistas e jornais. Todas as coisas favoritas do pai. Filetes de peixe com batatas fritas e puré de ervilhas. Uma lata de cerveja. Um culturista a elevar halteres. Um carro desportivo. Mas nada disto se compara com a imagem no centro – e não apenas pelo tamanho. Um par de seios com enormes mamilos vermelhos. Foram recortados de um grande plano, por isso parecem desencarnados, quase anatómicos. Mas não há nada de científico no impacto que esta imagem provoca.

– Ela deve ter recortado isso das revistas nojentas dele – diz a Sharon.

O meu primeiro pensamento é: *se isso for verdade, que outras coisas mais terá visto a menina?* Vem-me à mente a terrível imagem de uma menina esperta e inocente a escrutinar cuidadosamente cada página sórdida, à procura daquilo que o papá mais gosta.

Sinto a garganta seca.

– Quando é que o seu marido fez anos?

Desta vez, há uma pausa.

– No dia 2 de abril.

– E nessa altura, não viu isto? Quando a Daisy lho ofereceu?

Ela semicerra os olhos.

– Não. Claro que não vi. Por quem me toma? Não percebe que isto era um *segredinho* dos dois?

– Oh, sim, claro que percebo, Sra. Mason. – Arrasto a cadeira para trás. – Obrigado por nos ter trazido isto. Posso pedir-lhe que fique mais um pouco, para o caso de nos surgirem mais questões? O Inspetor Quinn pode fazer-lhe um chá.

– Não quero o vosso chá. Já lhe disse que não gosto.

– Uma bebida fresca, talvez? – sugere o Quinn. – Uma Coca-Cola Diet?

Ela lança-lhe um olhar assassino.

– Pode ser uma água com gás.

Já no corredor, encosto-me pesadamente à parede.

– Sente-se bem, chefe?

– Eu sabia que aquele tipo era um imbecil, mas... por amor de Deus!

– Veja as coisas pelo lado positivo. Isto pode bastar para conseguirmos o mandado. E o acesso ao computador dele. Mesmo que não seja suficiente para uma detenção.

Mas não sou assim tão otimista.

– Creio que vamos precisar de mais do que um simples mandado para isso. Mas não perdemos nada em tentar. Vamos esperar que nos calhe um juiz com uma filha de oito anos.

– OK, vou já tratar disso.

Ele está prestes a sair, mas algo me faz retê-lo.

– Espera. Diz-me uma coisa. Se o Mason foi diretamente para casa quando saiu de Witney, em vez de ter andado «às voltas de carro», como alega, quanto tempo achas que levou?

O Quinn pensa a pergunta.

– A essa hora do dia, diria... meia hora, talvez. Ou 40 minutos, no máximo.

– Então, é possível que ele tenha chegado a casa no momento exato em que a Sharon Mason estava fora?

– Creio que sim – diz ele, franzindo de testa. – Mas não lhe dava muito tempo. Para matar a miúda, livrar-se do corpo e desaparecer antes de a mulher voltar.

– Mas... e se não foi isso que aconteceu? E se a Sharon voltou e apanhou-os juntos? Apanhou o marido a fazer alguma coisa à Daisy? Gera-se uma enorme discussão e, a dada altura, no meio da confusão, a miúda é morta. Por acidente ou por raiva, não interessa.

– Então, qualquer um deles a pode ter matado?

– Se este cenário for real, sim.

– E terá sido o Barry a livrar-se do corpo?

Assinto com a cabeça.

– É o cenário mais provável, sim. Não estou a ver a Sharon a fazer isso, e tu? Pelo menos, não com aqueles sapatos ridículos calçados.

– Portanto, tudo terá acontecido entre as 17h30, a hora em que o Mason chegou a casa, e... as 18h00, talvez?

– Sim, 18h30 o mais tardar, uma vez que já esperavam convidados a essa hora. A questão é saber até onde ele conseguia chegar de carro e voltar a tempo. Em que local poderá ter enterrado o corpo e escondê-lo tão bem que ainda ninguém o encontrou. E não te esqueças de que é empreiteiro – tem as suas próprias obras e certamente terá conhecimento de outras empreitadas às quais se terá candidatado. Locais de construção vazios, com grandes buracos no chão à espera de serem



preenchidos...

O Quinn está nitidamente a esforçar-se para processar tudo isto.

– Mas, se tiver razão no que diz, porque não se limitaram a dizer que a filha foi raptada no caminho da escola para casa? Porque é que quiseram passar por aquele número todo da festa?

– Porque não tinham a certeza se alguém tinha visto a Daisy no empreendimento nessa tarde. Agora sabemos que não, mas nem a Sharon nem o Barry sabiam. A menina podia perfeitamente ter falado com algum vizinho, parado para dar festas a um cão...

– Mas foi uma coincidência incrível ninguém se ter apercebido, logo no início da festa, de que ela estava desaparecida há horas. Era um risco demasiado colossal para se correr.

– Como em todos os homicídios – digo secamente. – Sobretudo quando não são planeados. E que alternativa teriam?

– Nesse caso, por que razão ela decidiu denunciá-lo? Seria muito mais complicado apanhá-los se eles mantivessem sempre a mesma versão dos acontecimentos. Até a Sharon Mason terá percebido isso.

– Creio que temos de agradecer à Amy Cathcart por isso. Ela foi a gota de água. Vê as coisas pelo prisma da Sharon: tem andado a contar mentiras atrás de mentiras para proteger o marido e agora descobre que há meses que ele a engana. Neste momento, só pensa em vingança. Creio que nem sequer se apercebe do enorme risco que corre.

– E então? Vamos detê-la?

– Não, não podemos, pelo menos, para já. Tudo isto são especulações. Vamos dar-lhe mais trela, fazê-la sentir que foi bem-sucedida ao denunciar o marido. Aposto que vai cometer mais erros.

– Vou contactar a equipa de buscas. Saber se terá escapado algum local, num percurso de uma hora de carro a partir da casa. Se bem que, de carro e em 60 minutos, podemos estar a falar de uma área vastíssima.

– Eu sei – concordo. – Mas vai ter mesmo de ser. Depois de fazeres isso, convoca toda a gente para a Sala de Situação, para uma reunião daqui a uma hora.

– Onde vai agora? – pergunta-me o Quinn.

– Falar com o Leo. Se há alguém que sabe o que aconteceu nesse dia, é ele.

\* \* \*

Na Sala da Família, o Gislingham está mais feliz do que um porco num chiqueiro. Ainda que, a bem da verdade, o próprio Leo pareça estar a divertir-se tanto quanto ele: quando entro, deparo-me com os dois de olhos postos no iPhone do inspetor, a assistir aos golos do Chelsea no campeonato de 2015.

– Viste este passe? – diz o Gislingham, entusiasmado, abafado pelo gáudio dos adeptos que sai

do telemóvel. – O Fàbregas foi um génio neste jogo!

Ergue os olhos e repara em mim.

– Oh, desculpe, nem vi que o chefe estava aí.

– Como é que vais, Leo? – pergunto, puxando uma cadeira para me sentar. – Então, o Inspetor Gislingham tem-te mantido entretido?

O rapaz cora e olha para o chão. Depois, assente.

– Não me queres mostrar? Esse golo que estavam a ver agora mesmo?

Ele dirige-se até mim e para ao meu lado. Ainda leva um minuto ou dois a andar com o vídeo para trás, até que assistimos à repetição do golo. O passe, o toque de calcanhar, o golo.

– Lembras-te – digo, no tom mais casual possível –, da última vez que cá vieste, de me teres contado o que se passou no dia em que a Daisy desapareceu?

O rapaz assente, os polegares a voar sobre o ecrã tátil do telemóvel. Tem claramente jeito para estas coisas – eu levei semanas até conseguir controlar o meu. Foi o Jake quem acabou por tratar de instalar todas as aplicações. Com um sorriso e aquela expressão típica de porque-é-que-os-pais-são-tão-inaptos. Não me importei nada de ser inapto com telemóveis; oxalá não tivesse sido tão inapto no que realmente interessava.

Inspiro profundamente.

– Disseste que chegaste a casa e subiste logo para o teu quarto. Lembras-te de teres visto o teu pai nessa altura?

Ele olha-me de relance.

– Não. Ele só chegou mais tarde.

– E se, por acaso, ele tivesse chegado a casa antes disso, terias percebido? De certeza que terias ouvido alguém a entrar em casa?

Um encolher de ombros.

– Ouviste a tua mãe a sair de casa?

Ele nega.

– Estava com os fones.

– Mas tens a certeza de que a Daisy estava no quarto dela?

Está imenso calor aqui dentro, e vejo-o arregaçar as mangas de uma forma quase instintiva.

– Sim. Tinha a música ligada.

– Muito bem, deixa lá ver se percebi tudo. Tu estiveste o tempo todo no teu quarto, a ouvir música com os fones, até a festa começar. E não ouviste a tua mãe a sair, nem ninguém a entrar, ou qualquer outro barulho estranho?

– Eu estava chateado com a Daisy. Ela fugiu.

– Sim, eu lembro-me disso. OK, Leo, vou deixar-te conversar mais um pouco com o nosso amigo Gislingham. A tua mãe está a ajudar-nos com uns assuntos, por isso ainda vai demorar um bocadinho

a vir buscar-te. Importas-te de ficar durante mais uns momentos?

Mas acho que ele já nem me ouve. Tem a atenção totalmente centrada no golo seguinte.

O Gislingham sai comigo para o corredor e fecha a porta.

– Chefe – diz-me, em voz baixa –, tenho observado o miúdo na última meia hora e, deixe-me que lhe diga, não sei se está tudo bem com ele. Acho que deve ser, sei lá, autista ou algo no género.

– Não creio que seja o caso – digo-lhe calmamente. – Mas concordo contigo. Por aquilo que acabei de ver, há algo de muito errado.

\* \* \*

Na escola primária de Bishop Christopher, os corredores espelham o abandono do final do ano letivo. Dois ou três professores estão a arrumar as instalações, a retirar cartazes e a organizar o espaço para um novo começo em setembro, mas fora isso, o edifício está completamente vazio. Na sala dos auxiliares, situada nas traseiras, Andrew Baxter desencantou uma ventoinha ferrugenta, e está sentado em frente ao computador – ainda a visionar as imagens de videovigilância do portão. Tem a camisa colada às costas da cadeira, e já recebeu duas mensagens da mulher, a perguntar quando é que chegava a casa. Mas ele continua a dizer a si próprio que é só mais uma, só mais uma. E, por vezes, este tipo de diligência gera frutos e é recompensadora. Baxter endireita-se subitamente. Faz um *replay*. E outro. Depois, pega no telemóvel e faz uma chamada.

– Chefe? Estou na escola. Acho que devia vir até cá ver isto. Creio que as regras do jogo acabaram de mudar. Mais uma vez.

\* \* \*

**Scott Sullivan** @SnapHappyWarrior 14h06

Acabo de ver as notícias e só quero dizer a todos vocês idiotas que se enganaram, já que até a própria polícia desconfia dos pais neste momento #DaisyMason

**Annabel White** @TherealAnnabelWyte 14h08

Acrescentem uma ☹ ao vosso avatar para demonstrarem o vosso desagrado pelos *trolls* que têm aparecido #CorrenteDaisy

#EncontremADaisy

**Amanda May** @BuskinforBritain 14h09

Não posso acreditar – alguém acabou de dizer que o pai da #DaisyMason tem andado a engatar

miúdas novas num *site* de encontros? É verdade? #enojada

**MtN** @nuckleduster1989 14h10

Esses nojentos dos #Mason merecem apodrecer na cadeia – devem estar metidos nisto juntos – ele a abusar da filha e a mãe a encobrir tudo #nojo

**MickyF** @TheGameBlader666 14h11

@Nuckleduster1989 oxalá apanhem cancro.

Espero que tenham uma morte horrível e cruel #Masons

**Anon Anon** @Rottweiller\_1982 14h11

@Nuckleduster1989 @TheGameBlader666

A cadeia é algo demasiado bom para eles – deviam arder no inferno pelo que fizeram #DaisyMason #culpados

**MickyF** @TheGameBlader666 14h14

@Rottweiller\_1982 @Nuckleduster1989 Talvez alguém lhes deva dar uma ajudinha. A polícia é tão repugnante que não vai conseguir provar nada

**Beat Pete** @dontgivemethatshit 14h15

Estaríamos a fazer um favor ao mundo ao dar cabo destes sacanas – espero que se lixem e morram

@TheGameBlader666 @Rottweiller\_1982

@Nuckleduster1989

**Anon Anon** @Rottweiller\_1982 14h15

Não há de ser difícil descobrir onde eles vivem???

@TheGameBlader666 @dontgivemethatshit

@Nuckleduster1989

**UK Social Media News** @UKSocialMediaNews 14h15

E quem é que acham que é o culpado? Barry Mason ou Sharon Mason? Tweetem-nos e juntem-se ao nosso inquérito #DaisyMason

**Emma Gemma** @TiredandEmotional 14h15

🌸🌸🌸🌸🌸🌸🌸🌸🌸🌸🌸🌸🌸🌸🌸🌸🌸 #CorrenteDaisy

#EncontremADaisy

**Ellery B** @InTheKookoosNest 14h16

@UKSocialMediaNews Eu acho que foi a mãe – tem ar de ser uma cabra muito fria e cruel  
#DaisyMason

**Anne Merrivale** @Annie\_Merrivale\_ 14h16

Eu quero muito acreditar que os Mason estão inocentes, mas não é possível. Basta ver as caras deles quando apareceram na televisão #DaisyMason 🙄

**MickyF** @TheGameBlader666 14h17

Essa escumalha Mason vai safar-se de homicídio Alguém devia dar cabo deles

**Ellery B** @InTheKookoosNest 14h18

A polícia devia fazê-los passar pelo detetor de mentiras, aposto que chumbavam #mentirosos  
#DaisyMason

**Linda Neal** @Losingmyreligion 14h18

Palavra que não sei como é que estes pais conseguem viver com as suas consciências #DaisyMason

**Angela Betterton** @AngelaGBetterton 14h19

@Losingmyreligion Está tão enganada – são uma família normal e simpática – eu conheço-os, você não #DaisyMason 🙄

**Janey Doe** @VictoriaSandwich 14h20

Aposto que o corpo nunca será encontrado.

Vai ser como todos os outros casos de crianças desaparecidas. #DaisyMason #DEP 🙄🙄🙄

**Seb Keynes** @CastingAspersions 14h20

@UKSocialMediaNews Eu também acho que foi a mulher – basta ver o apelo #DaisyMason

**Ellery B** @InTheKookoosNest 14h21

Eu faria as seguintes perguntas 1) como é que um intruso entrava naquele jardim com tantas pessoas presentes? #DaisyMason

**Ellery B** @InTheKookoosNest 14h22

2) E porque é que a polícia anda a fazer perguntas sobre as horas anteriores à festa? #DaisyMason

**Linda Neal** @Losingmyreligion 14h24

Este *tweet* que acabei de ver é verdade?

A polícia acha mesmo que ela morreu ainda antes do início da festa?

#DaisyMason #chocada

**Janey Doe** @VictoriaSandwich 14h26

Eu acho que eles estão nisto juntos – o pai matou-a & a mãe encobriu tudo. Só mostra que nunca sabemos o que se passa dentro da casa das pessoas #DaisyMason

**Bethany Grier** @BonnieGirlie9009 14h29

Uma amiga minha diz que tem a certeza de ter visto a cara do pai no FindMeAHotDate.com – sacana traidor #DaisyMason

**Holly Harrison** @HollieLolliepops 14h32

OMD, acabei de descobrir que troquei *e-mails* com o pai daquela pobre coitadinha #DaisyMason – ele estava num *site* de encontros com um nome falso...

**Holly Harrison** @HollieLolliepops 14.35

... ele apagou o perfil, mas eu tinha feito um *download* – podem vê-lo aqui #adúltero #mentiroso #DaisyMason

**Linda Neal** @Losingmyreligion 14h37

Bom, se o pai é #adúltero também deve ser capaz de matar – é óbvio que tinha muitos segredos nojentos #DaisyMason

**ITV News** @ITVLiveandBreaking 14h55

ÚLTIMA HORA Relatos que nos têm chegado confirmam que o pai da #DaisyMason tem levado uma vida dupla, frequentando *sites* de encontros com um nome falso

**ITV News** @ITVLiveandBreaking 14h56

Mais pormenores sobre esta história à medida que nos forem chegando #DaisyMason

Estaciono à porta da Bishop Christopher e ligo para a base. Pelos vistos, o juiz que nos calhou não brinca em serviço. Quer falar primeiro com o Diretor e, uma vez que ele hoje está fora, vamos ter de esperar até amanhã de manhã. Rogo uma praga silenciosa. Primeiro ao Quinn e, depois de desligar a chamada, ao universo em geral. Deixo-me ficar no carro por um momento, com o motor a trabalhar. Poucos metros à minha frente, duas jovens conversam junto a um Nissan Figaro antigo, de dois lugares. Uma delas tem cabelo ruivo escuro, comprido, ondulado e apanhado num rabo de cavalo, e ao ombro um saco de serapilheira com flores bordadas. A outra está de pé, a segurar a bicicleta. Tem o cabelo oxigenado, com as pontas cor-de-rosa vivo, um *piercing* no nariz e veste umas calças *cargo* camufladas. Ocorre-me subitamente que elas são os únicos verdadeiros seres humanos que vi desde que começou esta investigação. De resto, são apenas mulheres perfeitas a viverem vidas plastificadas. Nem um cabelo fora do sítio ou um centímetro de relva por aparar. Saio e tranco o carro. E à medida que me dirijo para a porta da escola, tenho a nítida sensação de que as duas mulheres estão a falar de mim.

Quando descubro a sala dos auxiliares, vejo uma mulher sentada ao lado do Baxter. Levanta-se imediatamente e caminha até mim de mão estendida. Está nervosa, visivelmente tensa.

– Chamo-me Alison Stevens, sou a diretora. O Inspetor Baxter pediu-me que viesse ver umas imagens que descobriu, mas não sei se poderei ser muito útil.

Puxo uma cadeira e sento-me ao lado do Baxter.

– O que descobriste?

– A qualidade não é grande coisa – começa ele. – São imagens a preto e branco e sem som, mas é melhor do que nada. As primeiras são de inícios de abril, logo a seguir às férias da Páscoa. Decorrem no intervalo do almoço, por volta do meio-dia.

A imagem é dos portões da escola, na altura fechados, com a vedação de rede de galinheiro de ambos os lados. Há crianças a correr pelo pátio, dentro e fora do enquadramento. Bolas a saltar, duas meninas num complexo e intrincado jogo de palmas. Três a saltar à corda. Até que a vejo. A Daisy. Está sozinha, mas não parece chateada com a falta de companhia. Baixa-se para observar algo numa folha, depois fica a vê-la voar até desaparecer. Uma borboleta, talvez. É estranho vê-la assim, esta menina que não me sai da cabeça desde que desapareceu – e que, no entanto, conheço tão mal.

Jamais terá imaginado que, um dia, alguém visionaria estas imagens. É provável que nem sequer soubesse da existência da câmara. Sinto-me estranhamente intrusivo, e subitamente apercebo-me de que é isto que os pedófilos fazem. Um pensamento arrepiante.

Até que surge alguém no passeio do lado de lá da escola. Deve ter 14, 15 anos. É alto, louro. Avança até ao portão e chama pela Daisy. Ela fica visivelmente intrigada e, ainda que de forma

cautelosa, dirige-se para o portão. Conversam durante um momento – ou melhor, ele fala e ela ouve – e depois a campainha deve ter tocado, visto que as crianças começam todas a dirigir-se para dentro. O rapaz desaparece de vista e a Daisy fica a vê-lo a afastar-se.

– As próximas imagens são de dois dias depois – informa-me o Baxter. – É basicamente a mesma coisa, só que a Daisy já parece mais descontraída, mais faladora. Até que chegamos ao dia 19 de abril. Às 12h05, surge uma carrinha de entregas que tapa o campo de visão durante cerca de cinco minutos, depois arranca e é isto que se vê...

A Daisy está sozinha no passeio, fora da escola. Não para de olhar em redor, provavelmente para ver se algum dos supervisores repara que ela saiu pelo portão. Momentos depois, chega o rapaz. A menina parece muito contente por vê-lo. Falam brevemente, e ele olha uma ou duas vezes por cima do ombro – como se procurasse alguém fora do ângulo de visão. Até que, finalmente, ambos caminham até outra pessoa, alguém que terá vindo com ele.

Volto-me para a Alison Stevens.

– Gostaria de dizer desde já – diz-me ela, rapidamente –, que o que acabaram de ver vai absolutamente contra todas as nossas regras de segurança. É exigido aos supervisores do pátio que vigiem todo e qualquer veículo ou pessoa que se aproxime das instalações da escola e que se certifiquem de que todos os alunos permanecem dentro dos portões. Creio que...

– Neste momento, não me interessa o que devia ou não ter acontecido – interrompo-a secamente.

– Tudo o que quero saber é se, por acaso, faz alguma ideia de quem é este rapaz.

Ela engole em seco.

– Oxalá soubesse... Só vim para a Kit's no ano passado, por isso calculo que ele já tivesse deixado a escola, caso tenha sido um aluno nosso. Acabei de enviar um *print* da imagem dele para os diretores da escola secundária de cá, mas ainda não me responderam. Receio que já estejam de férias.

– Baxter, viste que horas eram quando a Daisy voltou a entrar na escola, nesse dia?

– No dia 19? Volta a entrar às 12h55. Está a tocar, e ela junta-se ao resto das crianças que se dirigem para as salas de aulas. Nenhum dos supervisores parece reparar. Depois disso, ela só aparece mais uma vez. Pediu-me que verificasse os intervalos e as pausas para almoço, mas achei que também seria útil controlar as saídas para casa.

Abre outro ficheiro que mostra a mesma esquina da rua. A única diferença é que dá para perceber que o verão se aproxima. A madressilva está florida e a relva exuberante. Faz-me lembrar um episódio do *Columbo*, em que ele resolve o caso ao reparar que numa das imagens de videovigilância se vê uma sebe aparada e noutra, supostamente mais tarde no mesmo dia, a mesma sebe está por aparar. Se pelo menos isto fosse assim tão fácil...

No dia 9 de maio, o ecrã exhibe as 15h39. A Daisy surge nas imagens, conversando com Nanxi Chen. Pouco depois, a mãe da amiga aparece e assistimos a um diálogo entre as três.



– A ideia que dá é que a Sra. Chen ficou de ir buscar as duas meninas à escola, mas a Daisy convence-a a deixá-la ficar – observa o Baxter, enquanto a mãe de Nanxi conduz a filha em direção à saída, olhando mais uma vez para trás, para a Daisy, antes de se encaminharem para o carro.

– Vamos ter de confirmar esta história junto da Sra. Chen.

– Claro.

O filme continua e, três minutos depois, a Daisy parece atenta a qualquer coisa. A algo ou alguém que não conseguimos ver.

– Se é o mesmo rapaz, tudo parece indicar que se pôs deliberadamente fora do alcance da câmara

– sugere o Baxter. – Ou acabou de perceber que está a ser filmado...

– ... ou subitamente houve um motivo para que ficasse mais cauteloso.

Reparo na expressão ansiosa no rosto da Alison Stevens.

– Meu Deus, não estão a sugerir que... Ele não parece ter mais do que 15 anos!

No ecrã, a Daisy olha para ambos os lados e, de seguida, apressa-se a atravessar a rua. O Baxter para a imagem mesmo antes de ela sair do campo de visão. Vemo-la com um enorme sorriso no rosto.

– E foi aqui que fiquei – diz-me, recostando-se na cadeira e olhando para mim. – Mas a Everett não disse que a Daisy ficou perturbada depois do tal encontro secreto?

– Não era perturbada. Zangada.

– Pois aqui não parece nada zangada.

– Não – digo lentamente. – Não parece, pois não? Avança com a imagem, por favor, agora em câmara lenta.

Ficamos os três a olhar atentamente para o ecrã. Mães e filhos, mães e filhas. Até o paizinho do costume, com ar perdido e deslocado. Um homem passa na rua de bicicleta, com duas crianças pequenas sentadas atrás, num atrelado com capota de lona. Outro, numa bicicleta de três rodas, cruza-se com ele e afasta-se, meio aos ziguezagues.

– A escola oferece cursos de ciclismo preventivo? – pergunto à diretora, em tom irónico.

Ela parece confusa.

– As nossas crianças são demasiado novas para...

– Não é para as crianças. Para os pais.

Passam alguns carros. Dois enormes jipes, uma carrinha de transporte de passageiros e até um Porsche. E, por fim, um velho Ford Escort. Tem o para-choques amolgado, um farol traseiro partido e um trapo imundo a sair da mala, que tapa – deliberadamente ou não – parte da matrícula. É impossível identificar o condutor, mas vê-se claramente alguém no banco de trás.

– Aí. Para aí.

Mesmo àquela distância, não restam dúvidas.

É a Daisy.

25 de maio de 2016, 11h16

55 dias antes do desaparecimento

Escola Primária de Bishop Christopher, Oxford

– Importam-se de fazer silêncio, por favor? Sentem-se e prestem atenção. Tabitha e Matty, podem voltar aos vossos lugares? Excelente.

Kate Madigan sorri aos alunos e, uma vez recuperada a atenção geral, volta-se para o quadro branco e escreve uma palavra em maiúsculas.

### AMIGOS

Põe a tampa no marcador e volta-se novamente para as crianças.

– Muito bem, agora vamos conversar um bocadinho acerca da *amizade*. O que faz de alguém um bom amigo, como ser um bom amigo e outras coisas, por exemplo: o que fazer quando têm uma discussão com um amigo e querem fazer as pazes. Então, quem quer ser o primeiro a falar? O que é que acham que faz de alguém um bom amigo?

Alguém ergue a mão. Trata-se de um rapazinho sentado à frente, com cabelo castanho encaracolado e óculos grossos.

– Sim, Jonny, como é que achas que um amigo deve ser?

– Alguém que me deixa brincar com os brinquedos dele – responde o rapaz, num tom suave.

Kate concorda com um aceno.

– Sim, é um excelente começo. Alguém que partilha os brinquedos. Porque partilhar é muito importante, não acham? Já falámos sobre isso. E partilhar é uma excelente forma de fazer amigos. Alguém tem mais ideias?

Uma menina de cabelo escuro e bandolete põe a mão no ar.

– Sim, Megan?

– Um amigo é querido para nós quando estamos tristes.

– Muito bem, Megan. Isso também é muito importante. Quando somos amigos de alguém, queremos animar essa pessoa quando a vemos triste.

A menina assente timidamente e põe o dedo na boca.

– Mais alguém?

Daisy levanta-se.

Um dos colegas rapazes faz uma careta e murmura.

– A queridinha da professora...

– *Eu acho* – começa Daisy – que um amigo é alguém que nos ajuda quando algo de mau nos acontece, e é alguém a quem podemos contar os nossos segredos.

A professora sorri.

– Isso é excelente, Daisy. E diz-me, tens algum amigo assim?

A menina assente vigorosamente com a cabeça e senta-se, com os olhos muito brilhantes.

Mais tarde, no recreio, Portia e Nanxi estão sentadas no banco, enquanto Daisy joga à macaca. Ali perto, Millie Connor não tira os olhos delas, desejosa que a convidem para se juntar ao grupo, mas todas fingem não reparar. Já mais perto da vedação, vários rapazes mais velhos jogam futebol e um menino ruivo, muito pequeno, puxa pela manga da professora de serviço ao recreio e exclama:

– Olhe, olhe, caiu-me o dente!

No banco, Nanxi está a escrever uma mensagem no telemóvel, mas Portia não tira os olhos de Daisy.

– Quando falaste à professora Madigan sobre o teu amigo – começa a menina –, a quem é que te referias?

Daisy saltita até à última casa da macaca, volta-se para ela e leva um dedo aos lábios.

– Isso é segredo – responde-lhe.

Nanxi ergue os olhos para ela com expressão enfadada.

– Tu dizes *sempre* isso.

– Bom, é verdade.

– Então, não estavas a falar de mim nem da Nanxi? – insiste Portia.

– Quem sabe – replica Daisy, evitando olhar para ela. – Mas não vou dizer.

– Também não sei porque é que temos de falar nessas coisas estúpidas, se queres mesmo saber – observa Portia, já meio amuada.

– Chama-se Educação Sexual e de Relacionamentos – comenta Nanxi, sem levantar os olhos do telemóvel. – Disse-me a minha mãe. E ela teve de assinar um papel a autorizar.

– O que é o sexo? – interroga Millie, aproximando-se delas. As outras olham-na fixamente e Nanxi revira os olhos.

– Ora, tu sabes – responde-lhe Daisy, como se falasse com uma idiota. – É quando um rapaz enfia a coisa dentro de ti... aqui em baixo... e depois saem umas coisas.

Millie abre a boca, absolutamente horrorizada.

– O quê? E temos de estar em *cuecas*? Isso é nojento!

Daisy encolhe os ombros.

– Pois, mas é o que os adultos fazem. É suposto ser bom.

Nanxi para de escrever e olha para elas.

– Concordo com a Millie, acho nojento. Diz-me cá: como é que sabes tanto sobre o assunto?

Daisy lança a pedra para um dos quadrados da macaca e fica a vê-la resvalar uns segundos até parar numa casa.

– Sei e pronto – responde, antes de avançar ao pé-coxinho.

\* \* \*

À 1h30, desisto de tentar adormecer e levanto-me da cama. A Alex sente-me, murmura qualquer coisa e volta-se para o outro lado. Nesta altura do ano, o céu nunca chega a ficar totalmente escuro. Saio para o patamar e entro no quarto do Jake, o silêncio azul-escuro retine-me nos ouvidos. A janela está ligeiramente aberta e a corrente de ar faz esvoaçar o galhardete na parede. Apresso-me a fechá-la e vejo o gato do vizinho a rondar o jardim. O Jake adorava este gato. Estava constantemente a pedir-nos um gatinho, mas nunca autorizei. É só mais uma coisa de que agora me arrependo amargamente.

Nada mudou neste quarto, nada foi mexido. Teremos eventualmente de o fazer, mas ainda não conseguimos pensar nisso. Temos uma empregada que vem uma vez por semana, mas é a Alex quem limpa esta divisão. Fá-lo quando estou fora. Não quer que eu veja o extremo cuidado que tem em manter tudo exatamente como estava. Sento-me na cama e penso no Leo, e na perspetiva de ir falar com o seu médico de família. Porque se eu consigo ver que se passa algo de errado, com certeza que o médico dele também já terá percebido. Deito-me na cama e volto-me lentamente para enterrar o rosto na almofada do Jake. Ainda tem o cheiro dele, mas já menos intenso – e sinto uma súbita onda de pânico por saber que, em breve, já nem isso terei.

Fecho os olhos e inspiro-o.

– Adam... *Adam!*

Sento-me na cama, com o coração aos saltos. A Alex está à minha frente. Não faço ideia de há quanto tempo é que me deixei dormir, mas o dia ainda não nasceu.

– Está farto de tocar – diz, num tom preocupado, estendendo-me o telemóvel.

– E uma vez que são 2h00, duvido que sejam boas notícias, e tu?

Sento-me e olho para o visor. É o Gislingham.

– O que se passa?

O ruído do lado de lá é ensurdecedor. Consigo distinguir pelo menos duas sirenes.

– Estou em casa dos Mason – ouço-o a gritar.

– Conseguimos o mandado?

– Ouça... Acho que é melhor o chefe dar cá um salto.

Vejo-me em pleno cenário do filme *Rebecca, A Mulher Inesquecível*, do Hitchcock. Mesmo da estrada principal já se via o terrível brilho das chamas sobre o empreendimento, e o fumo atingiu-me muito antes de eu virar para a estrada de acesso às casas. Estão aqui três carros-patrulha, uma

ambulância e dois carros de bombeiros. Dois dos bombeiros estão no topo de uma escada telescópica, de mangueira apontada para as chamas que irrompem das janelas superiores. Os tijolos vermelhos da fachada estão cobertos por uma fuligem sinistra. Enquanto ainda estou a tentar analisar a situação, vejo o Gislingham a furar pelo meio da multidão e a dirigir-se a mim.

– Que porra aconteceu aqui?

– Parece fogo posto. Ainda cheira a combustível. Pelo que soube, apareceu por aqui um grupo de desordeiros, a gritar ameaças e a fazer uma barulheira danada, mas chegaram de imediato dois agentes fardados que trataram do assunto. Um pintas qualquer ainda lhes atirou um tijolo, mas foi de longe e não causou danos. O agente com quem falei acha que quem quer que tenha feito isto terá, provavelmente, percorrido o caminho junto ao canal e lançado algo por cima da vedação. Um *cocktail molotov* artesanal ou algo do género.

– Onde estão a Sharon e o rapaz? Estão bem?

Sei que esta deveria ter sido a minha primeira pergunta. Tenho plena noção disso.

O Gislingham descansa-me com um aceno.

– A Everett está no carro-patrolha com eles. Estão um tanto abalados, claro. Sobretudo o rapaz, que engoliu imenso fumo.

Olho para o carro-patrolha. A porta do passageiro está aberta e consigo ver a Sharon sentada com uma manta aos ombros. Não vejo o Leo.

– Foi uma sorte dos diabos não ter havido mais vítimas. Os vizinhos de um dos lados estão fora e os do outro conseguiram sair de casa a tempo, quando a Sharon lhes bateu à porta. Os media estão a adorar, claro. E a malta da Sky, que está acampada há dias dentro da carrinha, nem acredita na sorte que teve. Conseguiram filmar tudo.

– Por favor, diz-me que só filmaram *depois* de terem ligado para o 112.

– Eles disseram que a Sharon já tinha ligado.

– OK. Quero essas imagens. *Antes* de irem para o ar. E vê se falas com o chefe dos bombeiros, sim? Quero vê-lo logo de manhã, assim que a casa for declarada segura.

Olho discretamente para os jornalistas, devidamente afastados atrás de um cordão policial, mas tão atentos como cães de fila. Neste momento, estão seguramente uma boa meia dúzia de carros de exteriores, amontoados como tubarões à volta de sangue.

– Aposto que o Diretor vai querer a minha cabeça numa bandeja por causa disto – suspiro. – E Comissão Independente de Queixas contra a Polícia também há-de cá vir meter o nariz, não me espantava mesmo nada.

– O chefe não podia prever que uma coisa destas iria acontecer.

– Não, mas podia ter tirado a família de cá assim que se soube que eles iam ser interrogados. Não tenho dúvidas de que vai ser por aí que o Comissário da Polícia vai pegar. Bom, vamos ter de tratar disso e é já. Tens algum sítio pensado?

– Há aquela pousada em Cowley Road, que já recorremos em situações semelhantes. Convém levá-los para relativamente longe de casa, não vá alguém continuar a rondar por aqui. Estamos só à espera que o paramédico observe o rapaz, depois a Everett pode levá-los para lá. A Sharon não está em condições de conduzir e, seja como for, o carro dela já deve estar reduzido a cinzas. Estava na garagem.

– Bom trabalho.

Ele não parece muito feliz.

– A sério. Tens feito um ótimo trabalho.

– Não é isso, chefe. Eu ia esperar até de manhã para lhe falar nisto, mas já que cá está...

Solto um longo suspiro.

– Mais más notícias? E eu a achar que pior do que isto era impossível. Vá, dá-me com força.

– É sobre aquele telemóvel de cartão recarregável de que o Mason se serviu para mandar mensagens às namoradinhas. Passei-o pela nossa base de dados e deu alerta. Está na base de dados do Centro de Proteção *Online* Contra a Exploração Infantil, como um dos variadíssimos números que fazem *downloads* de material pornográfico de um *site* sediado no Azerbaijão. Aquilo é do mais *hardcore* que há, chefe. Crianças, muitas delas bebés...

Vejo-o a engolir em seco. E lembro-me de que vai ser pai pela primeira vez.

Toco-lhe levemente no braço, numa tentativa de o confortar.

– Acho que o Barry Mason precisa urgentemente de contratar o tal advogado. O sacana vai realmente precisar.

\* \* \*

Quando me vê a caminhar na direção do carro-patrolha, a Everett vem ter comigo.

– Já confirmei, e há dois quartos livres na pousada. Se estiver de acordo, peço a um agente que os deixe lá e depois vou só a casa buscar umas coisas e fico com eles. Pelo menos, durante um ou dois dias.

– Boa ideia. Não estou a ver alguém a descobri-los tão longe daqui, mas nunca se sabe. Além disso, precisamos de manter a Sharon debaixo de olho. Discretamente, claro.

– Certo, chefe.

Roda para se ir embora, mas detenho-a. Tiro o telemóvel do bolso e mostro-lho.

– Assim que o Leo for visto pelo paramédico, podes mostrar-lhe isto? Vê se ele o reconhece.

Ela olha-me com expressão interrogativa.

– Este é quem eu penso que é?

– Acertaste. O misterioso príncipe encantado da Daisy. Só espero que a história real não acabe por se revelar *A Bela e o Monstro*.

Explico-lhe o que vimos nas imagens da escola.

Ela franze a testa.

– Mas se ela o viu pela última vez no dia 9 de maio, não estou a ver como é que...

– A última vez que *nós sabemos* que ela o viu. Não podemos ter a certeza absoluta de que não o viu na tarde em que desapareceu. Ele pode até ter ido lá a casa quando a Sharon andou na sua demanda da maionese. E a Daisy pode tê-lo deixado entrar. Na verdade, este rapaz é a única pessoa que conhecemos com quem a Daisy pode ter saído voluntariamente.

– OK – concorda a Everett. – Mas creio que será melhor esperarmos até de manhã. O Leo ainda está muito perturbado. Não quero que, mais tarde, nos acusem de o termos interrogado quando não estava bem. Sabe como é, as questões da Dúvida Razoável e essas coisas.

– Tens toda a razão. Envio-te a foto por *e-mail*. Liga-me amanhã.

Vejo-a a regressar ao carro-patrolha. No lugar do passageiro, a Sharon Mason tem a carteira no colo e dedica-se a observar o rosto num pequeno espelho.

\* \* \*

São 3h00 quando Everett estaciona à porta da pousada. Não se vê viva-álma. Em contrapartida, e em claro contraste, a Cowley Road – a menos de 100 metros – fervilha de energia. É uma zona que as autoridades classificam, de forma eufemística, de «economia noturna da região».

Tirando o aspeto algo descuidado, a pousada não parece muito diferente da casa onde vivem os Dawson, mas a semelhança fica-se pela arquitetura. Esta zona da cidade sempre se pautou pela singularidade, e os empreiteiros vitorianos que tentaram fazer dela um lucrativo minimodelo da vizinha zona nobre setentrional, rapidamente perceberam que não iriam conseguir, e o projeto ficou-se pelo papel. Algumas das casas ainda cá estão, mas na maioria são escritórios, ou residências de estudantes, ou pousadas. Como esta. Gravado no lintel de madeira por cima da porta, o nome *Ponsoby Villa* já praticamente não se lê. O novo proprietário – talvez de forma ponderada – mudou-o para *The Comfy Inn*.

Everett sai do carro, tranca cuidadosamente a porta (ela conhece melhor do que ninguém os níveis de criminalidade nesta zona), abre a porta de trás e tira do banco um saco de lona. Encheu-o com algumas roupas suas para Sharon usar, bem como duas escovas de dentes e outros produtos de higiene. Deve ser o suficiente até que as lojas abram. Toma nota mental para se recordar de ligar ao vizinho para ir dar de comer ao *Hector* e, de saco ao ombro, dirige-se para a porta da pousada. Só uns bons cinco minutos depois é que o dono aparece, vestindo um colete repugnante e umas calças de pijama cheias de nódoas – que Everett nem se atreve a inspecionar de perto. Lá em cima, no quarto, Sharon está sentada na cama, ainda embrulhada na manta que os paramédicos lhe deram. Por baixo, apenas a camisa de noite. Leo está encostado a ela, tossindo de vez em quando, o rosto ainda sujo de

fuligem. Everett abre o saco e começa a tirar as coisas. Uma *sweatshirt*, uns *jeans*, duas *t-shirts*. Sharon olha para a roupa sem esconder o desagrado.

– Não gosto de vestir roupa de outra pessoa.

Everett olha-a de lado.

– Bom, receio que não tenha muitas alternativas, não é verdade? E está tudo lavado, acabado de sair da máquina.

Sharon estremece.

– Essas roupas são pelo menos três tamanhos acima do meu. Não me apanham com isso vestido nem morta.

Everett resiste à tentação de lhe dizer que tem muita sorte em estar viva, engolindo a raiva e dizendo a si própria que, provavelmente, a mulher ainda está em choque.

– Pois, como eu disse, não tem grande escolha – responde-lhe. – Pode ir comprar roupas assim que as lojas abrirem. Afinal de contas, teve a sorte de conseguir salvar a sua carteira, não foi? A maior parte das pessoas a quem isto acontece nem sequer tem cartões de crédito.

Sharon olha-a com expressão de enfado, estendendo a mão para o toalhão cor-de-rosa deixado aos pés da cama.

– Vou tomar um duche – declara, mal-humorada.

\* \* \*

## **BBC Midlands Today**

Sábado, 23 julho de 2016 | Última atualização às 7h56

### **Caso Daisy Mason: Incêndio destrói residência da família**

Os bombeiros foram chamados à residência de Barry e Sharon Mason na noite passada, depois do que se acredita ter sido um episódio de fogo posto. As chamas alastraram rapidamente, provocando danos consideráveis, e as casas vizinhas tiveram de ser evacuadas. Desde que a filha desapareceu, o casal Mason tem sido alvo de uma forte campanha de ódio no Twitter, que ganhou uma dinâmica quase incontrolável quando se tornou público o facto de Barry Mason frequentar *sites* de encontros sob um nome falso. Alguns dos *tweets* mais recentes parecem conter ameaças explícitas à integridade dos Mason.

Numa declaração emitida pelo DIC de Thames Valley, o Inspetor-Chefe Adam Fawley confirmou que a polícia tenciona criminalizar todos os que recorram às redes sociais para



incitar à violência ou ao vandalismo criminoso, dentro dos limites previstos por lei.

«Este tipo de comportamento representa uma forma de terrorismo moderno. Os responsáveis serão identificados e responsabilizados criminalmente.»

O Twitter já emitiu uma declaração oficial a condenar este tipo de violência, disponibilizando-se junto da polícia para colaborar na identificação dos responsáveis.

Se alguém tiver alguma informação a respeito da Daisy deve contactar a Sala de Situação do DIC de Thames Valley, através do número 01865 0966552.

\* \* \*

– Atenção aos sítios onde põe os pés. A camada de cima já está a arrefecer, mas a de baixo continua a arder em certas zonas.

São 8h05 de sábado, e eu já bebi demasiado café – o que não ajuda em nada a sensação ligeiramente alucinogénia induzida pelo que resta da sala de estar da família Mason. O chefe dos bombeiros dirige-se lentamente até mim, pisando cautelosamente a alcatifa barata de acrílico. Boa parte dela está derretida numa poça de lama malcheirosa, e há zonas em que se vê claramente o cimento por baixo. Lá fora, a brigada de bombeiros continua de mangueiras apontadas às paredes exteriores, de onde correm riachos de água enegrecida, mas a maioria das paredes interiores ruiu. Sendo grande parte delas em placa de gesso, não tiveram hipótese.

– Sim, eu sei – respondo-lhe, apontando para as minhas botas. – Já estive algumas vezes nestes cenários.

– E então, como posso ser útil, Inspetor?

– Presumo que fogo posto seja um dado adquirido?

– Sem dúvida. Ainda conseguimos sentir o cheiro a produto acelerante lá em cima. Agora, estamos de volta dos vidros. Com sorte, podemos descobrir os fragmentos da garrafa que usaram.

– Alguma ideia precisa de como começou?

Ele volta-se e aponta para a enorme cratera no sítio onde, outrora, havia uma escada.

– Estamos a trabalhar na teoria de alguém ter lançado o acelerante através de uma janela traseira lá de cima.

– Do quarto da filha?

– Se o Inspetor o diz... Para ser franco, no estado em que a casa ficou é difícil identificar que quarto era de quem.

– Acha mesmo possível que alguém consiga lançar uma garrafa do caminho ao longo do canal? Estamos a falar de uma distância de quê... nove, dez metros?

Ele pensa uns segundos antes de responder:

– É bastante possível, sim, mas o lançamento teria de ser feito por alguém relativamente alto, pelo que terá sido um adulto ou uma criança de altura considerável. Talvez tenha sido por isso que só uma garrafa atingiu o alvo – descobrimos duas ou três crateras enegrecidas no jardim das traseiras, provavelmente onde as outras aterraram. Estamos a recolher os fragmentos de vidro do interior da casa e também retirámos amostras do trilho ao longo do canal, mas só com muita sorte conseguiremos impressões digitais. Vai ser muito difícil identificar os responsáveis. Centenas de pessoas sobem e descem diariamente esse caminho, pelo que qualquer pegada encontrada será completamente inútil.

É um golpe duro, ainda que expectável.

– Como é que o fogo se espalhou tão rapidamente? Quer dizer, olhe bem para isto, não ficou pedra sobre pedra.

– Também já me fiz essa pergunta. Só levámos oito minutos a chegar aqui, mas a casa já estava completamente tomada pelas chamas. Estas casas modernas podem ser muito bonitas, mas não têm alicerces sólidos. Aquelas enormes casas vitorianas acima do canal, essas não ardem facilmente. Bom, o acelerante também ajudou. Além disso, a casa estava cheia de fibras sintéticas, que explodem como fogo de artifício. Seja como for, também me surpreende que tenha ardido tudo em tão pouco tempo.

– Certo. Muito obrigado. Avise-me se descobrirem mais alguma coisa, sim?

– Com certeza.

No jardim das traseiras, o Challow está agachado junto a um arbusto chamuscado. Tem a mala do equipamento aberta no chão e uma pilha de sacos de prova à sua frente. Alguns têm peças de roupa, a maioria casacos e blusões, pelo que consigo ver, outros com sapatos, outro ainda com o que me parece ser um saco de lona. Está tudo negro e carbonizado, a maior parte dos objetos praticamente irreconhecível.

– Descobriste alguma coisa? Seja o que for?

Ele levanta-se, fazendo ranger o fato descartável.

– Nada de especial, para ser franco, e apenas cá em baixo. Possivelmente, conseguiremos alguma coisa dos sapatos, mas é difícil devido aos danos causados pelo fogo. Lá em cima, nem vale a pena, é uma perda de tempo. Se estavas à espera de descobrir algo no quarto da menina, esquece. Mesmo que se tivesse esvaído em sangue, duvido que agora encontrássemos vestígios. Além disso, ambos sabemos que aquele quarto já teria sido lavado e esfregado até à exaustão. Dali não conseguíamos nada.

– Eu devia ter insistido mais com a porcaria do mandado de busca – digo, num suspiro frustrado.

– Não te culpes. Fizeste tudo o que podias. O Diretor é que vai ter de assumir essa cagada. – Cala-se. – Desculpa, não quis ser inconveniente.

Faz-se silêncio. O Challow abana a cabeça e de seguida baixa-se para tirar uma garrafa de água

da mala. Dá um gole e faz uma careta.

– Uh, quente...

– Mais alguma coisa?

– A brigada de bombeiros recuperou o computador do pai, mas temo que o disco rígido tenha ido à vida.

– Ainda assim, leva-o. Espero que haja alguma coisa no telemóvel dele, mas o PC há de ter muito mais material.

– E depois há este... infeliz objeto.

Mostra-me um saco de prova. O que quer que fosse, em tempos teve pelo.

– Por amor de Deus, Alan, que raio é isso? O coelhinho da família?

Ele esboça um sorriso irónico.

– Os Mason não parecem ser grandes fãs de animais de estimação. Largam demasiado pelo e fazem muita porcaria para a superarrumada Sra. M. Não, este pelo é falso. – Estende-me o saco. – Uma fantasia de leão toda rasgada. Desconfio que o jovem Leo não gostou nada da ideia de ir mascarado para a festa.

Vejo-o novamente. A contar-me que os miúdos o chatearam por causa do nome dele. Como faziam de Leo uma arma constantemente apontada ao rapaz. Não admira que o desgraçado não quisesse ir vestido de rei da selva.

– E a mochila?

– Nem sinais dela.

– Porra.

– Não quer dizer que não estivesse em casa. Aquele tipo de material arde todo, e de forma muito rápida. Ou eles podem ter-se desfeito dela, claro. Tiveram grande parte da semana para o fazer.

– Desfizeram-se da mochila tal como se desfizeram da miúda.

O Challow bebe mais um gole de água.

– Precisas de te animar. Existe *um* elemento da tua teoria que sobreviveu às chamas. A carrinha do Mason. Está estacionada na esquina da Waterview Crescent. Já mandei para lá um reboque.

– Mesmo à vista da comunicação social. Que raio de maravilha...

– Infelizmente, não posso fazer grande coisa contra isso. Os reboques não primam propriamente pela descrição.

– Mas estás a ver o que vai acontecer, não estás? Mais lenha para a porcaria da fogueira deste circo sinistro.

– Talvez tenham aprendido a lição. – Faz um gesto amplo à sua volta. – Este ódio todo, esta violência gratuita... Alguém podia ter morrido. E tudo graças à porcaria do Twitter.

– Aprendido a lição? Não contes muito com isso.

**MtN** @Nuckleduster1989 09h09

LMFAO Alguém com tomates deu cabo dos sacanas dos #Masons ontem à noite – espero que morram

**MickyF** @TheGameBlader666 09h10

@Nuckleduster1989 Acabei de ouvir nas notícias – nem acredito – parabéns a quem teve tomates para isso – #Masons

**PeedoHunter** @Peedofiletracker 09h11

@Nuckleduster1989 @TheGameBlader666

AHAHAH – deviam ter visto aquilo a ir pelos ares – foi lindo, porra!!!

**PeedoHunter** @Peedofiletracker 09h12

@Nuckleduster1989 @TheGameBlader666

Também não achava possível... mas de repente *BOOOOM!!!* Os sacanas pedófilos aprenderam a lição

**MickyF** @TheGameBlader666 09h17

@Peedofiletracker CCCCC Quem me dera viver lá perto – tínhamo-nos juntado à festa! Espero que não tenhas os chuis à perna @Nuckleduster1989

**PeedoHunter** @Peedofiletracker 09h19

@TheGameBlader666 Sem problema – os chuis daqui não distinguem o cu das calças #grunhos

**Zoe Henley** @ZenyatterRegatta 09h20

Segundo soube, o pai não estava em casa quando começou o fogo. Só a mãe e o irmão #DaisyMason

**J Riddell** @1234JimmyR1ddell 09h21

Se há alguém culpado nesta cena da #DaisyMason é a mãe.

Cabra frígida – não admira que o marido fosse obrigado a procurar noutro lado

**J Johnstone** @JaneJohnstone4555 09h21

@1234JimmyR1ddell Que visão mais sexista, se não me levas a mal

**J Riddell** @1234JimmyR1ddell 09h21

@JaneJohnstone4555 Pode não ser um ponto de vista muito popular, mas toda a gente com quem falei acha que ela é a culpada #Masons

**UK Social Media News** @UKSocialMediaNews 09h22

O nosso inquérito continua aberto. 67% acham que a Sharon Mason é culpada, 33% dizem que foi o Barry. 23 778 votos até agora #DaisyMason

**Lilian Chamberlain** @LilianChamberlain 09h23

Alguém sabe como é que está o Leo Mason? O coitado do miúdo parte-me o coração. Apanhado no meio de tudo isto

**Lilian Chamberlain** @LilianChamberlain 09h23

E agora ficou sem casa e sem as suas coisas, coitadinho #DaisyMason ☹☹

**Angela Betterton** @AngelaGBetterton 09h29

@LilianChamberlain Percebo como te sentes. Mas eles já realojaram a família – vi-os a saírem de lá num carro-patrolha ontem à noite

**Lilian Chamberlain** @LilianChamberlain 09h29

@AngelaGBetterton Graças a Deus – ele é o único inocente no meio desta horrível tragédia #DaisyMason ☹☹

**Kathryn Forney** @StarSignCapricorn 09h32

@LilianChamberlain Curioso dizeres isso. Estive a ler sobre um caso nos EUA onde uma mãe foi condenada por ter matado a filha bebé... @AngelaGBetterton

**Kathryn Forney** @StarSignCapricorn 09h33

... dez anos depois, o ADN provou que não foi ela. Esteve o tempo todo a encobrir o outro filho...

@LilianChamberlain

@AngelaGBetterton

**Kathryn Forney** @StarSignCapricorn 09h34

... tinha sido ele. Foi o irmão de 10 anos que matou a bebé

@LilianChamberlain @AngelaGBetterton #DaisyMason

Leo está à janela do quarto da pousada, no primeiro andar. Sharon saiu para ir às compras e Everett – que se arrependeu amargamente de não ter levado um livro – resigna-se a jogar o *Solitário* no telemóvel. Alguém lhe disse que as probabilidades de ganhar são de uma em mais de 300. Até agora, jogou 176 vezes. E ainda não ganhou.

De vez em quando, ergue o olhar para Leo, mas na última meia hora o rapaz não se mexeu. Dois pombos percorrem o parapeito exterior. Por vezes, provocam-se um ao outro, batendo as asas.

– Eu ouvi-as aos gritos – diz ele, passando um dedo pelo vidro.

Everett sobressalta-se, mas não o demonstra.

– Desculpa, Leo, não te ouvi.

– Ouvi-as aos gritos.

Everett pousa o telemóvel e aproxima-se da janela. Obriga-se a ficar por ali uns segundos, a olhar para os pombos, antes de dizer:

– Quem é que estava aos gritos, Leo?

Ele continua a observar os pombos.

– Foi à noite.

– Quando foi isso?

Ele encolhe os ombros.

– Não sei.

– Era a Daisy?

Segue-se uma longa pausa, até que Leo diz:

– Eram as aves.

– As aves?

– Em Port Meadow. Há lá gaivotas. Fui lá uma vez. Há imensas. E fazem um barulho mesmo horrível.

Everett dá por si a respirar de alívio.

– Estou a ver. E fazem muito barulho, mesmo de noite?

Ele assente.

– Acho que devem ser infelizes.

Everett estende a mão para lhe tocar, hesita, mas acaba por se baixar para abraçar o rapazinho.

Leo esconde o rosto no ombro dela e murmura:

– A culpa é minha... A culpa é toda minha.

De volta à base, tenho como único consolo o facto de o Barry Mason se sentir ainda pior do que eu. É certo que cheira muito pior, e pergunto-me onde terá passado a noite. Fosse onde fosse, é óbvio que não investem grande coisa em produtos de higiene grátis. A sua advogada, em claro contraste, está fresca que nem uma alface. Na verdade, até a acho parecida com a Anna Phillips. Alta, camisa branca, saia cinzenta clara, sabrinhas de couro da cor da pele. Pergunto-me se o Mason já a conhecia ou se ele lhe saiu em sorte. E se foi esse o caso, ela não faz ideia da trapalhada que a espera.

O Quinn senta-se e pousa o jornal. Deixou-o *casualmente aberto* na página com a foto do Barry a ser enfiado dentro do carro-patrulha. Na imagem, o próprio Quinn mantém a porta aberta, com a outra mão na cabeça do Barry. Clássica conduta humilhante. E provavelmente a razão pela qual o Barry parece tão furioso – e longe de parecer um pai desesperado, diga-se. O Quinn está muito bem na fotografia, muito agradável: calculo que esta seja para recortar e guardar. Reparo que a advogada olha para a foto – facto que o Quinn também registou.

– Por que razão pediu para falar novamente com o meu cliente, Inspetor? – pergunta ela, quando finalmente nos sentamos. – Isto está a verter perigosamente para um caso de assédio, deixe-me que lhe diga. Pelo que sei, o meu cliente tem colaborado totalmente com as vossas solicitações, e os senhores não têm fundamentos para suspeitar de qualquer envolvimento no desaparecimento da filha.

O Barry Mason crava os olhos em mim.

– Se o vosso empenho para encontrar a *Daisy* fosse metade da determinação que mostram em *perseguir-me*, talvez a esta hora já a tivessem encontrado. Porque ela está algures por aí, estão a ouvir? Sozinha e apavorada, a querer a mãe e o pai, e vocês, suas bestas do camandro, só pensam em maneiras de me tramar. Eu sou o *pai* dela. *Amo-a*.

Volto-me para a advogada.

– Se e quando tivermos de fazer alguma detenção associada ao desaparecimento da Daisy Mason, fá-la-emos. Neste momento, quero apenas interrogar o seu cliente relativamente a outro assunto. – Levo a mão ao gravador. – Para que conste, estão presentes nesta entrevista o Inspetor-Chefe Adam Fawley, o Inspetor-Coordenador interino Gareth Quinn, a Dra. Emma Carwood e Sr. Barry Mason.

Abro a pasta de arquivo castanha que tenho à minha frente e retiro o cartão de aniversário. Está aberto, no interior de um saco de prova. Mostro-lhes a parte da frente, com as palavras, depois volto-o, deixando as imagens à vista, e pouso-o na mesa. Estou a olhar atentamente para a Emma Carwood, e reparo numa ligeiríssima centelha de repugnância, quando o irrepreensível profissionalismo que demonstra estremece momentaneamente.

– Já tinha visto isto, Sr. Mason?

– Onde é que arranjam isso? – diz ele, num tom claramente receoso.

– Para que conste, é um cartão de aniversário feito pela Daisy Mason para o pai. Consiste numa série de imagens recortadas de jornais e revistas, coladas numa folha de papel. Faz também referência às atividades que os dois gostam de fazer juntos. Incluindo nadar e o que a criança

descreve como «balançar no colo dele...»

– Só podem estar a gozar comigo!

– Quando é que ela lhe ofereceu isto, Sr. Mason?

Ele esboça um ar de enfado.

– No meu *aniversário*, ó inteligência.

A Dra. Carwood intervém.

– Esse tom não o beneficia em nada, Sr. Mason.

– Que aniversário? Deste ano? Do ano passado? – insisto.

– Deste ano.

– Em abril, portanto. Há três meses.

Ele não responde.

– Esta imagem... – digo, apontando para os seios. – De onde é que ela a tirou? De alguma revista para adultos? O senhor tem por hábito deixar material desse género em sítios onde uma criança de oito anos pode encontrar?

O Mason olha-me fixamente. De seguida, pega no cartão e observa-o atentamente através do plástico.

– Creio que esta fotografia – acaba por dizer – foi recortada do *Sunday Sport*. Tudo bem, não é lá muito politicamente correta. É só um par de mamas, caramba, não é *pornografia*!

– A sério? – digo, pondo o cartão de parte. Tiro da pasta outra folha de papel e estendo-a à frente dele. – Confirma que este é o número do telemóvel que usou para contactar as mulheres que conheceu no *site* de encontros? O telemóvel que a sua esposa desconhecia que tinha?

Ele olha de lado para o papel.

– Sim, acho que sim. E depois? Não o uso muito.

– Contudo, usou-o no dia 16 de abril deste ano. Está na base de dados do Centro de Proteção Online Contra a Exploração Infantil como tendo acedido a um *website* do Azerbaijão que partilha milhares de imagens de pornografia infantil. E aqui, Sr. Mason, falamos *mesmo* de pornografia. Pornografia do tipo mais depravado e ilegal que há.

O Mason está estupefacto a olhar para mim.

– Isso é mentira! Nunca me meti nesse género de coisas. Eu não curto *crianças*, por amor de Deus. Isso é nojento, é perverso, é...

– Barry Mason, o senhor encontra-se detido por suspeita de posse ilegal de pornografia infantil, contrária à Lei de Justiça Penal de 1988, mais concretamente no seu artigo 160.º. Não tem de prestar declarações, mas pode prejudicar a sua defesa caso opte por não referir, quando interrogado, algo que posteriormente venha a confiar ao tribunal. Do mesmo modo, qualquer declaração que escolha fazer poderá vir a ser apresentada como prova. Ser-lhe-á pedido que entregue o telemóvel em questão, para que possa vir a ser examinado pela perícia científica.



– Bom, posso desde já dizer-vos que não vão encontrar porra nenhuma. Nem sequer cheguei a usar a porcaria da câmara ...

– Será de seguida conduzido para uma cela das nossas instalações. Entrevista terminada às 11h17.

O Quinn e eu levantamo-nos e preparamo-nos para sair.

– Foi a Sharon, não foi? – diz ele, a voz já tolhida pelo pânico. – Foi ela quem vos deu o cartão de aniversário. Só pode ter sido ela. O resto da porcaria da casa ardeu toda, graças a vocês. – Bate com o punho na mesa. – E não é suposto vocês protegerem-nos de psicopatas como ela? Não é esse o vosso *trabalho*?

– Pode ter a certeza de que a comissão responsável pelas queixas contra as atividades da polícia irá apurar exatamente o que aconteceu.

– Vocês não percebem aquilo que ela está a fazer? Está a tentar incriminar-me! Descobriu que eu andava nos *sites* de encontros e ficou completamente doida!

– Está a insinuar que também foi ela quem descarregou pornografia para o seu telemóvel?

Ele abre a boca para responder, mas volta a fechá-la.

– Vou interpretar isso como um «não».

Volto-lhe novamente as costas, mas ele ainda não acabou.

– Não estou a brincar. Aquela mulher é doente mental, tem um parafuso solto algures! E não estou apenas a falar do feitio dela. Ela tem ciúmes até da própria filha, acreditam? Não é normal!

Por acaso, até acredito, sim. E muito facilmente. Apercebo-me de que o Quinn está a olhar para mim, e sei porquê. O Mason quer orientar-nos para um determinado cenário. Um de que ele próprio não faz parte.

– O que é que está a querer dizer, Sr. Mason?

– Estou *a dizer* que se alguém fez alguma coisa à Daisy, foi *ela*, não eu. Quer dizer, não seria a primeira vez, não é?

Olha de mim para o Quinn, observando as expressões vazias de quem não está a perceber nada.

– Vocês *sabem* o que se passou com ela, não sabem?

\* \* \*

– O meu chefe *mata-me* se souber que fiz isto.

Passou-se uma hora, e Paul Beaton está sentado no interior do exíguo carro de exteriores da Sky News, frente a uma série de ecrãs. Ao seu lado, o Inspetor-Coordenador interino Garreth Quinn.

– Tenho a certeza de que já andas nisto há tempo suficiente para saberes que colaborar com a polícia é sempre a melhor política – diz-lhe Quinn. – Sobretudo numa investigação criminal.

Beaton olha para ele.

– É mesmo disso que se trata? Não sabia que já tinham um corpo.

– Não temos. Mas não precisamos. Não necessariamente. Não soubeste por mim, mas é apenas uma questão de tempo.

– Alguma hipótese de me darem o exclusivo antes de isto sair? Por ter sido tão útil e prestável?

Quinn sorri.

– Mostra-me primeiro o que tens.

Beaton tecla qualquer coisa.

– Algo me diz que não vai ficar desapontado.

As imagens de vídeo surgem no ecrã. São claramente de uma câmara digital portátil – a imagem oscila bastante até se fixar na casa dos Mason. O *time-code* indica a hora: 1h47.

– Fui acordado por um barulho que me pareceu uma explosão – diz Beaton. – Peguei na câmara antes sequer de vestir as calças. Dez anos nesta profissão e três reportagens no Médio Oriente dão nisto.

– A quem o dizes – observa Quinn, que nunca esteve mais longe do que Palma de Maiorca.

À 1h49, a porta de casa abre-se violentamente e Sharon Mason sai. Veste uma camisa de noite branca rendada e tem a carteira na mão. Olha em redor, a pestanejar, meio trôpega, e depois começa a andar rapidamente pela gravilha de acesso à casa ao lado, onde toca insistentemente à porta. São 1h52 quando finalmente alguém abre.

– Por esta altura, eu ainda não fazia ideia do que tinha acontecido. Como pode ver, ela tira os vizinhos de casa, e só depois se vê o incêndio pela primeira vez.

O plano aponta para o céu, de forma a mostrar as chamas que se erguem do telhado. De seguida, baixa – o chão, os pés do operador de câmara, a porta do carro de exteriores – e depois projeta-se novamente para cima, mostrando a casa em chamas. As imagens revelam um homem em calças de pijama, certamente um vizinho, a entrar rapidamente na casa. Sharon Mason está sentada no muro, a cabeça entre os joelhos. Com ela estão duas meninas e uma mulher. O operador de câmara diz qualquer coisa a Sharon, mas o som é demasiado abafado para se perceber.

– Perguntei-lhe se tinha chamado o 112 – esclarece Beaton.

O plano passa novamente para a porta de casa dos Mason, que está aberta. Depois para cima, mostrando as janelas do primeiro andar num furioso esplendor cor de laranja. As cortinas já estão todas a arder.

Quinn chega-se para a frente.

– Mas onde está o Leo? Onde raio está o filho dela?

– Estava a ver quando é que fazia essa pergunta. Continue a ver.

A câmara regressa à porta de casa, mesmo a tempo de mostrar o vizinho a sair do interior, empurrando Leo à sua frente. Estão ambos cobertos de fuligem – e a escassos metros da porta quando as janelas do primeiro andar explodem, lançando uma chuva de faúlhas e estilhaços para baixo.

Homem e rapaz são projetados para o chão. O *time-code* no ecrã indica 2h05.

Quinn levanta-se subitamente.

– Obrigado, companheiro.

– Mantemo-nos em contacto? Informa-me se houver alguma detenção? Quer dizer, se emitíssemos isto... Meu Deus, seria dinamite pura.

– Fica descansado. Serás o primeiro a saber.

\* \* \*

Já no exterior, Quinn saca do telemóvel.

– Gislingham? É o Quinn. Ouve, consegues saber a que horas é que o 112 recebeu o alerta do incêndio? E já agora, pergunta-lhes também se houve mais alguma chamada antes dessa, quaisquer tentativas que possam ter sido interrompidas. Obrigado, companheiro.

\* \* \*

Do outro lado da linha, Gislingham desliga a chamada e volta-se novamente para o computador. Janet já o chateou por estar a trabalhar no fim de semana, e ainda que uma parte dele preferisse ter ficado em casa, a outra parte é polícia primeiro, futuro pai depois – e este caso é particularmente sensível. Não só por envolver uma criança, mas pela sua complexidade, a sucessão de nós cegos. Não lhe parece bem chamar-lhe *puzzle* – não quando há uma menina pequena envolvida –, mas, na realidade, é disso que se trata. É por isso que ele está aqui desde meio da manhã, sentado a uma secretária numa sala sem ar condicionado, a esforçar-se por identificar, através da matrícula, a quem pertence o carro no qual Daisy foi vista à porta da escola. Disse à mulher que se despachava em dez minutos, meia hora no máximo – afinal, quantos Ford Escort ainda continuam a andar por aí? –, mas só com duas letras da matrícula e sem saber a cor, a lista parece infundável.

Parece, mas subitamente deixou de parecer. Porque aqui está ele – um modelo de 2001, vermelho *toreador*, registado numa morada de East Oxford. Gislingham dá um murro triunfal no ar e de seguida chega-se para a frente, claramente apanhado de surpresa. Abre outra secção da central de dados da polícia e escreve um nome.

– Porra! – solta. – Porra, porra, porra.

\* \* \*

– Como é que nunca soubemos disto?

Estou no meu gabinete, a olhar por cima do ombro da Anna Philips para o ecrã do portátil dela. A

Anna ergue o olhar para mim.

– Para ser franca, não foi fácil, tive de procurar em vários sítios. Temos o arquivo dos jornais *online*, mas são todos PDF. Jamais seria possível chegar lá com uma pesquisa básica.

– Existem muitos outros métodos de pesquisa, para lá da porcaria do Google – comento.

A porta abre-se para deixar entrar o Bryan Gow, com um ar levemente afogueado e mais do que apenas irritado por o terem tirado de casa num fim de semana de verão.

– E então? O que se passa de tão importante para me terem feito perder a chegada de *Oliver Cromwell* a Ditcot?

– Agora também és viciado em figuras históricas? – digo-lhe, de sobrolho erguido.

Ele olha-me com expressão ofendida.

– É uma locomotiva, seu filisteu. Uma Classe Sete da Britannia, para ser mais preciso. Uma das últimas locomotivas a vapor que a British Rail administrou.

Encolho os ombros.

– Nunca fui daqueles miúdos que sonhavam ser maquinistas. – Aponto para o ecrã. – Seja como for, isto é bem mais urgente.

## **The Croydon Evening Echo**

3 de agosto de 1991

### **TRAGÉDIA ABATE-SE SOBRE FAMÍLIA EM FÉRIAS**

Uma família de Croydon regressa amanhã a casa, vinda de Lanzarote, depois de ter sido atingida por uma tragédia durante aquelas que, supostamente, seriam umas férias de sonho.

Há cerca de uma semana, Gerald Wiley, 52 anos, e a mulher, Sadie, 46, viajaram até à ilha espanhola acompanhados das duas filhas, Sharon, 14 anos, e Jessica, 2. Wiley foi recentemente dispensado da London Underground, onde trabalhou ao longo de 30 anos, e decidiu utilizar o dinheiro da indemnização numas férias de sonho com a família.

A família desfrutava de uma festa na praia, organizada pela unidade hoteleira onde se encontrava hospedada, quando a tragédia ocorreu. Testemunhas garantem que o tempo estava bom e o mar calmo. Jessica e a irmã estariam a brincar num pequeno bote insuflável, quando, pouco depois das 16h00, os funcionários do hotel se aperceberam de que as meninas estavam desaparecidas. Foi o próprio Sr. Wiley quem acabou por ver o bote no mar, já bastante afastado da praia, e lançou o alerta. O hotel pediu imediatamente ajuda e o Sr. Wiley tentou nadar até às crianças. Muitos outros veraneantes dispuseram-se igualmente a ajudar, mas quando estavam prestes a chegar à

embarcação, o bote virou-se e as crianças caíram à água.

A equipa de paramédicos ainda realizou manobras de reanimação na praia, mas o óbito de Jessica Wiley foi declarado no local. O pai, que sofre de angina de peito, teve de ser transportado para o hospital local. A filha mais velha, Sharon, que frequenta a Colbourne School, sofreu apenas ligeiros hematomas e escoriações.

Pauline Pober, 42, residente em Wokingham, assistiu à tragédia. «Estou em choque. Estávamos todos a desfrutar da festa, as crianças estavam a divertir-se imenso e toda a gente estava feliz e descontraída. A Jessica era uma menina tão bonita, tão alegre – a princesinha dos pais. Que coisa tão horrível de acontecer. O meu coração está com a pobre Sharon. Estava desfeita quando a levaram da praia.»

Os habitantes locais confirmaram que as marés naquela extensão de praia podem revelar-se muito traiçoeiras. Desde 1989 que têm ocorrido vários episódios de afogamentos na zona.

O Sr. Wiley declarou ontem: «A minha mulher e eu estamos devastados. A Jessie era a nossa dádiva de Deus. As nossas vidas vão ficar vazias sem ela – jamais recuperaremos desta tragédia.»

Volto-me para o Bryan:

– Então? O que me dizes?

Ele tira os óculos e limpa-os a um lenço amarrotado. Tem marcas brilhantes e avermelhadas nos dois lados das narinas.

– Queres que te diga se acho que foi mesmo um acidente?

– Podemos começar por aí, sim.

– Não há muito mais que se possa adiantar.

– Eu sei. Mas em teoria, do que é que podemos estar a falar?

– Bom, se olharmos exclusivamente para as *possibilidades*, e não à luz de um determinado *perfil*...

– Sim. É precisamente isso que te peço.

– Então, diria que, mesmo que a Sharon não tenha tido nada que ver com a morte da Jessica, é bastante plausível que uma parte dela, consciente ou inconscientemente, tenha desejado que isso acontecesse. É só fazer as contas, utilizando uma expressão conhecida. A Sharon teria 12 anos quando a irmã nasceu e, a julgar pelas idades dos pais, creio que será seguro afirmar que a gravidez apanhou todos de surpresa. É difícil saber por onde começar no que respeita ao *cocktail* de emoções destrutivas que esse facto pode ter desencadeado. A Sharon tinha acabado de entrar na puberdade quando foi confrontada com a realidade nua e crua da vida sexual dos pais. *Constrangedor, para dizer o mínimo*. Se juntarmos a isso o facto de ela perder o estatuto de filha única, assim do nada, depois de 12 anos convencida de que o mundo era tipo «*When they said he was their only son, he*

*thought he was the only one.»*<sup>6</sup>

Agora perdi-me.

– Desculpa?

Ele esboça um sorriso irónico.

– Desculpa. É aquela música dos anos 70. Saiu na semana passada num *quizz*. Tu conheces.

Sobre um miúdo que tem de lidar com a súbita realidade de ter uma irmã mais nova. Nunca é uma situação fácil, por mais equilibrados que os miúdos sejam e por melhor que os pais lidem com o assunto. No caso da Sharon, parece-me que o amor e a atenção dos pais foram transferidos integralmente para o novo bebé, e ela viu-se, de repente e sem aviso prévio, relegada para uma posição muito inferior de segunda melhor filha. – Abana a cabeça e aponta com os óculos para o ecrã. – Cá para mim, eles nunca perdoaram a Sharon por ter sido ela a sobreviver. E podem muito bem ter-lhe dito diretamente que a culpa foi dela. E se não foi, caso *tenha* sido realmente um acidente, bom... não consigo pensar em algo mais abjeto do que isso para uma adolescente.

– Isso é um termo técnico?

– Serve. Quando lidamos com malta inexperiente.

Vejo a Anna conter um sorriso.

– OK. Agora avança 25 anos. Que análise fazes?

– Mais do mesmo, pelo que vi da Sharon. O que não é muito, mas o suficiente para perceber que é socialmente insegura, muito fútil e, de certeza, extremamente ciumenta relativamente ao vadio do marido. Assim sendo, a Daisy é outra Jessica. Só que pior, muito pior. Porque, desta vez, a atenção que a Sharon cobiça já não é a dos pais, mas do marido, alguém que deveria pôr a *Sharon* em primeiro lugar. Ou, pelo menos, é assim que ela vê as coisas. Mais cruel ainda, a intrusa mais jovem surge por *culpa dela*. Foi ela quem trouxe aquela criança ao mundo, terá feito todo o tipo de sacrifícios enquanto mãe, e é esta a paga que recebe. Todo o ressentimento que sentiu pela Jessica é transferido para a Daisy, só que mil vezes intensificado. E torna-se tudo ainda mais tóxico, porque a Sharon terá, certamente, enterrado bem fundo esses sentimentos, depois da morte da irmã.

– Então, tu achas que ela era capaz de matar a própria filha?

Ele assente.

– Em teoria, sim. Se os impulsos se revelassem demasiado fortes. Se, por exemplo, apanhasse o marido e a filha juntos, numa situação que sugerisse algo de remotamente sexual. Num momento desses, quando o pano vermelho fosse acenado à frente dos olhos dela, não creio que ela visse o marido como o principal culpado. Acho até que nem seria capaz de ver a Daisy como filha. Tudo o que via era uma rival.

Recosta-se na cadeira e continua:

– O que também deves ter em conta é que se a Sharon foi, de algum modo, cúmplice na morte da

irmã, nem que fosse apenas por não ter feito nada para a salvar, então tem estado, desde essa altura, a construir uma narrativa mental que desvia a culpa para qualquer outra pessoa. Os pais, os outros banhistas, até a própria Jessica. E se realmente *fez* algum mal à Daisy, estará a passar por um processo semelhante. A culpa foi toda do marido ou até da própria filha. Um caso clássico de negação, e está profundamente enraizada. Jamais conseguirás que ela admita o seu envolvimento, seja de que maneira for, sem que isso lhe destrua por completo as defesas psicológicas que andou anos a construir. E não subestimes o quão difícil isso poderá ser. Aposto que esta mulher nunca pede desculpa a ninguém, nem mesmo nas situações mais banais.

Volto-me para a Anna.

– Esta mulher, a Pauline Pober, há alguma hipótese de a encontrarmos?

– Posso tentar. Não é um apelido muito comum. E Wokingham não é uma cidade assim tão grande.

– E os pais? Sabemos se ainda estão vivos?

– Já verifiquei. O Gerald Wiley morreu em 2014, de ataque cardíaco. E a Sadie está num lar, em Carshalton. Parece que sofre de Alzheimer em estado avançado. Por isso, acho que podemos dizer que a Sharon é a única que resta da família.

– Explica muita coisa sobre a Sharon – digo, com ar pensativo.

Ela olha para mim.

– A história do artigo?

– Não é só. A fotografia.

«A família Wiley num momento feliz», diz a legenda. Mostra o Gerald com a Jessica sentada no joelho e a Sadie ao lado, com a mão no ombro dele. A Jessica usa um vestidinho branco e tem o cabelo em cachos compridos, presos com fitinhas. É arrepiantemente parecida com as fotografias que vi da Daisy Mason. Quanto à Sharon, confesso que não a teria reconhecido. Uma criança forte, desajeitada, que surge na margem da fotografia, como que retocada por Photoshop na sua própria vida. O cabelo pardacento cai-lhe em madeixas baças. Sem direito a fitinhas ou lacinhos. Pergunto-me como terá sido viver naquela casa, depois da morte da Jessica.

E, pela primeira vez, sinto realmente pena dela.

\* \* \*

Quando levanto a cabeça, tenho os dois à minha frente. O Quinn e o Gislingham. Juntos.

Olho de um para o outro, sem me preocupar em disfarçar a minha surpresa.

– O que é isto? Vocês declararam um cessar-fogo? As Nações Unidas já foram avisadas?

O Gislingham tem a elegância de parecer encabulado.

– Não propriamente, chefe. É o telemóvel do Mason. A equipa forense confirmou que contém imagens indecentes. Vídeos, para ser mais preciso, e são *hardcore*. Estavam bem enterrados no

cartão de memória, mas estão lá.

Recosto-me na cadeira.

– Quer dizer que mentiu.

– E não é só isso – acrescenta o Quinn. – O carro. Aquele em que a Daisy foi vista. Já identificámos o proprietário. – Faz uma pausa. – Azeem Rahija.

Está um dia quente, mas sinto-me subitamente gelado de morte.

– Porra, não o...

Ele assente lentamente.

– O irmão mais novo do Yasir Rahija e primo do Sunni Rahija.

Não precisa de dizer mais nada. O Yasir e o Sunni Rahija estiveram no centro de uma rede de pedofilia particularmente perversa, cujos alvos eram meninas brancas e vulneráveis de East Oxford. E demorou muito tempo até que as nossas forças policiais conseguissem prendê-los. O caso não era meu, mas ficámos todos marcados. Todos nos sentimos culpados.

– O Azeem tem apenas 17 anos – prossegue o Quinn – e não há nada que sugira o seu envolvimento no gangue das violações, mas dadas as circunstâncias...

Escondo a cabeça entre as mãos. Estava tão certo – tão *certo* – de que a Daisy fora morta por alguém próximo, mas... e se estiver enganado? E se, durante todo este tempo, ela esteve num pardieiro qualquer, numa cave nojenta de Cowley Road, sujeita às mais repugnantes...

– E há mais uma coisa.

Desta vez, é o Gislingham.

– A Everett acabou de me ligar. Diz que mostrou ao Leo a foto daquele rapaz das imagens de videovigilância, como o chefe lhe pediu. E ele disse que não sabia o nome dele. E que nunca o viu com a Daisy...

– Pois, também não havia grande esperança de que já o tivesse visto antes – digo, com um suspiro.

– Mas a questão é essa, ele *já o viu* antes. Mas não com a Daisy. Com o *Barry*.

Olho fixamente para ele.

– Não estou a perceber. Que tipo de relação pode haver entre...

Mas o Gislingham teve mais tempo do que eu para ponderar no assunto.

– É capaz de fazer sentido, chefe. Há dias que me pergunto o que é que o Mason faz ao dinheiro. Ele anda a sacar a torto e a direito, a receber milhares de libras por trabalhos que não chega a fazer e, no entanto, toda a gente diz que a família passa dificuldades. Ora, esse dinheiro todo tem de ir para algum lado, certo? E ele deve pedir sempre que lhe paguem em dinheiro vivo, porque, pelo que investiguei, a conta bancária dele não tem, nem de perto nem de longe, um saldo que justifique a dimensão das obras que ele supostamente anda a fazer.

– Poderá ser dinheiro de jogo? De drogas?



Mas o Gislingham abana a cabeça.

– Não encontrámos nenhuma evidência nesse sentido. Mas o que *sabemos* é que ele acedeu a pornografia infantil daquele *site*. Um vício desses pode sair caro. E quanto mais ilegal é a coisa, mais eles cobram.

– Portanto, acreditas que ele não se limita a assistir a vídeos? Que *paga* para ter sexo com crianças, com meninas menores, como aquelas que foram vítimas dos Rahija?

Ele encolhe os ombros.

– Tal como disse, faz algum sentido.

– E este rapaz das imagens de videovigilância, que o Leo diz já ter visto com o Mason, será o contacto dele na rede de pedofilia?

O Quinn intervém.

– Lá porque grande parte deles foram presos, isso não significa que a rede tenha sido desmantelada. O Azeem pode perfeitamente ter retomado a atividade a partir do ponto onde o primo e o irmão ficaram.

– Mas o que é que esse rapaz estava a fazer com a Daisy?

Eles trocam um olhar.

– Talvez o Mason lhes devesse dinheiro – sugere o Gislingham. – E eles decidiram usar a Daisy como forma de pressão. Ameaçá-la, para mostrarem ao Mason aquilo de que seriam capazes, se ele não colaborasse.

– Vamos esperar que seja só isso. Porque nem sequer quero sonhar com a alternativa. Não há uma justificação saudável para um rapaz desta idade se interessar por uma menina como a Daisy. Sobretudo um rapaz que tem amigos pedófilos.

Ao dizer isto, recordo-me que as amigas da Daisy afirmaram que ela ficou zangada depois de se encontrar com aquele rapaz. Não triste, não perturbada. Zangada. Mas claro que isto não passa de «diz que disse». Não podemos ter a certeza. E foi este um dos motivos por que o gangue Rahija se safou durante tanto tempo – outros como eu viram aquilo que queriam ver e ouviram o que queriam ouvir. Não me posso dar ao luxo de cometer novamente esse erro.

– OK, enviem para lá uns quantos operacionais fardados e avisem as equipas do policiamento comunitário e o gabinete de imprensa, para que saibam o que dizer quando os telefones começarem a tocar. Eu vou pôr o Diretor ao corrente. De certeza que vai ficar eufórico...

Levanto-me. Tendo em conta o atual relacionamento com a comunidade de East Oxford, esta é uma operação que não posso mesmo delegar.

\* \* \*

Barry Mason está instalado com os filhos na bancada dos pequenos-almoços e Sharon está junto à janela, a pôr pedaços de fruta na máquina de sumos. Leo e Daisy estão com a farda da escola e a menina tem um casaco de malha cor-de-rosa nas costas do banco alto.

– Acho que devíamos fazer uma festa – diz Sharon. – Para comemorar o fim das aulas.

O marido olha para ela, enquanto prepara a sua taça de cereais.

– Uma festa? Porquê?

– Bom, não chegámos a dar uma festa quando nos mudámos para cá, e sei que há muita gente que gostaria de ver a casa.

Da outra ponta da bancada, o rapaz olha para cima e a menina baixa o olhar. Barry pega na colher.

– E uma coisa dessas não vai dar uma trabalhadeira danada?

Sharon volta-se para ele.

– Podíamos fazer um churrasco. Com saladas e sanduíches e batata assada. Tu praticamente não terias de fazer nada.

Barry abre a boca para responder, mas muda de ideias. As crianças trocam um olhar, enquanto a mãe começa a cortar mais fruta, aplicando mais força na faca do que a necessária.

– E se chover? – acaba Barry por dizer. – Cá dentro não vai caber toda a gente.

– A Fiona Webster já se ofereceu para nos emprestar a pérgula deles. E tenho a certeza de que o Owen não se importa de te ajudar a montá-la.

– OK, se tens a certeza – observa Barry, encolhendo de ombros. – O que acham, meninos?

– Vai ser ótimo para eles – garante Sharon. – É uma excelente oportunidade para conhecerem algumas das crianças daqui da zona, sobretudo as que não andam na Bishop Christopher.

Volta-se novamente para a máquina e liga-a. A mistura começa a saltar e rodopiar, transformando-se num muco esverdeado que escorre lentamente para o recipiente de plástico quando ela desliga a máquina.

– A que horas é que chegas a casa, logo à noite?

Ele parece hesitar.

– É possível que chegue tarde. Tenho uma reunião de obra em Guildford e é capaz de demorar. Então, e tu, princesinha? – diz, voltando-se para a filha. – Hoje vais receber o teste de Inglês, certo? Aposto que vais ter outra vez a nota máxima. A minha menina nunca faz a coisa por menos.

Daisy sorri vagamente para o pai, antes de dar uma colherada nos cereais.

– O Leo foi escolhido para a equipa de futebol – refere a menina.

Barry ergue um sobrolho.

– A sério? Porque não nos contaste, filho?

O rapaz encolhe os ombros.

– É para a equipa de reservas.

Barry não disfarça o desapontamento.

– Ah, bom. Isso só prova que precisas de te esforçar mais. Tal como eu te disse.

Sharon continua concentrada nas complexidades da máquina de sumos – que, aparentemente, se mostra muito relutante em soltar o copo.

– OK, então eu preparo-te qualquer coisa fria para comeres quando voltares – diz. – E não te esqueças que tenho aula de ginástica às 20h00.

Barry dedica um sorriso rasgado à filha.

– Não te esqueças de trazer o teste para casa para o papá ver, está bem, Dais?

– Barry, por favor, não lhe chames isso. Não admira que todos os colegas a tratem assim, se ouvem o próprio pai a fazê-lo...

– Tu não te importas, pois não, Dais? – diz ele, despenteando o cabelo da filha com uma carícia.

– E, Daisy, por favor, não te esqueças de devolver aquela mala de maquilhagem à Sra. Chen, quando a vires hoje, na escola. Agradece-lhe, claro, mas nós podemos perfeitamente comprar as nossas coisas.

– De certeza que não foi essa a intenção – observa o marido. – Tinham duas iguais e acharam que a Dais gostaria de ficar com uma, só isso.

– Não quero saber. A maquilhagem não é apropriada para crianças com esta idade. É ordinário.

– Ora, vá lá... é só para se divertirem. Sabes bem que as meninas adoram apanhar-se.

– Já te disse. Não é apropriado para estas idades. Seja como for, não precisamos da caridade deles.

Barry tenta captar o olhar da filha, mas Daisy parece mais interessada nos cereais. Acaba por se levantar.

– Não te preocupes com o meu jantar – diz ele à mulher. – Uma sanduíche, de atum ou de qualquer outra coisa, serve perfeitamente. – Pega na pasta e nas chaves e tira o blusão de trabalho amarelo fluorescente das costas do banco. – Vou andando. Até logo, meninos.

Assim que a porta da cozinha se fecha, Daisy pousa a colher e alisa cuidadosamente o cabelo com as mãos. Leo levanta-se do banco e aproxima-se da mãe.

– Quem é que vais convidar para a festa?

– Oh, os vizinhos, os vossos colegas... – responde-lhe ela, deitando sumo num copo.

– E aquele miúdo que o pai conhece? – pergunta Leo.

– Que miúdo? – devolve Sharon, distraída. Quando acaba de passar o recipiente por água e se volta novamente para os filhos, Leo já lá não está.

A casa dos Rahija é idêntica a milhares de outras casas geminadas desta zona de East Oxford. Construção dos anos 30, fachada de tinta areada, janelas salientes no rés do chão e primeiro andar. Ao lado, a porta de garagem tem a tinta toda a descascar – para além do impropério que alguém escreveu com *spray*. Aparentemente, alguém que não sabe escrever. «PEDÓFELO», pode ler-se. Uma das janelas do primeiro andar está tapada com tábuas e há seis contentores de lixo no quintal da frente, dois deles caídos, com lixo e comida podre espalhada pelo cimento.

Tenho uma equipa a bloquear o beco das traseiras e cerca de 12 homens estão na parte frontal da casa. Um deles com um aríete de arrombamento. Dirijo-lhe um sinal de cabeça e ele bate na porta.

– *Polícia, abra a porta!*

Ouvem-se imediatamente vociferares de espanto – mulheres a gritar e uma voz masculina a berrar numa língua que não é a inglesa. Um bebé começa a chorar.

– *Polícia, abram a porta ou entramos à força!*

Passa um minuto, talvez dois, até que, finalmente, se ouve a porta a ranger, para logo de seguida abrir, revelando o rosto de uma mulher que espreita pela fresta. Usa um *hijab* e não terá mais do que 20 anos.

– O que querem? Deixem-nos em paz, não fizemos nada.

Dou um passo em frente.

– Inspetor-Chefe Adam Fawley, do DIC de Thames Valley. Temos um mandado de busca a esta residência. Por favor, abra a porta. É melhor para todos que esta operação decorra de modo civilizado.

– *Civilizado?* Vocês chegam aqui, quase deitam a porta abaixo, aterrorizam a minha mãe e os meus filhos e ainda se dizem *civilizados*?

Já há um grupinho de curiosos concentrados na rua, a maioria jovens asiáticos, alguns com *kufis* na cabeça. Vejo o Quinn a levar uma mão cautelosa ao bastão. Isto está feio. Não quero ter de lidar com um motim.

– Ouça, podemos fazer isto a bem ou a mal. Ou nos deixam entrar, e dou-lhe a minha palavra de que faremos tudo para sermos rápidos e o menos intrusivos possível, ou, se tivermos de arrombar a porta, garanto-lhe que o faremos, e isso vai implicar que os vossos nomes apareçam nos jornais e a reabertura do caso de abuso de menores do ano passado. Não me parece que queiram isso, e nós também não, garanto-lhe. Mas a decisão é sua, e tem de decidir já.

A porta abre-se mais um pouco. Estabeleço contacto visual, forçando-a a olhar para mim, até que a vejo assentir com um gesto de cabeça. O peso que sinto no peito é tal que mal consigo respirar. Volto-me e faço um gesto à brigada para que recuem para o passeio.

Depois, chamo a Brenda, a Agente de Ligação à Comunidade que nos acompanha.

– Certifica-te de que as mulheres e as crianças se acalmam, sim? Quinn, Gislingham, acompanhem-me.

Mesmo em pleno verão, o cheiro a bafio no interior da casa é intenso. O papel de parede está descolorado e a descascar e, no meio da sala, uma velha lareira a gás grita perigo por todos os lados. Mesmo sem a nossa presença, a sala já estava apinhada. Duas velhotas vestidas de preto sentadas num sofá velho, a balançarem-se para a frente e para trás, e três jovens mães a abraçar os filhos. As crianças olham-nos com grandes olhos estupefactos. Sorrio a uma delas e ela devolve-me o sorriso, antes de esconder o rosto no nicabe da mãe. Não há um único homem presente.

Atrás de mim, ouço o Quinn dizer ao Gislingham que verifique o quarto de trás e a cozinha, e de seguida ele próprio sobe ao andar de cima, galgando dois degraus de cada vez. Depois, ouço-a pisar o soalho por cima da minha cabeça.

– Chefe? – chama-me, uns segundos depois. – Pode subir?

O cheiro a fumo de cigarro devia alertar-me e, a um nível subconsciente, até o faz. Chego ao patamar e viro para um quarto. O espaço é exíguo, com dois beliches atravancados, e o Azzem Rahija está sentado na cama de baixo de um deles, de pernas cruzadas. Reconheço-o imediatamente, porque é muito parecido com o irmão. Só que este miúdo tem uma expressão bem menos calejada – que me dá uma centelha de esperança de que não tenha seguido os mesmos caminhos desviantes. Mas depois observo a expressão do outro jovem que também está no quarto. Sentado no beliche de cima, a fumar e a balançar as pernas, como se não passasse de um rapazinho.

– ‘Tardes, agentes – cumprimenta-nos, a voz levemente arrastada.

Tem um *pack* de quatro sidras Strongbow ao lado dele. É bastante menos atraente do que parecia nas imagens de vídeo. O cabelo não é tão louro e as bochechas e o queixo estão cheios de acne. Mas é a sua atitude que o desmascara – o olhar desleal e semicerrado, a excessiva autoestima. Tem o gancho dos *jeans* praticamente nos joelhos e um daqueles brincos que fazem um buraco do tamanho de um dedo. Sempre achei esta moda repugnante.

Dá uma longa passa no cigarro e expele o fumo na minha direção.

– Creio que nunca fomos apresentados – começo, espelhando o seu tom de voz. – Sou o Inspetor-Chefe Adam Fawley. E tu és...

Ele esboça um sorriso desagradável e aponta-me um dedo ligeiramente trémulo.

– Isso é para eu saber e você descobrir.

– Inspetor Quinn, leve esta criança para o carro-patrolha. E se ele insistir em não dar o nome, chame uma assistente social. É impossível este *miúdo* ter 16 anos.

Gera-se um certo confronto físico, mas o Quinn é muito maior do que o rapaz – em peso e altura.

Quando os sigo até ao patamar, o rapaz já está a vociferar coisas como «brutalidade policial». Faço sinal ao Gislingham para que suba.

– Comecem a busca por aqui. Está pelo menos um portátil escondido no meio da roupa da cama.

Quando volto a olhar para o Azeem, creio que é bem possível que ele já se tenha borrado todo.

\* \* \*

*Entrevista com Barry Mason, conduzida nas instalações da esquadra de St. Aldate, Oxford*

*23 de julho de 2016, às 12h42*

*Presentes: Inspetor-Chefe A. Fawley, Inspetor-Coordenador interino G. Quinn, Sr. Barry Mason, Dra. E. Carwood (advogada)*

EC: Poderei presumir que os senhores já estão em condições de apresentar a uma acusação?

AF: Ainda temos algumas perguntas a fazer ao seu cliente, Dra. Carwood.

EC: Relacionadas com as alegações de pornografia?

AF: De momento, sim.

EC: Muito bem. Mas deixem-me recordar-lhes que o tempo continua a passar.

AF: Sr. Mason, tem mantido contacto recente com um indivíduo de nome Azeem Rahija?

BM: Não faço um raio de ideia de quem está a falar

EC: Estamos a falar de algum familiar de Yassir e Sunni Rahija?

BM: O quê, aqueles pedófilos indianos que saíram nos jornais? Por amor de Deus, claro que não os conheço!

AF: O Azzem Rahija é o irmão mais novo do Yasir Rahija. Tem 17 anos.

BM: E então?

AF: E então o senhor afirma que nunca teve qualquer contacto com ele ou outro familiar? Que nunca acedeu a pornografia facultada por eles ou...

BM: Quantas vezes vou ter de repetir que não compro pornografia?! Nem a eles, nem a ninguém. Já comprei revistas de miúdas nuas, sim, mas nada mais do que isso. Ponto final, parágrafo. Verifiquem o meu telemóvel, a porra do PC. Não vão encontrar nada dessas porcarias.

AF: Infelizmente, o disco duro do seu portátil ficou destruído no

incêndio, e não temos maneira de recuperar qualquer tipo de informação. Ou também pode ter sido apagada, não sabemos. O que sabemos, e temos de o informar disso, é que existem dois vídeos de teor pornográfico no seu telemóvel. Com conteúdo sexual explícito e extremamente gravoso, imagens de crianças muito novas e...

BM: Nem pensar! Mas é que *nem pensar*, estão a ouvir?! Nunca descarreguei rigorosamente nada desse género. Deve ser algum vírus ou assim, acontece imensas vezes, certo? Ou algum pirata informático entrou...

EC: *(interrompendo)*

Que provas têm de que o meu cliente conhece os Rahija? Registos telefónicos? Contactos por correio eletrónico?

BM: Não têm nada disso, porque *nunca falei com essa gentalha!*

AF: Para que conste, vou mostrar ao Sr. Mason uma imagem retirada de uma câmara de videovigilância. Sr. Mason, acreditamos que o senhor manteve contactos com os Rahija através deste jovem. Temos uma testemunha que vos viu juntos.

BM: *(a olhar para a fotografia, depois para os agentes)*

Onde raio vocês arranjam isto?

\* \* \*

*11 de maio de 2016, 19h09*

*69 dias antes do desaparecimento*

*Residência dos Chen, Lanchester Road, 11, Oxford*

Jerry Chen chega à cozinha, onde a mulher está a meter a louça na máquina. O sol está a pôr-se lentamente e a luz dourada insinua-se por entre as folhas das duas bonitas bétulas prateadas que pendem, tal qual cortinas, de cada lado do jardim bem cuidado.

Jerry pousa o saco na ilha do centro da cozinha e a mulher serve-lhe um copo de vinho.

– Que tal correu a conferência?

– Muito bem. Estive com o Professor Helston, e ele pediu-me que organizasse outra na London School of Economics, no próximo outono.

– Vindo dele, é um grande elogio. Já terás regressado de Stanford, nessa altura?

Ele dá um gole e observa o rótulo da garrafa.

– Hmm, este é ótimo... Sim, sim, deve dar. A de Stanford acaba em setembro e esta será algures

em novembro. A Nanxi?

– Está na sala a ensinar xadrez à Daisy.

Ele sorri.

– Já não era sem tempo. A Nanxi bem precisa de uma adversária decente da idade dela. Não posso deixá-la ganhar sempre, não é?

– Não devias fazer isso, ela percebe perfeitamente. Não é estúpida.

– Provavelmente, tens razão... Como sempre.

Joyce volta-se para ele com um sorriso carinhoso.

– Pelo que percebi, a Daisy nunca tinha visto um tabuleiro de xadrez.

– Bom, *isso* não me surpreende nada. Se não fosse tão parecida com a mãe, iria jurar que a tinham trocado na maternidade. O fundo genético dos Mason é muito débil.

Faz uma careta e arranca uma gargalhada à mulher, que fecha a máquina e olha para ele.

– Como era aquela frase do Eric Hoffer? «Mesmo sendo a maioria da raça humana composta por porcos, ocasionalmente um porco macho casa com uma porca fêmea e nasce um Leonardo». Qualquer coisa assim...

Olha para o relógio e sobressalta-se.

– Meu Deus, já é tão tarde! Tenho de ir levar a Daisy a casa. Podes chamá-la?

Jerry prepara-se para subir os degraus de acesso à sala, mas depara-se com a menina ali mesmo.

– Ah, Daisy – diz, ligeiramente incomodado. – Nem te vi. Já estavas aí há muito tempo?

– Queria agradecer a mala de maquilhagem. Adoro.

Tem a mala ao ombro, e fã-la balançar levemente. Tem listas pretas e brancas, com uma estrela de néon cor-de-rosa no meio, onde se pode ler *Bugigangas de Menina* em letras grandes e tremidas.

Joyce Chen olha para ela.

– Não tens de quê, Daisy. Não é irritante quando duas pessoas oferecem exatamente o mesmo presente? Não a podemos devolver, claro, e a Nanxi achou que ias gostar de ficar com uma igual à dela. Divertiram-se muito, esta tarde?

– Oh, sim – responde a menina, com os olhos a brilhar. – Foi o *melhor* dia de sempre!

\* \* \*

– Não se pode fumar aqui.

– Já, tá bem...

O rapaz está esparramado no sofá da Sala da Família, com os pés em cima do estofó. Ao lado dele, há um prato de papel no chão, repleto de beatas. A Maureen Jones está sentada numa cadeira, o mais afastada possível, dentro do que o espaço lhe permite, e o assistente social está de pé, junto à porta. É o Derek Ross, o mesmo que tem acompanhado o Leo. Trocamos um olhar cúmplice e eu



pergunto-lhe se ele faz alguma ideia de como se chama o miúdo.

– Rato Mickey – responde o rapaz, olhando-me de esguelha. – George Clooney. Dalai Lama. A porra da rainha Vitória. É como quiseses, chui.

– Essa atitude não te vai ajudar em nada – avisa o Ross. Parece exausto, e só está aqui há menos de uma hora.

– Pois não – digo. – Como calculo que saibas, alguns elementos da família do teu amigo Azeem foram recentemente condenados por assédio sexual a crianças. Estamos neste momento a examinar material apreendido em casa deles para determinar se também foram cometidas outras infrações.

– Não me metes medo, chui. Não sei nada dessa porra. – Tem um ataque de tosse e senta-se. – Vou mas é bazar daqui. Não me podem impedir.

– Se insistes em ir embora, serei obrigado a deter-te.

– É mesmo melhor que colabores – diz-lhe o Derek, num tom grave. – A sério.

O miúdo desafia-me, fixando-me por um longo momento – mas é ele quem pestaneja primeiro.

– Onde tá a porra do meu advogado?

– Tal como te disse, ainda não estás detido. E o Sr. Ross está aqui para defender os teus interesses.

– Quero apresentar queixa. Houve um sacana que me agrediu. Aquele com a mania que é bom. Sou tentado a dizer «diz o roto ao nu», mas contenho-me.

– Se quiseses apresentar queixa, vais ter de nos dizer o teu nome.

Ele olha-me com desdém e bate na cana do nariz.

– Vais ter de te esforçar mais, chui. Não é fácil passar-me a perna, tás a ver?

Pego numa cadeira e levo-a para junto do rapaz.

Sento-me à frente dele e abro a pasta de arquivo, mostrando-lhe o *print* de uma das imagens de videovigilância. Do dia 19 de abril, onde o vemos com a Daisy.

– Conheces esta menina?

Ele dá uma longa passa e atira-me o fumo para a cara.

– E se conhecer?

– É a Daisy Mason, a cara dela tem corrido a imprensa e a Internet na última semana. Não acredito que não tenhas reparado.

Ele limita-se a semicerrar os olhos, mantendo-se em silêncio.

– Está desaparecida. Pode até já estar morta. E poucas semanas antes de desaparecer, foi vista a conversar contigo.

– Falo com bué de gente. Sou um tipo sociável.

– Pois, tenho a certeza de que és o maior do teu bairro. Acontece que esta não foi a primeira vez que falaste com ela, pois não? – Mostro-lhe mais fotografias. – No dia 12 de abril, a 14 de abril, a 19 de abril... E aqui, a 9 de maio, quem vai no banco de trás deste carro é a Daisy Mason. O carro

está registado em nome do Azeem Rahija. E tu, provavelmente, vais no lugar do passageiro.

Mais silêncio. Mais fumo. Através dos olhos, consigo ver-lhe o cérebro a funcionar. Não faz ideia daquilo que eu sei.

– Porque é que a assediaste?

– *Assediar*? Vai-te lixar. Aquilo foi tudo menos assédio.

– Então, o que é que um rapaz da tua idade faz com uma menina de oito anos a não ser assediá-la?

Temos imagens de videovigilância nas quais apareces com ela em *quatro* ocasiões diferentes. Da última vez, a menina é vista dentro de um carro, contigo e com o irmão de um pedófilo condenado. E poucas semanas depois ela desaparece. Achas que um juiz ou um grupo de jurados não vão chegar a uma conclusão óbvia?

– Eu não me estava a *fazer a ela*, eu...

– Então, o que estavas a fazer? Que outra coisa poderias estar a fazer com uma miúda desta idade? A tentares um reencontro com o teu lado feminino, era? Ou desenvolveste um interesse súbito pelo *Meu Pequeno Pónei*? Não, espera, se calhar gostas da Barbie. Os tempos mudaram. Os rapazes podem brincar com brinquedos de menina, certo?

Ele baixa as pernas e planta os pés no chão. Não olha para mim, mas a mão que segura o cigarro está claramente a tremer.

– Estavas a seduzi-la, certo? A tentar ganhar a confiança da Daisy para depois abusares dela.

– Eu *não* abusei dela.

– Ofereceste-a àqueles vermes repugnantes, aos antigos clientes dos Rahija, foi? Aposto que pagam uma fortuna para violar uma menina assim. Ou quiseste-a para ti? Foi isso que aconteceu naquele dia? Andavas a rondar a casa dela, todo sorrisos, o verdadeiro Príncipe Encantado... E como a mãe não estava em casa, ela saiu para brincar contigo, e no início foi muito giro. Até tu enfiar as patas nojentas nas cuecas dela e...

– Inspetor, por favor – intervém o assistente social. – Isto é mesmo necessário?

– ... quando ela percebe o que realmente queres, desata a gritar e tu tens de a calar, mas ela começa a espernear e tu tapas-lhe a boca...

– Você é *nojento*! – grita o jovem, levantando-se de um salto. – Não lhe pus um *dedo* em cima. Você é doente, é o que é. Só um tarado completamente depravado fazia isso à própria *irmã*...

Respiro fundo e conto até cinco.

– Tua irmã.

Ele engole em seco.

– Iá. O Barry Mason é meu pai. – Deixa-se cair pesadamente no sofá. – Esse maldito sacana.

Já de regresso à sede, ligo à Alex.

– Adam! Onde raio estás, afinal? Pensei que íamos almoçar a casa dos teus pais?

Raios. Passou-me completamente.

– Desculpa. As coisas complicaram-se e...

– ... esqueci-me completamente. – A Alex acaba a frase por mim. – Eu sei, estás a falar comigo, lembras-te?

– Sou assim tão previsível? – pergunto, num suspiro resignado.

– Quando tens em mãos um caso importante? Sim, és.

– Desculpa. Eu ligo à minha mãe, prometo. Ouve, queria pedir-te um enorme favor. Sei que a tua empresa não gosta muito de conceder apoio jurídico gratuito, mas temos cá retido um rapaz que foi visto a falar com a Daisy fora da escola. Acabei de descobrir que é filho do Barry Mason, de uma relação anterior.

– Porra... E só agora é que descobriram?

– Sim, eu sei, mas, para ser franco, não tínhamos grandes razões para o investigar nesse sentido. Pelo menos, até agora. O problema é que não conseguimos descobrir a mãe ou o padrasto do rapaz. Ninguém atende o telefone de casa e o vizinho do lado acha que eles foram passar o fim de semana fora. O advogado officioso disponível está retido noutro caso e não conseguimos arranjar alguém que se ponha cá antes do fim do dia. Por isso, lembrei-me...

– De me pedires que te arranje alguém?

– Desculpa – murmuro, mordendo o lábio. – Ultimamente, sou sempre eu a cravar este tipo de favores.

– E eu a fazê-los. – Ouço um grande suspiro antes da resposta: – OK, deixa comigo. Sou capaz de arranjar um estagiário com mais ambição do que vida social. Como se chama o miúdo?

– Jamie Northam.

Deteto alguma surpresa.

– Northam? Da família do Marcus Northam?

– Não faço ideia. Porquê? É alguém conhecido?

– Vê as coisas desta forma: vamos cobrar-lhe os nossos serviços e não vai ser pouco. Mais despesas. Deixa-me só fazer umas chamadas e já te ligo.

– Obrigada, Alex. A sério, eu...

Mas ela já desligou.

\* \* \*

*Continuação da entrevista com Barry Mason, conduzida nas instalações de St. Aldate, Oxford*

23 de julho de 2016, 15h09

Presentes: Inspetor-Chefe A. Fawley, Inspetor-Coordenador G. Quinn, Sr. Barry Mason, Dra. E. Carwwod (advogada)

AF: Gostaria agora de lhe fazer algumas perguntas sobre o seu filho, Jamie Northam. Quando foi a última vez que o viu?

BM: Estava à minha espera quando saí do escritório, há uns tempos. Sentado no muro.

AF: Sabe como é que ele o descobriu?

BM: Ele disse que lhe bastaram cinco minutos para descobrir a empresa na Internet. Não fazia ideia de que eles viviam tão perto. Já não vejo a Moira há anos.

AF: E essa foi a única vez que esteve com ele, nestes tempos mais recentes?

BM: Não. Nessa noite, eu não tinha tempo para falar com ele, por isso combinei um encontro para poucos dias depois, no *Starbucks* de Banbury Road. Trazia o Leo comigo no carro, por isso não ia perder mais do que dez minutos. Se quer que lhe diga, tinha esperanças de que ele não aparecesse, achei que ele já se tinha esquecido.

AF: Mas não esqueceu.

BM: Não.

AF: E o que é que ele queria, concretamente?

BM: Disse-me que gostaria de passar a ver-me com mais frequência, de 15 em 15 dias ou algo do género. Calculei que estaria com problemas em casa. A Moira sempre foi uma cabra insensível, e aquele padrasto dele é um emproado insuportável.

AF: Ou seja, estava a pedir-lhe algum apoio, enquanto pai biológico? Alguém que lhe desse a atenção que não recebia em casa?

BM: Está a distorcer as coisas. Não foi assim.

AF: Então, como foi?

BM: Aquilo que ele queria... só podia resultar num verdadeiro pesadelo. A Sharon nunca me deixou sequer falar do Jamie aos nossos filhos, quanto mais deixar-me estar com ele. Ia ter de inventar uma série de mentiras para podermos estar juntos e...

GQ: Não sei, o senhor parece um profissional nesse campo.

BM: ... se ela viesse a descobrir, passava-se definitivamente dos

carretos. Ia ser tudo demasiado complicado.

AF: Assim sendo, o que lhe disse? Quando renegou o seu próprio filho?

EC: Não há necessidade de utilizar esse tom, Inspetor.

AF: Então, Sr. Mason?

BM: Disse-lhe que estávamos com problemas familiares e que assim que as coisas acalmassem voltaria a pensar no assunto.

AF: Que tipo de problemas?

BM: O que é que isso interessa para o caso?

AF: Que tipo de problemas, Sr. Mason?

BM: Bom, se tem mesmo de saber, disse-lhe que a Daisy estava com problemas na escola.

AF: Que tipo de problemas?

BM: Sei lá, que estava a baixar as notas, que a escola era muito exigente e que nós tínhamos de a apoiar, porque ela estava com dificuldades em acompanhar o ritmo.

AF: E era verdade?

BM: Não, claro que não. A Daisy é muito mais inteligente do que aqueles colegas retardados da sala dela.

AF: Então, mentiu. Em vez de ser homenzinho e assumir a responsabilidade pelas suas próprias decisões, resolveu deitar as culpas para cima da sua filha de oito anos.

BM: Por amor de Deus, foi uma mentira piedosa, só isso!

AF: Para que saiba, Sr. Mason, as crianças têm enormes dificuldades em fazer essa distinção. Para eles, uma mentira é uma mentira, ponto final.

BM: Seja. Continuo sem perceber que diferença é que isso faz.

AF: E não parou para pensar, por um minuto que fosse, nos danos que isso poderia causar ao miúdo? Que o Jamie podia vir a odiar a Daisy, depois do que lhe disse? Que ele veria nela a razão pela qual o pai não podia manter uma relação com ele? Que a culpa era toda dela? Ele já tem cadastro. É um jovem zangado e instável, e agora está na mira da justiça. Alguma vez pensou no que poderia acontecer se ele e a Daisy se conhecessem?

BM: Eles *nunca* iriam conhecer-se. Eu...

AF: Eu sei que era essa a sua firme convicção, mas não foi isso

que aconteceu, pois não? Ele descobriu-a, tal como o descobriu a si. E este é o resultado.

*(mostra-lhe o plano captado nas imagens de videovigilância)*

Esta é a sua filha, Sr. Mason. No banco de trás de um carro cujo proprietário é irmão de um pedófilo condenado.

BM: *(a olhar para a imagem)*

Meu Deus! Está a dizer-me que o *Jamie* fez alguma coisa à minha filha?! Que foi ele que a levou?

AF: Não faço ideia, Sr. Mason. Uma vez que, neste momento, nenhum de nós sabe onde ela está. Pois não?

\* \* \*

Já no corredor, o Quinn volta-se para mim.

– Se quer saber, chefe, apesar de tudo, cada vez estou mais convencido de que não foi este tipo. A pornografia, sim, claro; abuso sexual, talvez. Mas o resto, matar a filha... Isso, não. Reparou na cara dele quando lhe disse que a filha estava no carro do Azeem? Acho que ninguém consegue fingir uma expressão daquelas.

– Quer dizer que, tal como 67% dos anormais do Twitter, achas que foi a mãe.

– A ter de escolher entre os dois, sim, sem dúvida. Mas, neste momento, as minhas apostas vão todas para o Jamie Northam. Vale o que vale, claro.

\* \* \*

## **BBC Midlands Today**

Quarta-feira, 20 julho de 2016 | Última atualização às 15h59

### **Daisy Mason: Polícia interroga adolescente**

Ao que a BBC apurou, um adolescente, cujo nome se desconhece, está neste momento a auxiliar a polícia no inquérito relacionado com o caso do desaparecimento da menina de oito anos, Daisy Mason. Apesar das extensas e exaustivas buscas que têm envolvido centenas de operacionais e civis, Daisy ainda não foi localizada desde que desapareceu, na passada terça-feira.

Depois de ter sido tornado público que os pais, Barry e Sharon Mason, foram interrogados pelo DIC de Thames Valley, foi de imediato orquestrada uma campanha de ódio nas redes sociais. Na madrugada de hoje, a residência da família foi alvo de um episódio de fogo posto com consequências devastadoras, algo que, segundo fontes oficiais, poderá estar diretamente relacionado com esta campanha difamatória. Acredita-se que, por esta altura, a família se tenha refugiado em paradeiro desconhecido.

A Polícia pede a quem tenha visto a Daisy ou disponha de alguma informação a seu respeito que contacte a Sala de Situação do DIC de Thames Valley, através do número 01865 0966552.

\* \* \*

Deixo-me ficar de pé ao longo de dez minutos, enquanto vejo o Jamie Northam através da câmara que filma a Sala de Entrevista Dois. E o rapaz deve saber que estou a vê-lo, mas não parece minimamente incomodado com isso.

Na verdade, aposto que ele está a dar um espetáculo especialmente para mim. O Derek Ross foi substituído, com visível alívio, por alguém da empresa de advogados onde a Alex trabalha. Parece acabadinho de sair da universidade, e desde que isto começou que se tem dedicado a profundas dissertações sobre o tema *A Prova em Processo Penal*.

– Algo de interessante? – pergunta o Gislingham, que surge vindo de trás.

– Até agora, ainda só o vi a coçar o rabo, tirar macacos do nariz e escarafunchar os ouvidos. Já só falta apanhá-lo a espremer uma borbulha para termos o filme completo. Há novidades sobre a busca à casa dos Rahija?

– Nenhum vestígio da Daisy. Não têm uma cave onde a possam ter escondido ou algo do género. A equipa do Challow vai entrar agora, só para nos certificarmos, mas tanto quanto percebemos, a casa parece completamente limpa.

– E já verificaram o portátil do Azeem? Ele pareceu-me borrado de medo de alguma coisa.

– Sim, mas não estava relacionado com pornografia. Parece que o tipo tem andado a gerir um negociozinho paralelo de canábis e analgésicos, coisa de pouca monta. Provavelmente para estudantes; são sempre um mercado garantido por aquelas bandas.

– E o gajo foi idiota ao ponto de deixar provas disso no portátil?

– Parece que anda a tirar Estudos Empresariais numa dessas escolas de educação vocacional. Estava só a praticar o método das partidas dobradas, de Contabilidade. – Repara na minha expressão. – A sério, não estou a gozar.

Abano a cabeça, incrédulo.

– Por amor de Deus...

– Seja como for, vamos acusá-lo. A mãe dele vem a caminho.

– OK, então, só nos resta o Jamie Northam. Cuja mãe não vem aí, de certeza absoluta. Nem sequer atende o telemóvel.

– O chefe quer que eu assista à entrevista?

– Não. Prefiro que comeces já a adiantar a papelada. E diz ao Quinn que venha.

– É para já, chefe.

\* \* \*

Empurro a porta e entro na sala. O jovem advogado endireita-se subitamente na cadeira e, de seguida, empurra os óculos na cana do nariz.

– Certo, Inspetor...

– Inspetor-Chefe Adam Fawley, para que conste.

O Quinn entra logo a seguir e junta-se a mim. Dá para ver que tomou um duche, sinto-lhe o cheiro do gel de banho Molton Brown. Quem me dera poder ter feito o mesmo. Agora, já é tarde.

– Muito bem, Jamie... – começo.

– Jimmy – corrige ele, taciturno. – Chamo-me Jimmy.

– Muito bem. Então, *Jimmy*... devo informar-te de que, para já, não estás detido. O Dr. Gregory está aqui apenas para se certificar de que os procedimentos seguem os regulamentos. Estamos esclarecidos quanto a isso?

Silêncio.

– OK, vou começar por te perguntar algumas coisas sobre o Barry Mason. Ele afirma que tu descobriste onde ele trabalhava e que lhe apareceste no escritório.

Ele limita-se a encolher de ombros.

– Porque é que foste falar com ele, Jimmy?

Novo encolher de ombros.

– Só queria ver como é que ele era. A minha mãe está sempre a dizer que somos iguais.

Algo me diz que a Moira Northam só lhe diz isso quando se chateia com ele.

– Como é que te dás com o teu padrasto?

Ele olha para mim, depois para as unhas todas roídas.

– Ele não gosta muito de mim. Acha que eu sou *impostável*.

– Imprestável.

– Tanto faz...

Novo silêncio. Depois de falar com a Alex, estive a investigar o tal Marcus Northam – a bela mansão junto ao rio, os negócios fluorescentes, as poderosas ligações e contactos e um filho a tirar Medicina. É difícil imaginá-lo a olhar para este miúdo como outra coisa que não uma seca



monumental – e estou certo de que faz questão de lhe mostrar isso. E ainda que o Jamie seja, de facto, o horrível delinquente que o padrasto pinta, a questão que se coloca é: o que surgiu primeiro, a provocação do miúdo ou o desdém do adulto? Seja como for, não é uma surpresa o facto de o Jamie pensar que podia ter muito mais em comum com o Barry do que com qualquer uma das pessoas com quem se viu obrigado a viver. Não admira que tivesse desejado algum carinho e compreensão por parte do homem que efetivamente o trouxe ao mundo.

– Então, conta lá, como é que foi esse encontro com o Barry?

– Ele disse que não podíamos estar juntos. Que não era boa ideia.

– E disse-te porque é que não era boa ideia?

Ele afasta o olhar.

– Era por causa da Daisy, não era? – insisto. – Disse-te que ela estava com problemas na escola.

Foi por isso que a quiseste ver? Falar com ela para saberes se era verdade?

Silêncio. O rapaz parece subitamente derrotado. Pálido e de olhar perdido.

– Quando ele falou nela, lembrei-me. Já me tinha esquecido, mas depois lembrei-me de que havia uma miúda. Tinha o cabelo louro. Conhecemo-nos uma vez, no Jardim Zoológico, eu e a minha mãe. E ela deu-me um pedaço de chocolate.

– Foi simpática contigo.

– O meu pai também lá estava. Eu queria falar com ele, mas foi-se logo embora.

Recosto-me na cadeira, sentindo-me desconfortável.

– Então, reconheceste o teu pai, lembraste-te dele. Apesar de só teres quatro anos quando ele se foi embora?

Ele desvia o olhar.

– Lembro-me de praticar boxe com ele quando era pequeno. No jardim. A minha mãe não gostava nada.

– Mas não eras demasiado novo para praticar boxe?

– O meu pai dizia que eu tinha de aprender a defender-me. Quando fosse para a escola. Para não deixar que os outros me batessem.

– *He taught you how to fight to be nobody's fool.*<sup>7</sup>

O estagiário lança-me um olhar de estranheza.

– Desculpe, é de uma canção. Tenho andado com ela na cabeça o dia todo.

Pelo ar do jovem advogado, terá certamente pensado que marcou algum ponto.

– Não estou a ver onde quer chegar com tudo isto, Inspetor.

– Em breve entenderá... Bom, Jimmy, a verdade é que acabaste por descobrir em que escola é que a Daisy andava.

– Foi na boa. Passei por algumas escolas à hora do almoço, até que a vi.

– E depois voltaste lá e falaste com a Daisy, não foi? Deve ter sido um grande choque para ela, saber que tinha um meio-irmão.

– Népia. Ela já sabia.

Agora é que ele me apanhou desprevenido.

– Tens a certeza? Se os pais nunca quiseram que se soubesse, como é que ela descobriu?

– Não me pergunte. Mas ela sabia o meu nome e outras cenas. Acho que gostou de me ter conhecido. E também acho que gostava de esconder um segredo da mãe.

– Ela não se dava bem com a mãe? E sabes porquê?

Ele abana a cabeça.

– OK, mas conta lá o que aconteceu depois. Vocês encontram-se e ela parece feliz por te ver. Diz às colegas que tem um novo amigo, vocês estão juntos mais algumas vezes e, subitamente, ela diz às amigas que não quer voltar a falar no assunto. Ficou muito zangada e não disse porquê. O que se passou?

Novo encolher de ombros. Confesso que estou a fazer um enorme esforço. A paciência nunca foi o meu forte. Mas o meu empenho acaba por ser recompensado. Finalmente.

– Ela queria muito ir ao circo de Wolvercote Common, e resolvi pedir ao Azeem para nos levar. Por isso é que nos viram no carro. Mas aquilo foi foleiro, uma cena pra putos.

Conheço o circo de que está a falar, fui lá uma vez. Foi um dia mágico, um dos melhores da minha vida. Lembro-me de ver a Alex a pegar no Jake ao colo para ele fazer uma festa num pónei branco mascarado de unicórnio, com um chifre dourado preso ao focinho. Nos dias que se seguiram, ele só falava de unicórnios, e eu comprei-lhe um livro alusivo ao tema. Continua lá, na estante do quarto dele.

A voz do Quinn acorda-me das minhas memórias.

– Nesse fim de semana não montaram lá também uma feira de diversões?

O Jamie assente.

– Mas a mãe dela nunca a deixa ir a esses sítios. Ela nunca tinha comido algodão-doce. Nem sabia que se podia comer.

Invade-me uma imagem triste dos dois a serem simplesmente crianças. A passar breves momentos da infância normal que podiam ter tido.

– Foi um dia em cheio, então – digo. – E depois, o que aconteceu?

– O Azeem disse que ela ia acabar por esquecer.

– Esquecer o quê? O que lhe fizeste *exatamente*, Jimmy?

\* \* \*

A enorme tenda branca tem uma arena de areia no centro e bandeirinhas coloridas penduradas a toda a volta. Daisy está instalada num banco corrido da primeira fila. Está sozinha, mas a fila está de tal modo apinhada de crianças e pais que ninguém repara.

O ambiente fervilha de emoção e, minutos depois, surgem na arena a banda cigana e o mestre de cerimónias – um homem gorducho, meio palhaço, meio duende, com o rosto pintado e um sério problema de flatulência – que deixa as crianças perdidas de riso sempre que aparece em cena. À medida que a história se desenrola, aparecem fadas penduradas num trapézio de penas, malabaristas de fogo e estranhas criaturas em cintilantes fatos de licra montadas em cavalos malhados. Pombas voam do interior de caixas mágicas, um rato do tamanho de um homem dança salsa em cima de uma enorme esfera dourada e um ganso amestrado entra e sai de cena, aparentemente indiferente a todo o alarido de luz e som. Há música, fantasias, máscaras, chuva de estrelas e muita magia, e a pequena Daisy parece enfeitiçada, com a boca entreaberta num *O* de espanto.

Assim que o espetáculo termina e os aplausos esmorecem, Daisy dirige-se à saída, onde Jamie Northam a espera. A fumar um cigarro. Um ou dois pais que passam por ele olham-no com ar de reprovação.

– Bem... – diz ele, expelindo uma onda de fumo –, isto acabou bué tarde, não foi? O Azeem tem de se ir embora. Anda.

Volta-lhe costas e Daisy corre para o apanhar, ficando ao lado dele.

– Foi fa-bu-lo-so. Havia uma menina que tinha sido raptada em bebé e aprisionada por uma bruxa numa floresta mágica. Mas os animais ajudaram-na a fugir e ela percorreu as montanhas até um lindo castelo e, no fim, percebemos que ela, afinal, era uma princesa. E viveu feliz para sempre com a sua mamã verdadeira.

– Parece-me tudo uma treta.

– Não, não é – reage a menina, com expressão zangada. – Não digas isso!

– É só um estúpido conto de fadas. As coisas nunca acontecem assim.

– Acontecem, sim! Às vezes, acontecem!

Ele para e vira-se para ela.

– Ouve, miúda. As pessoas não são raptadas em bebés e mais tarde descobrem que são da porra da realeza. Isso são cenas pra putos. Contos de fadas. Sei que os teus pais são lixo, mas tens mesmo de levar com eles. Temos pena, mas as coisas são o que são.

A menina está à beira das lágrimas, mas esforça-se por disfarçar.

– Eles *não* são os meus pais – diz. – Não me interessa o que *tu* dizes. *Eu sei*.

Jamie acende outro cigarro.

– Que tás pra aí a dizer?

– Eu ouvi-os a falar – revela ela, completamente amuada. – O meu pai disse que quase não me conseguiam ter e de como tinha sido difícil para a minha mãe, mas que ela acabou por conseguir. Eles roubaram-me. Quando eu era bebé. É segredo. Não é suposto eu saber.

– Ele disse mesmo isso? Que ela te *roubou*?

Ela abana a cabeça, ligeiramente relutante.

– Não disse *exatamente* assim, mas era o que ele queria dizer. Eu sei que era. Ele disse que tiveram de pagar a uma *não-sei-quantas-São*.

– O quê? Não tou a perceber nada.

A menina baixou o olhar.

– Sim, pagaram a uma *Lisa São* – insiste, com as faces muito coradas

Jamie desata às gargalhadas, tossindo e cuspindo.

– Que *ganda* confusão, miúda. Não é nada disso. Foi uma *fertilização*, uma cena que se faz no hospital às pessoas que querem ter bebés. Desculpa, mas não há nada que possas fazer acerca disso. És mesmo filha deles.

Ela olha-o fixamente, com a boca entreaberta, mas desta vez de raiva, não de espanto. Por fim, grita-lhe a plenos pulmões: «*Odeio-te, odeio-te!*» E foge em direção às árvores.

Ele reage, apanhado de surpresa, chamando-a:

– Mas que porra? Ei, espera, anda cá!

Mas ela não para, ou talvez já nem o esteja a ouvir. Momentos depois, Jamie pragueja, esmaga a beata no chão e vai atrás dela.

– Daisy, onde estás? – grita ele por entre as árvores. Já está a ficar chateado. Primeiro, a porcaria do circo, e agora a miúda a achar que é a porra de uma princesa. – Não te consegues esconder de mim. Vou encontrar-te. Sabes isso, não sabes, Daisy? *Vou encontrar-te!*

\* \* \*

É o Quinn quem oferece os cafés na pastelaria da esquina. Carrega-os até à mesa junto à janela, onde estou sentado, e dou um gole no meu. Está a escaldar, mas é bem melhor do que a zurrapa da máquina na esquadra.

– E então? Depois do que ouviste, continuas a achar que foi o Jamie?

Ele abre o pacote do adoçante e deita-o na chávena.

– Acho que ele não abusou dela, se é isso que pergunta. Pelo menos, não sexualmente. Pareceu-me genuinamente repugnado só com a ideia. Se a matou? É possível, mas se o fez não foi premeditado. Não me parece que tenha as ideias assim tão ordenadas. Teria de acontecer repentinamente, num acesso de raiva, algo que tenha desencadeado a coisa. E desconfio que isso

acontece com bastante frequência, porque, sejamos francos, ele é um miúdo zangado com a vida. E é um miúdo zangado e sem álibi. Ou, se o tem, não o quer partilhar connosco.

– Ou seja, se tivesse sido ele, por esta altura já a teríamos encontrado, certo?

– Provavelmente. Não me parece que fosse capaz de apagar tão bem todos os vestígios.

Concordo.

– E compraste aquela história do circo?

Ele parece mais cético na resposta.

– Bom, se as coisas aconteceram como ele as descreveu, acho a reação da Daisy um tanto exagerada. Quer dizer, ela pode não se dar lá muito bem com os pais e pode já ter fantasiado muitas vezes com a hipótese de ter sido adotada, tal como muitas crianças fazem. Ainda assim, considero aquela reação um tanto exagerada, não? Mas, lá está, não sou a pessoa ideal para responder. Nem faço ideia do que vai na cabeça de uma criança de oito anos.

Mas eu faço.

– «*Tudo parece enorme nestas idades.*»

– Desculpe?

– Ah... Foi uma frase que a Everett disse no outro dia. E tem toda a razão. As crianças dessa idade não têm noção da real importância das coisas. Não sabem pô-las em perspetiva e têm dificuldade em analisá-las para lá do que sentem no momento. Muitas vezes, é este o motivo pelo qual miúdos com menos de 12 anos se suicidam.

Meto a colher na chávena e mexo o café. Sinto o olhar do Quinn em mim, a perguntar-se como deve reagir. Nunca tinha falado com ele desta maneira. Aliás, acho que com ninguém.

O Gislingham entra no café e dirige-se até nós. Vem com ar apressado, claramente em missão.

– O Challow acabou de ligar – informa-nos. – Já acabou os testes ao fato de sereia.

– E?

– Tem um rasgão no pescoço, mas como já foi alugado várias vezes, pode perfeitamente ter sido outra criança. Não encontraram vestígios de sangue, mas de ADN, sim. De quatro indivíduos diferentes: da Sharon Mason, que sabemos que pegou no fato; da Daisy Mason, que também lhe mexeu; de outro indivíduo de sexo feminino, provavelmente a Millie Connor...

– E o outro?

– Masculino. Mais concretamente, um pelo púbico.

Levo um murro no estômago.

– Do Barry Mason?

– Precisamente.

O Quinn faz uma careta.

– O mesmo Barry Mason que alegou desconhecer que as miúdas trocaram de fantasias. Aliás, que afirmou até desconhecer a *existência* de uma fantasia de sereia.

– Pois, mas é aí que as coisas se complicam – revela o Gislingham. – Porque se a Sharon garante que encontrou a fantasia escondida debaixo do equipamento de ginástica do marido, a defesa vai poder alegar em tribunal que isso justifica a existência do ADN dele.

O Quinn tenta argumentar:

– Mas espera lá, se foi o próprio Barry quem escondeu a fantasia, só isso é prova mais do que suficiente...

– Não temos como provar isso – interrompe o Gislingham. – Pode ter sido a própria Sharon, no intuito de incriminar o marido. E isto é, obviamente, o que ele vai dizer, mesmo que não seja verdade. Ah, e há mais uma coisa. – Volta-se para o Quinn. – Verifiquei a hora da chamada para o 112, tal como pediste.

O colega recosta-se na cadeira.

– E então?

– Tinhas razão. A chamada só foi recebida às 2h10.

Quase dez minutos *depois* de a Sharon ter saído da casa em chamas, deixando o filho lá dentro.

– OK – digo –, pede à Everett que ligue à Sharon para lhe perguntar onde raio tinha ela a cabeça. Não propriamente com estas palavras, claro.

O Quinn pega nas chávenas vazias para as deixar no balcão, e preparamo-nos para sair quando vejo o agente de serviço na receção a chamar-nos da porta da esquadra. Deve ser algo importante para o fazer levantar aquele rabo gordo. Até que me apercebo de que está uma jovem com ele. De estatura média e cabelo comprido ruivo escuro. Tem ao ombro um saco de serapilheira com flores bordadas e é então que a reconheço. Vi-a há dias à porta da escola. Neste momento, tenho metade dos agentes de serviço a olhar para ela, e vejo o Quinn a encolher instintivamente a barriga. Mas não foi com ele que ela veio falar. Pelo menos, é o que parece. Vejo-a a olhar em redor, nervosa, depois parece reconhecer o Gislingham e dirige-se a ele. O Gislingham troca um olhar com o Quinn e tenho de admitir que a expressão no rosto do Quinn é impagável. Dois para o Inspetor, zero para o Inspetor-Coordenador interino.

– Inspetor Gislingham – diz ela, levemente ofegante. – Ainda bem que o encontro. Queria falar com a sua colega, a Inspetora... esqueci-me do nome...

– A Inspetora Everett.

– Precisamente. Mas disseram-me que ela não está, por isso perguntei por si.

O Gislingham volta-se para mim.

– É a professora Madigan, chefe, da sala da Daisy.

Também a apresenta ao Quinn, mas vejo que ela está demasiado nervosa para sequer perceber quem é quem. O que deixa o Quinn particularmente devastado.

– É por causa daquele conto infantil, recorda-se? – diz ela, voltando-se novamente para o

Gislingham. – O da Daisy? Estava a arrumar o meu apartamento quando dei por ele caído atrás da secretária. Deve ter acontecido quando os avalei, sem que eu tenha dado por isso. Peço imensa desculpa... A culpa foi toda minha.

O inspetor sorri-lhe.

– Não tem importância, professora Madigan. Obrigada por ter vindo cá deixá-lo.

– Não, não está a perceber. É essa a razão da minha preocupação, agora que tive oportunidade de o reler... – Cala-se e leva uma mão à testa. – Não estou a conseguir expressar-me bem, pois não? Bom, o que quero dizer é que ao ler a história outra vez, passados tantas semanas e já depois de ela... – Respira fundo. – Acho que me escapou algo. Uma coisa horrível.

Mete a mão no saco e tira uma folha. Quando a estende ao Gislingham, reparo que as mãos dela tremem incontrolavelmente. Ele lê a história, assumindo uma expressão séria, e depois entrega-ma. A mulher está corada que nem um tomate e mordisca nervosamente o lábio.

– Lamento muito – diz ela, num tom débil, os olhos marejados de lágrimas. – Jamais me perdoarei se lhe tiver acontecido alguma coisa. Saber que eu podia ter evitado... Aquilo que ela diz do monstro... Como é que eu não percebi?

A voz falha-lhe e o Gislingham aproxima-se um pouco mais dela.

– Não tinha como saber, só de ler isto. Ninguém teria percebido. Mas fez muito bem em vir cá. – Leva-a gentilmente pelo braço. – Venha, vou servir-lhe um chá para a acalmar.

Enquanto se dirigem até ao balcão, estendo a história ao Quinn. Ele perscruta-a rapidamente e olha para mim. E sei exatamente o que ele está a pensar.

### ***A Princesa Triste*** ***Por Daisy Mason, 8 anos***

***Era uma vez uma menina que vivia numa cabana. Era horrível horrível. Ela não sabia porque é que tinha de viver ali. Deixava-a muito infeliz. Ela queria muito fugir fugir mas uma bruxa muito má não a deixava deixava. A bruxa má tinha um monstro que parecia um porco. A menina queria fugir e tentava ser corajosa mas sempre que tentava o monstro ia ao quarto dela e agarrava-a. Doía muito. Depois a menina descobriu que era uma princeza princesa disfarssada disfarçada. Mas só conseguia ir para o castelo e viver como uma verdadeira princesa se alguém matasse a bruxa má e o monstro. Depois chegou um príncipe numa carruagem carruagem vermelha e ela penssou penssou que ele a ia salvar. Mas ele não fes fez isso. Ele era mau. A menina chorou muito. Nunca iria ser uma princesa.***

***E não viveu feliz para sempre.***

## *Fim*

De volta ao meu gabinete, escancaro as janelas e fumo um cigarro. Os estores estão cobertos de pó. Sempre odiei estas porcarias. Ainda penso em ligar à Alex, mas não sei o que lhe poderia dizer. O silêncio tornou-se uma mentira fácil. Para ambos. Vejo um pai e um filho à espera para atravessarem. Tudo indica que vão a caminho de Christchurch Meadow – o rapaz leva um saco com pão para dar aos patos. Com sorte, até podem aparecer cisnes. O Jake também adorava cisnes. Permito-me um fragmento de memória do pequeno inventário que o meu coração tem marcado como seguro. Penso na Daisy, e no pai que se transformou num monstro. E penso no Leo. O menino solitário. Um espectro na sua própria vida. Desaparecido na subtração. Porque, no meio de tudo o que ouvi hoje, onde estava o Leo?

\* \* \*

O Quinn bate-me à porta meia hora depois.

– A Everett acabou de ligar. Aparentemente, a Sharon alega que estava confusa. Tomou dois comprimidos para dormir e ficou completamente desorientada. De facto, ela parece pedrada naquele vídeo. Quando o vi pela primeira vez, achei que estava irritada. Foi algo agressiva quando a Everett a apertou, mas acabou por autorizá-la a falar com o médico, para que ele confirme que lhe receitou a medicação. Também insiste que se fartou de gritar pelo Leo antes de descer as escadas, mas ele não respondeu, e quando viu a porta das traseiras aberta, calculou que ele já tivesse saído. Foi o vizinho que se apercebeu de que o miúdo ainda estava no quarto dele, e correu para o salvar. Meu Deus, se ele não tivesse lá entrado, teríamos agora duas crianças mortas, e não apenas uma, já pensou?

– Sim, eu sei.

– E então? Acreditamos na versão da Sharon?

Fecho a janela e volto-me para ele.

– Já pensaste na hipótese de ter sido ela própria a deitar fogo à casa?

Ele arregala os olhos

– A sério?

– Sim, pensa: a única pessoa que beneficia com o incêndio é ela. Já nos deu provas bem sórdidas que incriminam o marido e, por outro lado, tudo o que a pudesse incriminar ardeu no incêndio. E isso inclui o carro que, segundo soube, raramente ficava na garagem. O que significa que, sem uma confissão ou quaisquer indícios no corpo...

– Se é que alguma vez o encontraremos...

– ... será extremamente difícil condená-la.



– Assumindo que foi ela.

– Assumindo que foi ela, claro. Mas se foi capaz de matar a Daisy, também seria perfeitamente capaz de deixar o Leo numa casa a arder. Pensa comigo: conseguiria safar-se desta confusão toda completamente impune e pronta para começar uma vida nova algures. E com o dinheiro do seguro como única companhia.

O Quinn assobia, claramente impressionado.

– Caramba...

Batem à porta. É uma das agentes que integra a equipa de buscas desde o primeiro dia. Tem um ar completamente exausto.

– Sim?

– Os colegas que estão de serviço na residência dos Mason pediram-me que viesse cá entregar-lhe isto, senhor Inspetor. É a correspondência. A maioria das cartas são contas e publicidade, mas há um envelope em particular que devia ver. E antes que pergunte, não fui eu que o abri. Provavelmente foi mal colado e abriu-se quando o tirei da caixa do correio. Caiu aberto no chão e eu vi o que era.

É um envelope acolchoado de 15 por 15 centímetros. Endereçado à Sharon e com carimbo dos correios de Carshalton. Na parte de trás, o remetente: Heavenview Care Home. Um lar de idosos. No interior, um DVD. Percebo de imediato por que razão a agente mo trouxe.

Dirijo-lhe um sorriso grato.

– Bom trabalho. Desculpe, não fixei o seu nome...

– Somer, senhor Inspetor, Erica Somer.

– Bom trabalho, Somer.

Levanto-me e distendo as costas doridas.

– Vou estar em casa durante as próximas duas horas, Quinn. Se os pais do Jamie derem sinal de vida, avisa-me imediatamente.

– Há outro assunto, Inspetor – continua a Somer. – O agente que está de serviço na entrada pediu-me que o avisasse. É a Sra. Northam.

Volto a sentar-me pesadamente e solto um suspiro resignado.

– Finalmente. Muito bem, importa-se de a ir buscar?

Ela parece embaraçada.

– Bom, a questão é que ela quer que o senhor Inspetor vá lá. A casa dela. Desculpe. Se fosse comigo, ter-lhe ia dito imediatamente que...

– Esqueça, não tem problema – digo-lhe, fazendo um gesto com a mão. – Fica a caminho. Obrigado.

*1 de maio de 2016, 14h39*

*79 dias antes do desaparecimento*

*Barge Close, 5*

Daisy está sentada no baloiço do fundo do jardim, torcendo-o de um lado para o outro, meio alheada. Mesmo atrás da menina encontra-se o painel da vedação que os pais não sabem que está solto. Minutos antes, Daisy tinha saído por ali, erguendo cuidadosamente o painel verde com as mãos para não estragar o vestido. Se alguém a tivesse visto, diria que tinha ido ver os patos ao canal. Mas esse não era o verdadeiro motivo. E seja como for, ninguém a viu. Nem a mãe, que estava na cozinha, nem as pessoas que passaram pelo trilho do canal. Ninguém reparou. Nunca ninguém repara.

Dá um impulso para trás e começa a balançar, para trás e para a frente, alto, mais alto, cada vez mais alto até ao céu. A cada impulso, a estrutura metálica do baloiço eleva-se ligeiramente do chão – onde o pai não o fixou devidamente. A mãe passa a vida a queixar-se disso, dia após dia sempre com a mesma ladainha: «Como é possível que um construtor não consiga arranjar algo tão básico como um baloiço de criança?» Daisy ergue o rosto para o sol. Se fechar os olhos, quase consegue acreditar que está a voar, a planar por cima das nuvens brancas que parecem belas montanhas cobertas de neve ou castelos de fadas onde vivem príncipes e princesas. Deve ser maravilhoso poder voar e cortar as nuvens, como um pássaro ou um avião. Ela já andou uma vez de avião, mas foi há muito, muito tempo e já não se lembra como foi. Quem lhe dera lembrar-se... Quem lhe dera poder olhar neste preciso momento cá para baixo e ver as casas e as ruas e o canal, e ela própria, muito pequenina e extremamente longe.

Ouve um bater na janela da cozinha. Unhas no vidro. *Tap, tap, tap...*

Sharon abre a janela e chama-a:

– Daisy! Quantas vezes tenho de te dizer para não andares tão alto nesse baloiço? É muito perigoso, no estado em que essa coisa está.

Mantém-se à janela até ver a filha abrandar. Quando o baloiço finalmente para, ouve-se um zumbido de alta frequência, como um mosquito. Sharon não ouve, mas Daisy, sim. Espera até ver a mãe fechar a janela e desaparecer dentro da cozinha e depois leva a mão ao bolso, tirando um pequeno telemóvel cor-de-rosa.

Há uma nova mensagem no ecrã.

## **Gosto do teu vestido**

Daisy olha à sua volta, os olhos semicerrados. O telemóvel volta a vibrar.

## **Estou sempre aqui**

E depois:

## Nunca te esqueças

Daisy sai do baloiço e vai até à vedação, enfiando-se rapidamente pela abertura. Olha lentamente para os dois lados do caminho que ladeia o canal. Vê famílias a passear os cães e a empurrar carrinhos de bebé, o habitual grupinho de adolescentes sentados no banco a fumar, a carrinha de gelados, os automóveis estacionados do lado de lá da ponte. Guarda o telemóvel no bolso e volta a entrar no jardim através da brecha da vedação.

Está a sorrir.

\* \* \*

Estaciono na entrada em semicírculo da mansão, ao lado de um Bentley e de um Carrera vermelho-vivo. Tal como em Canal Manor, esta é uma casa moderna disfarçada de antiga, mas as semelhanças ficam-se por aqui, pois por estas bandas tudo surge numa escala infinitamente maior. A casa, com uma falsa arquitetura georgiana, tem três pisos, as paredes em estuque creme, estufas de um dos lados, um bloco independente de garagens construído para transmitir a ideia de estábulos antigos, relvados verde-esmeralda que se estendem até ao rio e um resplandecente bar-flutuante branco e cromado atracado num bonito cais de madeira. É como se subitamente entrássemos numa revista de decoração.

Não fico surpreendido pelo facto de ser uma empregada fardada a receber-me à porta – aliás, o que é surpreendente é não terem adquirido o pacote completo, com mordomo incluído.

A empregada encaminha-me até à cavernosa sala de estar, onde a Moira Northam se levanta de um sofá branco de cabedal para me receber. A primeira coisa que me vem à cabeça é que o Barry Mason as escolhe a dedo. O cabelo louro, os saltos altos, as joias, o modo de vestir bastante artificial. A única diferença reside no facto de a Sharon ser dez anos mais nova – e gostar de comprar minissaias em padrão de leopardo na Primark.

– Já soube que o Jamie voltou a meter-se em sarilhos – diz a Moira, fazendo sinal para que me sente. Tem um grande copo de *gin* tónico ao lado dela, mas não me oferece nada.

– Creio que se trata de algo mais grave do que um simples *sarilho*, Sra. Northam.

– Mas, pelo que sei, ele não *fez* nada, pois não? – indaga, com um gesto arejado do braço que faz tilintar as pulseiras de ouro.

– Parece estar associado a elementos de uma família de East Oxford que esteve envolvida num caso grave de abusos sexuais. Ainda não conseguimos determinar até que ponto ele pode estar

envolvido nisto.

– Ora... duvido que consigam provar seja o que for contra o Jamie. Aquilo é só conversa. Gosta muito de se pavonear, mas quando chega a hora da verdade, é meio cobardolas. Sai ao pai.

A mulher pode parecer fútil, mas conhece o Barry Mason de ginjeira.

– Sabia que ele tem estado com a Daisy?

Ela ergue uma sobrancelha. Uma sobrancelha que foi desenhada.

– Meu caro Inspetor, eu nem sequer sabia que ele tinha estado com o *Barry*... Nós praticamente não falamos, pois hoje em dia movo-me em círculos sociais muito diferentes. O Barry limita-se a pagar-me a pensão de alimentos do Jamie, claro, o meu advogado fez questão de deixar isso tratado. Deposita todos os meses numa conta em *meu* nome. Em dinheiro.

Lanço um olhar curioso à minha volta. Os espelhos, o gigantesco ecrã plano, os focos cromados, a vista sobre o rio.

Então é para aqui que vem o dinheiro do Barry Mason. Desviado do seu próprio orçamento familiar, mês após mês, há pelo menos dez anos. Pergunto-me o que é que a Sharon pensará do assunto. Entretanto, a Moira observa-me.

– Sei o que está a pensar, Inspetor, mas é uma mera questão de princípio. O Barry deixou-me, e o Jamie é filho dele. Não pode estar à espera que seja o Marcus a financiá-lo.

Desconfio que esta opinião é partilhada pelo próprio Marcus e, pela segunda vez neste dia, sinto um leve rasgo de simpatia pela Sharon Mason.

– O Barry ficou com os direitos de visita habituais. Não que alguma vez tenha feito uso deles. Estou incrédulo.

– Nunca? Que idade tinha o Jamie quando se separaram?

– Tinha acabado de fazer quatro anos.

Ou seja, o Barry Mason abandonou um filho de quatro anos que, até à altura, o tratava por papá. Uma criança que ele aconchegou na cama, a quem leu histórias, com quem andou às cavalitas, que empurrou num baloiço.

A Moira continua a fixar-me.

– Para ser justa com o meu menos-que-estimável-ex-marido, a ideia foi da Sharon – diz-me. – Veio com a cena habitual do «recomeçar do zero». Ainda que eu tenha esbarrado com eles uma vez, no Zoo de Londres, veja lá.

– Eu sei, o Jamie contou-me. E disse que reconheceu o pai.

Esta deixa-a claramente apanhada de surpresa.

– A sério? Honestamente, não fazia ideia. Ele já não via o Barry há anos.

– Ficaria surpreendida com a quantidade de crianças a quem isso acontece. Lembranças desse género ficam cravadas na memória deles durante anos e anos.

Mais uma vez, ela esforça-se por se recompor.

– Bom, seja como for, nessa tarde o Jamie arrastou-me até à Casa das Aranhas, uma coisa horrível, e subitamente damos de caras com a Sharon e uma menina muito pequena, lindíssima. Imagina uma situação mais constrangedora? Ficámos a olhar uns para os outros durante uns bons cinco minutos, sem sabermos o que dizer. Até que o Barry apareceu e ela enxotou-o dali, como se fôssemos uns leprosos ou algo semelhante. Mais tarde, ela mandou-me um bilhete a esclarecer as coisas, e foi *ela*, não ele, deixando bem claro que eles não queriam qualquer tipo de futuros contactos e que era o melhor para todos, incluindo as crianças. Para ser franca, creio que ela não queria que o Barry aparecesse por cá, nem que fosse apenas para ver o Jamie. Daí ter inventado a treta do «recomeçar do zero». Queria o Barry só para ela. A nossa Sharon nunca foi menina de partilhar fosse o que fosse. Infelizmente para ela, o Barry é *muito* amigo de partilhar. Gosta de se desdobrar generosamente, se é que entende onde quero chegar.

– Sabe como é que eles se conheceram?

– Oh, sim, ela era secretária dele, nessa altura. Conhece a empresa de construção que ele tem? Eu própria trabalhei lá, em tempos. Depois engravidei do Jamie e ele acabou por contratar a Sharon. Um belo dia apareço lá, com o miúdo no carrinho, e dou de caras com uma bimba de minissaia, saltos altos e brincos tipo jantes de automóvel. Lembro-me de ter comentado com o Barry que ela até podia ser gira, se não se esforçasse tanto. Sei que, na altura, ela estava noiva de um tipo qualquer, um mecânico, Terry, ou Darren, ou assim. Só que, como é óbvio, ele jamais lhe poderia proporcionar o estilo de vida com que ela sonhava, e assim que pôs os olhos no Barry, pensou logo que lhe tinha saído a lotaria. Era só o Barry isto, o Barry aquilo. Aliás, nós até gozávamos com isso. Só que ela deve ter conseguido levá-lo para a cama, porque um belo a dia a flausina alegou que estava grávida. E foi assim que o Barry se viu arrastado pela cabeça de baixo para o divórcio. E eu obriguei-o a pagar-me cada cêntimo. Refiro-me à empresa. Ele tinha posto tudo em meu nome, para o caso de algum dia ir à falência, e eu obriguei-o a comprar a empresa pela cotação mais alta do mercado. E ele teve de pedir um enorme empréstimo para me pagar.

*Ora, com isso e a pensão de alimentos, não admira que o homem viva num aperto*, penso. Ergo o olhar para ela. Este bronzeado só pode ser falso. As mamas são, sem dúvida nenhuma.

– Parece que seguiu muito bem com a sua vida – comento, fazendo um gesto à minha volta.

Ela solta uma risadinha tímida.

– Oh, o Marcus é muito melhor partido do que o Barry alguma vez foi. E não se interessa assim tanto por sexo.

Alisa a saia sobre as coxas demasiado visíveis e olha-me com intenção, deixando uma sugestão no ar. Acontece que eu também gosto de um determinado tipo de mulher e, acreditem, a Moira está a milhas dele.

Ela olha para as unhas, depois para mim.

– Além disso, o Marcus já tem o seu próprio filho e herdeiro requerido, por isso não tive de

estragar o meu corpinho para lhe dar outro.

Não contenho um sorriso. Esperei pelo momento certo, e aqui está ele:

– Disse «alegrou».

– Desculpe?

– Há pouco, disse que a Sharon «alegrou» que estava grávida. Não estava?

Ela abre as mãos, tilintando novamente as pulseiras.

– Quem sabe? Afinal de contas, é o truque mais velho do mundo e os homens continuam a cair nele que nem patos. Caramba, já seria de esperar que tivessem aprendido a mantê-lo dentro das calças, não acha? Tudo o que sei é que passaram nove meses e... nada de bebé. Pior, eles tiveram de recorrer à inseminação artificial para terem a Daisy. Pelo menos, foi o que ouvi dizer.

E isso, provavelmente, também lhes levou um dinheirão.

– E, tanto quanto sabe, a Daisy não sabia que tinha um meio-irmão? Desconhecia a existência do Jamie?

– Sim. A não ser que o Barry ou a Sharon lhe tenham contado, o que acho *altamente* improvável. No que diz respeito à Sharon, a vida do Barry anterior a ela foi completamente... Qual é mesmo a palavra? *Erradicada*, é isso. Ao ponto de ela jurar que só o conheceu depois de nós nos divorciarmos, o que é *absolutamente* falso, como é óbvio.

– E o Jamie sabia da Daisy?

Parece-me vê-la a corar ligeiramente, sob o bronzado falso.

– Posso garantir-lhe que *eu* nunca lhe falei dela. Não faço ideia de como é que o Jamie pode ter descoberto. Quanto a isso, vai ter de lhe perguntar.

– É o que farei. E também tenciono perguntar-lhe novamente onde é que ele estava quando a Daisy desapareceu. Porque enquanto não confirmarmos qual o seu paradeiro nesse dia, não o vamos poder eliminar das nossas averiguações.

Ela sorri.

– Pois. E era precisamente sobre isso que eu lhe queria falar. Não percebo porque é que o Jamie insiste nesta teimosia. Talvez julgue que passar uns tempos atrás das grades fará maravilhas pela sua reputação junto daquela corja sinistra com quem ele se dá ultimamente. Bom, a questão é esta: eu sei exatamente onde ele esteve na terça-feira à tarde. Ele esteve comigo.

– Pois, Sra. Northam, isso é fácil de dizer, mas...

– E de provar, garanto-lhe – interrompe-me ela. – A sobrinha do Marcus casa-se na próxima semana, e nessa tarde estivemos em casa da minha intragável cunhada para o ensaio geral da cerimónia. Até tenho fotografias, se quiser, se bem que ainda arrisque que o Jamie me mate, caso saiba que lhas mostrei. Não gosta de ser visto com um par de calças decente. Só Deus sabe como é que vou conseguir convencê-lo a vestir um traje de cerimónia...

Pega no telemóvel, encontra as fotografias e mostra-mas. Reparo imediatamente que as mãos dela

facilmente a desmascaram, no que diz respeito à idade. O rosto sofreu os milagres do *botox*, mas as mãos estão envelhecidas, manchadas e com veias salientes. Vejo-a vasculhar a mala à procura de um lenço de papel, e não consigo deixar de notar que é exatamente igual à da Sharon. Mas esta – e ponho a minha cabeça no cepo – é genuína.

– E então? – diz ela, oferecendo-me o seu sorriso mais poderoso. – Acha que já é possível libertar o Jamie?

Levanto-me e devolvo-lhe o telemóvel.

– Preciso de lhe fazer umas perguntas finais. Calculo que queira estar presente, por isso posso dar-lhe boleia, ou então encontramo-nos nas nossas instalações. E depois podemos libertá-lo e entregá-lo à sua responsabilidade, claro. Logo à noite, ele já estará em casa.

Ela consulta o relógio – de ouro, claro.

– Os Anderson vêm cá jantar, e não posso mesmo cancelar. O Nicholas Anderson é o nosso conselheiro municipal. Talvez possa pedir àquele... assistente social que acompanhe os procedimentos?

Como eu disse: o Barry Mason escolhe-as a dedo.

\* \* \*

Quando finalmente chego a casa, a Alex já se foi deitar. O frasco dos comprimidos para dormir está aberto na mesa de cabeceira. Pego nele, num gesto puramente mecânico, e tomo-lhe o peso. A Alex sempre foi a mais forte de nós os dois. Ou, pelo menos, sempre achei que sim. Lembro-me de o meu padrinho de casamento lhe ter chamado «o meu rochedo», e toda a gente no casamento concordou, com sorrisos e acenos de cabeça, identificando a Alex que todos conheciam. E era a Alex que eu conhecia, por mais que o chavão me irritasse. E só agora, nestes últimos cinco meses, é que percebo o quão terrivelmente adequado isso é. Porque os rochedos não são flexíveis, não cedem. O tipo de força da Alex, quando confrontada com o insuportável, não passa de meras lascas. Por isso é que eu controlo os soporíferos. E certifico-me de que ela nunca me vê a fazê-lo. Não posso deixá-la pensar que vejo uma ligação. Não posso deixá-la pensar que é a culpada. Porque já se sente suficientemente responsável.

Desço até à sala, sirvo-me de uma dose generosa de *Merlot* e abro o DVD. A caixa tem uma fotografia da Daisy. A Daisy numa piscina, a sorrir para a câmara. Trata-se de um DVD enviado à mãe e – apenas por esse motivo – deve ser completamente inocente. Mas a verdade é que aquele conto infantil arrepiante não me sai da cabeça.

Assim como o cartão de aniversário. Enquanto o leitor carrega, leio o bilhete que vinha no envelope.

*Cara Sra. Mason,*

*Obrigada por nos ter enviado a sua contribuição para a «arca do tesouro» da Sadie. Reunir objetos que tenham associada uma recordação especial já provou ser eficaz e extremamente estimulante para os nossos residentes com Alzheimer, ajudando-os a manter uma ligação com o seu passado.*

*Lamentavelmente, este DVD em particular não obteve o sucesso que todos esperávamos. Mostrámos o filme à Sadie e, de início, não notámos praticamente nenhuma reação. Mas quando chegámos à parte em que aparece a sua menina, ela mostrou-se extremamente perturbada e começou a falar em alguém chamado «Jessica». Ficou de tal modo transtornada que nos vimos forçados a concluir, com grande pesar, que o filme era mais prejudicial do que benéfico. Lamento imenso. Devolvo-lhe o DVD, para o caso de o pretender utilizar noutra situação.*

*Atenciosamente,*

*Monica Hapgood (Diretora)*

Então, a Sharon Mason não disse aos cuidadores da mãe que a progenitora tinha duas filhas, e não apenas uma.

Pego no comando e carrego no *play*. Primeiro, um ecrã totalmente azul, depois, vai surgindo lentamente um título a letras brancas: *Para a Mamã, Da Sharon, do Barry, do Leo e da Daisy*. De seguida:

*❧ Capítulo Um: Casamento do Barry e da Sharon ❧*

O vídeo não tem banda sonora, apenas um irritante instrumental de flauta de pã, algo que aguento só por uns minutos antes de lhe tirar o som. Começa com um grande plano do Barry, com um *smoking* e uma rosa vermelha na lapela, e da Sharon, com um vestido de cetim justo e sem alças e uma tiara de imitação de diamantes, a segurar um ramo de rosas vermelhas. Depois, a câmara acompanha Sharon, percorrendo o corredor central do salão de banquetes de um hotel. Há cerca de 30 convidados, e as cadeiras em redor das mesas têm enormes laços vermelhos nas costas. Numa faixa branca na parede pode ler-se FELIZ NATAL 2005, e a sala está decorada com uma enorme árvore de Natal e grinaldas de ramos de pinheiro e azevinho. O Gerald Wiley surge bastante mais forte do que na fotografia do jornal, conduzindo a filha com manifesta dificuldade, com uma respiração pesada e corado que nem um pimento. A Sadie, pelo contrário, está bastante mais magra, e passa o tempo todo



a brincar nervosamente com os dedos – na pochete, no chapéu, no corpete. Dou por mim a pensar se não estaria já numa fase inicial de demência. Há imagens da troca dos votos nupciais, depois da receção. O Barry a fazer o seu discurso, os noivos a cortarem o bolo. O Gerald Wiley surge quase sempre em fundo – e com cara de poucos amigos.

### ❧ *Capítulo Dois: Primeiro Aniversário do Leo* ❧

O Leo está sentado numa cadeira de refeições azul, numa cozinha que não a de Barge Close. Bate no tabuleiro com uma colher de plástico amarela, e tem o queixo todo sujo de papa. O plano abre-se para mostrar Sharon, claramente grávida, a exhibir um bolo de aniversário em forma de leão, com uma vela acesa. Pousa-o em frente ao Leo e ele arregala os olhos e estende a mão para tocar na chama. Ela agarra-lhe no pulso, impedindo-o. Tem um ar cansado. Alguém, provavelmente o Barry, apaga a vela. O Leo desata a chorar.

### ❧ *Capítulo Três: Batizado da Daisy* ❧

O tempo está cinzento e invernos. O grupo reunido à porta da igreja protege-se contra o vento. A Sharon mostra um bebé envolvido num xaile. A Sadie tem o mesmo casaco que usou no casamento. O Gerald apoia-se a uma bengala. Vê-se também um casal mais velho, possivelmente os pais do Barry, que tem o Leo pela mão, o menino vestido de fato e gravata, o cabelo todo lambido. Tenta desesperadamente livrar-se da mão do pai, e, aparentemente, está aos gritos. A Sharon parece chateada, mas sorri subitamente assim que vê a câmara apontada para ela e para a bebé. Afasta o xaile da cara da criança para a mostrar.

### ❧ *Capítulo Quatro: Férias de Verão e Mais Um Aniversário* ❧

Esta sequência foi filmada algures no estrangeiro. No Algarve talvez, ou em Espanha. Vemos a Sharon de biquíni e sandálias de salto alto, a pavonear-se pela piscina do hotel, parando de vez em quando e elevando a anca, numa pose de modelo. Tem uma tatuagem no tornozelo esquerdo, e às tantas apercebo-me de que se trata de uma margarida. A dada altura, ela para, de costas para a câmara, e olha por cima do ombro, piscando o olho e soprando um beijo, *à la* Marilyn Monroe. Está em ótima forma e quase parece que o seu corpo foi esculpido artificialmente.

Tem um bonito tom bronzeado e um sorriso a condizer. Está feliz. A câmara passa para a Daisy, com um vestidinho de flores e um panamá cor-de-rosa. Bate palmas com as mãozinhas rechonchudas, toda contente. Não terá mais de dois anos. Depois, vemos o Barry com a filha, na piscina. Segura-a pela cintura, elevando-a acima da sua cabeça e fazendo um «avião» para dentro de água. Para cima, para baixo, para cima para baixo. A menina dá gritinhos de satisfação. De seguida, um plano da Sharon, de vestido branco de algodão e enormes argolas douradas, sentada numa espreguiçadeira, a abrir presentes de aniversário. Esta parte acaba com a Daisy a caminhar nas perninhas bambas e rechonchudas até à câmara, exibindo um cartaz a dizer «*Amo-te, Mamã*».

## ❧ *Capítulo Cinco: Natal* ❧

O plano de uma árvore de Natal (artificial), coberta de luzinhas. Tudo parece indicar que se trata da manhã de dia 25. A porta abre-se e a Daisy entra na sala. Terá cerca de quatro anos, e está inquietantemente parecida com a Jessica. Dou por mim a pensar se terá sido aqui que os cuidadores do lar decidiram parar a exibição do vídeo. A Daisy dedica um olhar malandro à câmara, como se soubesse que não é suposto perceber que está a ser filmada. Até que descobre a bicicleta, encostada à parede junto à árvore, coberta de laços cor-de-rosa. O plano seguinte mostra os dois filhos rodeados de papéis de embrulho rasgados. A Daisy fala para a câmara, apontando para os presentes e explicando o que são. O Leo está algo afastado dela, sem olhar para a câmara, abrindo tranquilamente presente após presente. Percebe-se que alguns dos artigos não são para ele. O plano seguinte passa-se no exterior, na entrada de uma pequena casa geminada, típica dos anos 60, com um portão de garagem azul, demasiado pequeno para qualquer tipo de carro moderno. Primeiro, vemos a Daisy na bicicleta nova, a pedalar na direção da câmara; depois, a brincar na neve com o irmão, os dois com gorros e luvas. A Daisy está irresistivelmente amorosa, com um par de botinhas *Ugg*, a lançar bolas de neve ao Leo. A dada altura, o Barry envolve-se num ataque de cócegas ao filho, caem os dois ao chão e rebolam na neve, mas o Leo consegue livrar-se dele e desata a correr em direção à câmara, lavado em lágrimas. De seguida, vemos as duas crianças à volta de um boneco de neve; a Daisy alisa cuidadosamente a neve em torno do corpo, enquanto o Leo, por trás dela, vai arrancado propositadamente pedaços do boneco com uma pequena pá encarnada.

## ❧ *Capítulo Seis: Novas Férias de Verão* ❧

Um pequeno jardim suburbano; é, obviamente, a mesma casa. A erva está acastanhada e ressequida. Há um edifício industrial que se ergue atrás da casa, bem visível para lá da vedação – talvez a cobertura de uma estação de serviço. Ou talvez eu pense isto por ser o mesmo cenário com que me deparei, dia após dia, ao longo dos primeiros 15 anos da minha vida. Esta filmagem antiga dos Mason é como uma paródia ao meu passado.

O Barry surge em cena com uma tanga *Speedo* de licra preta – que não deixa grande margem à imaginação –, de peito para fora e mãos nas ancas. Parece que acabou de se besuntar de cima a baixo. Vemo-lo a levantar pesos e a fazer poses para exhibir os músculos. Ri-se. Depois, a câmara move-se para mostrar a Sharon, que usa um *kaftan* largueirão. Tem uma bebida na mão, com uma sombrinha de papel e uma palhinha, e ergue o copo para a câmara. Mas parece apática, indiferente – e claramente com muitos quilos a mais. De seguida, a câmara passa para o Gerald Wiley, que está na espreguiçadeira ao lado, sentado muito direito, de casaco de malha, camisa e gravata; depois para a Daisy, sentada nos joelhos da avó. A menina parece desconfortável, quase deslocada – numa expressão inquietantemente estranha para uma criança tão pequena. Posteriormente, a câmara faz uma

panorâmica para a direita, para mostrar o Leo numa pequena piscina de borracha, a chapinhar de modo repetitivo e monótono, não parecendo minimamente divertido. Quando a Sharon se aproxima dele para lhe pegar ao colo, desata a gritar. E eu apercebo-me de que ele não olhou uma única vez para a câmara.

\* \* \*

**Enviado:** Dom 24/07/2016, 10h35    **Importância:** Alta

**De:** AlanChallowCSI@ThamesValley.police.uk

**Para:** DIAdamFawley@ThamesValley.police.uk

**Assunto:** Processo N.º 72844 Mason, D

Junto se anexa o resultado dos testes forenses ao Nissan Navara preto pertencente a Barry Mason. Não foi possível testar o veículo pertencente a Sharon Mason, já que este ficou seriamente danificado no incêndio ocorrido na residência da família.

Resumindo:

Foram examinados o interior e o exterior da *pick-up*, para identificação e análise de sangue e outras provas materiais. Nada foi encontrado. Não há vestígios de sangue na caixa aberta da carrinha nem tão pouco de ADN. Se foi utilizada para transportar um cadáver, os restos mortais terão sido cuidadosamente envolvidos em qualquer tipo de material impermeável. Reparei que o Sr. Mason possui uma série de coletes de alta visibilidade e outros equipamentos de proteção utilizados em estaleiros de obras que, em teoria, podem ter sido utilizados para este propósito, ainda que o blusão encontrado na carrinha tenha forçosamente de ser excluído: o único ADN detetado no blusão pertence ao próprio Barry Mason. Analisámos também um capacete e um par de botas de segurança em PVC com biqueiras de aço, que se provou igualmente deterem apenas o ADN do próprio. Na residência existiam também outros artigos de alta visibilidade, mas os danos provocados pelo incêndio inutilizaram-nos para fins probatórios.

O interior do veículo não revelou indícios de ter sido lavado e/ou aspirado recentemente (bem pelo contrário). Foi identificado ADN de Barry, Sharon e Daisy Mason nos bancos, bem como o de outro indivíduo masculino, presumivelmente Leo Mason. Este último sob a forma de fragmentos de unhas das mãos roídas, consistentes com o tamanho de mãos de uma criança. Foram detetados vestígios de ADN de outros indivíduos, compostos, na sua maioria, por cabelos e pele, e ainda por secreções vaginais de duas outras mulheres não identificadas, a maioria no banco de trás do veículo, bem como

vestígios residuais de sémen, estes identificados como pertencentes a Barry Mason.

Houve apenas uma descoberta surpreendente. Não retirámos amostras de ADN a Leo Mason, mas baseado na análise aos fragmentos de unhas, posso afirmar categoricamente que ele não tem nenhum relacionamento biológico com os restantes elementos da família. O Leo não é filho biológico dos Mason.

\* \* \*

– Porque é que nunca nos disse que o Leo não é vosso filho?

Estou na cela do Barry Mason. É domingo de manhã, ouvem-se os sinos das várias universidades, cada um na sua própria aproximação à hora certa. E esta é a definição mais resumida que se pode fazer do que há de mais característico nesta cidade. O Barry está na cama, deitado de costas e com os joelhos para cima. Precisa desesperadamente de um duche. E eu, de um tiro na cabeça. Porque ainda não consigo acreditar como é que não percebi isto antes. O Leo não é nada parecido com nenhum dos Mason, e nem que fosse apenas por uma questão meramente cronológica, eu devia ter chegado imediatamente a essa conclusão: se eles casaram em dezembro de 2005 e o Leo tem dez anos, a Sharon teria forçosamente de estar grávida no casamento. E não estava. Claramente.

O Barry soergue-se, passa as mãos pelo cabelo e senta-se na beira da cama.

– Porque achei que não era do raio da vossa conta – acaba por responder. Mas parece derrotado, não obstante a escolha de palavras. – Foi a Daisy que desapareceu, não ele. – Esfrega a parte posterior do pescoço e olha para mim – É suposto eu estar a falar consigo sem a presença da minha advogada?

– Isto não está relacionado com a acusação de posse ilegal de pornografia. Mas pode ligar-lhe, se quiser. A propósito, conseguimos uma prorrogação. Podemos detê-lo por mais 24 horas sem uma acusação formal.

Ele olha-me momentaneamente, parecendo considerar a questão, depois solta um suspiro resignado:

– OK, como quiserem.

– Então, porque decidiram adotar? Está mais do que provado que podem ter filhos biológicos.

– Na altura, não sabíamos disso, não acha? Ouça, só pedi o divórcio à Moira porque a Sharon estava grávida, só que depois perdeu a criança e a partir daí foi a confusão total. O médico disse que era pouco provável que ela pudesse voltar a ter filhos e que a única possibilidade seria através de inseminação artificial. E mesmo assim seria difícil. Seria quase um milagre se a coisa pegasse. Por isso, decidimos adotar.

– E recorrer na mesma à inseminação artificial, por via das dúvidas.

– Certo.

- Que idade tinha o Leo quando o foram buscar?
- Cerca de seis meses.
- Tiveram muita sorte. Hoje em dia, raramente há bebés disponíveis.

Ele afasta o olhar.

- Sr. Mason?

– Já que quer saber, disseram-nos que ele poderia ter... problemas. Mas pareceu-nos ótimo assim que o vimos. Um miúdo muito bonito. A Sharon apaixonou-se no mesmo segundo.

E estava desesperada por ter um filho – e apavorada com a possibilidade de o Barry mudar de ideias e voltar para a Moira. E para a boa vida. E para o filho *verdadeiro*.

- E eis que a Sharon fica grávida...

– Mal podíamos acreditar. E o *timing* não podia ter sido pior. Tínhamos adotado o Leo há poucas semanas. Só que já era demasiado tarde, não podíamos propriamente devolvê-lo.

Nem acredito que estou a ouvir isto.

- Que tipo de problemas?

- Como?

- Disseram-lhes que o Leo tinha problemas.

– Não, só disseram que *poderia vir a ter*. Ainda era muito cedo para se ter a certeza, até podia ser perfeitamente normal. E era, em bebé era. Sempre muito calmo, nunca nos deu problemas. Ao contrário da Daisy, com essa era um sarilho para a pôr a dormir. Era capaz de ficar horas seguidas a chorar, uma cena de dar em doido. Foi só mais tarde, por volta dos quatro, cinco anos, é que o Leo começou a revelar-se um pouco... enfim, estranho.

- E quando lhes disseram que ele podia vir a ter problemas, explicaram porquê?

– Parece que a mãe dele foi presa e deixou de poder tomar conta dele. Tinha problemas de alcoolismo, sabe como são esse tipo de coisas. Por isso é que deu o Leo para adoção.

Respiro fundo. Faz sentido – a timidez, o desconforto perante as pessoas, as mudanças de humor... E o que vi há dois dias com os meus próprios olhos. A questão é se não haverá *mais* qualquer coisa. Se tudo se resume a isto.

- O que diz o vosso médico de família?

– Ora – diz ele, com um risinho de escárnio –, a questão é que a Sharon não tem tempo para o Leo. Diz que ele só sabe meter o nariz onde não deve. Para ela, o miúdo tem algum tipo de atraso e o médico não tem como provar o contrário. E defende a teoria de que ninguém tem nada que ver com a forma como criamos os nossos filhos.

E isso ainda faz mais sentido. A última coisa que a Sharon quer é que «eles» pensem que ela criou um filho menos do que perfeito. Ou que teve de recorrer à adoção para o ter.

- Estes problemas todos que ele tem na escola, as agressões, o *bullying*...

Barry parece exasperado.

– O que o Leo precisa é de reagir, de se defender, mais nada. Deixar de ser tão... cobarde! Ouça, não é assim tão mau, a sério. Durante a maior parte dos dias, não se passa nada. Ele é um bom miúdo. Dócil...

– Ou era. Até há pouco tempo.

– Bom... sim.

– E sabe porquê? Terá acontecido alguma coisa que provocou essa mudança?

– Não faço ideia.

– Ele sabe que é adotado?

Ele abana a cabeça.

– Não. Ainda não lhe contámos.

Quem conta sou eu e até dez.

– Mas... não acha que já lhe deviam ter dito uma coisa dessas? Ele pode perfeitamente vir a descobrir e, quanto mais velho for, pior será.

Eu que o diga. Os meus pais nunca me disseram que eu não era filho biológico deles, mas a verdade é que carreguei esse fardo durante mais de 30 anos. Descobri por volta dos dez anos, a idade que o Leo tem agora, depois de me ter dado para vasculhar a secretária do meu pai – algo que nunca devia ter feito. Muitas vezes, quem surpreende é quem sai surpreendido. Mas não foi por isso que nunca lhes disse que sabia; senti, intuitivamente, como só as crianças são capazes de sentir, que este era um assunto que eu *já* poderia abordar com eles. E até hoje nunca o fiz.

O Barry encolhe os ombros.

– Isso não é uma decisão minha, companheiro. E nem sequer vale a pena tentar falar com a Sharon sobre o assunto. Acredite.

Saio da cela profundamente frustrado – ao ponto de dar um murro na parede e magoar o punho. Ainda estou a sacudir a mão para atenuar a dor quando o meu telemóvel toca. É a Everett.

– Pensei em ligar-lhe ontem à noite, mas não o quis incomodar tão tarde – diz-me. – Tenho estado a pensar no Leo. E lembrei-me daquele *e-mail* que recebi do médico; ele disse que o Leo esteve lá recentemente para fazer «mais um *check-up*».

– Sim. E?

– Bom, a frase não me soou nada bem na altura, pois dá a ideia de que o miúdo está constantemente a fazer exames, e isso não é normal, pois não? Além disso, o médico foi exageradamente cauteloso, quanto a mim. Aquela conversa toda sobre precisar da autorização da família para nos poder dar mais informações. Creio que ele estava a tentar dizer-nos alguma coisa, chefe. E a fingir exatamente o contrário.

Ah, ela também chegou lá. A Everett é mesmo perspicaz. Vai longe, esta miúda.

– Pois. E eu recebi há pouco um *e-mail* do Challow – informo-a. – As análises forenses ao

interior da carrinha do Barry deixam claro que o Leo é adotado.

– Meu Deus... E eles nunca nos contaram?

– Nem me digas nada... E não teria qualquer importância, se a coisa ficasse por aí. Mas não fica. Conto-lhe o que o Mason me revelou.

– Porra... – Parece envergonhar-se e disfarçar rapidamente. – Ainda ontem, quando estive com o miúdo, ele disse-me que «a culpa era toda dele», e quando lhe perguntei do que estava a falar, fechou-se imediatamente em copas. E esta manhã, quando saí do duche, dei com ele debaixo da cama. Disse que perdera uma coisa e tinha acendido um fósforo para a procurar. A parte de baixo do colchão já estava chamuscada, foi uma sorte eu ter chegado a tempo. Quando lhe perguntei, respondeu-me que tinha encontrado os fósforos numa gaveta.

Desta vez, sou eu que praguejo.

– Porra.

\* \* \*

### **Encontrem A Daisy Mason – Página do Facebook**

Ainda não há notícias da Daisy, apesar das intensas buscas policiais ao longo de toda a zona circundante à casa da família. Os pais também já foram interrogados, e há notícias de que um adolescente, cujo nome se desconhece, está a ajudar nas averiguações. Se vive em Oxford ou arredores e viu algo de suspeito na tarde ou noite de terça-feira, 19 de julho, por favor, por favor, contacte a polícia. Pode ligar para o número 01865 0966552 e pedir para falar com o Inspetor-Chefe Adam Fawley.

Isto é extremamente importante para quem esteve de férias e só agora ficou a par das notícias.

*Jason Brown, Helen Finchley, Jenni Smale e 285 outros gostam disto*

### **COMENTÁRIOS PRINCIPAIS**

**Dora Brookes** Acabámos de chegar de férias e soubemos desta horrível notícia. Não sei o que fazer. Nessa tarde, dia 19, vi um homem deitar alguma coisa num contentor de obras da nossa rua. Vivemos a cerca de um quilómetro e meio do empreendimento de Canal Manor. Fixei o dia porque foi precisamente quando fomos de férias. Ele estava vestido com um daqueles fatos amarelos fluorescentes e um capacete das obras. Como há imensas construções a decorrer nesta zona, nem dei importância ao assunto. Mas agora penso se não poderá estar relacionado com o desaparecimento da Daisy.

Acabei de vir de lá agora mesmo e a casa está vazia e continua sem se ver ninguém. Até parece que a

construção ainda nem sequer começou, por isso, por que razão estaria lá um homem das obras? O que é que vocês pensam disto? Não vi o que ele deitou no contentor, e até pode não ser nada de especial. Não quero incomodar desnecessariamente a polícia.

24 de julho, às 16h04

**Jeremy Walters** Acho que deve contactar a polícia o mais depressa possível.

24 de julho, às 16h16

**Julie Ramsbothan** Concorde – não se preocupe em incomodar a polícia – de certeza que eles preferem ter conhecimento. E saberão o que fazer.

24 de julho, às 16h18

**Dora Brookes** Obrigada aos dois. Vou fazer isso.

24 de julho, às 16h19

\* \* \*

Richard Donnelly vive numa enorme moradia geminada dos anos 30, mesmo à saída de Wolvercote. Por acaso, é muito semelhante à casa dos Rahija, tirando o despojamento, as drogas e o ambiente sombrio que a rodeia. Ao estacionar, vejo o médico à porta, a retirar bagagem da mala do carro. Ainda tem a aura própria de um homem que acabou de desfrutar de duas semanas ininterruptas de tempo de qualidade com os três filhos pequenos.

Assim que me apresento, vejo-o a assumir imediatamente uma postura cautelosa.

– É como lhe disse, Inspetor, não posso divulgar rigorosamente nada sobre a família Mason sem a devida autorização prévia.

– Eu sei, Dr. Donnelly, nem eu quero que o faça. O que proponho é pô-lo a par do que já sabemos, pedindo-lhe apenas que nos ajude a situar as coisas num contexto geral. Informação médica básica, apenas isso. Nada que esteja especificamente relacionado com os Mason.

Ele hesita por uns segundos, mas acaba por concordar.

– Muito bem. *Isso*, posso fazer. Porque não entramos, e eu peço à minha mulher que prepare um chá? Francamente, não entendo porque é que nunca se consegue tomar um chá decente no estrangeiro...

– É do leite – digo, apercebendo-me que de que pareço a Sharon Mason a falar.

O quintal das traseiras precisa urgentemente de ser regado e aparado, mas tem uma acolhedora pérgula montada, com vista para Port Meadow. Ao longe, consigo distinguir quatro ou cinco cavalos



de pelo creme com malhas castanhas. Mal parecem reais de tão quietos e perfeitamente compostos. Até que um abanar de cauda desfaz a ilusão. Certa vez, levamos o Jake a ver estes cavalos, depois de uma colega da Alex ter dito que uma das éguas tinha tido um poldro. Não teria mais do que dois ou três dias, a correr e a saltar nas pernas bambas, abanando a pequena cauda. Foi difícil arrastarmos o Jake de lá.

– Não fazia ideia de que viviam tão perto do Meadow.

Ele pousa duas canecas à nossa frente.

– Sim. No inverno, do quarto do meu filho é possível ver os pináculos cobertos de neve.

Espero que ele acabe de servir o chá, antes de começar.

– Ora bem, há duas coisas que sabemos agora que não sabíamos quando a Inspetora-Coordenadora Everett o contactou. A primeira é que o Leo Mason é adotado. E a segunda é que a mãe biológica era alcoólica.

Ele mantém-se em silêncio, mas pela sua expressão percebo que isto não é uma novidade.

– Gostaria de lhe perguntar, Dr. Donnelly – prossigo –, quais os possíveis efeitos a longo prazo do Síndrome de Alcoolismo Fetal?

Ele parece algo cético.

– Teoricamente falando?

– Apenas em teoria, sim.

– Não me vai dizer que não andou a pesquisar no Google – diz-me ele, pousando a caneca.

– Claro que sim, mas gostaria de ouvir a sua opinião.

– OK, a versão oficial é a seguinte: como já deve saber, os efeitos podem variar muito de criança para criança, mas o denominador comum, na maior parte dos casos, são os danos neurológicos. Isso provoca o surgimento de dificuldades de aprendizagem que podem ir de leves a muito graves. Causa igualmente complicações a nível físico: problemas hormonais e em certos órgãos, como fígado e rins. – Hesita por uns segundos. – Também se podem verificar perturbações a nível gástrico, se bem que seja mais raro. Mas acontece.

*Nuka Vomita*, penso. É inquietante até que ponto os miúdos conseguem ser cruelmente observadores.

– Em termos físicos, os sinais mais evidentes refletem-se aqui... – Leva a mão à cara. – Esta ranhura que temos entre o nariz e a boca? Chama-se filtro labial. Nas crianças com SAF, surge sempre subdesenvolvido, é praticamente inexistente. É um traço bastante distintivo, quando sabemos o que procurar.

Foi precisamente o que reparei no Leo, pouco depois de o ver pela primeira vez. Só que não me apercebi do que se tratava. Na altura, não.

– Há algum teste que se possa fazer? A nível fisiológico?

– Não, não há nenhum teste definitivo, e isso é mais um problema acrescido. O SAF pode

facilmente ser confundido com autismo ou com perturbação de hiperatividade com défice de atenção, mesmo pelos profissionais mais experientes. Isto porque a maioria dos comportamentos são idênticos. Estas crianças são geralmente hiperativas, pouco ou nada concentradas e com insuficiente coordenação motora. E têm também problemas semelhantes relativamente à empatia, por isso é muito difícil estabelecerem relações e lidar com os outros. Sobretudo em grupo.

– O que significa que esses miúdos são frequentemente vítimas de *bullying*, certo?

– Infelizmente, sim. E não sabem lidar com isso. Nunca pensam nas consequências dos seus atos, por isso têm tendência para agir por impulso, o que só piora a situação, como é óbvio.

Como enfiar um lápis no olho de outra criança, por exemplo.

O Donnelly prossegue, com um suspiro.

– Estes miúdos precisam de imenso apoio, sabe... Um ambiente familiar estável e profissionais especializados que os ajudem a desenvolver as melhores técnicas para lidar com os seus problemas. E não há como rodear a coisa, Inspetor. Os pais de uma criança com SAF têm pela frente muitos anos de cuidados médicos diligentes. E esta pode ser uma tarefa extenuante e quase sempre ingrata.

– E se a criança não tiver esse tipo de apoio, se os pais se recusarem a aceitar a doença, por exemplo?

Ele olha-me de relance, depois para um ponto no horizonte.

– Por vezes, pode levar algum tempo até que os sintomas se tornem evidentes. Nessas circunstâncias, os pais mostram-se frequentemente relutantes em fazer julgamentos precipitados. Ninguém quer que os seus filhos sejam rotulados, não é verdade? Nestas situações, o que recomendo é que a criança seja vigiada de muito perto e, sempre que necessário e se revele útil, encaminhá-la para algum colega pediatra do serviço nacional de saúde.

– E os pais podem recusar esse tipo de apoio?

Ele cora ligeiramente.

– A maioria das pessoas quer sempre o melhor para os filhos.

Isto não é uma resposta, e ele sabe.

– Mas os pais *podem recusar*?

Ele assente com a cabeça.

– Se, *em teoria*, eu me visse perante tal situação, continuaria a vigiar a criança, e encarava a hipótese de falar com o enfermeiro escolar. E empenharia todos os meus esforços para que os pais entendessem a importância do acompanhamento por um especialista o mais cedo possível. Fazê-los ver que as consequências dessa recusa podem revelar-se catastróficas a longo prazo: consumo de drogas, violência, crimes sexuais. Nos Estados Unidos, por exemplo, as estatísticas são inquietantes, e eles estão, como habitualmente, bem mais avançados neste campo do que nós. Há tempos, li um relatório que estimava que alguém diagnosticado com SAF tem 19 vezes mais probabilidades de acabar na prisão do que qualquer um de nós.

O que serve apenas para confirmar os meus piores receios.

Levanto-me para ir embora, mas, pelos vistos, o médico tem mais alguma coisa para me dizer.

– Inspetor – diz, olhando-me diretamente. – As crianças com SAF têm, geralmente, uma tolerância à dor invulgarmente alta. Por isso, o que acontece com muitas delas é que canalizam toda a raiva e frustração contra si próprias. Por outras palavras...

– Eu sei – interrompo. – Automutilam-se.

\* \* \*

Quinn prepara-se para desligar o computador quando recebe a chamada. Coloca o auscultador entre a orelha e o ombro e vai fechando os programas, ouvindo com pouco interesse. Até que se endireita na cadeira e agarra o telefone, os olhos abertos de espanto.

– Desculpa, podes repetir? Tens a certeza?

Procura uma caneta na secretária e prepara-se para escrever nas costas de um envelope.

– Qual é a morada? Número 21 da Loughton Road, sim... Avisa a equipa forense e diz-lhes para irem lá ter. Sim, *eu sei* que hoje é domingo, porra!

Desliga, levanta-se de um salto, pega no blusão e sai.

\* \* \*

Acabo de estacionar à porta de casa quando recebo um aviso de entrada de *e-mail*. Abro-o, leio-o e ligo à Everett.

– Consegues ter o Leo na sala de Kidlington, amanhã, às 9h00? E o Derek Ross também tem de estar presente, por isso avisa-o e ele que tenha tudo organizado. Pede-lhe desculpa, mas não tenho alternativa. Quanto à Sharon, se quiser pode assistir à entrevista através da transmissão de vídeo, mas não vai poder estar presente na sala. E se ela também quiser levar a advogada, esteja à vontade. Mas quero-te lá. Se há alguém em quem o Leo confia, és tu.

Já estou a sair do carro quando recebo uma chamada. Mal consigo perceber as palavras por detrás do pânico.

– Calma... Onde é que ela está, em que hospital? OK, Chris, não te preocupes, nós tratamos disso. Concentra-te apenas na Janet e não penses em mais nada.

Desligo e deixo-me ficar à porta de casa durante uns minutos. E quando entro na sala, a Alex olha para mim e pergunta-me porque estou a chorar.

\* \* \*

Assim que Quinn chega à Loughton Road, já um grupo de pessoas se concentra à porta do número 21. Um elemento da polícia científica está a selar o acesso à entrada de casa com fita branca e azul, e outros dois retiram cuidadosamente vários artigos do contentor de obra: cadeiras velhas, rolos de alcatifa podre, balanças de casa de banho partidas, placas de estuque a desfazerem-se. Por mais chique que seja a zona, as pessoas continuam a despejar lixo em contentores que não lhes pertencem. Um agente fardado ergue a fita de segurança para deixar passar Quinn, indicando-lhe uma mulher de meia-idade, com um vestido comprido largueirão e *leggings* pretas. Tem o cabelo apanhado num carrapito desmazelado, típico das mulheres que deixam crescer o cabelo, mas nunca o usam solto. Está claramente inquieta e começa a falar antes sequer de Quinn chegar perto dela.

– Oh, Inspetor, fui eu que liguei! Quem me dera ter sabido da Daisy mais cedo, e desculpe não ter ligado antes, mas não temos televisão na casa de campo e eu não tenho Internet no telemóvel. É caríssimo e, além disso, nunca se apanha rede em Exmoor e...

Quinn saca do *tablet* e interrompe-a.

– Miss Brookes, certo? Creio que a senhora viu um homem a deitar alguma coisa no contentor na terça-feira à tarde? A que horas foi, lembra-se?

– Oh, terá sido por volta das 17h00. Queríamos sair mais cedo, a viagem ainda é longa, mas tive de ir à lavandaria buscar a roupa, e havia uma fila enorme e, com aquelas confusões todas, acabámos por...

*Meu Deus, pensa Quinn, será que esta mulher nunca se cala?*

– Portanto, cerca das 17h00 na terça-feira. E como era este homem?

– Como já disse ao outro agente, ele estava vestido com aquela roupa amarela fluorescente...

– Equipamento de alta visibilidade?

– Sim, isso mesmo. Um blusão, um capacete e até uma daquelas máscaras brancas que protegem do pó, sabe? O homem que veio cá pintar o teto da nossa casa de banho também usava uma máscara dessas. Eu devia ter percebido, devia ter-lhes ligado logo, não é? Oh, meu Deus, se calhar teria feito toda a diferença, sinto-me tão mal...

– Consegue descrevê-lo? Altura, peso?

– Bom, era de estatura *mediana*, nem gordo nem magro. Estava curvado sobre o contentor, por isso não consegui ver grande coisa.

– Muito bem. E consegue lembrar-se de alguma coisa em particular sobre aquilo que ele deitou no contentor? Seja o que for?

– Pois... infelizmente, não prestei muita atenção, senhor agente. A *Phoebe*, a nossa *chihuahua*, não parava de ladrar, ela detesta ficar fechada no carro, e o Elspeth estava a tentar acalmá-la. E um miúdo ordinário fez-me um gesto feio quando eu voltava da lavandaria, depois de lhe ter chamado a atenção por ter atravessado fora da passadeira. Não acho isso nada bem, e o senhor? Acho que as passadeiras são...

– Distinguiu alguma coisa no contentor, Miss Brookes? – insiste Quinn, com um suspiro impaciente.

Ela pensa na pergunta durante uns segundos.

– Bom, o que posso dizer é que, fosse o que fosse, era leve, porque ele deitou-o fora só com uma mão. E estava embrulhado em alguma coisa. Não sei dizer o quê, mas não era um saco de plástico. Disso, lembro-me perfeitamente.

Isto faz com que Quinn passe rapidamente de entediado a admirado. E ainda mais quando, minutos depois, é chamado por um dos homens da equipa forense que lhe mostra algo retirado do contentor. Algo suficientemente leve para ser agarrado com uma mão e firmemente embrulhado em folhas de jornal.

\* \* \*

Quando chego ao John Rad<sup>8</sup>, já está a escurecer. Ando por ali às voltas durante dez minutos, até encontrar o edifício certo, e outros dez até conseguir estacionar. Lá dentro, os corredores estão desertos, à exceção de umas quantas empregadas da limpeza que empurram carrinhos com baldes e esfregonas e uma ou outra enfermeira. No segundo piso, uma senhora com ar maternal olha-me do lado de lá do balcão e pergunta-me se sou da família.

– Não, mas tenho isto.

Ela olha para o distintivo, e depois para mim, com expressão desconfiada.

– Há algum problema que o hospital desconheça, Inspetor?

– Não, nada disso. O pai, o Sr. Gislingham, é meu colega. Só queria saber como está a Janet, a mulher.

– Ah, sim, estou a ver – diz ela, claramente aliviada. – Para já, não podemos ter a certeza de nada. Ela entrou aqui com dores abdominais muito fortes e perdeu algum sangue, por isso vamos mantê-la cá.

– Corre o risco de perder o bebé?

– Esperemos que não – diz ela, mas a expressão não condiz com as palavras. Na idade da Janet, as probabilidades não jogam muito a seu favor. – Ainda não sabemos. Nesta fase, não há muito mais que possamos fazer, a não ser mantê-la confortável e confiar na Natureza, que sabe o que faz. Deseja vê-la por uns minutos? Se se deu ao trabalho de vir até cá...

Hesito. Já não entro numa maternidade desde que o Jake nasceu. Temos um vídeo do parto – a carinha dele à procura das primeiras golfadas de ar, a abrir e a fechar os punhos minúsculos e aquele tufo de cabelo escuro que nunca perdeu, ainda que nos tivesse dito que sim. Escondi a cassette no sótão. Não suporto aquela felicidade. E a sua insuportável fragilidade.

Vejo a enfermeira olhar para mim com expressão preocupada.

– Sente-se bem, Inspetor?

– Peço desculpa, estou só cansado. Não os quero incomodar, a sério.

– Da última vez que lá fui, o seu colega estava a dormir na cadeira. Vamos lá dar uma espreitadela. Ele é capaz de ficar contente com a sua visita.

Sigo-a pelo corredor, esforçando-me para não olhar para o berçário, para os recém-papás, ainda atordoados. A Janet tem um quarto só para ela. Olho pela porta de vidro e reparo que as cortinas estão corridas e ela dorme, uma mão pousada sobre a barriga redonda e a outra enrodilhada numa manta. O Gislingham está a dormir num cadeirão aos pés da cama, a cabeça deitada para trás. Está com péssimo aspeto, o rosto com uma tez acinzentada e olheiras profundas.

– Não o vou incomodar. Acho que não lhe fazia bem.

Ela dedica-me um sorriso bondoso.

– OK, Inspetor. – Dá-me uma palmadinha no ombro. – Fique descansado, eu digo-lhe que esteve cá.

Escolheu a profissão certa – é a pessoa que gostaríamos de ter por perto quando se acaba de ter um filho. Ou de o perder.

\* \* \*

*16 de abril de 2016, 10h25*

*94 dias antes do desaparecimento*

*Rua do comércio, Summertown, Oxford*

Azeem Rahija está à porta do banco, sentado no interior do carro. Do lado de lá da rua, o *Starbucks* fervilha com os muitos amantes de compras desta manhã de sábado. Azeem reconhece Jamie, sentado numa mesa à janela.

Tem uma bebida à frente e um saco de lona aos pés. Tamborila com os dedos na mesa e não para de olhar para a porta.

Azeem acende um cigarro e desce o vidro. Do outro lado da rua, um homem empurra a porta de vidro da cafetaria. De *jeans* justos e blusão de cabedal, terá cerca de 45 anos. Está a falar ao telemóvel e gesticula imenso enquanto fala. Duas mulheres que ocupam uma mesa junto ao balcão olham-no com interesse quando ele passa por elas. O homem endireita instintivamente os ombros. Jamie olha-o fixamente, vendo-o desligar a chamada e sentar-se à sua mesa, pendurando o blusão nas costas da cadeira.

Azeem não faz ideia do que estão a dizer, mas é fácil perceber que a conversa não corre bem. O homem não para de abanar a cabeça, e dá ideia de que Jamie lhe pergunta porquê. Segue-se uma

longa pausa, com os dois a manterem-se em silêncio. Às tantas, o homem levanta-se e aponta para o copo da bebida de Jamie, que abana a cabeça. Encolhe os ombros e dirige-se até ao balcão, para a fila dos cafés. De caminho, para e mete conversa com as duas mulheres.

Azeem vê Jamie levar a mão ao bolso do blusão do homem e sacar do telemóvel. Olha para o balcão, de forma a certificar-se de que o homem não o está a ver, mas ele está demasiado entretido a namoriscar as duas mulheres. Jamie toca algumas vezes no ecrã do telemóvel. E sorri. Um sorriso muito pouco agradável. Volta a pôr o telemóvel de onde o tirou, e quando o homem regressa, minutos depois, Jamie levanta-se. O homem ainda faz uma breve tentativa para o fazer voltar a sentar-se, mas Jamie enxota-o. Pega no saco e segue por entre as mesas até à porta.

Para no passeio, acende um cigarro e de seguida esquiva-se por entre os carros, para atravessar a rua. Azeem ainda vê o homem no *Starbucks*, a recostar-se na cadeira e a soltar um longo suspiro, antes de pegar na colher do café. A expressão de alívio espelhada no rosto dele não deixa margem para dúvidas.

Jamie bate na janela do lugar do passageiro e Azeem inclina-se para lhe abrir a porta.

– Que grande cabrão – diz o rapaz entre dentes, atirando o saco para o banco de trás.

– Eu avisei-te, meu. Sacanas destes... Só olham pró próprio umbigo.

Azeem vê muitas séries americanas.

– Iá, OK, meu – resmunga Jamie. – Passo bem sem essa do «eu avisei-te».

Azeem encolhe os ombros. Há anos que não vê o pai.

Jamie dá uma longa passa no cigarro e olha para o amigo.

– Mas lixei-o bem lixado, meu. Podes crer.

– O quê, com o telemóvel?

Jamie sorri, semicerrando os olhos.

– Iá. O telemóvel. Nem sequer tem *password*. Que otário.

Riem-se ambos e, logo depois, Azeem liga o carro, arrancando com um guinchar de pneus para o meio do trânsito – por pouco não batia na traseira do Nissan Navara preto estacionado mesmo à sua frente. Um menino no banco de trás fica a vê-los seguir, e depois volta-se, de forma a olhar novamente para o homem, através da montra do *Starbucks*.

Ele, entretanto, mudou-se para a mesa das duas mulheres.

\* \* \*

Na manhã seguinte, não se ouvem piadas nem se vê ninguém na galhofa na Sala de Situação. Aliás, não se ouve nem se vê grande coisa. O espaço está praticamente silencioso, e fica ainda mais taciturno quando ocupo o meu lugar na fila da frente. Devem achar que trago más notícias.

– Calculo que a maioria de vós já sabe que a Janet Gislingham deu entrada ontem no hospital.

Assim que souber alguma coisa, seja o que for, ponho-os imediatamente a par, mas devemos assumir, pelo menos para já, que o Chris não virá trabalhar nos próximos dias, pelo que teremos de arranjar rapidamente quem o substitua. Quinn, deixo isso a teu cargo.

O Quinn levanta-se da secretária onde estava instalado.

– Claro, chefe. Mas antes de mais, gostava de pôr todos a par do que se passou ontem à noite. – Olha em redor antes de prosseguir. – Recebemos uma chamada de uma mulher que viu um homem vestido com equipamento de alta visibilidade a deitar qualquer coisa num contentor de obra precisamente na tarde em que a Daisy desapareceu. Achou estranho, já que ainda não se vê ninguém a trabalhar naquele estaleiro. Seja como for, já lá estivemos e conseguimos recuperar do contentor um pacote que estava embrulhado em folhas de jornal. Do *The Guardian*, para ser mais preciso. Datado da véspera, ou seja, 18 de julho.

– E o que era?

– Um par de luvas de trabalho, tamanho XL. Daquelas que se usam nas obras. Com as palmas num material plastificado cinzento e cor de laranja fluorescente nas costas. E também tinham sangue, temo dizê-lo. Bem como outras manchas arroxeadas, mas que associo a outra coisa. A equipa da polícia científica está a analisá-las neste preciso momento.

Olho em volta da sala.

– E então, quando já todos achávamos que o Barry Mason poderia, afinal, estar livre de suspeitas, ei-lo novamente na ribalta.

– E há ainda outro problema. – Desta vez é a Everett. – Acabei de falar ao telefone com o David Connor. O pai da Millie, recordam-se? Bom, parece que já conseguiram falar com a miúda e ela contou-lhes um episódio que aconteceu na véspera do dia da festa, quando as meninas estiveram em casa dos Connor a experimentar as fantasias. Aparentemente, a Daisy terá suplicado à Millie para ela não contar a ninguém.

– Contar o quê? Alguma coisa que ela fez?

– Não, chefe. Que o *Leo* fez.

\* \* \*

– Como é que tens passado?

O Leo olha para mim, depois para o chão. Veste calções e uma camisola do Chelsea que é demasiado grande para ele. Tem crostas num joelho e um arranhão que lhe desce pela perna direita. O Derek Ross está sentado à mesa, ao lado dele, e a Sharon está na sala ao lado, com a advogada, a assistir à entrevista através da transmissão de vídeo. De vestidinho de verão e bolero de malha branco, parece que passou por cá a caminho de uma regata.

Everett passa uma lata de Coca-Cola ao rapaz e sorri-lhe.



– Para o caso de teres sede.

– Bom, Leo... – começo. – Vou ter de te fazer mais perguntas e, infelizmente, algumas podem ser um bocadinho desagradáveis. Mas se te sentires desconfortável, se ficares aflito ou preocupado, dizes-nos logo, sim?

Ele assente, sem deixar de brincar com o anel da abertura da lata.

– Lembras-te dos bombeiros que estiveram em tua casa a apagar o fogo?

Novo assentir de cabeça.

– Pois é... Sabes que quando há um incêndio assim, o chefe dos bombeiros tem de fazer um relatório para tentarmos perceber o que aconteceu...

Nenhuma reação.

– Bom, eles acabaram de me enviar uma cópia desse relatório. Queres saber o que diz?

Ele não olha para mim, mas ouve-se um clique, e o anel parte-se.

– Diz que, afinal, a garrafa com combustível não foi atirada do caminho ao lado do canal. Foi o que eles pensaram, de início, mas agora perceberam que estavam enganados. Parece que chegaram a essa conclusão devido à forma como a janela partiu. É mais ou menos como nas séries policiais, sabes? Quando juntam todos os bocadinhos de vidro e fazem uma espécie de *puzzle*?

– *CSI* – diz o Leo, ainda de olhos postos na lata. – Já vi fazerem isso. E no *Lei & Ordem* também.

– Exatamente, é mesmo disso que estou a falar. Bom, depois de terem feito todas essas cenas fixas da investigação, os bombeiros concluíram que o incêndio começou no interior da casa. E sabem em que quarto foi, porque encontraram vestígios de gasolina. Só nesse quarto é que havia gasolina, entendes? Não encontraram em mais lado nenhum.

Silêncio.

– Sabes onde começou o fogo, Leo?

Ele encolhe os ombros, mas cora visivelmente.

– Foi no teu quarto, não foi?

Silêncio. O Derek Ross olha para o Leo durante uns segundos, depois para mim, assentindo. Podemos continuar.

Respiro fundo e prossigo.

– Lembras-te do dia em que nos conhecemos? Quando a Daisy desapareceu? Até me disseste que gostaste muito do fogo de artifício da festa, recordas-te disso?

Ele assente com a cabeça.

– Foi uma coisa parecida com isso que viste, Leo? Naquela noite, acordaste com um grande barulho lá fora, e quando olhaste pela janela, viste as garrafas de combustível a explodirem no jardim e achaste que era fogo de artifício?

O silêncio mantém-se.

– Sabes o que acho que aconteceu? Reparaste que uma delas não rebentou, e então desceste ao

jardim, foste apanhá-la e trouxeste-a para dentro de casa, deixando a porta das traseiras aberta. E acho que foste buscar fósforos à cozinha e voltaste para o teu quarto. Depois, acendeste a bomba, e foi assim que o incêndio começou.

O miúdo está vermelho que nem um tomate. O Derek estende a mão e pousa-a suavemente no braço dele.

– Estás bem, Leo?

– Podes contar-nos – continuo – o que aconteceu depois disso? Ouviste a tua mãe gritar por ti?

Ele fala num fio de voz. Tão baixo que me vejo forçado a aproximar-me dele.

– Ela estava lá em baixo.

– Sim, mas tu não tentaste descer? As chamas já estavam demasiado grandes?

Ele abana a cabeça.

– Não tiveste medo? Não percebeste que podias ficar gravemente ferido?

Um encolher de ombros.

– Eles não se importavam. Eles só se importam com a Daisy, comigo não. Eles até queriam devolver-me.

Sinto a Everett a olhar para mim. Sabe tão bem como eu o que tenho de fazer a seguir. Ainda que eu me odeie por ter de o fazer. Ainda que não consiga prever que tipo de danos isso pode vir a causar.

– Leo – digo, num tom suave –, sabes o que significa ser «adotado»?

Ele assente.

– A Daisy disse-me. Contou-me que eu não era irmão dela de verdade e que era por isso que ninguém gostava de mim.

Duas enormes lágrimas transbordam-lhe dos olhos, rolando pelas faces.

– Isso é uma coisa muito feia de se dizer. Foi a meio de uma discussão?

Ele acena com a cabeça.

– Foi no dia em que ela desapareceu? Foi nesse dia que ela te disse isso?

– Não. Já foi há muito tempo. A meio do período.

Há cerca de dois meses, então. Mais ou menos na altura em que o Leo começou a ter comportamentos estranhos. Quando começou a ser agressivo e violento. Não é de estranhar. Coitado do miúdo.

– E sabes como é que ela descobriu?

– Ouviu-os a falar. Eles não sabiam que ela estava lá. Ela está sempre a fazer isso. Sabe imensos segredos.

Faço um gesto à Everett, indicando-lhe que é a vez dela.

– Fala-nos do dia em que a Daisy desapareceu, Leo – diz-lhe ela, num tom carinhoso.

Novas lágrimas rolam silenciosamente.

– Eu estava zangado com ela por ter fugido e me ter deixado sozinho com aqueles miúdos. Gritei com ela.

– OK, tiveram uma discussão. E o que é que ela te disse?

– Que tinha outro irmão. Um irmão verdadeiro. Que o pai tinha um filho decente e que ia estar com ele, e que já não precisava de um adotado.

– E isso deixou-te triste?

– Eu já sabia que eles não gostavam de mim – responde, de olhos baixos.

Agora é a vez de a Everett ficar perturbada, consigo vê-lo nos olhos dela. Esta sala está tomada por uma dose de dor demasiado elevada para um menino tão pequeno suportar.

– E o que se passou quando chegaste a casa nessa tarde? – pergunta a Everett, por fim. – Viste a Daisy?

Ele olha-a nos olhos.

– Foi como eu disse. *Não queria* vê-la. Estava chateado. Não sei o que aconteceu. Estava a ouvir música.

– Leo – digo, esforçando-me por manter o tom de voz estável. – Acabaste de nos dizer que estavas muito chateado com ela. Tens a certeza de que não foste ao quarto da Daisy assim que chegaste a casa? Se foi isso que aconteceu, todos nós entendemos, afinal, ela disse-te coisas horríveis. Eu ficaria muito zangado se alguém me dissesse coisas tão feias. E, às vezes, quando ficamos zangados, alguém se magoa. De certeza que não foi isso que aconteceu à Daisy?

– Não – responde ele, de forma veemente. – Já disse como é que foi.

– Já tinhas ficado zangado uma vez na escola, não é verdade? Com um daqueles miúdos que te andava a chatear. Tentaste espetar-lhe um lápis no olho.

– Ele estava a magoar-me – diz ele, encolhendo os ombros.

– E não aconteceu também outra coisa, no dia antes de a Daisy desaparecer? Quando elas estavam todas em casa dos Connor, a experimentar as fantasias?

Ele volta a corar.

– Foi sem querer.

– O Sr. Connor contou-nos que batestes na Daisy. Que correste atrás dela com uma espécie de varinha de mágico?

– De feiticeiro. Mágicos são para crianças.

– Certo, mas não é isso que está aqui em causa, pois não, Leo? Porque é que lhe quiseste bater?

– Ela tinha estado a dizer coisas más sobre mim. E as miúdas estavam todas a rir.

– OK. E isso voltou a acontecer no dia da festa? Ela disse-te coisas más, tu voltaste a ficar zangado e batestes-lhe? Talvez ela tenha caído e batido com a cabeça? Se foi isso que aconteceu, eu compreendo. E a Inspetora Everett também. Tal como o Derek.

Ele volta a abanar a cabeça, determinado.

– Mas se uma coisa como esta tivesse acontecido à tua irmã – prossigo –, tenho a certeza de que te arrependias logo. E ficavas triste. E a coisa mais normal a fazer seria ires ter com a tua mãe e contar-lhe, certo? De certeza que ela ia querer ajudar-te a resolver as coisas. Foi isto que aconteceu, Leo?

Consgo imaginar o que neste momento se estará a passar na sala ao lado. Mas não quero saber.

O Leo volta a abanar a cabeça.

– Ela não é minha mãe. E a Daisy não é minha irmã.

– Mas ela ajudou-te? A tua mãe ajudou-te a resolver as coisas depois da tua discussão com a Daisy?

– Já lhe disse! Não vi a Daisy. Ela estava no quarto dela.

Eu e a Everett trocamos um olhar.

– Então, passou-se tudo como me contaste no início: chegaste a casa e ouviste a música alta no quarto da Daisy, e nunca mais voltaste a vê-la.

Ele assente.

– E tu estavas no teu quarto, a ouvir a tua música.

Novo acenar de cabeça.

– E estavas com os fones?

Ele hesita.

– Sim, porque eu também tinha a minha música.

– A tua música *e* os teus fones nos ouvidos?

– Sei lá. Eu odeio-os. Odeio-os *a todos*.

E, muito provavelmente, só queria esquecer tudo aquilo. E quem o pode culpar por isso? Neste momento, está a chorar a sério. Copiosamente.

Chego-me à frente e, com cuidado, com muito cuidado, pego-lhe nas mãos e subo-lhe as mangas demasiado compridas. As mangas demasiado compridas que ele usa sempre, mesmo com este calor. O Leo não faz nada para me deter.

Olho para as linhas vermelhas cravadas na carne. Calculo que tudo tenha começado quando descobriu que não tinha família. O médico sabia, e creio que a escola também desconfiou. Mas nenhuma das pessoas que o deveriam amar e cuidar reparou que algo de errado se passava. Pobre Leo... Pobre Jamie. Pobres crianças abandonadas e sós.

– Sabes, Leo... sei bem o que isto é – digo-lhe docemente. – Também tive um filho que fez isto.

Pressinto a reação da Everett atrás de mim. A tensão quase tangível. Ela não sabia. Ninguém sabia. Não contámos a ninguém.

– Deixou-me muito triste e levei muito tempo a compreender, porque eu amava-o muito e achei que ele sabia.

Mas agora compreendo e penso que sei porque é que ele o fazia. Fazer isto dói menos do que

toda a restante dor, não é? Faz com que essa outra dor não seja tão má. Mesmo que seja só por um bocadinho.

O Derek Ross aproxima-se do Leo e põe um braço nos ombros do rapaz, trémulos do choro.

– Está tudo bem, Leo. Está tudo bem. Vamos resolver as coisas. Prometo, vai ficar tudo bem.

Assim que saio, deparo-me com uma Sharon verdadeiramente furiosa à minha espera.

– Como *se atrevem*?! – grita ela, aproximando-se perigosamente de mim e apontando-me uma longa unha escarlata. Também são novas, estas. – Como é que *você se atreve* a arrastar-me para o meio de tudo isto? Se aquele miúdo estúpido fez alguma coisa à Daisy, eu *não* sei de nada, ouviu bem? Desde o primeiro dia que insinua que não sou boa mãe, e agora está a sugerir que aquele miúdo matou a minha filha e que eu o ajudei a *resolver as coisas*? Que eu o *encobri*? O que *lhe* dá o direito... que porra de *direito* tem de...

– Sra. Mason – intervém a advogada, muito aflita. – Creio que isto não é...

A mulher ignora-a e chega mais a cara à minha, sibilando de fúria.

– Se fosse a si, pensava duas vezes antes de acusar *outras pessoas* e dar palpites sobre como devem educar os filhos. Afinal de contas, a minha filha está só desaparecida. O *seu* filho está *morto*!

\* \* \*

*4 de abril de 2016, 10h09*

*106 dias antes do desaparecimento*

*Barge Close, 5, sala de estar*

Barry está refastelado a assistir a uma série policial americana, com uma lata de cerveja na mesinha ao lado. A porta abre-se de rompante e Sharon irrompe pela sala. Traz o blusão de cabedal do marido numa mão e uma folha de papel na outra.

– Que porra é esta?!

Barry ergue o olhar, vê o que a mulher tem e estende a mão para a lata de cerveja.

– Ah, isso...

– Sim, *isso*.

Ele encolhe os ombros. A expressão descontraída é, talvez, um pouco forçada.

– Qual é o problema de uma miúda recortar coisas de revistas? É típico da idade, sabe lá o que significa.

– Ela já não é assim tão miúda, tem oito anos.

– Como te disse, não é nada de mais.

A cara de Sharon está vermelha de fúria.

– É *nojento*, é o que é! Deves achar que sou estúpida, mas tenho olhos na cara. Vejo bem a maneira como pegas nela, como a sentas no colo... e agora *isto*?

Barry pousa a lata e olha para a mulher.

– Estás mesmo a falar a sério? Estás a dizer-me que não posso pegar na minha própria filha ao colo?

– Não da maneira como o fazes.

– E que porra queres dizer com isso?

– Sabes perfeitamente o que quero dizer. E também vejo bem o modo como ela olha para ti...

– Ela olha para mim como o raio do *pai* dela!

– ... e os segredinhos ao ouvido um do outro e a forma como olham para mim, nitidamente a gozar-me.

– Não acredito que estou a ouvir isto! Quantas vezes mais vamos ter de ouvir essa lengalenga? Já te disse mil vezes que ninguém está a gozar contigo, tu é que imaginas essas coisas na tua cabeça.

– Ah, claro, e tu és o Papá da Década – responde ela, num tom sarcástico.

– Pelo menos, não tenho ciúmes da minha própria filha – diz-lhe Barry, levantando-se.

Ela reage, espumando de raiva.

– *Como te atreves!?*

– Porque é disso que se trata, não é? Exatamente como foi com a Jessica.

– Não a metas nisto! É completamente diferente.

– É *exatamente a mesma coisa*. Não suportas seres relegada para segundo plano, não é verdade? Seres outra coisa que não o centro das atenções. Aconteceu com a Jessica e está a acontecer agora. Com a porra da tua própria filha! Só sabes dizer mal dela quando não está presente e nunca lhe dizes nada de simpático. Nunca te ouvi a dizer que está gira ou que é bonita...

– A minha mãe nunca me disse que eu era bonita.

– A questão *não é essa, porra*. Lá por a tua mãe ter sido uma cabra durante toda a vida, isso não significa que também tenhas de ser.

– A Daisy já é demasiado mimada por ti. Precisa de aprender que não pode viver a vida toda à espera que o mundo gire à volta dela! Não é a *princesinha* de ninguém, apesar de tu lhe dizeres isso a cada minuto de cada santo dia!

Barry aproxima-se da lareira, mas depois volta-se para encarar a mulher.

– Estás a querer dizer-me que a tratas mal de forma deliberada? Que é para *lhe ensinares uma lição*? – Abana a cabeça. – Por vezes, pergunto-me se gostas um bocadinho que seja da tua filha.

Sharon empina o queixo.

– É para compensar o amor *excessivo* que lhe dás. Um dia, ela ainda me vai agradecer.

– *Meu Deus!* Depois de tudo o que passaste para a ter, depois daquilo que *ambos* sofremos, é só isso que tens para dizer? Se queres que te diga, às vezes não te percebo. Não te percebo mesmo.

Sharon murmura qualquer coisa, mas sai demasiado baixo. E cora de forma óbvia.

– O que disseste?

Ela volta-se para ele e ergue novamente o queixo, desafiando-o.

– Disse que é difícil amarmos alguém que nos despreza.

Barry solta um suspiro teatral.

– Ela não te *despreza*, por amor de Deus! Faz tudo o que pode para *te agradar*. Todos nós, aliás.

Andamos todos com pezinhos de lã nesta casa. Só para não te incomodar.

– Não sabes as coisas que ela diz de mim! Coisas horríveis, verdadeiras maldades. E tu não vês porque ela faz questão de as dizer quando não estás presente. É demasiado esperta.

– Que tipo de coisas? – Barry põe as mãos nas ancas.

– Como assim?

– Estás a dizer que ela só fala mal de ti quando não estou por perto, por isso, dá-me um exemplo.

Alguma coisa que ela tenha dito.

Sharon abre a boca, mas volta a fechá-la. Pondera uns segundos, mas acaba por responder:

– Ela contou-me que a mãe da Portia estava a organizar um clube de leitura e que iam começar com *Orgulho e Preconceito*, mas ela disse logo à Portia que eu não estava interessada.

– E então? É a mais pura das verdades, não é? Tu detestas esse tipo de porcarias. Jamais alinharias nisso nem que te pedissem de joelhos, por isso... qual é o problema?

– Foi a maneira como ela o disse. Como se eu fosse demasiado ignorante para perceber a Jane Austen.

– Lá estás tu a levar as coisas demasiado a peito. A Daisy só tem oito anos, caramba, não...

A mulher interrompe-o.

– E noutra ocasião disse-me maravilhas da mãe da Nanxi Chen, por ser supercultu e muito viajada, e ela contou-lhes que eu fiquei em segundo lugar no concurso *Miss South London*.

– E? O que é que isso tem de mal? Ela tem orgulho em ti. E aposto que a Nanxi ficou bem impressionada, ela é toda ligada a essas coisas. Nos Estados Unidos, isso é muito importante.

Sharon olha-o com uma expressão de desprezo.

– Não percebes mesmo nada, pois não? De certeza que a Daisy pintou a minha imagem como sendo uma cabecinha oca a desfilas de biquíni, como se estivesse numa feira de gado...

Barry faz um gesto com as mãos, rendendo-se.

– Desisto. A sério. As miúdas de oito anos não pensam assim. Para ela, tu és a mãe mais bonita do mundo, gosta de te elogiar, e tu insistes em ver o lado negativo em tudo o que lhe diz respeito, mesmo quando não existe.

– E como é que sabes tanto acerca disso, se nunca estás cá para ver?

– E quem é que me pode culpar... – comenta ele, soltando um suspiro teatral.

– Quer dizer que admities? – diz ela, aproximando-se dele. – É por isso que chegas sempre tarde a

casa? Aposto que andas com outras.

– Estou no raio do ginásio. Ou a trabalhar.

– Ai, sim? Quer dizer que se eu ligasse para o ginásio, era isso que eles me diriam? Que vais lá três ou quatro dias por semana ao fim da tarde?

– Se queres fazer essa figura, força, diverte-te. Mas, se queres saber, só ias parecer uma daquelas patéticas donas de casa desesperadas.

– Estás farto de mim. Estou a ficar gorda, por isso queres trocar-me por uma modelo escanzelada com mamas grandes. Vejo bem a forma como olhas para esse tipo de mulheres.

– Oh, por amor de Deus, não venhas outra vez com essa conversa! É por isso que andas a vasculhar os bolsos dos meus casacos? Para ver se descobres talões de multibanco? Olha que não vais encontrar nada disso. E, pela última vez, e para que conste, tu *não estás gorda*.

– Estou três números acima do que usava quando me conheceste! Sobretudo depois de ter tido a Daisy.

– Não a vais culpar por isso, pois não? Por favor, Shaz...

– *Não me chames isso!*

Dá-se uma pausa de alguns segundos.

– Desculpa.

Ele engole em seco e avança um passo.

– Ouve, eu sei que tu não... enfim, já não és tão magra como eras. Mas também sabes o que penso disso. Não tem nada que ver com o facto de teres tido a Daisy. Estou farto de te dizer para ires ao médico. Tu praticamente não comes, e mesmo assim...

Sharon está agora com lágrimas nos olhos. Lágrimas de raiva.

– E mesmo assim, estou *gorda*. É isso que queres dizer, não é?

– Não. Gorda não, só não estás como...

– Como estava antes de ter a Daisy – acaba ela, amarrotando a folha dentro do punho. – Antes de ter a porra da *Daisy*...

Ouve-se um ruído que vem do exterior da sala. Barry precipita-se para porta.

– Oh, meu Deus, será ela? Tem a mania de ouvir atrás das portas...

Abre a porta de rompante, ainda a tempo de ver a filha a correr escadas acima.

A menina para a meio das escadas e volta-se para enfrentar o pai, o pequeno rosto coberto de lágrimas.

– Eu *odeio-a... odeio-a!* Quem me dera que ela morresse para eu poder ter outra mamã! Uma mamã que gostasse de mim e...

– Daisy, minha princesa – diz ele, precipitando-se pelas escadas e abrindo os braços. – Nós amamos-te muito! O papá e a mamã.

– *Não quero* ser a tua princesa! Odeio-te! Deixa-me em *paz*!



Daisy desaparece da vista e, segundos depois, ouve-se a porta do quarto a bater.

\* \* \*

– E então, em que pé estamos a nível forense?

São 11h30 e estamos de regresso à Sala de Situação de St. Aldate – incluindo a Everett, que pediu à Mo Jones para a substituir na pousada. Ela justificou-se com o facto de ter de levar o pai ao médico, mas se o verdadeiro motivo é estar farta da Sharon, percebo-a perfeitamente. O Quinn acabou de desligar o telemóvel.

– Estão a acabar as análises preliminares – diz-me. – Não há impressões digitais no jornal, mas o sangue nas luvas é definitivamente da Daisy.

Respiro fundo. Então, ela está mesmo morta. Já não restam dúvidas quanto a isso. Eu já sabia há muito tempo – acho que todos nós. Mas saber e descobrir provas irrefutáveis são coisas diferentes. Mesmo quando já se lida com este tipo de situações há muitos anos, como é o meu caso.

– E há vestígios de outro tipo de ADN – acrescenta o Quinn, quebrando o silêncio pesado. – Dentro e fora das luvas. Confirma-se que é do Barry Mason.

Gera-se uma certa onda de *conquista* dentro da sala. Não de triunfo, claro, jamais em circunstâncias tão tristes como esta. Mas todos sabemos que não há uma boa razão para o facto de as luvas daquele homem aparecerem num contentor qualquer, a mais de quilómetro e meio de casa dele, cobertas com o sangue da filha.

– E há mais uma coisa – solta rapidamente o Quinn. E é mais uma descoberta importante, dá para perceber pela cara dele. – Há fragmentos de brita nas luvas, por dentro e por fora. Brita e herbicida. Parece uma combinação estranha para alguém que se limita a construir anexos, por isso decidiram que valia a pena fazer a contra-análise a uns resíduos brilhantes, comparando-os com um agregado que é utilizado no balastro ferroviário. E é *exatamente* a mesma coisa. E também compararam o herbicida com aquele que a Network Rail<sup>9</sup> usa, tendo concluído que se trata do mesmo – um produto industrial, especializado, que não se arranja propriamente na drogaria da esquina.

Por esta altura, já todos se entreolham, e o nível de ruído aumenta substancialmente. Estão todos a pensar o mesmo: só existe um sítio que cumpre todos estes requisitos, e fica a menos de um quilómetro do local onde foram encontradas as luvas.

– OK – digo, elevando a voz para me fazer ouvir. – Quinn, segue já para a passagem de nível. E as equipas de busca que vão lá ter.

– Eles já cobriram toda essa zona, chefe – observa o Baxter.

– Pois que a cubram outra vez. Porque, pelos vistos, falhou-nos alguma coisa.

Lá fora, no corredor, vejo a Anna Philips a caminhar na minha direção, com um papel na mão.

– Encontrei-a – diz-me, com um sorriso.

– Desculpe?

O sorriso esvai-se ligeiramente.

– A Pauline Pober? Lembra-se? A mulher que foi citada como testemunha naquele artigo sobre os Wiley, quando a Jessica morreu?

– Ah, claro. Onde está?

– Viva e de boa saúde, a viver numa terreola a pouco mais de 15 quilómetros daqui, acredita?

Combinei passarmos por lá amanhã de manhã, para falarmos um pouco. Isto se não se importar que eu vá, claro. Sei que sou civil, mas como fui eu que a encontrei, gostaria muito de conduzir a conversa.

Não tenho coragem de lhe dizer que a agenda se alterou substancialmente.

– Excelente trabalho, Anna, a sério. E não me importo nada que vá falar com ela. Mas leve um agente consigo, temos de seguir as normas.

– Claro. O Gareth... o Inspetor Quinn ficou de destacar alguém para esse efeito.

– Ótimo. Depois informe-me do teor da conversa, sim?

Ela deve ter-se apercebido de algo na minha expressão ausente, já que me olha com alguma desconfiança.

– Certo – diz-me. – É o que farei.

\* \* \*

Já está a chover no momento em que Quinn chega ao estacionamento junto à passagem de nível, tendo-se levantado uma ventania desagradável. Apercebe-se subitamente da sorte que tiveram por não ter chovido desde que as luvas foram deixadas no contentor – um aguaceiro forte podia ter limpado todos os indícios. Quando sai do carro, Erica Somer encaminha-se para ele, vinda de um carro-patrolha que se encontrava estacionado mais à frente. Traz o cabelo preso atrás, mas o vento fustiga-o contra o rosto. Quinn lembra-se de já a ter visto. Foi ela quem entregou aquele DVD na sede. Bonita. Muito bonita, aliás. Apesar de a farda não ajudar. Dá por ele a imaginá-la com um belo par de saltos altos, tal como os que Anna Philips usa.

Segue-a pelo parque de estacionamento até à área vedada com grades metálicas de segurança. A toda a volta há cartazes a anunciar: ZONA EM CONSTRUÇÃO: PROIBIDO O ACESSO.

Somer abre o portão de acesso à obra e de seguida fecha-o com estrondo atrás deles.

– Pedi ao encarregado da obra que estivesse presente, Inspetor. Está ali à frente, no barracão de apoio.

O homem já estava claramente à espera deles, uma vez que desce os degraus do barracão de

apoio à obra assim que os vê a aproximar. Tem orelhas de abano e a cabeça rapada.

– Inspetor Quinn? – diz ele, estendendo a mão. – Martin Heston, muito prazer. A sua colega pediu-me que viesse fazer um ponto da situação dos trabalhos que andamos aqui a fazer há duas semanas.

Nota máxima à Sommer, pensa Quinn, recebendo a folha de obra das mãos do interlocutor.

– Como pode ver, temos estado a demolir a velha ponte pedonal e a assentar novos carris numa das linhas.

– E a maior parte destes trabalhos realiza-se à noite?

– Tem de ser, amigo. Os comboios têm de estar parados.

– Muito bem. E durante o dia? Há alguém a trabalhar?

– Não, pelo menos enquanto decorrem os trabalhos noturnos. Não há necessidade de andarmos a pagar aos homens para eles ficarem sentados, não é verdade? Por vezes, chegam encomendas de material, e temos sempre cá alguém para as receber, mas é só isso.

– E não há seguranças?

– Não há necessidade, amigo. Todo o equipamento fica guardado e protegido atrás de uma cerca de arame farpado, do outro lado da via. Entrou na obra de comboio e só assim é que alguém o levava para fora.

– Certo. Portanto, se alguém resolvesse vir passear para aqui durante o dia, podia passar despercebido?

Ele pensa na pergunta.

– Bom, suponho que podia ser visto do lado de lá, mas aquilo está cheio de árvores. Quando a passagem de nível estava aberta, vinha muita gente por aqui, para cortar caminho para as hortas. Estacionavam por aqui, levavam as tralhas e atravessavam. Mas agora só têm acesso por Warton Well, que fica...

– Eu sei onde fica.

Quinn olha em redor. Uns metros à frente, é visível uma pilha de equipamentos de jardim, velhos e ferrugentos. Carrinhos de mão, sacholas, sacos de adubo vazios, pás e picaretas enferrujadas, vasos de barro partidos.

Quinn abre a folha de obra e dá-lhe uma vista de olhos.

– E o que é que estava a ser feito na noite do dia 19?

Heston aponta para uma quadrícula.

– Acabámos o trabalho de demolição da ponte velha e começámos as fundações para a nova.

– Espere lá, está a dizer-me que andaram a escavar buracos gigantes numa área onde qualquer pessoa pode simplesmente passar. E cair?

O encarregado reage, visivelmente tenso.

– Posso garantir-lhe que cumprimos sempre as boas práticas de saúde e segurança no trabalho.

Esta área está totalmente vedada ao público.

Quinn volta-se para observar o caminho por onde veio. Existe uma vedação, sim, mas de painéis amovíveis – que ele próprio facilmente afastaria para passar. Se tivesse de o fazer. Se tivesse um forte motivo para tal.

Volta-se novamente para o encarregado.

– Pode mostrar-me exatamente o que fizeram nesse dia?

Dirigem-se até à nova ponte pedonal, onde os pilares já começam a erguer-se das fundações.

– Que profundidade têm estas fundações?

– De início, calculámos três metros – esclarece Heston –, mas assim que começámos a escavar, a fossa encheu-se logo de água. Port Meadow é uma planície fluvial, por isso sabíamos que isso seria um problema, mas as coisas acabaram por ser mais complicadas do que esperávamos. Acabámos por fazer um buraco com cerca de seis metros.

– E foi isso que fizeram nessa terça-feira à noite?

– Exatamente.

– E se, por acaso, estivesse alguma coisa no fundo dessa fossa, algo pequeno, como uma criança, vocês teriam dado logo por isso? Mesmo à noite?

Heston fica pálido que nem um fantasma. Certamente terá netas pequenas.

– Meu Deus, o Inspetor acha mesmo que alguém... Bom, mas a resposta é afirmativa. Teríamos dado logo por isso. Tínhamos projetores potentes e estivemos sempre a bombear a água, precisamente para ver o que havia lá em baixo. Era *impossível* os meus rapazes não darem por uma coisa dessas.

– Muito bem – diz-lhe Quinn, dobrando a folha e devolvendo-a. – Dois passos à frente, três atrás – comenta para a agente a seu lado.

Mas Erica continua a observar o encarregado – que está claramente a evitar manter contacto visual.

– Passou-se mais qualquer coisa, não é verdade? – diz ela. – Algo que não teve que ver com os «seus rapazes»?

Heston cora.

– Sim, mas... é praticamente impossível. Não estou a ver como é que podia acontecer...

– Mas?

Olha para ela por uns segundos, depois aponta para uma área de terreno próxima.

– Quando demolimos a ponte velha, empilhámos o entulho naquela zona... Cimento, tijolo, lastro, enfim, todo o desperdício. E a empresa contratada para a limpeza veio recolhê-lo nessa mesma noite, pois não tínhamos autorização para o fazer durante o dia. São as normas de saúde...

– ... e segurança no trabalho, certo – interrompe-o Quinn. – E de que empresa estamos a falar?

– A *Mercers*, uma firma de Swindon.

– Portanto, deixe-me lá ver se entendi isto bem – diz Quinn. – Nessa tarde, ficou aqui um monte de entulho. Mas, nessa mesma noite, essa sua firma...

– Minha, não, amigo. Não sou eu que decido quem é contratado.

– OK, já percebi. Seja como for, eles vieram nessa mesma noite para recolher o entulho.

– Afirmativo. Mas se está a sugerir que alguém enterrou alguma coisa aqui e que o homem do manobrador não deu por isso, digo-lhe já que não é possível. Caramba, isto não é um filme, esse tipo de coisas não acontecem.

– O que é que eles fizeram exatamente a esse entulho, sabe dizer? – pergunta-lhe Somer.

Heston encova ligeiramente os ombros.

– Foi transportado para o depósito de reciclagem da empresa. Lá é desfeito e transformado em brita, evitando-se que vá parar à via pública.

Quinn olha-o fixamente por uns segundos, depois abana a cabeça, tentando desfazer a imagem sinistra que lhe assoma a mente.

– Credo... – murmura.

– Mas é como lhe digo, senhor Inspetor – acrescenta rapidamente o encarregado –, estão a perder tempo se forem por aí. É impossível uma coisa dessas acontecer.

– Mesmo que se tenha passado durante a noite? Além disso, calculo que vocês nem sequer estariam particularmente atentos a um simples trabalho de recolha de entulho, certo?

– Já lhe disse que não foram os meus rapazes que recolheram o entulho, senhor Inspetor. Vão ter de falar com a *Mercers*.

– Ah, e vamos fazê-lo, Sr. Heston. Pode crer que sim.

Quinn volta-se para ir embora, mas é interpelado pela agente Somer.

– Foi apenas um golpe de sorte ou acha que eles sabiam?

– Desculpe?

– Seja lá quem for que tenha matado a Daisy, terá tido um golpe de sorte por vir aqui parar precisamente no dia em que entulho foi recolhido? Ou terá conseguido, de alguma maneira, saber previamente?

Quinn olha para Heston, que encolhe de ombros.

– Bom, nós deixamos avisos por toda a zona sempre que está previsto fazermos mais barulho do que o habitual. Não impede as queixas, mas pelo menos as pessoas não podem dizer que não foram informadas.

– Então, informaram os locais antes de começarem os trabalhos de demolição?

– Sim, claro. O barulho é quase insuportável, dos piores, mesmo. Os panfletos de aviso foram distribuídos no fim da semana anterior. Em toda a área circundante do estaleiro, num raio de quilómetro e meio.

– Incluindo Canal Manor?

– Está a gozar? Recebemos mais queixas dessa gente do que de qualquer outro sítio.

\* \* \*

À 13h00, recebo uma chamada do Quinn, ainda na passagem de nível, para me fazer o ponto da situação.

– Antes de irmos embora, analisámos mais atentamente o gradeamento de segurança. E eu tinha razão: no outro extremo do recinto, eles prenderam os painéis às grades do parque de estacionamento com simples abraçadeiras. E estão todas cortadas, alguém passou por ali, sem sombra de dúvida. Ninguém reparou porque aquela zona está coberta de silvas. Além disso, quem quer que o tenha feito voltou a colocar os painéis no sítio. E quase que aposto que foi daí que surgiram aquelas manchas arroxeadas encontradas nas luvas. Fiquei com a porcaria do fato todo manchado de sumo de amora.

Não contenho um sorriso. Não devia, mas é irresistível.

– Vou já seguir para Swindon – informa-me ele. – Por mais que me desagrade a ideia, vou querer ver com os meus próprios olhos.

– Queres que envie uma equipa forense?

– Para já, não, chefe. Vamos esperar até ver o que se encontra por lá.

– Certo, vou mandar a Everett substituir-te na passagem de nível.

Passa um comboio nesse momento, e deixo de o ouvir. A chiadeira é insuportável.

– Tens notícias do Gislingham? – pergunta ele, segundos depois.

– Deixei mensagem – respondo, com um suspiro. – Mas não, não soube de nada.

– Coitado... Vamos esperar que isso seja um bom sinal.

E espero *mesmo*. Ainda que o meu coração receie o contrário.

\* \* \*

*Entrevista com Barry Mason, conduzida nas instalações de St. Aldate, Oxford*

*25 de julho de 2016, às 13h06*

*Presentes: Inspetor-Chefe A. Fawley, Inspetor-Coordenador A. Baxter, Dra. E. Carwood (advogada)*

AF: Para que conste nesta gravação, o Sr. Mason acabou de ser detido por suspeitas do homicídio da sua filha, Daisy Elizabeth Mason. O Sr. Mason foi devidamente informado dos seus direitos. Muito bem, Sr. Mason, estou correto ao assumir que alguém com a

sua profissão tem habitualmente uma ampla variedade de equipamento de proteção pessoal?

BM: Sim. E daí?

AF: Encontrámos um blusão, um capacete e umas botas de segurança na caixa aberta da sua carrinha, bem como uma série de outros artigos semelhantes na sua residência.

BM: E?

AF: Também tem luvas de proteção, calculo?

BM: Dois pares, sim.

AF: Pode descrevê-las?

BM: Mas o que é isto? Agora é perito de seguros?

AF: Satisfaça-me esta curiosidade, Sr. Mason.

BM: Tenho um par de luvas preto e outro cor de laranja e cinzento. Satisfeito?

AF: Devo informá-lo de que ontem foram encontradas umas luvas cor de laranja e cinzentas dentro de um contentor de obras, em Loughton Road.

BM: E então?

AF: oram realizados testes periciais que provaram inequivocamente que o senhor usou essas luvas. Sabe como é que foram lá parar, Sr. Mason?

BM: Não faço ideia. Nem sequer me lembro quando é que as vi pela última vez.

AF: Quer dizer que não foi o senhor que as colocou nesse contentor, na tarde de terça-feira, 19 de julho?

BM: Claro que não. O que vem a ser isto?

AF: E tentou disfarçar a sua identidade, envergando outras peças de vestuário de proteção?

BM: Isto é de doidos! Esse foi o dia da festa. Para começar, nem tive tempo para isso. E por que raio é que eu haveria de me dar a tanto trabalho por causa da porcaria de umas luvas?

AF: Porque as usou para se livrar do corpo da sua filha, e é por isso que elas têm vestígios de sangue dela.

BM: Eh, calma aí! Como assim, *sangue dela*? Está a dizer-me que a encontraram? Mas por que raio ninguém me disse nada?!

EC: (*interrompendo*)

Isto é verdade, Inspetor? Encontraram a Daisy?

AF: Ainda não. Mas acreditamos que já sabemos onde é que o seu cliente poderá ter escondido o corpo. Porque as luvas que ele deixou no contentor de Loughton Road contêm vestígios de um tipo muito particular de agregado de construção civil. Tão particular, aliás, que nos levou diretamente até ao local onde o seu cliente enterrou a filha.

BM: *(para a Dra. Carwood)*

Isto é a sério?!

EC: Peço uns minutos para conferenciar em privado com o meu cliente.

AF: Leve o tempo que quiser. Entrevista terminada às 13h14.

\* \* \*

A chuva varre agora a passagem de nível, tendo passado subitamente de um mero chuveiro para uma verdadeira enxurrada. Everett para o carro mesmo à frente do portão, inclinando-se para o banco de trás para tirar o blusão impermeável. Ainda que o céu mais a norte esteja pintado de um azul brilhante, as nuvens por cima da sua cabeça surgem escuras e ameaçadoras, e o vento faz balançar as árvores. Tudo indica que as equipas de busca começaram agora mesmo: um grupo vasculha o monte de carrinhos de mão e material de jardim enferrujado e os restantes passam a pente fino a faixa de terreno que vai do portão até à zona que ainda contém restos do entulho. Na verdade, tiveram muito azar: a chuva já transformou o terreno num lodaçal alaranjado.

Sai do carro e vira o colarinho do blusão para fora, protegendo-se da chuva. Vem um comboio na sua direção, procedente da estação de Oxford. Os passageiros olham com curiosidade através das janelas embaciadas, atentos aos carros-patrulha e às equipas da polícia científica, vestidos com os seus macacões brancos. Um verdadeiro circo, portanto. De uma das carruagens, um adolescente mais atrevido tira fotos com o telemóvel. Everett espera que Fawley se tenha lembrado de avisar o gabinete de imprensa.

Ouve-se um grito, ainda que abafado pela barulheira gerada pela passagem do comboio. Assim que ela chega junto à equipa forense, um dos elementos está a retirar cuidadosamente qualquer coisa de debaixo das rodas ferrugentas de um dos carrinhos de mão. Está tão suja que não se consegue perceber o que é, mas quando ele a estende a seu lado, surge bem à vista de todos: duas mangas enlameadas, botõezinhos brilhantes, uma espécie de pompons à volta do colarinho.

– É um casaco de malha de menina – diz lentamente Everett. – A Daisy trazia-o à volta dos ombros naquela tarde, lembro-me de o ver nas imagens de videovigilância. No último dia em que foi



vista.

\* \* \*

## **BBC Midlands Today**

Segunda-feira, 25 julho de 2016 | Última atualização às 15h28

### **ÚLTIMA HORA: Pai detido no âmbito da investigação ao desaparecimento de Daisy Mason**

Numa breve declaração do DIC de Thames Valley, foi confirmada a detenção de Barry Mason, no âmbito da investigação ao desaparecimento da sua filha Daisy, de 8 anos, vista pela última vez há cerca de uma semana, e nos últimos dias têm crescido rumores sobre o possível envolvimento de algum elemento da família. Fontes próximas da investigação confirmam que Mason, de 46 anos, será acusado de homicídio, bem como de outros crimes não relacionados, alegadamente de natureza sexual. Serão prestadas mais declarações amanhã de manhã, com novos pormenores sobre as acusações. Não ficou claro se o corpo da pequena Daisy foi ou não encontrado.

A família Mason estará atualmente em parte incerta, na sequência do episódio de fogo posto à sua residência, na semana passada. Este facto tem sido relacionado com a recente onda de ódio contra a família Mason gerada nas redes sociais.

\* \* \*

**Richard Robertson** @DrahcirNostrebor 15h46

Então sempre se confirma que foi o pai – de certeza que abusou dela, coitadinha da miúda #DaisyMason

**Anne Merrivale** @Annie\_Merrivale\_ 15h56

Todo este caso da #DaisyMason é horrível. Espero que prendam o pai e deitem fora a chave. #JustiçaParaDaisy ☹☹

**Caroline Tollis** @ForWhomtheTollis 15h57

@Annie\_Merrivale\_ A Polícia já disse se encontraram o corpo? Não vejo nenhuma notícia *online* #DaisyMason

**Anne Merrivale** @Annie\_Merrivale\_ 15h59

@ForWhomtheTollis Também não vi nada ainda. Soube que eles não precisam necessariamente de um corpo, desde que se cumpram os requisitos de «suspeita de morte»

**Caroline Tollis** @ForWhomtheTollis 16h05

@Annie\_Merrivale Devem ter alguma prova. Algum indício conclusivo que o pai não tem forma de rebater #DaisyMason

**Anne Merrivale** @Annie\_Merrivale\_ 16h06

@ForWhomtheTollis Continuo a perguntar-me se alguém lhe terá oferecido boleia para casa. Alguém que ela conhecesse, tendo percebido, já tarde de mais, que não podia confiar?

**Caroline Tollis** @ForWhomtheTollis 16h07

@Annie\_Merrivale\_ Mas teria de ter sido alguém que a Daisy acompanhasse de modo voluntário, e não existe ninguém que se enquadre nesse cenário...

**Caroline Tollis** @ForWhomtheTollis 16h08

... pelo menos, que eu tenha sabido. E se a Polícia tem mesmo provas contra o pai, não pode ter sido isso que aconteceu, pois não @Annie\_Merrivale\_

**Anne Merrivale** @Annie\_Merrivale\_ 16h09

@ForWhomtheTollis Creio que não. E nem sequer é um caso de alguém ter forjado provas ou incriminado o pai. Não há ninguém com motivos para isso

**Garry G** @SwordsandSandals 16h11

#DaisyMason Eu não disse? Foi o pai. Pedófilo de um raio

**Scott Sullivan** @SnapHappyWarrior 16h13

Ouvi dizer que prenderam o pai por posse de pornografia infantil. Cenas *hardcore*. Sabe Deus o que terá feito à miúda #DaisyMason

**Angela Betterton** @AngelaGBetterton 16h17

Toda a gente da escola da Daisy está chocada com as notícias – ela era tão querida, uma menina tão feliz. Vai haver um memorial no início do próximo ano letivo #DaisyMason

**Elsbeth Morgan** @ElsbethMorgan959 16h17

No meio disto tudo, só espero que alguém esteja a dar apoio ao Leo – quem sabe, ele também pode ter sido molestado? #DaisyMason ☹

**Lilian Chamberlain** @LilianChamberlain 16h18

@ElsbethMorgan959 Toda esta triste história é de partir o coração #JustiçaParaDaisy ☹☹☹☹

**Jenny T** @56565656Jennifer 16h20

@ElsbethMorgan959 @LilianChamberlain Continuo a dizer que a miúda não parece nada vítima de abusos naquela fotografia – parece tão feliz, como que expectante por alguma coisa...

**Lilian Chamberlain** @LilianChamberlain 16h22

@56565656 Jennifer, entendo o que dizes, quem sabe não seria por causa da festa? Algo que a distraísse dos assuntos tristes? #JustiçaParaDaisy ☹ @ElsbethMorgan959

**Jenny T** @56565656Jennifer 16h24

@ElsbethMorgan959 talvez tenhas razão, mas é algo que não me sai da cabeça @LilianChamberlain #DaisyMason ☹☹☹

\* \* \*

– Chefe? Estou na *Mercers*.

A voz do Quinn soa como se ele estivesse dentro de um túnel de vento.

Ainda assim, consigo detetar-lhe a derrota na voz, com o ruído de fundo de maquinaria pesada.

– Calculo que sejam más notícias.

– Mande-lhe uma imagem. Recebeu?

Pego no telemóvel e procuro a mensagem que ele me enviou. A imagem é de um vasto espaço descoberto, como uma mina a céu aberto, cercado por gigantescas dunas de entulho. Veem-se três camiões a largar as respetivas cargas, formando uma onda densa de pó branco, e uma enorme máquina amarela está a esmagar os destroços, transformando-os num fluxo de areia.

Pego novamente no auscultador.

– Porra, estou a ver. E percebo a tua ideia.

– Eles nem sequer sabem o local exato onde foi parar o entulho vindo de Oxford. E mesmo que soubessem, só Deus sabe quantas toneladas de outros resíduos foram despejadas por cima desde essa altura. Comparado com isto, a agulha num palheiro é uma brincadeira de crianças. Isto não tem

mesmo a porra de uma ponta por onde pegar.

Ele não costuma praguejar. Pelo menos comigo.

– Junte a isso o facto de eles recusarem terminantemente a possibilidade de um cadáver lhes ter passado despercebido, por pequeno que fosse, por mais disfarçado que estivesse... Não assumem de maneira nenhuma.

– Mas também não têm como provar o contrário.

– Não, claro que não – diz ele com um suspiro. – Mas nós também não. A questão que se põe agora é: teremos indícios suficientes? Poderá o Ministério Público acusá-lo, apesar de não termos o corpo?

– A Ev ligou-me há pouco. Parece que encontraram provas materiais na passagem de nível. E também pode haver mais qualquer coisa. Estou à espera que alguém da Network Rail me ligue de volta.

A voz dele vacila ligeiramente.

– Estou a caminho.

\* \* \*

Recebo o *e-mail* 20 minutos depois. Descarrego o anexo, vejo o vídeo e depois convoco a brigada para a Sala de Situação – e vemo-lo todos juntos. Há alívio, há consenso e há até uma ou outra lágrima. Nada de festejos, nada de excessos, apenas o orgulho de uma equipa por um trabalho bem feito. E com razão. O Baxter oferece-se para deixar uma mensagem ao Gislingham («foi um excelente trabalho teres localizado aquele Ford Escort») e, no meio de tudo isto, recebo uma chamada do Comissário da Polícia, a perguntar quando é que pode informar a imprensa.

\* \* \*

Pouco depois das 15h00, a Emma Carwood chega e o Mason é trazido da cela. Desprezo-o desde o primeiro segundo em que olhei para ele, mas uma pequena parte de mim sente pena dele ao vê-lo a ser conduzido para a sala pelo agente da custódia. Parece literalmente sugado de si próprio, como se os ossos tivessem desaparecido e apenas a pele o mantivesse de pé. Acabou-se o «gabarolas». Quando se senta, parece um velho de 90 anos.

– Sr. Mason, esta entrevista é a continuação da que foi suspensa às 13h14. São agora 15h14 e acabo de ligar novamente o gravador. Estão presentes: Inspetor-Chefe Adam Fawley, Inspetor-Coordenador interino Gareth Quinn, Sr. Barry Mason, Dra. Emma Carwood.

Abro o meu portátil e viro-o na mesa, de forma a ficar de frente para o Mason. De seguida, abro o vídeo e ponho-o a correr. Ele fica a olhar para o ecrã, esfrega os olhos e fixa-o de novo.

– Não percebo... Porque me estão a mostrar isto?

– Isto, Sr. Mason, são as imagens da câmara de cabina de um comboio intercidades. Esta composição em particular partiu de Banbury às 16h36 de terça-feira, 19 de julho, e chegou a Oxford às 16h58. Como pode ver, às 16h56 o comboio começa a abrandar, à medida que se aproxima da estação, permitindo-nos ver rapidamente toda a área em redor da antiga passagem de nível.

O Mason enterra a cabeça entre as mãos e crava as unhas no crânio. Depois, ergue os olhos para mim.

– Estou completamente perdido... Isto só pode ser um terrível pesadelo. Não faço a mais pequena ideia do que se está a passar.

Ponho o vídeo em câmara lenta, e vemos os pequenos terrenos de cultura hortícola a surgirem à direita e a maquinaria pesada das obras estacionada em paralelo. Carrego em *pausa* e aponto para o ecrã.

– Aqui...

Do lado esquerdo da via, está uma figura de capacete, calças e blusão de alta visibilidade. Está de costas para nós, mas vê-se claramente que empurra um carrinho de mão pelo parque de estacionamento, em direção às novas fundações e ao monte de entulho que se encontra mesmo ao lado. Há um curto momento em que se consegue ver um lampejo do cor de laranja das luvas, e depois o comboio passa e a filmagem acaba.

O Barry Mason continua a olhar para mim com ar de quem não está a entender nada.

– Continuo sem perceber...

– É o senhor, não é? Nestas imagens?

Ele fica boquiaberto.

– Só pode estar a gozar. Claro que *não sou eu, porra*.

– Mas tem este tipo de equipamento de alta visibilidade, certo?

– Sim, tal como milhares de outras pessoas. Isto não prova nada.

A advogada intervém.

– Está mesmo a alegar que o meu cliente foi de carro até à passagem de nível, enfiou o corpo da filha num carrinho de mão que viu por ali e depois deixou-o naquela pilha de... sei lá eu do que se trata, tudo em plena luz do dia e sem que uma única pessoa reparasse?

– Nem lhe passa pela cabeça como é fácil isso acontecer, Dra. Carwood. As pessoas daquela zona já estão tão habituadas a ver homens das obras por ali que provavelmente nem sequer olhariam para ele duas vezes.

– E este carrinho de mão em concreto? Já o têm? Já foi examinado?

– A nossa equipa forense recolheu todos os carrinhos de mão que estavam no local e estão neste momento a analisá-los. Assim como dois outros artigos que podem ter uma relação direta com este caso. É óbvio que tencionamos pô-la a par de todos estes procedimentos. Posso continuar?

Ela hesita, mas acaba por assentir.

Volto-me novamente para o Mason.

– Então, Sr. Mason, como acabou de ser informado, foi encontrado um par de luvas de trabalho com o seu ADN e o sangue da sua filha. O mesmo tipo de luvas que o homem deste vídeo está a usar, sem sombra de dúvida. Também encontrámos partículas de balastro ferroviário nessas luvas. Continua a negar que é o homem destas imagens?

– Sim, claro que nego! Nunca estive sequer perto desse local, nesse dia. Já disse mil vezes, andei às voltas de carro e fui para casa. Ponto final.

– Não temos rigorosamente nada que comprove essa história, Sr. Mason.

– Quero lá saber, porra. Foi isto que aconteceu!

– Muito bem – digo –, vamos imaginar que sim, que a sua versão é verdadeira. Então, explique-me como é que um par de luvas com o seu ADN acaba dentro de um contentor de Loughton Road.

– Sei lá, posso tê-las deixado em algum lado. Qualquer pessoa pode ter pegado nelas.

– Quando é que as viu pela última vez? – pergunta-lhe o Quinn.

– Já lhe disse que não sei, não me consigo lembrar.

– Tudo bem – intervenho –, vamos aceitar que isso também é verdade, a título meramente argumentativo. Próxima pergunta: como é que o sangue da sua filha foi parar às luvas?

– Não sei – murmura ele, engolindo em seco.

– Não tem qualquer explicação? Ora, Sr. Mason, um mentiroso profissional como o senhor conseguirá certamente fazer melhor do que isso...

– Não há necessidade de vir com sarcasmos, Inspetor – interrompe a advogada.

– Ouçam – diz o Mason, com a voz quebrada –, algum de vocês tem filhos?

Abro a boca, mas não me sai nada.

– Não – responde rapidamente o Quinn. – Não que isso seja relevante para o caso.

– Pois, se tivessem – continua ele – saberiam que eles não param quietos, estão sempre a cair, a fazer arranhões e esfoladelas. A Daisy sangra frequentemente do nariz, e o sangue salta por todo o lado. Essas luvas de que falam estavam algures lá em casa, é perfeitamente natural que se tenham sujado assim.

Desta vez, é a advogada que intervém.

– Creio que também terão analisado a carrinha do meu cliente, certo, Inspetor? Bem como o equipamento de proteção que ele tinha na caixa aberta? E, tanto quanto sei, não foi encontrada qualquer prova incriminatória. Não havia fluidos nem ADN, nada.

O Quinn e eu trocamos um olhar. Isso continua a fazer-me confusão, é verdade. O facto de ele não ter deixado o menor vestígio na carrinha. Não me parece assim tão meticoloso. Mas, como o Quinn já fez questão de frisar, toda a gente é meticulosa a esse ponto, se o risco for demasiado alto.

Mudo de tática.

– A sua filha alguma vez esteve no parque de estacionamento junto à passagem de nível, Sr. Mason? Num passeio até Port Meadow, por exemplo?

Ele estende os braços na mesa e pousa a cabeça sobre eles.

– Não – diz, num murmúrio abafado. – Não, não, não, não...

A Emma Carwood volta-se para ele e toca-lhe no ombro.

– Barry?

Ele ergue-se subitamente. Tem os olhos marejados de lágrimas, mas limpa-os com a manga e inclina-se para a frente.

– Mostrem-me a porcaria dessas imagens outra vez – diz rapidamente, apontando para o ecrã. – *Mostrem-me outra vez!*

– OK – digo, levando o cursor para três minutos antes do ponto em que se encontrava e carregando no *play*.

Segundos depois, ele reage.

– *Aí... Ponham em câmara lenta.*

Estamos todos com os olhos fixos no ecrã. A sequência dura apenas dois ou três segundos. Vê-se alguém com o carrinho de mão a dar dois ou três passos, de cabeça baixa. E é tudo.

O Barry Mason recosta-se na cadeira, como um homem regressado do mundo dos mortos.

– Aquele não sou eu, Inspetor. E posso prová-lo. Ouviram bem? Ficou bem claro na porra desta gravação? *Posso provar que não sou eu!*

\* \* \*

São 17h45 e o Quinn e eu estamos de pé, atrás da secretária, enquanto a Anna Philips tecla qualquer coisa no computador.

– Tem a certeza de que não se consegue um plano melhor? Um que se veja a cara? – pergunto-lhe.

Ela abana a cabeça, mantendo os olhos fixos no ecrã.

– Lamento, mas não. Já tentei, mas ele está sempre de costas para nós.

– Que porra! – pragueja o Quinn, entre dentes. – Era só o que nos faltava.

– Mas aquilo que o Mason alega... Acha que é possível?

– Dê-me um segundo... – responde ela, franzindo os olhos para o ecrã. – Descarreguei recentemente uma aplicação de fotogrametria que ainda não experimentei, mas espero que nos consiga dar alguma resposta

– Que raio é isso? Nunca ouvi falar.

– Cria modelos tridimensionais de qualquer fotografia. Por acaso, é bastante impressionante, ora vejam...

Três cliques são suficientes, e o plano da câmara da cabina do comboio abre-se em 3D. Uma

reprodução maleável da realidade surge suspensa de um universo azul brilhante, como um daqueles cortes transversais que víamos na escola, nos livros de Geografia. Consigo ver a figura com o carrinho de mão, a linha férrea, as árvores, o extremo mais afastado do parque de estacionamento e até o mato que se estende ao longo da via. A Anna faz um movimento circular com o cursor e a imagem roda. Esquerda, direita, para cima, para baixo

– Isto é suficientemente preciso para nos dar as medidas certas – revela ela. – Altura, distância entre objetos, esse tipo de coisas. Até sou capaz de vos indicar a que velocidade seguia o comboio, se me derem algum tempo.

– Só preciso de saber se o Barry tem razão no que diz.

A Anna tecla mais qualquer coisa e a imagem surge coberta por uma grelha. Mais um clique e a imagem em 3D desaparece, deixando apenas visíveis as linhas entre os pontos, com números em cada interseção. A Anna recosta-se na cadeira.

– Receio bem que sim – diz ela. – Talvez não ao milímetro, mas sim. Ele tem razão.

\* \* \*

Às 11h15 do dia seguinte, Anna Philips estaciona à entrada da pequena casa vitoriana de dois pisos, onde vive Pauline Pober. O jardim da frente tem bonitos canteiros de malva-rosa e uma planta de borragem com flores roxas cobertas de abelhas. O Inspetor Andrew Baxter alivia a gravata no colarinho, ficando a olhar para a casa através da janela do passageiro. A chuva da noite anterior secou completamente e o sol já queima.

– Isto não vai dar em nada – diz ele, num tom impaciente. – Já prendemos o Mason, por isso, qual é o interesse?

Anna desliga o motor.

– Pois, mas a julgar pelo que vi ontem, a detenção do Mason não é assim tão linear. Além disso, combinei com a Sra. Pober que passaríamos por cá. Seria deselegante não aparecermos.

Baxter murmura qualquer coisa sobre velhas dos gatos – algo que Anna decide não ouvir. Saem e ela tranca o carro. Assim que se aproximam da casa, vê-se uma cortina da janela vizinha a mexer. Anna sabe bem o que isto é, já que foi criada num sítio muito semelhante – sabe que, por vezes, se revelam verdadeiros aquários de piranhas.

Mas tudo parece indicar que a Sra. Pober não estava assim tão atenta à chegada deles, uma vez que ainda demora uns bons três minutos a abrir a porta. Recebe-os com uma mancha de óleo numa das faces – e um cheiro bastante desagradável.

– Peço desculpa – diz-lhes, com um sorriso amplo, limpando as mãos às calças encardidas. – A porcaria dos canos entupiram outra vez e tive de lhes meter as varetas. Vamos lá para trás, sim? O ambiente é bastante mais arejado, se é que me entendem.



Anna reprime um sorriso ao reparar na expressão de Baxter, e seguem a velhota ao longo da casa, até um exíguo, mas resplandecente, jardim traseiro. Um quadrado de relva muito verde, coberto de flores de todas as cores do arco-íris: lavanda, clemátides, dentes-de-leão, cravos, gerânios azuis.

– Antes de o Reggie morrer, tínhamos um jardim que era três vezes o tamanho deste – revela ela.  
– Sozinha, não consigo dar conta de nada maior do que isto.

– É lindo, Sra. Pober – diz Anna, num tom simpático, sentando-se numa cadeira.

– Oh, trate-me por *Pauline*, por favor – pede a idosa, enxotando uma vespa. – Posso oferecer-lhes algo para beber? Tenho cerveja bem fresquinha no frigorífico.

– Muito obrigado, mas não bebemos em serviço – responde Baxter, já claramente entediado.

– Muito bem, como posso ajudá-los? Ao telefone disseram que era sobre aquele acidente horrível em Lanzarote, há uns anos?

– Exatamente – esclarece Anna. – Gostaríamos de saber se há algo que nos possa contar sobre isso, algo que não tenha saído nas notícias.

Pauline endireita-se na cadeira e passa um dedo pela sobrancelha.

– Bem, já foi há tanto tempo... Não sei como poderei ajudá-los.

Anna olha para Baxter, que deixa desde logo claro que a condução desta conversa de chacha é exclusivamente dela.

*Bom, perdida por cem, perdida por mil*, pensa Anna.

– A Pauline teve algum contacto com a família Wiley antes do acidente?

– Lembro-me de que eles vieram no nosso voo. Nessa época, o Reggie e eu já tínhamos viajado bastante, mas via-se perfeitamente que eles não. Lembro-me que levaram um saco gigantesco de sanduíches para o avião. Ah, e uma garrafa *termos*, acreditam? É claro que isto foi muito antes do 11 de setembro. A Sra. Wiley estava com muito medo de andar de avião. Estavam apenas duas filas atrás de nós e ouvimo-la durante a viagem toda. Não falava com alguém em particular, era só para acalmar os nervos.

– E as meninas, a Sharon e a Jessica?

– A Jessica era um amor de menina – recorda a idosa, com um sorriso. – Assim que pôde tirar o cinto, pôs-se a passear pelo corredor central, arrastando um enorme ursinho de peluche. Parava junto às pessoas e perguntava-lhes como se chamavam... Tão querida. Via-se bem que era muito mimada pelos pais.

– E a Sharon?

Pauline faz uma pausa para respirar fundo.

– Bom, os 14 anos nunca são uma idade fácil, não é verdade? Os exames escolares, as menstruações...

A cara de Baxter é um verdadeiro poema.

– E também ficaram no mesmo hotel?

– Sim, cruzámo-nos com eles algumas vezes, mas, para ser franca, o nosso programa preferido era observar pássaros, não ir à praia. O Reggie sempre detestou ficar deitado sem fazer nada. Eu até costumava dizer-lhe que tinha bichos-carpinteiros.

Anna sorri.

– Entendo o que quer dizer... Então, não viam muitas vezes os Wiley?

– Não. E eles também eram bastante reservados, devo dizer. Fiquei também com a sensação de que nunca tinham estado num hotel. Sei lá, eram pequenas coisas, como não saberem o que era o pequeno-almoço *buffet* ou o que fazer quanto às gorjetas. Nunca vi nenhum dos pais de fato de banho ao longo de toda a semana, nem mesmo quando estavam na praia. Ele só usava calções e *t-shirt*, e ela estava sempre com vestidos de verão. Agora que penso nisso, até acho triste. Era como se eles soubessem que deviam divertir-se, mas não fizessem a mais pequena ideia de como.

– E o que é que aconteceu naquele dia? Na tarde do acidente?

– Agora que volto a pensar nisso, digo-lhe que não é algo que gostemos de recordar ou que seja fácil de esquecer, não é verdade? O hotel tinha organizado uma festa na praia. Era habitual às sextas-feiras. Ao final do dia, havia jogos e gelados para as crianças e um churrasco para os adultos. Um programa muito simpático, na verdade. Algumas crianças entretinham-se a brincar nos barquinhos insufláveis, e lembro-me de ver a Sharon e a Jessica num deles – um que tinha um polvo colorido, acho que fazia parte do tema da festa. Bom, um pouco mais tarde, um dos empregados mais novos começou a perguntar-nos se sabíamos das meninas, porque há mais de meia hora que ninguém as via. Até que se gerou uma enorme confusão, com toda a gente a chamar por elas, a Sra. Wiley aos gritos, muito aflita, e o marido aos berros com os funcionários que estavam na festa. Até que alguém disse que lhe pareceu ter visto o barquinho do polvo já algo afastado da zona permitida. E depois só vimos o Sr. Wiley a arrancar a camisola e lançar-se à água, antes que alguém o pudesse deter.

Abana a cabeça, visivelmente abalada pela recordação.

– Muitos dos outros pais mais novos lançarem-se imediatamente à água atrás dele, graças a Deus, porque o pobre do homem ainda nem se tinha afastado meia dúzia de metros e já estava sem fôlego. Tiveram de o trazer de volta para a praia. Foram dois dos empregados mais jovens que conseguiram nadar até ao barco. Só que, por essa altura, as duas meninas já tinham caído à água. – Suspira, antes de concluir: – Creio que já sabem o resto.

– Como é que ficaram os Wiley depois disso?

– Pareciam dois... Como é que se chamam aquelas coisas que nunca morrem? *Zombies*, é isso. Parecia que o mundo tinha desabado sobre eles, coitados. Nessa época, não havia o tipo de apoio que as agências de viagens oferecem hoje em dia, por isso os desgraçados limitaram-se a ficar no hotel, tristes e abandonados, até ao voo de regresso a casa. Apareciam às refeições, mas não comiam uma garfada que fosse. Sentavam-se na receção, a fixar o vazio. Era de partir o coração.

– E a Sharon?

– Oh, essa ficou mesmo muito abalada, pobrezinha. Eu estava lá quando a trouxeram de volta para a praia. Deve ter engolido muita água salgada, porque não parava de vomitar. Mas quando regressou do hospital, não vi nenhum dos pais a dirigir-lhe uma palavra sequer... Minto, isso aconteceu uma única vez: o hotel organizou uma atividade qualquer, já não me lembro o quê, e a Sharon deve ter mostrado vontade de participar, porque subitamente, no meio do pequeno-almoço, o pai levantou-se e desatou aos gritos com ela. Disse-lhe que devia mostrar mais respeito, que a culpa tinha sido toda dela e que preferia que tivesse sido ela a morrer, e não a Jessica. Lembro-me bem. Depois atirou com o guardanapo ao chão e saiu de lá disparado. E foi a última vez que os vi.

Faz uma pausa e suspira, verdadeiramente impressionada.

– Coitadinha da miúda... Por vezes, dou por mim a perguntar-me o que lhe terá acontecido. Pobrezinha.

Faz-se silêncio e, de repente, num gesto vindo do nada, Pauline inclina-se para a frente na cadeira e olha para os dois com expressão desconfiada.

– Esperem lá... É por isso que estão aqui, não é? Como é possível eu não ter ligado as coisas? Sharon... Esse é o nome da mulher a quem a filha desapareceu, não é? A Daisy? É ela, não é? Por isso é que vieram falar comigo.

– Bom, na verdade... – começa Anna, mas Pauline nem a deixa falar.

– Não acreditam que aquilo foi um acidente, pois não? Acham que ela matou a irmã e agora fez o mesmo a própria filha...

– Ainda não temos certezas de nada, Sra. Pober – interrompe-a Baxter. – A investigação ainda está em curso e...

– Sei muito bem o que isso significa, meu jovem. Quer dizer que vocês acham que foi ela, mas não têm como provar. E agora querem que *eu* vos ajude a pender mais a balança contra ela.

– Tudo o que queremos é recolher o máximo de informação possível, Pauline, mais nada – esclarece suavemente Anna.

A idosa levanta-se, claramente trémula das pernas.

– Eu... creio que é melhor saírem.

O momento da despedida é manifestamente constrangedor para os três. Já fora de casa, Anna volta-se para agradecer à senhora, mas a porta é-lhe praticamente fechada na cara.

– Sra. Pober, desculpe... – tenta ela. – Posso só fazer-lhe uma última pergunta? Não é sobre a Sharon, prometo.

Abre-se apenas uma pequena fresta da porta. Anna suspira de alívio.

– Disse há pouco que a festa na praia era temática. Estava relacionada com a decoração dos barquinhos?

Pauline assente, mas agora está claramente na defensiva.

– Sim. Chamava-se *Octopus's Garden*<sup>10</sup>.

– Como a canção dos Beatles? Portanto, a decoração era à base de peixes, conchas, cavalos-marinhos, esse tipo de coisas?

– Esse tipo de coisas, sim. E as crianças mais pequenas podiam fantasiar-se a condizer, se quisessem.

– A sério? – Anna avança um passo. – Então, havia fantasias? E o que é que a Jessica vestia, recorda-se?

\* \* \*

*27 de julho de 1991*

*Hotel La Marina, Lanzarote*

Na primeira manhã de férias, a menina acorda bem cedo. O resto da família ainda está a dormir. Desliza para fora da cama de abrir que partilha com a irmã e veste-se rapidamente, tendo o cuidado de não acordar os pais. O pai ressona, de barriga para cima, e o rosto da mãe tem uma expressão mal-humorada, mesmo a dormir. Pega nos chinelos de dedo amarelos e sai do quarto, fechando cuidadosamente a porta atrás de si. Hesita momentaneamente, tentando lembrar-se para que lado são as escadas. Também há um elevador, mas ela nunca andou num e receia ficar lá fechada. No dia anterior, quando chegaram, o pai obrigou-as a galgar os três andares, bufando, arquejando e parando em cada patamar.

A receção está praticamente vazia àquela hora. Há uma campainha no balcão, para alguma urgência, e ao longe, algures lá para dentro, ouve-se o barulho típico das mesas a serem postas para o pequeno-almoço. Mas não é isso que ela procura.

As primeiras duas portas que tenta abrir estão trancadas, até que, finalmente, está na rua. Livre, por fim. Assim que chega à praia, descalça-se e caminha pela areia, de início algo hesitante, mas acaba por correr até perto do mar. A manhã ainda está fresca, o sol algo tímido, e ela sente-se como se fosse proprietária exclusiva deste dia magnífico. O infinito mar azul, as ondas prateadas e brilhantes que rebentam numa espuma branca sobre a areia lisa. Há anos que não se sentia tão feliz – pelo menos, desde que a irmã nasceu. Desde aquele momento em que tudo mudou.

Fecha os olhos e vira o rosto para o sol, vendo o laranja vivo a formar-se no interior das suas pálpebras e sentindo o calor na pele. Quando os abre novamente, vê uma mulher a passear lentamente pela beira-mar. Traz uma bebé pela mão, de vestidinho de flores e panamá cor-de-rosa. A mulher segura cuidadosamente a criança pela mão, ajudando-a a saltar as pequenas ondas, o que provoca salpicos da água e risadinhas de deleite. Quando chegam junto dela, a mulher dirige-lhe um sorriso

simpático.

– Olá. Acordaste cedo...

– Sim, não conseguia dormir. É a primeira vez que estou no estrangeiro.

– É tão bom termos a praia só para nós, não é? Nós vivemos mesmo junto à baía e adoramos vir para cá bem cedinho.

A mulher baixa-se para endireitar o chapéu da criança e ela ergue os braços, para que a mãe lhe pegue ao colo. A mulher levanta-a bem alto, volta-a na direção do sol e beija-lhes as faces rosadas, fazendo-a girar como um avião.

A menina observa atentamente, quase sem respirar, verdadeiramente enfeitiçada.

Por fim, a mulher pousa a filha na areia e continuam o seu passeio. Já estão quase a desaparecer de vista quando a menina dá por si a chamar a senhora.

– Como é que se chama a sua menina?

Ela volta-se e sorri-lhe de novo, enquanto uma brisa súbita lhe apanha o cabelo, as enormes argolas douradas e o bonito vestido de verão.

– Daisy – responde ela. – Chama-se Daisy.

\* \* \*

– Assim sendo, Sra. Mason, é a sua firme convicção de que o seu marido foi responsável pela morte da sua filha?

Sharon mexe nervosamente as mãos no colo. Hoje, não trouxe carteira.

– Encontraram as luvas dele no contentor. Tinham o sangue dela e o ADN dele, qual é a dúvida?

Estamos a 9 de janeiro de 2017, no 2.º Juízo do Tribunal de Oxford. Lá fora, o dia está escuro e chuvoso, com bátegas que caem sobre a claraboia da sala de audiências. Apesar de estar um verdadeiro gelo nesta sala, a galeria do público está repleta: é a primeira vez que Sharon Mason presta declarações. Usa um vestido liso simples, azul-marinho, com colarinho e punhos brancos. Provavelmente não foi ela que escolheu.

O advogado de acusação ergue os olhos das suas notas.

– Na verdade, uma análise subsequente às mesmas luvas revelou também vestígios do *seu* ADN, não é assim?

– Só na parte de fora – lança-lhe ela. – Ele deixava-as sempre por todo o lado, e eu tinha de as arrumar. Mas nunca as *usei*.

– Sim, mas ainda que as tivesse usado, não haveria necessariamente ADN seu no interior, pois não, Sra. Mason? Se a senhora usasse luvas de látex por baixo, por exemplo. São muito fáceis de adquirir.

Ela ergue o queixo.

– Não sei nada acerca disso.

– Como nos disse o Inspetor-Chefe Adam Fawley, a senhora afirmou no seu depoimento à polícia que foi o seu marido quem matou a Daisy e que se livrou do corpo. Disse também que ele andava a molestá-la e que a deve ter matado num ataque de raiva ou para evitar que ela denunciasse os abusos. Correto?

Ela mantém-se em silêncio. Ouve-se um murmúrio geral por parte da assistência e uma ou outra troca de olhares.

O advogado faz uma pausa para perscrutar os seus apontamentos, depois ergue os olhos para ela.

– Muito bem, examinemos então as provas produzidas. – E, voltando-se para a juíza. – Trata-se da Prova n.º 18, Meritíssima.

– Obrigada, Dr. Agnew.

O advogado volta-se para os jurados.

– Como já ouvimos, a polícia recorreu a um *software* especial de simulação na sua análise às imagens obtidas pela câmara do interior do comboio. A mesma composição que transpôs a passagem de nível de Oxford aproximadamente às 17h00 do dia em que a Daisy desapareceu. Peço que sejam exibidas estas imagens no ecrã, para apreciação do júri.

Um funcionário do tribunal tecla num portátil, fazendo surgir no ecrã o plano pretendido.

O advogado pega num ponteiro eletrónico e faz incidir uma luzinha vermelha sobre o ecrã.

– Chamo a vossa atenção para aquilo que podem ver aqui. O que se pretende provar é que neste carrinho de mão está o corpo da Daisy Mason. Isto mesmo foi corroborado pelas análises forenses realizadas por especialistas da Polícia Criminal, que determinaram a existência de manchas de sangue num carrinho de mão encontrado no estaleiro de construção. Permitam-me que seja perfeitamente claro: a pessoa que estão a ver é o assassino da Daisy Mason.

Olha, quase de forma teatral, em volta da sala. O ar está pesado, irrespirável.

– Infelizmente, a qualidade desta gravação não permite a obtenção de um plano maior ou mais detalhado. Todavia, congratulo-me por poder afirmar que a tecnologia digital não nos voltou completamente as costas.

Pressiona o controlo remoto e surge no ecrã o modelo tratado por fotogrametria, já com diversas indicações: *Traço da linha férrea; Hortas particulares; Monte de entulho*. O advogado faz uma pausa, permitindo que todos apreendam o que estão a ver.

– Este tipo de tecnologia tem sido utilizado com muito sucesso, não apenas na investigação criminal, mas também em processos judiciais, revelando-se absolutamente fidedigno. As conclusões que estou prestes a demonstrar foram também verificadas de modo independente, através da reconstrução material do estaleiro em questão, cujos pormenores poderão consultar nas vossas pastas.

Um novo clique e o modelo tridimensional surge agora coberto por uma grelha de linhas e

números.

– Como podem ver – prossegue o advogado –, este *software* em particular permite-nos transformar uma simples imagem fotográfica de duas dimensões num modelo a três dimensões. Em realidade virtual, se preferirem. E uma vez que alguns dos objetos na imagem têm um tamanho bem definido, como a vedação, por exemplo, podemos servir-nos do modelo para calcular a largura ou a altura de outros objetos cujas dimensões *não são* conhecidas. Através deste *software*, a Polícia provou, de forma conclusiva, que a pessoa que surge nesta imagem *não pode* ter mais do que um metro e setenta de altura. – Neste momento, olha diretamente para os membros do júri.

A sala manifesta-se de forma evidente. A juíza pede silêncio.

O advogado volta-se para Sharon.

– Quanto mede exatamente o seu marido, Sra. Mason?

A mulher mexe-se nervosamente na cadeira ao responder.

– Um metro e oitenta e oito.

– Um metro e oitenta e oito – repete o causídico. – Muito bem, assim sendo, digo-lhe que é completamente impossível que a figura que surge nesta imagem seja o seu marido.

– Não tenho como saber. Terá de lhe perguntar.

Ele esboça um sorriso felino.

– Talvez nos possa dizer quanto é que *a senhora* mede, Sra. Mason?

Sharon olha de relance para a juíza.

– Um metro e sessenta e sete.

– Peço desculpa – diz o advogado. – Não ouvi.

– *Um metro e sessenta e sete.*

– Portanto, *exatamente* a mesma altura da figura que surge nesta imagem.

– É uma mera coincidência.

– Será? – Aponta novamente o ponteiro ao ecrã. – Pode descrever-me o que vê aqui? O que é que esta figura tem calçado?

Sharon semicerra os olhos.

– Parecem-me uns ténis de corrida

– Concordo. Uns ténis de corrida azuis. Parece-me um calçado muito pouco apropriado para um trabalhador da construção civil, não concorda? Certamente usaria botas de trabalho ou algo do género?

– Não faço ideia.

Ele ergue um sobrolho, e continua.

– A senhora é corredora, não é verdade?

– Não sou *corredora*, gosto de fazer um pouco de corrida, de vez em quando.

– Não é isso que consta. Fomos informados de que a senhora corre vários quilómetros todas

as manhãs.

– Na maior parte dos dias, sim – diz ela, encolhendo os ombros.

– E usa ténis de corrida?

Sharon olha para ele com expressão sarcástica.

– Que outra coisa haveria de usar?

– Claro... E quantos pares tem, pode dizer-me?

A mulher mostra-se agora nitidamente nervosa.

– Tenho um par mais antigo, que uso no inverno, quando há mais lama. E um par mais recente.

– E esse par mais recente... de que cor é?

Uma leve hesitação.

– Azul.

– Da mesma cor dos que surgem aqui, portanto?

– Creio que sim.

– E devemos acreditar que, uma vez mais, se trata de uma coincidência?

Ela lança-lhe um olhar mortífero, mas não responde.

– Se bem se lembra, foi-nos dito pelo especialista que aqui testemunhou que os ténis de corrida recuperados de sua casa continham vestígios residuais de balastro ferroviário cravados nas solas.

A advogada de defesa levanta-se em protesto.

– Meritíssima, já aqui foi determinado e confirmado por testemunhas que a minha cliente ia muitas vezes correr para Port Meadow e que, para lá chegar, costumava atravessar a passagem de nível, antes de esta ter sido fechada. O que justifica plena e indiscutivelmente os resíduos de balastro nos ténis.

Olha diretamente para os jurados, evidenciando este ponto, e volta a sentar-se.

O advogado de acusação tira os óculos, antes de intervir.

– Não obstante a intervenção da minha caríssima colega, asseguro-lhe eu, Sra. Mason, que a pessoa que vemos neste ecrã *é a senhora*. Com o equipamento de alta visibilidade do seu marido, o rosto e o cabelo cobertos e a empurrar um carrinho de mão que contém o corpo da sua filha. Usou as roupas *dele* e as luvas *dele*, luvas essas que, mais tarde, atirou para um contentor, em Loughton Road. E como as botas dele, de tamanho 44, a impossibilitariam de andar, uma vez que calça o 37, calçou os seus próprios ténis.

– *Não* sou eu, já lhe disse. Não estive lá.

– E onde esteve, então? Às 17h00 desse dia? A hora certa surge no ecrã, como pode ver.

– Em casa – diz ela, cruzando as mãos. – Estava em casa.

– Creio que isso não será bem verdade, pois não? A senhora disse à polícia que deixou os seus filhos sozinhos em casa nessa tarde, saindo de carro durante pelo menos 40 minutos. E isso – aponta para o ecrã – corresponde exatamente à hora exibida nesta gravação.



– Fui às compras – replica ela, num tom taciturno. – Andei à procura de maionese. Precisava de maionese para a festa.

– Mas *alegou* que não conseguiu encontrar maionese em lado nenhum, daí não existir qualquer registo dessa compra. Além disso, ninguém se recorda de a ter visto em nenhuma das lojas às quais disse que foi, não é verdade?

– Isso não prova que eu não tenha estado lá.

– E também não prova que *esteve*, Sra. Mason. Pelo contrário, estamos em condições de provar que a senhora passou esses 40 minutos a conduzir até ao parque de estacionamento junto à passagem de nível e a enterrar o corpo da sua filha no monte de entulho situado junto à antiga ponte pedonal. Entulho esse que a senhora *sabia* que seria recolhido nessa mesma noite, através de um panfleto informativo que tão convenientemente havia recebido, dias antes, na sua caixa de correio.

O advogado carrega novamente no controlo remoto, fazendo surgir no ecrã um grande plano de Daisy. Está sorridente, na sua fantasia da festa. Um sorriso amoroso que mostra claramente a falta de um dos dentes da frente, numa foto tirada três dias antes de a menina desaparecer. De seguida, o advogado exhibe um pequeno saco de prova.

Há reações de surpresa por parte do público, e um ou dois jurados levam a mão à boca, manifestamente chocados.

– Trata-se da Prova n.º 19, Meritíssima. Análises de ADN provaram que este dente pertenceu a Daisy Mason. O dente em questão foi encontrado no meio do cascalho junto ao monte de entulho, por uma das equipas de busca da Polícia de Thames Valley. – Pega novamente no ponteiro e dirige-o ao ecrã. Aparece a indicação do local num dístico vermelho. De seguida, volta-se para o júri. – Estou certo, senhoras e senhores jurados, que a Daisy esperava deixar este dente debaixo da almofada, como qualquer outra menina. Talvez tenham filhos que já fizeram o mesmo, não é verdade? Mas não virá nenhuma fada dos dentes recolher este, pois não, Sra. Mason?

A advogada da defesa levanta-se de um salto.

– Protesto! Isto é mesmo necessário, Meritíssima?

A juíza olha por cima dos óculos para o advogado de acusação.

– Prossiga, Dr. Agnew.

Ele dedica-lhe uma vénia educada.

– Então, Sra. Mason, vamos lá recapitular. Se foi o seu marido quem matou a sua filha, existem apenas duas possibilidades: ou ele matou-a já depois de ter chegado a casa, às 17h30, ou foi a casa mais cedo nessa tarde, enquanto a senhora andava na sua demanda infrutífera por maionese. Podemos descartar a primeira alternativa, quanto mais não seja porque a hora não coincide com a que está marcada no vídeo que serve de prova. Além disso, se ele já a tivesse matado, isso teria acontecido quando a senhora estava em casa e, desta forma, a senhora tê-lo-ia ajudado a encobrir o crime, ao não reportar de imediato à polícia. Calculo que *não* tenha sido assim tão cúmplice, Sra. Mason.

– Não.

– Então, isso deixa-nos com os 40 minutos em que a senhora se ausentou de casa. Aproximadamente entre as 16h35 e as 17h15. Durante esse tempo, o seu marido terá regressado a casa, percebeu que a senhora não estava, aproveitou a oportunidade para matar a sua filha e embrulhou o corpo de um modo tão zeloso que não deixou qualquer vestígio na caixa aberta da carrinha dele, antes de arrancar para a passagem de nível. Tudo isto em 40 minutos. Teria ainda de conduzir até ao parque de estacionamento, pôr o corpo da Daisy no carrinho de mão, onde, de forma inexplicável, deixou *realmente* provas forenses, e esconder o corpo dela no meio do entulho, antes de atirar as luvas para o contentor, despir a roupa de alta visibilidade e regressar a casa às 17h30. Que proeza! Para ser franco, acho que nem o Super-Homem...

Ouvem-se alguns risinhos baixos na galeria, mas a juíza está tudo menos divertida. O advogado prossegue.

– Só que esta história tem uma falha incontornável, não tem, Sra. Mason? Porque a pessoa que enterrou o cadáver, àquela hora e naquele local, a pessoa que vemos nas imagens de vídeo, *não podia ser, de forma alguma, o seu marido*.

Sharon recusa-se a olhar para ele. Tem duas rosáceas iradas nas faces, mas o rosto está branco como a cal.

– De quem se trata, então, Sra. Mason?

– Já lhe disse que não faço ideia.

– Permita-me que a ajude: é a senhora, não é?

Sharon ergue o queixo, os lábios levemente trémulos.

– Não. Não sou eu. Quantas vezes vou ter de repetir... *Não sou eu*.

\* \* \*

*19 de julho de 2016, 17h18*

*Dia do desaparecimento*

*Loughton Road, Oxford*

A mulher estaciona o carro num dos lados da estrada e desliga o motor. Até agora, tudo bem. O comboio das 16h58 chegou a horas, e mesmo que ninguém no interior tenha reparado nela, de certeza que, hoje em dia, todas as cabinas do maquinista têm câmaras. E com o carrinho de mão e a roupa que tem vestida, de certeza que a polícia já terá o suficiente.

Só precisa de resolver a questão das luvas. Para isso, precisa de outra testemunha. De preferência, uma mulher de meia-idade. Curiosa e intrometida. daquelas a quem nada escapa. É incrível como pode ser difícil que alguém repare em nós, mesmo quando fazemos por isso. As

peessoas vivem tão preocupadas, tão absorvidas nelas próprias.

Desembrulha a folha de jornal que tem no colo e verifica as luvas. Podia tê-las deixado na passagem de nível, mas num caso de homicídio é necessário dar à polícia algo com que se entreter. Qualquer coisa para resolver, como as peças de um *puzzle*, para que eles possam colocá-las em ordem, julgando, desta forma, que descobriram a solução. Porque quando finalmente a questão se pôs, não havia outra opção.

Teria de ser homicídio.

A Daisy tinha mesmo de morrer.

\* \* \*

– Muito bem, Sra. Mason – diz o advogado –, continua a afirmar que a pessoa que surge no vídeo não é a senhora. Apesar de ter exatamente a sua altura. Apesar de calçar uns ténis iguais aos seus. Apesar de vestir um equipamento de alta visibilidade igual ao que o seu marido tem em casa. Tudo isto está muito longe de poder ser uma coincidência, Sra. Mason.

– Qualquer pessoa pode comprar esse tipo de roupas.

Agnew dá um passo atrás, numa atitude de exagerada surpresa.

– Deverei entender que está a *mudar a sua versão dos acontecimentos*, Sra. Mason? Que está a sugerir que foi *outra pessoa* quem matou a Daisy, e *não* o seu marido?

– Bom, não restam muitas alternativas, não é verdade? – Opta agora por um tom sarcástico. – Se não foi ele, só pode ter sido outra pessoa. Eu é que não fui. A culpa *não é minha*.

– Estou a ver. E concordo consigo, de facto, não é difícil adquirir equipamento de proteção de alta visibilidade. Hoje em dia, conseguimos comprar *online* o que quer que seja, e em relativo anonimato. Mas como é que a senhora concilia isso com a fita do tempo deste caso? A sua filha desapareceu a uma determinada hora do dia 19 de julho. Quanto a isso, não restam dúvidas. Estas imagens foram gravadas minutos antes das 17h00 desse dia. É outra certeza que temos. Ora, assim sendo, a pessoa que surge nas imagens já teria *previamente* este equipamento de proteção à mão. À exceção dos trabalhadores da construção civil, são *muito* poucas as pessoas a quem isto se aplica. Tirando a senhora, claro.

A advogada de defesa insurge-se, levantando-se. A juíza interrompe-a, olhando para ela.

– Antecipo e registo a sua objeção, Dra. Kirby.

– Retiro o último comentário, Meritíssima – observa Agnew. – Mas tenho ainda outra pergunta para a Sra. Mason. Uma vez que está agora a assumir perante este tribunal que foi um desconhecido que levou a sua filha, por que motivo fez questão de incriminar o seu marido?

Sharon recusa-se a olhar para ele.

– A senhora entregou dois artigos à polícia, não é verdade, Sra. Mason? Com o firme propósito

de sugerir que o seu marido abusava da sua filha e, conseqüentemente, teria um motivo para a matar. O cartão de aniversário incriminatório, a Prova n.º 7, que a senhora recuperou do caixote de lixo, depois de o seu marido o ter deitado fora, e a fantasia de sereia, a Prova n.º 8, que a senhora *alega* que ele terá escondido no roupeiro.

– Ele escondeu-a *mesmo*. Estava lá, no meio da roupa dele. Fui lá que a encontrei.

– E também disse à polícia que não fazia ideia, até esse momento, de que a sua filha poderia estar a ser vítima de abusos?

Silêncio.

Agnew volta a pôr os óculos e folheia as páginas do processo.

– Estas afirmações entram em absoluta contradição com o testemunho do seu marido. Ele diz que a senhora o acusou, já em abril de 2016, de ter uma espécie de fixação incestuosa pela Daisy, quando o confrontou com o cartão de aniversário. Ainda assim, a senhora não achou essa atitude digna de ser reportada às autoridades competentes.

Novo silêncio. Sharon tem as mãos de tal modo cingidas uma na outra que os nós dos dedos estão brancos.

– Foi por vingança, não foi? – prossegue Agnew. – Pura e simples. Descobriu que o seu marido andava a frequentar *sites* de encontros amorosos, a conhecer mulheres mais jovens, a dormir com elas, e ao incriminá-lo pela morte da vossa filha, a senhora teve a grande oportunidade de se vingar. Entregou à polícia material passível de ser considerado suspeito e usou o equipamento de alta visibilidade dele quando se livrou do corpo da Daisy, para que, caso fosse vista, se assumisse que se tratava de um homem, e não de uma mulher. Não a senhora, mas o seu marido.

– Ele não andava apenas a enganar-me. Via pornografia. Pornografia *infantil*. – Inclina-se para a frente e aponta a Agnew um dedo ameaçador. – Sabe perfeitamente que ele está preso *precisamente por isso*.

O advogado ergue um sobrolho.

– Ah, mas na altura a senhora não sabia que ele andava a fazer isso, pois não? Só soube *depois* de a Daisy desaparecer. Pelo menos, foi isso que disse à polícia.

– E também não sabia que ele andava em *sites* de encontros – lança-lhe ela. – Como é que eu podia vingar-me de algo que desconhecia? Não tenho poderes *telepáticos*. Nem sequer sabia que ele tinha outro telemóvel.

– Mas *sabia* que ele chegava constantemente tarde a casa, depois do trabalho. *Sabia* que ele lhe dava desculpas esfarrapadas, passe o termo, para justificar esses atrasos. E, durante meses a fio, acusou-o de ter uma amante com insistente e obsessiva regularidade. Vai negar isso?

Sharon abre a boca para responder, mas volta a fechá-la. Tem o rosto muito vermelho.

– Vamos lá recapitular mais uma vez esta história, sim? – sugere Agnew, com um suspiro forçado. – Só para ficarmos todos definitivamente a par desta sua nova versão dos acontecimentos. Segundo

as suas palavras, estava em casa a tratar dos preparativos para a festa quando os seus filhos chegaram, vindos da escola. A Daisy às 16h15, o Leo às 16h30. A Daisy fecha-se no quarto com a música alta. Pela expressão do Leo, a senhora apercebe-se de que os irmãos tiveram uma discussão, mas não sobe ao quarto da Daisy para saber o que se passou. Pouco depois das 16h30, sai de casa para ir comprar maionese, deixando as duas crianças sozinhas. Regressa às 17h15, sem a maionese. Mais uma vez, não vai verificar como é que os seus filhos estão. O seu marido chega às 17h30 e também não vai ver como estão os filhos. Os convidados começam a chegar por volta das 19h00 e, ao longo de todo o serão, a senhora vê várias vezes a filha de um vizinho a correr de um lado para o outro fantasiada de margarida, e *nem sequer faz ideia*, para usar as suas próprias palavras, de que não se trata da sua filha.

Alguém do público grita «maus-tratos», e a juíza dirige um olhar fulminante à galeria.

– Silêncio, ou mando evacuar a sala.

O advogado suspira profundamente.

– No meio de tudo isto, Sra. Mason, qual é o momento *exato* em que a senhora alega que a sua filha desapareceu?

Sharon encolhe os ombros, evitando olhar para ele.

– Deve ter sido quando saí.

– Ah... Então estamos de volta aos famosos 40 minutos? Quer fazer-nos acreditar que um pedófilo desconhecido, um mero intruso ocasional, escolheu *precisamente aquele momento* para invadir a vossa casa?

– Ela podia conhecê-lo. Podia tê-lo conhecido antes, e por isso deixou-o entrar. *Vocês* não a conheciam. Ela *adorava* ter segredos. *Adorava* fazer coisas nas minhas costas.

Dá-se um novo sururu na assistência, e a defesa troca olhares angustiados.

– Realmente... – comenta Agnew, num tom chocado. – Os membros do júri devem questionar-se que tipo de mãe fala nestes termos sobre a própria filha. A filha *falecida*.

A Dra. Kirby faz menção de se levantar mais uma vez, mas Agnew antecipa-se.

– Retiro este último comentário, Meritíssima. Mas pedia à arguida, se me for permitido, que citasse um exemplo, qualquer um, de uma suposta hipocrisia ou falsidade por parte da filha?

Sharon não perde um segundo a responder.

– Bom, ela começou a dar-se com a peste daquele meio-irmão. E eu nunca soube *de nada*.

– E está à espera que o digníssimo júri acredite nisso?

– Está a chamar-me mentirosa? Nós não sabíamos. *Eu* não sabia. Se soubesse, teria posto um fim definitivo a isso.

Era uma armadilha, e Sharon estatelou-se ao comprido.

– Estou a ver – diz Agnew, após uma pausa estratégica.

– Diga-me, Sra. Mason, tem por hábito *pôr um fim definitivo* às coisas que lhe desagradam?

Desta vez, é a própria juíza que intervém.

– O júri deverá ignorar este último comentário. Prossiga, por favor, Dr. Agnew. E considere-se avisado.

O advogado consulta as suas notas.

– Independentemente de saber ou não que a Daisy andava a encontrar-se com o seu meio-irmão, não foi o Jamie Northam que foi lá em casa nesse dia, pois não, Sra. Mason? Porque temos provas de que nesse preciso momento ele se encontrava em Goring, no ensaio de uma cerimónia de casamento. Está a querer dizer que a Daisy também se encontrava com outra pessoa? Que tinha um *segundo segredo*? E acha isso minimamente plausível para uma criança de oito anos que não tinha sequer telemóvel ou qualquer acesso a um computador? E mesmo que essa tal pessoa existisse, não seria expectável que o Leo a tivesse visto, se tivesse aparecido lá em casa nessa tarde? Ou entrado à força?

Sharon olha-o de relance. Toda a sua raiva contida está prestes a explodir.

– Ele estava com os auscultadores nos ouvidos – sibila ela, entre dentes.

Mas o advogado não tenciona desistir assim tão facilmente – fez o trabalho de casa.

– Ainda assim, o Leo ter-se-ia certamente apercebido e contar-lhe-ia no segundo em que a senhora chegasse a casa. Afinal... – acrescenta ele, captando-lhe o olhar e entoando propositadamente cada palavra – a senhora é mãe dele, *ele é seu filho*...

Foi a gota de água.

– *Esse miúdo miserável não é meu filho!* – As palavras saem-lhe sem que ela consiga controlar. – E quanto a ele ouvir ou ver seja o que for, só pode estar a gozar! Ele *tem um problema sério*. Sempre teve. Pegou fogo ao raio da casa, por amor de Deus! E se há alguém responsável por isso, será a estúpida da mãe dele. *Não eu!*

Kirby está novamente de pé, a tentar objetar, e o público na galeria já perdeu toda a noção de decoro, gritando e gesticulando. São necessários quase cinco minutos até se restabelecer a ordem na sala. Durante esse tempo, Sharon permanece sentada, com os ombros a tremer.

– Então, mantém a sua história? – pergunta-lhe Agnew. – Que não viu a Daisy quando ela chegou a casa? Nunca falou com ela e nunca a viu?

Ela cora, mas não responde.

– Nesse caso, como é que explica isto? – O advogado exhibe outro saco de prova, que estava pousado na sua secretária. – Prova n.º 9, Meritíssima. Um casaco de malha localizado debaixo de um dos carrinhos de mão encontrados no parque de estacionamento. Um casaco que, como sabemos, foi identificado como aquele que a Daisy Mason usava no dia em que desapareceu. – Pressiona novamente o controlo remoto do gravador e as imagens de videovigilância do portão da escola surgem no ecrã. Ouvem-se novos murmúrios e exclamações na sala: a polícia ainda não tinha disponibilizado estas imagens. O público não as tinha visto. Mas Agnew permite que as vejam agora.

Deixa que vejam a Daisy viva, a Daisy a rir. A Daisy banhada pelo sol do pátio. Até que para a imagem.

– Este é a última vez que a Daisy Mason é vista. Como podem observar, tem o casaco de malha aos ombros, que aqui surge completamente limpo. As duas mangas estão bem visíveis e não se vê uma nódoa ou qualquer tipo de mancha.

Volta a erguer o saco de prova.

– Compreendo que seja extremamente difícil aos digníssimos jurados discernirem, no meio da lama e da sujidade, mas as análises forenses provaram a existência de uma mancha de sangue na manga esquerda deste casaco. Ora, este sangue não pertence à Daisy. Pertence inteiramente a outra pessoa. Essa pessoa, Sra. Mason, é *a senhora*.

Faz uma pausa, aguardando que ela processe a informação.

– Portanto, talvez nos possa dizer, Sra. Mason, como é que o *seu sangue* aparece neste casaco, quando é óbvio que não estava lá às 15h49, no momento em que a sua filha saiu da escola? Continua a afirmar que nessa tarde não chegou a ver a Daisy, assim que ela chegou a casa?

Ela já devia estar a prever o que aí vinha, mas ainda assim não tem nada para oferecer. Nenhuma história que suporte o mais pequeno escrutínio.

– Cortei-me – acaba por dizer. – Havia vidros no chão da cozinha.

– Ah, o famoso frasco de maionese... Mas isso não explica como é o que seu sangue foi parar ao casaco de malha. Pode esclarecer-nos, Sra. Mason?

– Encontrei o casaco da Daisy nas escadas, depois de a ter ouvido chegar. Quando a chamei cá de baixo. Apanhei-o e deixei-o no cabide da parede. Queria a casa arrumada para a festa. Não me apercebi de que estava a sangrar da mão, ou tê-lo-ia posto para lavar.

– E quando é que se apercebeu de que o casaco já não estava no cabide?

Ela olha-o com expressão firme, o queixo erguido.

– Quando o Leo chegou a casa. E calculei que a Daisy tivesse descido e o tivesse levado.

– E nunca referiu este episódio à polícia? Em tantas horas de entrevista, antes de a terem detido, não se lembrou disso uma única vez?

– Não achei que fosse importante.

A sala está mergulhada num profundo silêncio. Ninguém acredita nela. Mas é tudo o que ela tem.

Dá-se uma longa, longa pausa.

\* \* \*

*19 de julho de 2016, 16h09*

*Dia do desaparecimento*

*Barge Close, 5, cozinha*

Ela percebe imediatamente que ele estava a mentir. Havia algo na voz dele, nos ruídos do outro lado da linha. Ecos estranhos e totalmente inadequados. Ele não estava na obra, não estava num espaço aberto, mas sim numa sala qualquer. Uma sala com mais gente. E ela já tinha um faro apurado para as mentiras dele. Topava-as ao longe.

Desliga calmamente o telefone e olha para o chão da cozinha. A maionese já estava solidificada numa massa pegajosa, nojenta, com moscas a esvoaçar em redor. Vidros por todo o lado, fragmentos minúsculos a esmigalharem-se sob os seus pés. Quando a porta de casa abre, cinco minutos mais tarde, Sharon está de gatas, a recolher um a um os pedaços partidos para uma folha de papel de cozinha.

– És tu, Daisy?

Sharon levanta-se e pega num pano. Tem sangue nas mãos.

– *Daisy*, estás a ouvir? Vem cá imediatamente!

Daisy acaba por aparecer na cozinha, arrastando a mochila da escola atrás de si. Sharon cerra os lábios, duas rosáceas vermelhas assomam-lhe as faces.

– Foste tu que fizeste isto, não foste? – diz ela, gesticulando para o chão. – Foste a última pessoa a entrar na cozinha, esta manhã. Só podes ter sido tu.

Daisy encolhe os ombros.

– É só maionese, mãe.

Sharon dá um passo na direção da menina.

– Estive fora *o dia todo* a fazer compras e a tratar dos preparativos para a festa, e agora vou ter de sair *outra vez* porque nem sequer te deste ao trabalho de me dizeres o que fizeste! E o que andaste a fazer com isto, diz lá? Ninguém come maionese ao *pequeno-almoço*. Ou será algo que as tuas amiguinhas chiques fazem? Algo que eu sou demasiado *bronca* para compreender?!

Daisy abre a boca para responder, mas pensa melhor. Olha para a maionese, depois para a mãe, e ergue o queixo, numa expressão desafiadora. Nunca as duas se pareceram tanto como neste momento.

– Achas-te demasiado boa para nós, não é? – diz Sharon, avançando para a filha. – Não penses que não sei que o raio da Portia e o raio da Nanxi Chen não vêm à festa. Tens vergonha de nós, não é? Olhas para *a tua própria família* do cimo desse narizinho empinado, tal como fazem as cabras das tuas amigas. Como é que te atreves? Como é que *te atreves*...

Daisy vira costas para sair da cozinha, mas Sharon agarra-a bruscamente pelo ombro, puxando-a pelo casaco de malha.

– Não me voltes as costas, minha menina. Sou tua mãe e exijo ser tratada com respeito!

A menina livra-se das garras da mãe e ficam ambas a olhar uma para a outra, com expressões de desafio.

– Sabes... – começa lentamente Daisy, o pequeno rosto branco como a cal. – A professora



Madigan ensinou-nos hoje que o respeito é algo que temos de merecer. É conquistado pelas coisas que fazemos. E *tu* nunca fizeste *nada*. Já nem sequer és *bonita*. Por isso é que o Papá anda à procura de outra pessoa. Ele vai casar com outra mulher e *eu* vou ter uma nova mamã.

Acontece antes sequer de Sharon perceber que o fez. A mão levantada, a estalada forte, humilhante, o vergão vermelho fúria. Desequilibra-se, claramente horrorizada. Não apenas pelo que fez, mas pela expressão da filha. O ar frio, duro e triunfante.

– Tu não és minha mãe – sussurra Daisy. – Deixaste de ser. Preferia *morrer* a ser como tu.

De seguida, vira-lhe costas, apanha a mochila do chão e sai da cozinha.

– Daisy... *Daisy! Volta imediatamente aqui!*

Uma porta lá em cima bate com estrondo e, segundos depois, música aos berros. *Tun tun tun*, a reverberar pelas tábuas frágeis do soalho.

Sharon dirige-se ao lava-louça e, de mãos trémulas, serve-se de um copo de água. Quando se volta, vê Leo parado à porta, olhando-a fixamente.

– Tens sangue na mão – observa ele.

\* \* \*

Quando Agnew volta a intervir, fá-lo num tom suave, quase bondoso.

– Existe uma outra versão do que aconteceu nesse dia, não é assim, Sra. Mason?

Sharon vira a cara para o lado.

– Ao longo dos meses que antecederam a morte da sua filha, a senhora convenceu-se de que o seu marido tinha um caso com outra pessoa. Essa suspeita, esse ciúme patológico, foi-se tornando de tal modo envolvente e tão perigosamente obsessivo que a senhora perdeu toda a capacidade de pensar de forma racional. Cada mulher para quem o seu marido olhava, qualquer mulher que lhe sorrisse, alimentava essa convicção doentia. Começou mesmo a ver *a sua própria filha* como uma potencial rival. Alguém que lhe roubava o amor e a atenção que eram seus por direito.

Sharon baixa a cabeça. Está a chorar. Lágrimas firmes, deploráveis, plenas de autocomiseração.

– Até que, naquela tarde, dá-se a gota de água. O seu marido liga-lhe a avisar que vai chegar mais tarde do que estava previsto, deixando-a com todo o trabalho de preparação da festa. A juntar a isto, a senhora convence-se de que ele não está com um cliente, tal como ele tinha afirmado, mas sim com outra mulher. Quem sabe até se não terá ouvido uma voz feminina ou o ruído típico de um bar. Fosse o que fosse, foi o suficiente para a fazer perder a cabeça. Não conseguiu aguentar mais. E é neste estado de alma amargo, zangado, ressentido que sobe ao quarto da sua filha. E o que vê? A Daisy, ainda com a farda da escola, o bonito casaco cor-de-rosa aos ombros, prestes a experimentar uma bela fantasia. Algo completamente diferente daquela que a senhora tinha alugado, ainda por cima caríssima, e que, pelos vistos, ela desdenhou e trocou por outra. E o que foi que ela lhe disse, Sra.

Mason? Que o pai ia gostar mais de a ver vestida de sereia? Que o pai a achava mais bonita do que a si?

Sharon ergue a cabeça, revoltada. Que não, murmura. Que não foi nada assim.

Mas o advogado ainda não terminou.

– Para qualquer outra pessoa, qualquer outra mãe, nada disso teria importância, seria perfeitamente normal. Mas não para a senhora. Para si, representou o desencadear de uma raiva súbita que teria consequências trágicas e irreparáveis. Porque aquela fantasia, a fantasia de sereia, trouxe-lhe à memória, de forma horripelantemente vívida, uma outra menina inocente que também lhe roubou o amor e a atenção que julgava seus por direito. Uma outra menina cujo pai amava mais do que a amava a si. Uma menina que era a imagem viva da Daisy: a sua irmã, Jessica.

– Meritíssima! – grita a advogada de defesa, levantando-se rapidamente. – Isto é absolutamente dispensável e altamente prejudicial à minha...

– A Jessica – prossegue Agnew, elevando o tom de voz –, que morreu aos dois anos num acidente que ninguém soube explicar. Morreu quando estava apenas *consigo*. Morreu quando era suposto que a *senhora* cuidasse dela. Será esta mais uma das suas «coincidências», Sra. Mason? Ou a triste realidade é que morreram *duas* meninas às *suas mãos*?

Sharon limita-se a abanar a cabeça; as lágrimas são agora de fúria. Furiosas, incrédulas e impiedosas.

– O que é que a sua irmã vestia quando morreu? – O advogado inclina-se para a frente. – *O que é que ela tinha vestido?*

\* \* \*

## **Encontrem A Daisy Mason – Página do Facebook**

Queremos agradecer a todos quantos apoiaram a campanha @JustiçaParaDaisy. É quase inacreditável que a própria mãe seja a culpada de um crime tão hediondo, mas agora que já se conhece o veredito, pelo menos colocou-se um ponto final nisto. O nosso coração está com o pobre Leo, que irá sofrer as consequências dos abusos dos Mason para o resto da vida. Vamos fechar esta página dentro de uma semana, para que todos possam ainda contribuir para o livro de condolências *online*.

*Jean Murray, Frank Lester, Lorraine Nicholas e 811 outros gostam disto*

## **COMENTÁRIOS PRINCIPAIS**

**Nicola Anderson** Ouvi dizer que o Leo irá para uma família de acolhimento. Não pode de modo algum ficar com o pai, mesmo quando ele sair da prisão.

1 de fevereiro, às 10h22

**Liz Kingston** Só espero que, agora que temos um veredito, a Daisy possa finalmente descansar em paz e que deixemos de ver aquelas histórias estúpidas de pessoas que afirmam que a viram aqui e acolá. Ainda há dias li comentários dessa gente idiota no Twitter.

1 de fevereiro, às 10h23

**Polly Maguire** Eu também vi. Uma delas jurava que a tinha visto nas docas de Liverpool, e depois veio-se a saber que era uma menina de cabelo ruivo e curto. Outra alegava que a tinham visto no Dubai e outra algures no Extremo Oriente. A sério, as pessoas conseguem ser tão imbecis. E não ajuda em nada o pobrezinho do Leo o facto de estes rumores andarem a circular.

1 de fevereiro, às 10h24

**Abigail Ward** Concordo, e só queria dizer que o melhor memorial que se pode fazer à Daisy será através de donativos à National Society for the Prevention of Cruelty to Children. A violência contra crianças tem de acabar. Faça o seu donativo aqui.

1 de fevereiro, às 10h26

**Will Haines** Concordo, ou então a alguma associação que ajude crianças com SAF. Trabalhei com muitas destas crianças e elas precisam de imenso apoio. Se for essa a realidade com a qual o Leo se confronta, só espero que ele receba todo o amor de que necessita.

1 de fevereiro, às 10h34

**Encontrem A Daisy Mason** Excelentes iniciativas – prestar o devido tributo a duas crianças inocentes e amorosas.

1 de fevereiro, às 10h56

**Judy Bray** Há dias passei pela passagem de nível e vi as dezenas e dezenas de ramos de flores que lá foram deixados. Sobretudo margaridas. Foi muito comovente. Muitas pessoas na minha carruagem iam a chorar.

1 de fevereiro, às 10h59

Dois dias após o veredito, somos surpreendidos com um dia de sol. Um dia gelado e bem delineado e marcado pela geada, numa beleza muito própria e que os contornos suaves do verão nunca permitem. Um céu impossivelmente amplo e azul, rasgado por farripas de cirros. Compro uma sanduíche e passeio-me pelo parque em frente às nossas instalações. Um grupo de rapazinhos corre à volta de uma bola e, no outro extremo do jardim, um casal de idosos está sentado num banco, em amena confraternização. É curioso como a determinada altura da vida os velhotes começam a parecer-se com as velhotas, e as velhotas com os velhotes. Como se as diferenças de género perdessem o domínio, e até mesmo a relevância, à medida que nos aproximamos do nosso fim comum. Não dou conta de a Everett a chegar até a ver a meu lado. Traz dois cafés em copos de papel.

– Importa-se que lhe faça companhia?

Por acaso importo, mas sorrio e digo-lhe:

– Claro que não. Senta-te.

Ela estende-me um café e senta-se, encolhendo-se contra o frio, as mãos enluvadas a segurarem a bebida quente.

– O Gislingham acabou de me ligar – diz. – Esperam levar o bebé Billy para casa em breve. Os médicos estão muito satisfeitos com os progressos que ele tem feito.

– Ótimas notícias. Vou mandar-lhe uma mensagem.

Instala-se um silêncio desconfortável.

– Acha mesmo que foi ela? – pergunta finalmente a Everett.

Então, era isto...

– Sim – digo. – Acho mesmo que sim.

– Não teme que ela tenha sido condenada pelas razões erradas? Por causa de toda aquela onda de ódio, de todo aquele circo no Twitter, e não devido à prova apresentada?

Encolho os ombros.

– Não há maneira de sabermos. O importante é que obtivemos o resultado pretendido, independentemente do que possa ter acontecido. Mas creio que não houve nada de errado com a prova apresentada. Fizemos um bom trabalho. *Vocês* fizeram um bom trabalho.

Ela olha-me por uns segundos, depois desvia o rosto para o fundo do jardim. Um par de gaivotas desce subitamente, planando demasiado perto do parque infantil, e uma das crianças começa a chorar.

– Mas há uma coisa que me continua a incomodar.

Dou um gole no café e sopro uma lufada de ar quente e adocicado.

– O que é?

– As luvas. As que encontrámos no contentor. Estavam embrulhadas em folhas do jornal *The Guardian*.

– E então? O que tem?

– Quando a interrogámos, ela não parava de dizer «nós não lemos o *The Guardian*, só o *Daily Mail*». Não se calava com aquilo.

Sorriso-lhe, quase docemente. Isto vem-lhe do fundo da consciência, e nesta profissão é algo que se deve valorizar.

– Não creio que isso signifique algo de concreto, Everett. Ou que mude alguma coisa. Ela pode ter encontrado um exemplar em algum sítio ou mesmo comprado o jornal só naquele dia. E podia até já estar no contentor. Estes casos têm sempre pontas soltas e, se lhes dermos demasiada importância, podem deixar-nos obcecados. Não deixes que isso te preocupe. Apanhámos a pessoa certa. Além disso, quem mais poderia ter sido?

Ela volta a olhar-me por um momento, depois disfarça.

– Pois... Creio que tem razão.

Ficamos sentados em silêncio, até que ela se levanta, oferecendo-me um sorriso simpático.

– Obrigada, chefe – diz, antes de se dirigir para a esquadra. Lentamente, de início, depois acelerando o passo. Quando sobe as escadas, já é novamente ela própria: enérgica e objetiva e autoconfiante.

Quanto a mim, levanto-me, deito o copo de papel no lixo e encaminho-me para o carro. Atravesso o anel viário e, cerca de oito quilómetros mais à frente, viro à direita, apanho a High Street de Kidlington e estaciono à porta de uma pequena casa com paredes em tinta areada amarela. Dos dois lados da porta veem-se canteiros profusos de campainhas-brancas, e uma série de brinquedos de cão estão alegremente espalhados pelo jardim da frente. A mulher que me abre a porta tem cerca de 40 anos. Veste um camisolão de tricô e calças de fato de treino, e segura um pano de cozinha nas mãos. Em fundo, ouve-se o rádio a entoar um velho êxito dos anos 80. Assim que me vê, dirige-me um amplo sorriso.

– Inspetor... Que bom. Não fazia ideia de que vinha.

– Desculpe, Jean, vinha a passar por aqui e achei que...

Mas ela nem me deixa acabar, convidando-me a entrar com um gesto apressado.

– Entre, não fique aí ao frio. Veio ver o Gary?

– Sim, mas nada de oficial. Só vim saber como é que ele tem andado. E por amor de Deus, trate-me por Adam.

Ela volta a sorrir-lhe.

– Que bom saber que continua interessado, Adam. Ele saiu, foi até ao parque ensinar uns toques de futebol ao *Phil*. Ainda que o cão pense que é mais ao contrário – acrescenta, com uma risadinha.

Limpa as mãos ao pano e indica-me o caminho.

– Dê-me só um segundo, vou pôr a chaleira a ferver. Eles devem estar mesmo a chegar. – Sorri novamente, antes de prosseguir: – Fizemos um quarto para o Gary, desde a última vez que cá esteve. Pode ir dar uma vista de olhos, se quiser.

Desaparece na cozinha e eu fico por ali durante um momento; depois, dirijo-me até uma porta fechada e abro-a. Nas paredes, veem-se pósteres de jogadores de futebol. A cama tem um edredão do Chelsea FC e a um canto estão uma Xbox e uma pilha de jogos. Também vejo uns quantos pares de meias enroladas debaixo da cama. Um toque de desordem. Uma feliz, quotidiana e normalíssima desordem.

Atrás de mim, Jean empurra a porta com o pé. Tem duas chávenas de chá nas mãos.

– O que acha? – quer saber, estendendo-me uma das chávenas.

– Acho que fizeram um excelente trabalho – digo. – E não me refiro à decoração. Tudo isto... é exatamente o que ele precisa. Normalidade. Estabilidade.

Ela senta-se na cama e alisa o edredão.

– Não tem sido nada difícil, Adam. Ele só precisava de amor.

– E na escola nova?

– Está tudo bem. Eu e o Dr. Donnelly passámos muitas horas em conversas com a professora dele, antes de começar a escola. E deixámos tudo muito bem combinado. Claro que ele ainda está numa fase de adaptação, mas tenho a certeza de que vai correr tudo bem.

– E ele gostou de recuperar o seu nome original?

Um novo sorriso, amplo e radioso.

– Acho que ajudou muito o facto de haver um Gary na equipa do Chelsea. Mas sim, ter deixado o «Leo» para trás foi a melhor coisa que lhe aconteceu. Em todos os sentidos. É um recomeçar do zero.

Sopra no chá e eu vou até à janela espreitar o quintal das traseiras. Tem uma baliza ao fundo e umas quantas bolas de futebol largadas na relva lamacentas. No parapeito, vejo uma pequena taça azul de porcelana, daquelas onde deixamos as chaves ou os trocos. Mas esta tem apenas uma coisa. Algo prateado que brilha sob a luz do exterior. Parece uma espécie de amuleto – algo que alguém usaria num fio ou numa pulseira. Nada que um rapaz usasse. Pego nele e olho para a Jean com uma expressão inquiridora.

– Ah, foi a irmã quem lhe ofereceu isso – esclarece-me. – E agora que me lembro, o Gary gostaria de enviar um *e-mail* àquela sua colega muito simpática... a Everett? Quer pedir-lhe desculpa pelo incidente na pousada. Isso que tem na mão... era o que ele procurava quando o colchão ardeu. E ele pensava que o tinha perdido.

– A sério?

Observo melhor a pequena peça prateada, voltando-a sobre a minha mão. Tem a forma de um ramo de flores ou folhas, mas pende de cabeça para baixo. Como o azevinho, no Natal.

– Deve ter um significado muito forte para ele.

Ela concorda.

– É uma espécie de amuleto. Para afastar as coisas más. Foi a professora da Daisy que lhe ofereceu, e depois ela deu-o ao Gary. Mas é estranho, mesmo assim.

– Porque diz isso?

Ela dá um gole no chá, ponderando a resposta.

– Bom, o Gary não gosta nada de falar no assunto, e eu também não insisto muito, mas fiquei com a ideia de que a Daisy lhe ofereceu isso no dia... no dia em que desapareceu. Até tenho calafrios sempre que penso nisso. Eu sei que soa estranho dizê-lo em voz alta, mas é quase como se ela soubesse. Mas como haveria ela de saber, coitadinha...

Somos interrompidos pelo som de uma chave na porta, e a pequena casa é subitamente invadida pelo clamor de uma voz entusiasmada – e o caos absoluto de um cachorro coberto de lama.

– Jean, Jean, marquei três penáltis! – grita ele, irrompendo pelo quarto, com um *golden retriever* enlameado a tropeçar-lhe nas pernas. – Foi um atrás do outro, *zás, zás, zás!*

Para subitamente, quando se apercebe de que a Jean não está sozinha. Tem as bochechas rosadas do frio e o cabelo está mais curto do que a última vez que o vi. Já não tem a franja a esconder-lhe os olhos. E nem precisa dela, já que me fixa diretamente nos olhos. Fica surpreendido, porque não esperava ver-me ali, mas nada mais do que isso. Não tem medo. Agora já não.

– Olá, Gary – digo-lhe. – Passei por cá para saber como é que estás. A Jean disse-me que estás fantástico, e eu fico muito contente por isso.

Ele baixa-se um pouco para afagar a cabeça do cão.

– Gosto de estar aqui – reage, sem baixar o olhar. E não me lembro de outras quatro palavras que digam tanto. Não apenas sobre o passado, mas também sobre o futuro.

– Três penáltis? – observo. – Nada mau. Se continuares assim, podes vir a ser tão bom como aquele jogador que tanto gostas... Como é que se chama? Aquele que também marca os penáltis?

Ele sorri e eu apercebo-me, com uma sombra de apreensão, que é a primeira vez que o vejo sorrir.

– O Hazard – responde.

Quando entro no carro, deixo-me ficar sentado por um momento, a pensar. No Gary, a quem foi dada uma segunda oportunidade, e na Daisy, que não a teve. E também na segunda oportunidade que nunca tive – e que dava a minha vida para poder ter.

Amanhã faz exatamente um ano. Do dia. Daquele dia.

Choveu semanas a fio – pelo menos, foi o que me pareceu, na altura. As nuvens nunca se ergueram. Cheguei a casa cedo, porque precisávamos de falar com o Jake e eu não queria apressar as coisas. Não queria que ele se fosse dormir com aquilo na cabeça. Tínhamos uma consulta marcada com o pedopsiquiatra no dia seguinte. A Alex era profundamente contra, alegando que a médica de família sabia o que estava a fazer e que o Jake já não se automutilava há várias semanas. Que o nosso filho não era «um caso» que eu pudesse resolver com a minha inteligência e perspicácia, e que,

naquele momento, dar demasiada importância às coisas só ia fazer pior. Mas eu insisti.

Eu insisti.

Lembro-me de ter trazido os contentores para dentro, rogando pragas aos homens do lixo por os terem largado no meio da rua. Lembro-me de deixar as chaves na mesa da cozinha, de verificar o correio e de perguntar onde estava o Jake.

– Lá em cima – respondeu ela, pondo louça suja na máquina. – A ouvir música. Diz-lhe que jantamos daqui a meia hora.

– E depois falamos com ele?

– E depois falamos com ele.

Nos meus piores pesadelos, subo aquelas escadas de gatas, ciente de que só a velocidade me pode salvar da catástrofe iminente, mas incapaz de me mover mais depressa. Como se fosse feito de chumbo. A porta, deixada semiaberta. O céu a escurecer tenebrosamente. O brilho do ecrã do computador. A cadeira vazia. Aqueles estranhos, horríveis segundos em que fico ali, sem saber. *Ainda* sem saber. E depois, quando me volto, presumindo que ele estaria na casa de banho ou no meu escritório...

Pendurado

Ali

O cordão do roupão semienterrado na carne...

Os vergões vermelhos na pele...

Aqueles olhos...

E não o consigo salvar. Não consigo pô-lo para baixo. Não consigo pôr-lhe ar nos pulmões. Não consegui chegar cinco minutos antes. Porque bastava isso. Cinco minutos. Foi o que nos disseram.

A porra dos contentores do lixo.

O meu menino.

O tão adorado menino que perdi.

---

<sup>1</sup> Daisy, *Margarida* em inglês. (N. da T.)

<sup>2</sup> *Verity* significa «verdade» num inglês mais poético. (N. da T.)

<sup>3</sup> Poema do poeta romântico inglês William Woodsworth (1770-1850), inspirado no filho. (N. da T.)

<sup>4</sup> Frase do livro *Alice do Outro Lado do Espelho*, de Lewis Carroll, aqui na tradução portuguesa de Margarida Vale do Gaio. (N. da T.)

<sup>5</sup> Massachusetts Institute of Technology. (N. da T.)



- <sup>6</sup> Do tema *Lonely Boy*, de Andrew Gold. Numa tradução literal: «Quando lhe disseram que ele era o único filho, ele pensou que era único» (N. da T.)
- <sup>7</sup> Excerto do mesmo tema, *Lonely Boy*. Numa tradução literal: «Ele ensinou-me a lutar para não ser nenhum tolinho» (N. da T.)
- <sup>8</sup> John Radcliff Hospital, o maior hospital universitário de Oxford e um dos mais conceituados de Inglaterra. (N. da T.)
- <sup>9</sup> Empresa pública que gere grande parte da rede ferroviária do Reino Unido (N. da T.)
- <sup>10</sup> Jardim do Polvo (N. da T.)

# Epílogo

*17 de agosto de 2016, 10h12*

*29 dias após o desaparecimento*

O barco faz soar a buzina e ganha velocidade, saindo das docas de Liverpool em direção ao Mar da Irlanda. As gaivotas mergulham e submergem em torno da embarcação, soltando gritos estridentes. Apesar de estar calor, uma brisa forte varre o deque superior, onde Kate Madigan se encontra, apoiada à balaustrada, a olhar as nuvens, as outras embarcações e as pessoas no cais, cada vez mais pequenas à medida que o barco se afasta. Algumas acenam. Não a ela, claro – as pessoas acenam sempre aos barcos que passam –, mas acaba por fortalecer a sensação de fim. A sensação de que toda uma existência fica para trás, milha a milha, no trilho das águas.

Porque agora já não há como voltar atrás. Jamais. Inspira uma baforada fresca de alívio e sente o ar puro a encher-lhe os pulmões – como uma depuração de alma. Ainda mal consegue acreditar que se safaram. Depois de tantas semanas de mentiras, e encobrimentos, e noites inteiras sem dormir, o coração a mil, à espera que lhe batessem à porta. E ainda hoje sentiu as mãos a tremer enquanto seguiam de carro até ao terminal dos navios, receando ter a polícia à espera, impedindo a tentativa de fuga, negando-lhes a tão ansiada vida nova. Mas nada se passou. Não estava lá ninguém. Nem aquele inspetor alegre, nem aquela mulher de cabelo sem brilho e olhos atentos e perspicazes que muitas vezes fazia perguntas incômodas. Nada. Só o homenzinho no terminal a verificar os bilhetes e a desejar boa viagem.

E *estão* a ter uma ótima viagem. Os riscos que correu: o meticuloso planear, o cuidado, a antecipação de todos aqueles pormenores terrivelmente perigosos e traiçoeiros – tinha tudo valido a pena. Sim, existiram danos colaterais, outras pessoas foram prejudicadas, mas a verdade é que mereceram. Uma mãe que sonegou o amor e um pai que o perverteu. E qual deles terá causado maiores danos, qual deles foi merecedor de maior castigo? A avó dela costumava dizer que Deus se certifica de que, mais tarde ou mais cedo, os nossos pecados nos atormentam e, neste caso, talvez seja verdade. Os vídeos no telemóvel dele, o sangue no casaco de malha; nada destas coisas podiam ter sido previstas, mas foram ambas devastadoras. Por isso, quer tenha sido por justiça divina ou pela sua, a verdade é que foi realmente feita justiça. O pai atolado no pântano que ele próprio criou e a mãe caída numa armadilha que a apanhou de um modo tão perfeito quanto aquele que lhe libertou a filha. E só isso interessava: não quem foi condenado, mas a plena convicção da morte. Porque, dessa forma, as buscas foram definitivamente canceladas. Quanto ao rapaz, bom, ela certificou-se disso também. De forma discreta, para não atrair as atenções. Afinal, enquanto professora da irmã, era perfeitamente natural que ela quisesse saber. E ela *quis mesmo* saber – quis ter a certeza. E

garantiram-lhe que ele estava bem. Melhor do que bem, na verdade. Toda a gente concordou que foi a melhor coisa que lhe podia ter acontecido, já que agora também ele terá o que merece: uma segunda oportunidade. A mesma segunda oportunidade milagrosa, inteiramente improvável e absolutamente transformadora que agora tem.

– *Mamã, Mamã!*

Volta-se e vê uma menina a correr para ela, o rosto inundado de alegria. Kate baixa-se e acolhe a criança num abraço, embalando-a docemente e sentindo na face o seu hálito quente.

– Tu gostas muito de mim, Mamã? – sussurra a criança, e Kate toma-lhe o rosto entre as mãos, observando-a.

– Claro que sim, meu amor. Amo-te *tanto, tanto...*

– Tanto quanto à tua outra filha? – Há um leve traço de ansiedade na pergunta.

– Sim, minha querida – diz-lhe suavemente Kate. – Amo-vos da mesma forma. Quando ela morreu, fiquei de coração partido por uns tempos, porque ela estava muito doente e eu não a consegui salvar, por mais que tenha feito e por mais que me tenha esforçado. Mas *consegui salvar-te*. Nunca mais deixarei que alguém te magoe – acrescenta, acariciando os caracóis da menina, agora tão parecidos com os seus. – Porque agora eu sou a tua mamã.

– Mais ninguém teria acreditado em mim – murmura a criança. – Ninguém, a não ser tu.

Kate tem os olhos marejados de lágrimas.

– Eu sei, meu amor, eu sei. Fico tão triste só de pensar que nunca tiveste ninguém com quem falar, ninguém que te desse o amor que tanto mereces... Mas tudo isso pertence ao passado, já acabou. Tens sido tão corajosa, e foste tão esperta. Teres escondido aquelas luvas e guardado o dente que te caiu... Eu jamais me lembraria disso.

Volta a envolver a menina num abraço terno, desta vez um pouco mais apertado.

– *Prometo-te* que eles nunca te irão encontrar. *Nunca* te vou deixar. Não te vais esquecer disto, pois não?

Sorri ao sentir a cabeça da criança a abanar no seu peito.

– Muito bem – diz ela, limpando as lágrimas e dando-lhe a mão. – Vamos dizer um último adeus a Inglaterra?

Dirigem-se à balaustrada, os rostos voltados para o sol. A criança está deveras entusiasmada, com os olhos muito abertos, a apontar, a rir, a acenar ao barco que passa em sentido contrário.

Próximo delas, uma idosa está sentada na sua cadeira de rodas, com uma manta sobre os joelhos. Dirige um sorriso bondoso à criança.

– Estás a divertir-te muito, não estás?

A menina olha para ela e assente veementemente, fazendo saltitar os bonitos caracóis. Kate devolve-lhe o sorriso.

– É verdade. Estamos a caminho de Galway – diz-lhe, num tom alegre. – Arranjei emprego lá. A

Sabrina já anda a sonhar com esta viagem há meses.

– Sabrina? – repete a idosa. – Mas que nome lindo... E com um significado muito bonito, também. Eu digo sempre que é ótimo termos um nome que represente alguma coisa. A tua mamã já disse o que ele significa?

A menina volta a assentir.

– Adoro. É como um segredo. E eu *adoro* segredos.

E de seguida sorri. Um adorável sorriso desprovido de um dente da frente.

# Agradecimentos

Oxford será, provavelmente, uma das cidades mais ficcionadas do mundo, por isso imaginam a minha apreensão ao atrever-me a acrescentar mais uma história – sobretudo um policial – vivida nesta cidade, onde tenho o grato privilégio de viver. Espero que a Oxford de *Perto de Casa* seja fielmente retratada aos olhos de quem quer que a conheça, e os meus leitores serão certamente capazes de encontrar num mapa da cidade muitas das estradas e edifícios que menciono – embora deva referir que muitas das ruas secundárias e outros locais específicos são produto da minha imaginação. E, claro está, qualquer semelhança com pessoas reais que vivam aqui terá sido pura coincidência. Os nomes de utilizadores do Twitter foram propositadamente criados com 16 ou mais caracteres, para prevenir qualquer identificação acidental com contas existentes. Se existir efetivamente alguma semelhança com pessoas reais, não foi de modo algum intencional.

Quero dirigir umas quantas palavras de agradecimento às pessoas sem as quais este livro não existiria. Antes de mais, à minha fabulosa agente, Anna Power, e à minha maravilhosa editora na Viking, Katy Loftus, sem esquecer a minha revisora-de-olhos-de-águia, Karen Whitlock. Ao meu marido, Simon, por me ter perguntado «porque é que não escreves um policial?», naquela praia das Caraíbas. E ao meu querido amigo Stephen, por ter sido, como sempre, um dos meus primeiros leitores.

Quanto aos profissionais que tanto me apoiaram, gostaria de agradecer ao Inspetor Andy Thompson, pelas observações e conselhos extremamente úteis, ao e Joey Giddings, o meu extremamente culto CSI pessoal. Aprendi imenso com ambos e *Close To Home* é um livro muito melhor graças a eles.

Também gostaria de agradecer ao Nicholas Syfret, brilhante advogado e Conselheiro da Rainha, que se revelou uma inestimável fonte de informação no que respeita aos processos judiciais e às componentes jurídicas da história.

Obrigada também ao Professor David Hills, pelo apoio nos aspetos técnicos da engenharia de construção, e ao Dr. Oli Rahman, por ter sido tão paciente a esclarecer todas as minhas dúvidas médicas (ele que me perdoe o trocadilho). Escusado será dizer que, a existirem, quaisquer erros ou incongruências são da minha inteira responsabilidade, e não de nenhuma destas pessoas maravilhosas que tão generosamente se prestaram a ajudar-me.